

Grammatica Portugueza

APMAG

24

EST. 13D

2.º ANNO

PARA USO DO

Curso médio e do Curso superior

OF

JULIO PIRES PERREIRA

Doutor em sciencias juridicas e sociaes
Lente de Portuguese e de Literatura da Escola Normal de Pernambuco

Obra premiada pelo Governo do Estado e adoptada no Gymnasio
Pernambucano, Escola Normal Official,
no Collégio Prytaneu, S. Margarida e Escola Propagadora,
equiparados á Escola Official,
no Gymnasio Ayres Gama, Salesiano, Archidiocesano, Gymnasio
do Recife, Collégio Americano Evangelico, Collégio dos Maristas
e em outros estabelecimentos de ensino deste e de alguns Estados

6.ª edição, refundida



EDITORES

RAMIRO M. COSTA & FILHOS — RECIFE

1921

Fonetica — sons isolados.
Prosodia — sons reunidos.
Ortografia — sons escritos.

Fonologia
(sons)

Taxinomia — classificação
Camponomia — flexão.
Etimologia — origem.

Morfologia
(formas)

Lexica
(palavras na oração)
Logica
(orações no período)

SINTAXE
(Orações)

Grammatica

LEXEOLOGIA
(Palavras)



Noções GERAES

GRAMMATICA PORTUGUEZA

Suas divisões

Grammatica, em geral, é a exposição medica dos factos da linguagem.

Grammatica portugueza é o conjunto das regras pelas quaes é falada, ou escrita, correctamente a Lingua portugueza.

A grammatica se divide em duas partes geraes: *Lexeologia* e *Sintaxe*.

- **Lexeologia** é a parte da grammatica que estuda os sons e as fórmas das palavras.

Subdivide-se em *Fonologia* e *Morfologia*.

- A **Fonologia** estuda os sons das palavras de tres modos:

Estuda os sons isoladamente: *Fonetica*.

Estuda os sons constituindo palavras. *Prosodia*.

Estuda os sons graficamente: *Ortografia*.

A **Morfologia** estuda as fórmas das palavras de tres modos :

Estuda a classificação das palavras : *Taxinomia*.

Estuda as flexões das palavras : *Campenomia*.

Estuda a origem das palavras : *Etimologia*.

A **Sintaxe** estuda as relações das palavras umas com as outras na oração, e estuda as relações das orações umas com as outras no periodo.

Subdivide-se em *sintaxe lexica* e *sintaxe logica*.

—

A sintaxe de uma lingua é tam importante que hoje se julga constituir ella uma parte distinta da grammatica. E' a parte da gram. mat. mais sujeita a influencias individuaes.

oraram os sabios da Alexandria e os da escola de Pergamo, que estudaram o grego de um modo critico, analisando a Lingua, dividindo em categorias, distinguindo as diferentes partes do discurso. Inventaram os termos proprios para as diversas funções das palavras, levando a isto a necessidade de criticar e interpretar os antigos poetas a Grecia.

Appareceu depois o sabio Diogenes da Tracia que publicou uma grammatica grega practica, e a quem se seguiram Varro, Flacco, Quintiliano, Pollonio, Discolo e outros.

Em Portugal a precedencia cabe a Fernão d'Oliveira (1536) — *Grammatica da Lingua Portugueza*.

Depois dell se enumeram : João de Barros (1540) — *Grammatica da Lingua Portugueza*; Duarte Nunes Leão (1606) — *Origem da Lingua Portugueza*.

Indicam-se mais : Amaro de Reboredo em 1619 com o *Methodo Grammatical para todas as linguas*; Alvaro Ferreira da Véra em 1631 com a *Orthographiae modo para escrever certo a lingua portugueza*.

—

Linguagen, propriamente dita, é a representação dos nossos pensamentos por meio da palavra.

Palavra é a representação de uma ideia.
Ideia é a representação de qualquer cousa no es-
pirito.

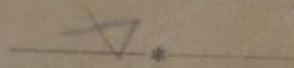
Oração, é o enunciado de um juizo por meio de uma
ou mais palavras.

A linguagem pôde ser *gesticulada* ou *mimica*, *falada*
ou *glotica*, e *escrita* ou *grafica*.

Gesticulada é a formada por meio de acenos ou
gestos e movimentos do corpo.

Falada é a formada por meio de sons articulados, de
palavras pronunciadas.

Escrita é a formada por meio de caractéres alfabeti-
cos, de palavras escritas.



A linguagem é privilegio exclusivo do homem.
Embora os animaes vertebrados, que respiram pelos pulmões,
possam emitir sons, elles não os podem combinar. Este poder só
pertence ao homem.



FONOLOGIA

—xxxx—

Fonetica: estuda os sons isoladamente.

Prosodia: estuda os sons reunidos formando palavras.

Ortografia: estuda os sons graficamente.

transitivo activo ± directo —

|| relativo ± indirecto

|| activo e relativo quanto 2 obj

intrastitivo quanto mais

tem objecto

Letras: vogaes e consoantes; acentos

Tudo o que ouvimos, ou, melhor, tudo o que é percebido pelo ouvido, é um som.

Som é a sensação produzida por uma vibração rápida e periódica do ar.

Ruido é a sensação produzida por vibrações irregulares.

Os sons e os ruidos são representados por letras e por símbolos.

+

Letras são signaes que representam os sons das palavras ou os ruidos, na escrita.

+

Alfabeto é o conjunto das letras empregadas na escrita.

As letras são 26: *a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, w, x, y, z*.

As letras se dividem em vogaes e consoantes.

Os vocabulos — *vogal* e *consóante* — pódem ser tomados em duplo sentido: como letras, signaes que representam os sons ou ruidos, ou como esses mesmos sons ou ruidos. Neste segundo sentido têm a designação especial de — *vogzes* e *articulações* ou *consonâncias* e pódem ficar abrangidos sob a denominação geral de *fonemas*.

+ **Vogaes** são sons que se pronunciam por si sós. São simples modificações da voz resultantes da fórmula que toma a boca.

As vogaes são: *a, e, i, o, u, w* (no inglez), *y*.

Os sons das vogaes pôdem ser *simples, livres, puros* ou *oraes*, como: *a, e, i, o, u*, e pôdem ser *nasaes* ou *compostos* como: *an, en, in, on, un*.

Som simples, oral, livre ou puro é o que sai simplesmente pela boca.

Som nasal ou composto é o que sai pela boca e juntamente sai pelo nariz.

Não há necessidade que o ar saia realmente pelo nariz, pois todo som oral se pôde tornar nasal desde que o véu do palato abaixando-se permita vibrar em as narinas o ar expirado.

Abrindo-se moderadamente a boca, ficando a lingua em repouso, o som saído da garganta é *a*. E' um som primario, o mais simples e claro.

Si a boca forma um estreitamento longitudinal, afastando-se os cantos dos labios, o som é *i*.

Si os cantos da boca se aproximam, formando uma especie de bico, o som é *u*.

Os sons *e*, *o*, são intermedios: o 1.º entre *a*, *i*, e o 2.º entre *a*, *u*.

O apparelho sonico consta de: pulmões, bronquios, traquéa-arteria, laringe, faringe, cavidade bucal e fossas nasaes.

Funciona da seguinte maneira: o ar expirado pelos pulmões entra em vibrações nos estreitamentos do laringe onde se formam os fonemas sonoros (vogaes), e atravessa a boca onde se formam os fonemas insonoros (consoantes).

Os musculos do laringe modificam os primeiros; os musculos do palato, das faces, dos labios e da lingua modificam os segundos.

+ **Simbolo** é um signal proprio que indica um som ou uma palavra. Taes são os algarismos, os signaes algebricos, etc.

Os sons das letras pôdem ser modificados pelos acentos ou notações.

+ **Acentos** ou **notações** são signaes que indicam a

variedade dos sons das letras; modificam, assim, a pronúcia das palavras.

São os seguintes:

Acento agudo que indica o som aberto: *café*.

Acento circunflexo que indica o som fechado: *dôr*.

Til que indica o som nasal das vogais *a, o*: *mão, paixões*.

Cedilha que indica o som brando do *c* antes de *a, o, u*: *caça, moço, açucar*.

E' de utilidade a adopção do *acento grave* para marcar o valor das vogais abertas, que não são acentuadas em palavras que têm um acento secundario: *môlhinho, pêzinho, sômente*.

Assim a palavra *prègar* (fazer predicas) distinguir-se-ia de *pregar* (meter pregos).

Os sons das vogais são os seguintes:

1.º — *Som aberto* que é o mais forte. E' representado geralmente pelo acento agudo: *pé, avô*.

2.º — *Som fechado* que é o menos forte. E' representado geralmente pelo acento circunflexo: *avô*.

3.º — *Som mudo* que é ainda menos forte. Não é representado por nenhum acento: *face*.

4.º — *Som nasal* que sai pela boca e pelo nariz. E' representado pelo til e pelas letras *m* ou *n*: *irmã, tempo, tinta*.

As vogais têm varios sons:

A

Som aberto ou agudo: *gato, jucá*.

— fechado ou circunflexo: *sejâmos, lama*.

— mudo ou grave: *cera, lona*.

— nasal: *santo, irmã*.

E

Som aberto ou agudo: *até, fera*.

— fechado ou circunflexo: *carêta, sello*.

— mudo ou grave: *ponte, carne*.

— nasal: *engenho, virgem*.

I

Som aberto ou agudo: *missa, javali.*

— mudo ou grave: *quasi, util.*

— nasal: *lindo, sim.*

O

Som aberto ou agudo: *nota, pó.*

— fechado ou circunflexo: *poça, avô.*

— mudo ou grave: *santo, lenço.*

— nasal: *ponta, som.*

U

Som aberto ou agudo: *tatú, luva.*

— mudo ou grave: *tumulo, tribu.*

— nasal: *junto, anum.*

Y

Esta vogal que tem o som da vogal **I**, é só empregada nos vocabulos derivados de palavras estrangeiras e nas terminações dos nomes tupis. Já vai hoje desapparecendo da escrita.

Consoantes são ruidos que modificam as vozes. As consoantes são: *b, c, d, f, g, h, j, k, l, m, n, p, q, r, s, t, v, w* (no allemão), *x, z.*

Os sons das consoantes ou as consonancias se dividem em *explosivos* e *fricativos*.

Explosivos, que tambem se denominam *explodidos, momentaneos* ou *mudos*, são aquelles que, depois de produzidos, cessam repentinamente.

A corrente expiratoria sai numa especie de explosão.

São representados pelas consoantes: *q, g* (antes de *a, o, u*), *c* (antes de *a, o, u*); *t, d; p, b.*

Fricativos que tambem se denominam *constritos, aspirantes ou continuos*, são aquelles que se produzem sim-
plesmente por uma contracção no tubo vocal.

A corrente expiratoria sai apertada ou constrangida.

São representados pelas consoantes: *g* (antes de *e, i*), *x, j*; *l, r, rr*; *c* (antes de *e, i*), *ç, s, n, z*; *f, v, m*.

As consoantes *l, r* são tambem chamadas *liquidas ou flutuantes*, porque se pôdem ligar a outras consoantes formando um grupo: *br, bl, cr, cl, gr, gl, pr, pl*, etc.

Alguns grammaticos, attendendo á influencia que possam ter na pronuncia dos sons das consoantes a garganta, o palato, a lingua, os dentes e os labios, dividem os sons em: *guturaes, palataes, linguaes, dentaes e labiaes*.

SONS CONSONANTÁES	<i>Explosivos ou Explodidos ou Momentaneos ou Mudos</i>	<i>Fricativos ou Constritos ou Aspirantes ou Continuos</i>
Guturaes	kê, guê, nhê	—
Palataes	—	gê, xê
Linguaes	lhê	lê, rê, rrê
Dentaes	tê, dê	cê, zê, nê
Labiaes	pê, bê	fê, vê, mê

Os sons das consoantes são, pela ortografia commun, representados da seguinte maneira:

Bê; Dê; Lê; Mê; Nê; Pê;

Pelas consoantes respectivas: *bordo*; *dedo*; *leme*; *camisa*; *navio*; *prego*.

Cê

Por *c* antes de *e*, *i*: *cento*, *cinto*.

ç: antes de *a*, *o*, *u*: *roça*, *moço*, *açude*.

s: *santo*, *sapo*.

x: *auxilio*, *sintaxe*.

z: *nariz*, *matriz*.

ps: *psalmo*.

sc: *sciencia*, *scena*.

ss (entre vogaes): *cassa*, *massa*.

Fê

Por *f*: *ferias*, *faca*.

ph nos derivados gregos: *phisica*.

Gê

Por *g* antes de *e*, *i*: *geito*, *região*.

j: *Julio*, *jantar*.

Ghê

Por *g* antes de *a*, *o*, *u*: *gato*, *gorro*, *gume*.

gu antes de *e*, *i*: *guelra*, *guia*.

Kê

Por *k*: *kermesse*, *kágado*.

c antes de *a*, *o*, *u*: *casa*, *coco*, *cupo*.

ch nos derivados gregos: *parochia*, *chimica*.

qu: *quedo*, *quinze*, *quatorze*.

Rê (fraco)

Por *r* (entre vogais): *cara, muro.*

Rrê (forte)

Por *r* no principio das palavras: *raio.*

r no meio de vogais das palavras compostas: *de-
rogar, proromper, prerrogativa, abrogar.*

rr: terra, carro.

rh, rrh nos derivados gregos: *rhetorica, arrhas.*

Tê

Por *t*: *rato, sitio.*

th nos derivados gregos: *thema, methodo.*

Vê

Por *v*: *voto, livro.*

w nos derivados alemães: *Wurtemberg.*

Xê

Por *x*: *caixa, peixe.*

ch: *cheiro, cacho.*

Zê

Por *z*: *zinc, azul.*

s (entre vogais): *casa*, excepto nas palavras compostas em que sóa *cê*: *proseguir, resaltar, presupôr, sobresalto, desecar, resoar.* Em algumas palavras compostas conserva o som de *zê*: *presumir, resumir.*

s: em algumas palavras formadas com o prefixo—
ob, per, sub: *obsequio, presistir, subsistir,*
excepto: *observar, persignar, subsidio*, etc.

x: *exacto, exemplo.*

Candido de Figueirêdo aconselha que se escrevam com dois *ss* as palavras em que esta consoante, apesar de figurar entre vogais, tem o som de *cê*: *proseguir, ressoar.*

Assim, diz elle, desapparece o erro possivel da pronuncia dessas palavras, ou qualquer confusão, como por exemplo nas palavras: *presente* e *presente* (do verbo *pre-sentir*).

A letra **H** é um simples signal etimologico, ou é empregada para indicar a aspiração de uma vogal.

E' usada em certas palavras para marcar a separação das vozes, evitando, assim, o ditongo: *bahia*, *sahia*.

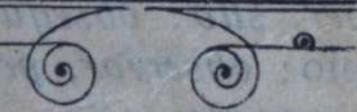
Muitos escritores a substituem, com razão, pelo acento agudo: *saía*, ou pelo trema: *saïa*.

Antigamente se escrevia: *atahude*, *alahude*, e hoje: *ataúde*, *alaúde*.

Sobre esta letra fazemos nossas as observações do filologo brasileiro João Ribeiro, expostas em sua excellente *Selecta Classica*:

«Já o mais antigo dos nossos grammaticos, Fernão d'Oliveira, «pediu a suppressão do *h*, letra abstracta e sem som que lhe corres- «ponda. Pouco a pouco melhor estudadas, foram desapparecendo as «graphias: *author*, *theor*, *contheudo*, etc. O estudo mais conside- «rado do grego dissipou os erros grosseiros: *systhema*, *cathegoria*, «*authomato*; a conveniencia da prosodia evitou que se adoptasse «*anhemia* e outros equivalentes; a propria etymologia bem estudada «já destruiu o *h* de *ontem*, *ombro*, *postumo*, *exuberante*, em vez «de erros tradicionaes *hontem*, *hombro*, *posthumo* (com *h* por erro «no mesmo latim), *exhuberante*; nomes proprios melhor estudados «já não o contêm: *Tereza* e não *Thereza* (influxo do francez), «*Theodulfo* e não *Theadolpho*, etc.

«Hoje excellentemente aconselha Gonçalvez Viana a suppres- «são do *h* em varios casos — quer entre vogaes, quer depois de con- «soante, mantendo-se apenas depois de *c*, *l*, *n* para designar-lhes o «valor de consoantes palatinas e provisoriamente quando inicial por «qualificada etimologia. —»



Grupos vocaes e grupos consonantaes

⊕ **Ditongo** é a união de duas vogaes em uma só silaba, pronunciadas de uma só vez: *pai, mau*.

⊕ **Tritongo** é a união de tres vogaes em uma só silaba, pronunciadas de uma só vez: *aio, iguaes, quão*.

⊕ **Hiato** é a união de duas vogaes, pronunciadas separadamente: *luar, saude*.

E' bom notar que em algumas palavras como *río, frio, tío*, a formação do ditongo, ou do hiato depende do modo de pronunciá-las.

Assim para os habitantes do Sul do Brazil ha nestas palavras um ditongo: elles pronunciam *friu, tiu*; para os habitantes do Norte ha nellas um hiato; pronunciam a vogal *i* separadamente da vogal *o*. No 1.º caso a palavra tem uma só sillaba, no 2.º tem duas.

Os ditongos se dividem em *oraes* e *nasaes*.

Oral é o ditongo que contém sómente vozes *oraes*: *aula, boi*.

Nasal é o ditongo cuja primeira voz é *nasal*: *mão, lições*.

Os ditongos oraes são os seguintes:

ai, ae: naipe, pai, ani-
maes
au, ao: nauta, máo ou
máu
ei: lei, papéis, foreis

eu, eo: Europa, céo ou
céu
iu: sentiu
oi, oe: noite, heróe ou
herói
ui: ruivo

São considerados semi-ditongos ou ditongos imperfeitos:

ea: nivea
eo: aureo
ia: gloria
ie: serie, hierarquia

io: vário
oa: páscoa
ua: agua, quadro
ue: guela, equestre
uo: arduo, aquoso

Os ditongos nasaes são:

ãi ãe: māi ou māe
ão: pāo
õe: lições

uan: quando
uen: eloquente
uin: quinquevirato

A primeira das duas letras do ditongo chama-se *pre-positiva*; a segunda chama-se *pospositiva* ou *subjuntiva*.

Fazemos observar que nas palavras *mui* e *muito* ha para os Portuguezes um ditongo oral. E' assim que Camões rimou *muito* com *fruito*. Para os Brazileiros ha nestas palavras um ditongo nasal, pois que as pronunciam como si ellas fossem escritas *muin*, *muinto*.

Quando as duas vogaes formarem ditongo deve-se escrever as pospositivas *i*, *u*, em logar de *e*, *o*.
Os grupos de vogaes são representados conforme a pronuncia.

Devemos notar, porém, a irregularidade que ha na representação de alguns grupos de vogaes, divergindo entre si quer os gramáticos quer os escritores mais notaveis.

A divergência surge quando a subjuntiva do ditongo é *i*, *u*, *e*, *o*.

Parece-nos ser de melhor ortografia o emprego de *i*, *u*, e assim não *partio*; *Deus* e não *Deos*.

No ditongo *eu* quando o som é fôr aberto não ha razão para mudar a grafia escrevendo *eu* e *eo*; basta, conservando a forma *eu*, acentuar a primeira vogal: *cêu* e *seu*.

Assim o fazemos em: *réis* e *reis*; *herói*, *combóio* e *boi*, *foi*. Haveria maior uniformidade na escrita.

E' necessário que alguma cousa se firme neste sentido. E' incoerencia escrever *mais*, *amais* e *vogaes*. Si a grande divergência se nota nas sillabas finaes das palavras, parece-nos que o criterio do ditongo ou hiato pôde resolver as dúvidas, isto é, escrever *i*, *u* quando estas letras formarem ditongo com outra vogal e escrever *e*, *o* quando formarem hiato.

Comtudo é uso geral empregar *aes*, *ues*, no plural dos nomes terminados em *al*, *ul*.

Grupo consonantal ou consoante composta
é a reunião de consoantes diferentes: *globo*.

Consoante dobrada ou geminada é a reunião de duas consoantes iguaes, consecutivas: *somma*, *forro*.

A escritura, na accepção mais geral, é um sistema de figuras com o fim de dar ao pensamento uma forma permanente.

A escritura é ideografica, quando exprime as proprias ideias; fonética, quando representa os sons que compõem as palavras.

A primeira forma da escrita pertencem os *hieróglifos* dos Egipcios.

Na ordem immediata a esta forma de escrita, vem a *escritura sillabica*, até que, decompondo-se as sillabas em sons simples, foi inventado o *alfabeto*, palavra originada das duas primeiras letras do alfabeto grego: *alpha* e *beta*.

Introduzido na Grecia pelo seu inventor o fenicio Cadmo — as letras eram chamadas *cadmicas* —, em breve foi levado à Italia e dai espalhado por todo o mundo.

O alfabeto fenicio não possuia vogaes; foram os gregos que as criaram transformando nellas algumas consoantes aspiradas de que não usavam. Por isso as vogaes em nosso alfabeto são collocadas sem ordem.

Os romanos ao receberem dos gregos o alfabeto, não aceitaram

quatro consoantes aspiradas de que o alfabeto latino não precisava: *theta* (*th*), *phi* (*ph*), *psi* (*ps*), *chi* (*ch* forte).

Tinha a princípio sómente 16 letras.

As letras *i*, *u*, até ao seculo 17, representavam o duplo papel de vogais e consoantes; mais tarde cederam o valor de consoante ao *j*, *v*.

O *z* e o *y* foram usados no tempo de Cicero sómente em vocabulários de origem grega. Depois se tornaram de uso vulgar.

O imperador C. Cesar inventou tres letras que representavam a vogal *y* com o som de *i*, a vogal *u*, e as articulações *v* e *ps*. Este acréscimo só durou o tempo de seu reinado.

«Foi Ennio quem introduziu o uso de escrever duplas as consoantes que se faziam sentir com mais força no corpo das palavras. Até a época dos Gracchos se escrevia indifferentemente com letras simples ou dobradas. O uso das letras dobradas, prevaleceu da guerra de Jugurtha em diante.»

O nosso alfabeto é ainda hoje sumamente defeituoso, não só porque possue diversas letras para o mesmo som: *c*, *ç*, *s*, *x*, *ss* para o som *cê*; como também porque possue a mesma letra para diversos sons: *x* tem o som *xê*, *zê*, *cê*, *çê*, etc.

Algumas regras ortográficas

Além das regras que se pôdem deduzir dos diversos sons que têm as letras, devemos observar as seguintes:

~~a)~~ Antes de *b*, *m*, *p*, usa-se *m* e não *n*: *ambos*, *commum*, *campo*.

Ha quem exceptue as palavras compostas: *circumstância*, *circumflexo*, etc.

~~b)~~ Nenhuma palavra começa ou termina por consoante dobrada.

~~c)~~ Não se dobram as vogais. Dado o caso que, pela transformação dos sons, se encontrem duas vogais, é costume representar por uma só com um acento agudo ou circunflexo: *mala*, *maa*, *má*; *dolor*, *door*, *dôr*.

~~d)~~ As palavras portuguezas não terminam em: *b*, *c*, *d*, *f*, *g*, *h*, *j*, *k*, *p*, *q*, *t*, *v*, *x*. Exceptuam-se: *sob*, *calix* e poucas mais.

e) Com exceção de *j*, *k*, *q*, *v*, *x*, *z*, todas as mais consoantes podem vir dobradas, notando-se que se dobram entre vogais.

f) É tendência geral a eliminação das consoantes dobradas, a não ser que tenham valor na pronúncia da palavra, como *rr*, *ss*, etc.

g) Ao se partirem os vocabulhos em fim de linha, deve-se observar de preferencia as sillabas fonéticas pela soletração e não pela separação dos elementos de derivação.

Assim: Concorrendo duas consoantes similhantes, ficam separadas em sillabas distintas: *pas-sar*, *car-ro*.

Concorrendo uma consoante seguida de uma liquida — *l*, *r* —, pertencem ambas á vogal seguinte: *am-plo*, *co-bre*, *qua-dro*, *in-flu ir*.

Os demais grupos de consoantes se devem dividir pela ultima das consoantes, ficando as mais pertencendo á sillaba anterior: *di-rec-tor*, *a-dop-ção*, *abs-trai-r*, *trans-cre-ver*.

Não se devem separar os vocabulhos compostos pelos seus elementos de composição, visto, em muitos casos, não haver conhecimento desses elementos por parte de quem fala, como até adquirirem os vocabulhos uma forma diferente e esquisita.

Exemplo de divisão tendo por base a derivação: *con-star*, *con-spi-rar*, *arc-an-jo*, *de-scre-ver*, *e pi-sco-pal*, *in-spi-rar*, *a-lu-mno*, *me-smo*, *re-spei-to*, *bi-spo*.

Assim é preferivel separar: *subs-cre-ver*, *bi-sa-vô*, *de-su-nir*, *res-pec-ti-vo*, *a-lum-no*, *mes-mo*, *es-pe-lho*, *ins-pi-rar*, etc.

Como diz Gonçálvez Viana: «A divisão etimologica á latina ou á ingleza (ainda mais artificial e exagerada) é pouco natural por que parte sillabas fonéticas, cujos elementos são inseparáveis, sem vantagem para a clareza e em contrario da tradição que tanto respeitava o principio de a lingua escrita ser a imagem da falada.»

III

Sistemas ortograficos

Tres são os sistemas ortograficos: *etimologico* ou *de derivação*, *fonetico*, *misto* ou *usual*.

O sistema *etimologico* baseia-se na origem, derivação ou etimologia da palavra.

Por este sistema devemos escrever *thio*, *phthisica*. Escrevem-se as palavras com as mesmas letras com que são representadas na lingua donde provieram.

Grandes são os defeitos deste sistema: 1.º o desconhecimento da origem de todas as palavras; 2.º a origem do maior numero de palavras só pôde ser conhecida pelos doutos; 3.º a completa diferença entre a palavra escrita segundo a etimologia e a palavra pronunciada; 4.º a divergência de opiniões sobre a origem de algumas palavras, fazendo com que varie o modo de grafá-las.

O sistema *fonetico* baseia-se na pronuncia dos vocabulos.

Por este sistema devemos, por exemplo, escrever *omem* (*homem*). Cada letra tem um unico valor.

Diversas têm sido as reformas apresentadas para o completo dominio deste sistema: tudo, porém, tem sido em vão.

A grande dificuldade está na diversidade entre os varios modos de se pronunciarem os vocabulos nos diferentes lugares em que é a Lingua falada.

Como diz José de Castilho:
"O accento peculiar do portuguez é um em Portugal, outro nas ilhas, outro no Brazil, outro na Africa, outro na Asia, outro na Polynesia. O portuguez de Lisboa differe na pronuncia de muitos vocabulos do portuguez de Coimbra, do do Porto, do de Tras os Montes, do do Algarve."

O mesmo podemos dizer do portuguez falado no Brazil.

Em quanto no sul os brazileiros abrem as vogaes pronunciando, por exemplo, *dépressa*, no norte as fecham e dizem, por exemplo:

Lá vem a CANUA carregada de CUCUS de PUPA a PRUA.

O sistema misto ou usual é o geralmente preferido, embora tenha tambem defeitos.

Este sistema estabelece um meio termo entre os dois outros; baseia-se na origem e na pronuncia das palavras.

Dado o caso que sejam completamente diversas a origem e a pronuncia, querem uns que se observe de preferencia esta, outros, aquella.

Por isso há a duplicitade de grafia nas palavras seguintes: *edade* e *idade*; *logar* e *lugar*; *escripta* e *escrita*; *sancto* e *santo*; *commigo* e *comigo*; *charidade* e *caridade*; *se* e *si*, etc.

A tendencia moderna é para despojar as palavras dos elementos superfluos; o principio é: letra que não sôa, deve desapparecer. Convém, pois, no caso de duvida preferir a pronuncia.

E' assim que vão sendo aceitos como factos:

A eliminação do *h* quer entre vogaes quer depois de consoante, mantendo-se apenas depois de *c*, *l*, *n*, porque lhes dá outro valor, ou quando é letra inicial por justificada etimologia: *charuto*, *malha*, *manhã*, *homem*.

Redução das consoantes dobradas a uma só, com exceção de *mm*, *nn*, *rr*, *ss*: *emmalar*, *ennastrar*, *carro*, *cassa*.

Suppressão das consoantes que não soam na pronuncia: *escrito*, *dito*, *sete*, a não ser que influam na vogal

antecedente, tornando-a bem aberta: *direcção, secção, contracção, adoptar.*

A Academia Brazileira de Letras, em Abril de 1907, apresentou um projecto de simplificação da ortografia portugueza que foi aprovado sob as seguintes bases:

Regra 1.^a — Sempre que se encontrem diversas grafias autorizadas da mesma palavra, escolher-se-á a que melhor se aproxime da boa pronúncia.

Assim preferir *au, ai, eu, iu, a ao, ae, eo, io* quando constituirem ditongo. Preferir a inicial *i* nas palavras que alguns autores escrevem com *e*.

Regra 2.^a — Eliminar-se-á, por completo, o uso das letras *k, y, w* em todas as palavras portuguezas.

Em vez de *k* escrever *c* antes de *a, o, u*, ou escrever *qu* antes de *e, i*.

Em vez de *w* escrever *u* ou *v*, conforme o som que tiverem.

Regra 3.^a — Eliminar-se-á o uso do *h*, salvo nos grupos *ch, lh* e *nh* soando como consoantes palatinas, ou quando se tratar de palavra que seja composta de outra que tenha o *h* inicial.

Nunca se escreverá *ch* com o som duro de *c*. Deverá ser substituído por *c* antes de *a, o, u*, ou por *qu* antes de *e, i*.

Nunca se escreverá *ph* com o som de *f*.

Regra 4.^a — Eliminar-se-á o uso do *g* com o som de *j* no meio das palavras.

Regra 5.^a — Eliminar-se-á o uso do *s* com o som de *z*.

Regra 6.^a — Salvos os casos em que se empregam os *ss* e os *rr* dobrados, os pronomes pessoas *elle, ella* e seus derivados, *aquelle, aquella, aquillo*, suprimir-se-ão todas as consoantes geminadas, quando o som de uma delas não se distinga na pronúncia.

Regra 7.^a — Nenhuma palavra se escreverá empregando consoante que não tenha nella valor. Assim suprima-se no grupo *sc* a letra *s*, etc.

Regra 8.^a — Nunca se começará palavra alguma com *ç*.

Regra 9.^a — Nos casos em que os dicionários admitam a mesma palavra ora com *s*, ora com *c*, a grafia com *s* deve ser preferida.

Regra 10.^a — Os substantivos e adjetivos cuja terminação tonica seja no singular em *az, ez, iz, oz, uz*, devem escrever-se com *z* final. O som forte *ás, és, is, ós, us* de substantivos e adjetivos só se escreve com *s* quando a palavra estiver no plural.

Regra 11.^a — As palavras terminadas no som *ão* ou *â* longo, empregam a vogal *a* com o til; as terminadas nos mesmos sons com a pronúncia breve terão a vogal *a* seguida de *m* ou *n*.

Assim *manhã, pagã, orfãm, amãm*, etc.

Regra 12.^a — Não se empregará o signal de sinalifa nas con-

trações deste, desta, disto, neste, nesta, nisto, daquelle, nelle, nella, daquelle, daquillo, destoutro, daquelloutro.

Em sessão de 1.º de Julho de 1911 a mesma Academia, depois de larga discussão, votou as seguintes modificações:

Supressão da regra 5.ª

A regra 6.ª ficou assim redigida: «as consoantes geminadas passam a ser simples, com exceção de rr, ss, mm, nn, quando acusarem diferença de pronúncia.»

A 24 de Novembro de 1919 a Academia revogou todas as deliberações concernentes á reforma ortográfica, ficando mantido o *statu quo* anterior, até que fosse melhor estudado e definitivamente resolvido o problema da simplificação ortográfica no Brazil.

Em Portugal as modificações ortográficas que inda hoje estão em vigor, deram-se da seguinte maneira:

Em 5 de Maio de 1900, a *Academia Real das Sciencias de Lisboa*, convidou o Sr. A. R. Gonçalvez Viana a lêr um seu questionário ortográfico, há annos elaborado, o que feito foi no dia 10.

Depois de todos os pontos discutidos foi publicado o trabalho desse douto filólogo: *Vocabulario alfabetico e remissivo da Lingua portuguesa*, organizado segundo a ortografia oficial.

O primeiro trabalho de Gonçalvez Viana tinha o título de *Ortografia Nacional* e o segundo *Vocabulario ortográfico e ortoepico da lingua portuguesa*.

Pelo *Vocabulario alfabetico e remissivo* são as seguintes as regras da reforma ortográfica portuguesa:

1.ª São proscritas as letras — k, w, y, substituídas por — qu ou — c —; por — u — ou — v —; por — i.

2.ª É eliminada a letra — h — a não ser em — ch, lh, nh, ou como inicial por etimologia.

3.ª Nenhuma consoante se duplica a não ser rr, ss, mm, nn, quando exigidas pela pronúncia.

4.ª São suprimidas as consoantes mudas quando não influem na vogal precedente.

5.ª O emprego de — ce, ci — e — se, si; ç — e — ss; ch — e — x, depende da origem dos vocabulos.

6.ª A grafia dos ditongos oraes é — ai, éi, ei, ói, oi, ui, au, éu, eu, iu, ou; a dos nasaes é: ãe, em, õe, ão.

São essas as regras mais interessantes; outras há mais dependentes da pronúncia dos portugueses, um pouco diversa da dos brasileiros em certos vocabulos.



IV

Sillabas — Acentuação

+ **Sillaba** é a letra ou o grupo de letras pronunciadas de uma só vez.

Quando estas sillabas formam uma ideia temos a *palavra*.

Uma sillaba pôde ter de uma até cinco letras: *a, de, par, gras, trans*.

Conforme o numero de sillabas as palavras podem ser:

+ **Monossillabo**, aquella palavra que tem uma unica sillaba: *dor, pai*.

+ **Dissillabo**, aquella que tem duas sillabas: *livro, branco*.

Trissillabo, aquella que tem tres sillabas: *tinteiro, caneta*.

Polissillabo, aquella que tem mais de tres sillabas: *grammatica, inconstitucionalidade*.

+ **Acento** é a maior ou menor intensidade, a maior ou menor predominancia que pôde ter a sillaba duma palavra.

O acento é considerado, na frase de Diomedes, a alma da palavra, ou, na opinião de Humboldt, a viva emoção do sentimento que acompanha o discurso, o medeador entre o pensamento e a fórmula. (Apud. Pacheco e Lameira. — Gr. Portugueza.)

E' o centro de gravidade da palavra, affirma F. Diez.

A palavra acento vem do Latim *accentus* que correspondia a *tonos* do Grego, *tom*, *tenro*, da tensão das cordas da lira.

A adopção destes termos pelos grammaticos latinos parece provar que o acento latino tinha, como o acento grego, um valor musical.

A anecdotá conhecida do tocador de flauta que dava o tom ao orador Caio Graccho com o instrumento chamado *tonarion*, confirma as informações fornecidas pelos grammaticos, assim como por Cicero e Quintiliano. (Guardia e Wierzeyski.)

Quantidade da sillaba é o tempo empregado em pronunciá-la.

Conforme a quantidade os sons das palavras pôdem ser *longos* ou *breves*.

Longo é o som que tem mais duração.

Breve é o som que tem menos duração.

Conforme a intensidade a voz é *tonica* ou *atona*.

Tonica ou **predominante** é a voz acentuada.

Atona é a voz não acentuada.

Conforme a sillaba tonica, ou predominante a palavra é:

Oxitona ou **aguda**, aquella cuja sillaba predominante é a ultima: *missal, amor*.

Paroxitona ou **grave**, aquella cuja sillaba predominante é a penultima: *tinteiro, caneta*.

Proparoxitona, esdruxula, ou datilica, aquela cuja sillaba predominante é a ante-penultima: *húmida, câmara, péssego*.

As duas ultimas denominações se pôdem reunir sob o nome de **baritonas**.

E' bom notar que em algumas palavras apparece mais de um acento; há como que um ritmo que se não pôde transgredir: *modestamente, civilidade*.

Há certas palavras tambem que não têm acentuação própria, sujeitam-se á acentuação de outras palavras a que se ligam; taes são: *me, te, se, lhe, lhes, nos, vos, o, a, os, as*.

Neste caso pôde a acentuação caír na sillaba anterior á ante-penultima: *annuncia-se-lhes, commovera-se-lhe, louvamo-vo-lo*.

Muitas palavras não têm conservado a acentuação primitiva: *patena, miope, figado, oceano, enciclopedia, nivel*, que se deviam pronunciar: *pátena, miópe, figádo, océano, enciclopedia, nivél*.

São communs as pronuncias viciosas: *púdico, ciclope, erúdito, décano, simulacro, invólucro, pégada, escápula, amalgáma*.

E' bom não confundir acento ortografico com acento prosodico.

Aquelle é um signal que modifica as vozes: *acento agudo, círcunflexo, etc.* Este exprime a elevação maior ou menor da voz.

E' assim que a voz pôde ser acentuada, isto é, ser pronunciada com maior força e entretanto não levar nenhum signal ortografico: na palavra *caridade* a sillaba *da* é a acentuada, entretanto não está indicada por signal algum, por nenhum acento.



V

Alteração de sons: figuras de dição

As palavras soffrem diversas modificações nos sons por adição, subtracção, transposição e absorpção de sons.

Estas modificações têm o nome de *figuras de dição* ou *metaplasmos*.

São figuras de adição:

✗ **Protese** é o aumento de sons no começo do vocabulo: *alevantar* por *levantar*; *acostumado* por *costumado*.

✗ **Epentese** é o aumento de sons no meio do vocabulo: *despois* por *depois*.

✗ **Paragogé** é o aumento de sons no fim do vocabulo: *martire* por *martir*.

São figuras de subtracção:

✗ **Aférèse** é a diminuição de sons no começo do vocabulo: *postema* por *apostema*; *té* por *até*; *maginação* por *imaginação*.

~~Sincope~~ é a diminuição de sons no meio do vocabulo: *mór* por *maior*; *malina* por *maligna*; *inigo* por *inimigo*.

~~Apócope~~ é a diminuição de sons no fim do vocabulo: *carcer* por *carcere*; *assi* por *assim*; *gran* por *grande*; *produz* por *produze*.

São figuras de transposição:

Metatese é a mudança indeterminada do lugar dos sons do vocabulo: *frol* por *flôr*; *vigairo* por *vigario*.

Tmesese é a mudança das palavras enclíticas para o meio das fórmas de certas palavras: *dir-te ei* por *direi-te*; *amar-te ia* por *amaria-te*.

São figuras de absorção:

Sinalefa é a absorção da vogal final de um vocabulo quando o vocabulo seguinte começa por vogal: *d'est'arte* por *de esta arte*; *do* por *de o*.

Ectlipse é a absorção da consoante nasal *m* no fim de um vocabulo: *co'os* por *com os*.

E' figura muito usada no verso, principalmente para diminuir o numero de sillabas por necessidade de metrificação.

Crase é a absorção de um som quando se encontra com outro igual; reune dois sons iguaes num só: *á* por *a a*; *áquelle* por *a aquelle* e antigamente *ó* por *a o*.

Contracção que parece á primeira vista estar na mesma relação de *d'o — do — de o* é a contracção *no, numa* e em geral as contracções com a palavra *em*, que commumente se escrevem *n'uma, — em uma, n'aquelle — em aquelle*, etc. Este modo de grafar é errado. Sómente pela presteza da escrita e para maior facilidade, se escreve

do em lugar de *d'o*, usado em gallego; como se escrever *n'uma* por *em uma* quando não ha letra a suprimir entre a palavra *em* e *uma*?

Podia-se collocar o apostrofo, signal de suppressão da letra, no começo da palavra *'numa* como se faz em *'lē* por *atē*. Mas mesmo assim havia uma incorrecção pois que a letra *n* que ahi aparece, não vem do vocabulo *em*.

Brilhantemente explica Leite de Vasconcellos, da seguinte maneira, as transformações soffridas por esta palavra:

«Quando tinha de se dizer *em o chão*, *em a casa*, etc., dizia-se nas epochas antigas *em lo chão*, *em la casa*, pois que não havia outra fórmula do artigo.

Uma nasal, porém, em contacto intimo com uma consoante, dá, ás vezes, a esta o caracter de nasal, e assim de *em lo*, *em la* fez-se *em no*, *em na*.

Os exemplos destas fórmulas são numerosissimos até o seculo 15.^o, aparecendo ainda alguns no seculo 16.^o

Depois as nasaes foram absorvidas pela consoante nasal seguinte e *em no*, *em na* se tornaram respectivamente *en — o*, *en — a*; *eno*, *eua*.

E como o *e* inicial em portuguez está sujeito em certas circunstancias á apherese ou quéda, facilmente o *e* de *eno* antes de outra palavra a cujo acento se subordina, foi suprimido na pronuncia e d'isto resultou a fórmula moderna *no* com suas flexões *na*, *nos*, *nas*.

Resumindo vê-se que a evolução historica de *no* foi a seguinte: *em — lo em no — e no — eno — no*.

Por analogia o mesmo fenomeno foi transportado para as outras contracções em que entrava o elemento *em*, e escreve-se: *neste*, *naquelle*, *numa*, etc., e não *n'este*, *n'aquelle*, *n'uma*.



MORFOLOGIA

Taxinomia: estuda a classificação das palavras.

Campenomia: estuda a flexão das palavras.

Etimologia: estuda a origem das palavras.

MORFOLOGIA

Morfologia é a parte da grammatica em que se estudam as fórmas das palavras.

A morfologia se divide em tres partes: *Taxinomia*, *Camponomia* e *Etymologia*.

I

Taxinomia

Taxinomia é a parte da morfologia em que se estuda a classificação das palavras.

Conforme as variações que as palavras soffrem, estas se dividem em *variaveis* e *invariaveis*.

Variaveis são aquellas que soffrem modificações para exprimirem genero, numero, gráu, modo, tempo, etc.

Invariaveis são aquellas que não soffrem modificações.

Estas modificações se chamam *flexões*.

O caracter da flexão não é bastante determinado. Palavras incluídas no grupo das *invariaveis* soffrem algumas variações: *certamente* varia em *certissimamente*, bem varia em *melhor*; tambem outras incluídas no grupo das *variaveis* não mudam de forma: *quem*, *que*, *simples*, etc.

Consideradas historicamente as palavras se pôdem dividir em *primitivas* e *derivadas*.

Primitivas são as que não se originam de outras, dentro da Lingua: *arvore*, *mar*.

Derivadas são as que se originam das primitivas: *arvoredo*, *marujo*.

Comparados uns com os outros os vocabulos são: *sinonimos*, *antonimos*, *homonimos* e *paronimos*.

As duas primeiras classes são consideradas fazendo parte da familia ideologica; as duas ultimas, da familia fonica.

As primeiras representam idéas similhantes ou completamente oppostas. As segundas confundem os sons.

Sinonimos são os vocabulos que têm significação similhante: *amor*, *amisade*, *estima*; *vêr*, *enxergar*, *olhar*; *faminto*, *esfaimado*, *esfomeado*, *famulento*.

Não pôde haver sinonimos perfeitos senão quando um delles está em desuso; si ambos são usados esta sinonimia perfeita não pôde durar muito tempo, porque o pensamento não se sobrecarregará de uma bagagem inutil e por fim se desembaraça de um delles. (Darmesteter).

São diversas as causas da variedade dos sinonimos. Entre as principaes contamos:

1.^a — Fórmas divergentes produzidas por palavras de fundo popular: *mancha*, e de fundo erudito: *macula*, ou produzidas pela origem do nominativo *ladro* e do acusativo *ladrão*.

2.^a — Tecnologia scientifica: *odontalgia*, *dôr de dentes*; *beegas*, *variola*.

3.^a — Differenças locaes: *doce*, *bolos*; *pacova*, *banana*.

Na infancia das Linguis era extraordinario o numero dos sinonimos que tinha uma palavra.

Antonimos são os vocabulos que têm significados oppostos: *frio, calor; noite, dia.*

Homonimos são os vocabulos que, embora escritos ou pronunciados de modo similar, têm diverso significado: *fato, roupa e facto, acontecimento; cirio, grande vela, sirio, estrella, Syrio, natural da Syria; manga, fruto, manga, grupo, ajuntamento, manga, tromba d'agua, manga, redoma, manga, parte do vestido.*

Os homonimos se dividem em *homofonos* e *homografos*.

Homofonos são os vocabulos que têm o mesmo som, embora escritos de modo diferente: *sexta, a sexta parte e cesta, vaso feito de varas; nós, pessoa e noz, amendoa, acento, signal ortografico e assento, lugar de descanso.*

Homografos são os vocabulos que têm a mesma escrita e, portanto, o mesmo som: *bóta, calçado e bota, variação da palavra botar (collocar), livre, solto e livre solte, tire da prisão, (do vocabulo — tivrar).*

A homonimia dá nascimento aos trocadilhos a que os franceses chamam *calembourgs*.

Entre os latinos citamos: *Malam malam malam.* Preferirei uma maçã (face) desagradavel.

Nisi non nisi nisi in aliis. Os gaviões não se estribam sinão nas azas.

Quid facies Veneris cum veneris ante? Ne sedias sed eas, ne pereas per eas. Que farás quando chegares ante as faces de Venus? Não pares porém segue, sinão morrerás por elas.

Entre as causas da homonimia se pôdem enumerar:

Contracção de palavras:

grão (contraido de *grande*) significando tamanho, e *grão* significando caroço;

cem (contraido de *centum*) indicando numero, e *sem* indicando exclusão.

Corrupção fonética: a não pronuncia de todas as letras: *fato e facto; retrato e retrácto* (do verbo *retractar*).

Paronimos são os vocabulos que têm quasi identica pronuncia. Têm sentido diverso e são resultantes principalmente dos metaplasmas: *descrição* e *discrição*; *suar* e *soar*; *detrair* e *distrair*; *despensa* e *dispensa*.

Attendendo-se á significação dos vocabulos, elles se dividem em: *substantivo*, *adjectivo*, *pronomе*, *verbo*, *adverbio*, *preposição* e *conjunção* ou mais resumidamente em: *nome*, *verbo*, *particulas*.

Alguns grammaticos juntam a estas classes a *interjeição*, que é antes um grito para exprimir paixões, que propriamente uma palavra.

O adverbio, a preposição e a conjunção são palavras invariaveis; as outras são variaveis.



Substantivo

Substantivo é a palavra que designa o nome de animal, cousa, actos ou qualidades em abstracto: *Pedro, gato, livro, viagem, candura*.

Divide-se em *proprio* e *appellativo*.

Proprio é o substantivo que indica individualmente um animal ou cousa, distinguindo-o dos outros: *João, Pernambuco*.

Appellativo é o que indica a idéa de diversos animaes, cousas, actos ou qualidades, pertencentes a uma classe commun: *pedra, menino, gato*.

O appellativo é tambem chamado *commum*.

Os substantivos proprios se tornam appellativos quando são empregados para indicar um grupo, uma classe: *Os Andradadas*.

Nos substantivos proprios de pessoa temos a considerar o *prenome* que é o chamado *nome de baptismo*, e o *cognome* ou *appellido*, chamado *nome de familia*.

Assim em *Joaquim Nunes Machado*, *Joaquim* é o *prenome* e *Nunes Machado* é o *cognome*.

Os cognomes tirados dos prenomes têm a denominação especial de *patronimicos*: *Alvares*, filho de *Alvaro*; *Fernandes*, filho de *Fernando*; *Henriques*, filho de *Henrique*; *Bernardes*, filho de *Bernardo*.

Nos tempos antigos os nomes proprios serviam para caracterizar os individuos por qualquer facto ou circunstancia notavel em sua vida.

Assim: *Aristides* era o melhor; *Job*, que geme; *Archimedes*, eminent maquinista ou pensador; *Abrahão*, pai da multidão; *Agar*, estrangeira.

Este costume se encontra vivo nas tribus indigenas do Brazil: *Piragibe*, espinha de peixe; *Poty*, camarão.

E', pois, opiniao corrente que todos os nomes proprios de homens são antigos epitetos.

Os substantivos appellativos se dividem em *abstractos*, *concretos*, *collectivos* e *verbaes*.

Abstracto é o substantivo que indica actos, qualidades, que só existem na nossa imaginação, isto é, não têm existencia real: *viagem*, *virtude*, *bondade*.

Concreto é o substantivo que indica seres que têm existencia real: *homem*, *banco*.

Collectivo é o substantivo que, estando no singular, indica pluralidade, indica multidão, reunião de seres da mesma especie: *povo*, *exercito*, *rebanho*.

E' principal caracteristico destes substantivos o exprimirem pluralidade estando no singular.

Estes substantivos pôdem, porém, ser usados no plural.

E' assim que, si o substantivo exprime uma collecção (singular), se pôde imaginar a existencia de mais de uma collecção (plural): *um rebanho*, *dois rebanhos*.

O collectivo pôde ser *geral* e *partitivo*.

Geral é o que indica a totalidade da collecção: *tropa*.

Partitivo é o que indica uma parte da collecção: *batalhão*.

O partitivo pôde ser *determinado* e *indeterminado*.

Determinado é o que indica um numero certo, positivo: *duzia*.

Indeterminado é o que indica um numero incerto, uma quantidade indeterminada: *chusma*.

Ha certos collectivos, diz Julio Ribeiro, que se pôdem chamar *especiaes*, porque se applicam mais particularmente a uma cousa do que a outra.

Entre outros enumeramos:

<i>Alcateia</i> de lobos	<i>Jolda</i> ou <i>choldra</i> de assassinos
<i>Armento</i> de bois	<i>Malta</i> de capoeiras
<i>Bando</i> de { aves ciganos salteadores	<i>Manada</i> de bois <i>Matilha</i> de cães <i>Manga</i> de arcabuzeiros
<i>Cáfila</i> de camellos	<i>Nuvem</i> de moscas
<i>Cardume</i> de peixes	<i>Ponta</i> de mulas
<i>Chusma</i> de criados	<i>Quadrilha</i> de ladrões
<i>Corja</i> de { bebedos ladrões tratantes vadios	<i>Rebanho</i> de ovelhas <i>Rancho</i> de soldados <i>Récua</i> de cavalgaduras <i>Roda</i> de homens
<i>Enxame</i> de abelhas	<i>Sucia</i> de velhacos
<i>Fato</i> de cabras	<i>Vara</i> de pôrcos

Substantivo verbal é a parte do verbo empregada como substantivo: *o RAIAR da lua; um TOMA e dois te DA-REI; este ESPERA e REESPERA desespera; o não POSSO dos negligentes e o NÃO QUERO dos contumazes.*

Como o verbo, qualquer palavra ou mesmo uma frase inteira pôde-se tornar substantivo. A estas palavras dá-se o nome de *substantivo improprio*: *o PORQUÊ dos factos; o COMO, o ONDE, o QUANDO as cousas se fazem.*

Locução substantiva é um grupo de palavras com função de substantivo: *guarda-roupa, bem-te-vi, Pedro Ivo.*

III

Adjectivo

Adjectivo é a palavra que exprime um atributo qualificativo ou determinativo que modifica o substantivo.

Seu principal característico é vir sempre com o substantivo claro a que modifica; quando está este occulto o adjectivo toma a denominação de *pronome*.

«Quasi todos os gramáticos modernos, seguindo a escola alemã, admitem só uma classe de adjectivos — os *qualificativos*. Os determinativos são incluídos na classe dos pronomes, que dividem em *pessoais*, *demonstrativos*, *possessivos*, *relativos* ou *conjuntivos* e *indefinidos*; alguns dos quais podem desempenhar as funções de substantivos (*pronomes substantivos*) ou de adjectivos (*pronomes adjectivos*). Dos numerais fazem uma classe á parte.» (Cortezão).

O adjectivo se divide em *qualificativo* e *determinativo*.

Qualificativo é o que mostra a qualidade ou propriedade da pessoa, cousa ou acto expresso pelo substantivo: *bom* livro, *casa grande*, *virtude celeste*.

Determinativo é o que limita, distingue ou designa a pessoa, cousa ou acto expresso pelo substantivo: *meu* livro, *esta* casa, *a* soberba.

O adjectivo qualificativo se divide em *explicativo* e *restrictivo*.

Explicativo é o que mostra uma qualidade essencial, uma qualidade que já pertence ao substantivo: *homem binefe*, *agua molle*.

Restrictivo é o que mostra uma qualidade acidental, accessoria, que pode pertencer ou não ao substantivo: *homem branco*, *rosa encarnada*.

Praticamente para se distinguir o adjectivo restrictivo do explicativo basta se colocar antes do substantivo a palavra *todo* e, si o sentido ficar completo e logico, o adjectivo será explicativo, no caso contrario será restrictivo.

Essa distinção é baseada mais na significação do substantivo do que na propriedade do adjectivo. Assim é que um mesmo adjectivo pode ser explicativo ou restrictivo, conforme o substantivo com que concordar: *gelo frio*, *frio* é adjectivo explicativo; *tempo frio*, *frio* é adjectivo restrictivo.

Locução adjectiva qualificativa é um grupo de palavras com função de adjectivo qualificativo: *mesa de marmore*, isto é, mesa *marmorea*; *raio da terra*, isto é, *raio terrestre*.

Os adjectivos determinativos se dividem em:

Determinativos...	Possessivos	{	Cardinaes.
	Demonstrativos		
	Relativos		
	Quantitativos		Ordinaes.
	Articulares		
	Indefinidos		

Possessivo é o que exprime idéa de posse em referência ás pessoas grammaticaes.

As palavras que representam as pessoas grammaticais são:

Eu, nós (1.^a pessoa), *tu, vós* (2.^a pessoa), *elle, ella, elles, ellas* (3.^a pessoa).

Os adjectivos são:

Masculino: *meu, teu, seu.*

Feminino: *minha, tua, sua.*

referindo-se a uma só pessoa e correspondentes a: *de mim, de ti, delle, della, etc.*

Masculino: *nosso, voso.*

Feminino: *nossa, vossa.* referindo-se a mais de uma pessoa e correspondentes a: *de nós, de vós, etc.*

As fórmas do plural são: *meus, teus, seus, minhas, tuas, suas, nossos, vossos, nossas, vossas.*

Demonstrativo é o que indica a posição das pessoas e dos objectos.

São simples e compósitos.

Simples:

Este, esta, estes, estas, isto; esse, essa, esses, essas, isso; aquelle, aquella, aquelles, aquellas, aquillo; o, a, os, as (antes de que).

Compósitos:

Est'outro, est'outra, est'outros, est'outras, ist'outro.

Ess'outro, ess'outra, ess'outros, ess'outras, iss'outro.

Aquell'outro, aquell'outra, aquell'outros, aquell'outras, aquill'outro.

As fórmas: *isto, isso, aquillo*, e seus compósitos *ist'outro, iss'outro* e *aquill'outro, o, a, os, as* são considerados sempre como *pronomes*.

Os elementos *est, ess, aquell, ist, iss, aquill*, se conservam invariaveis.

Este e suas variações referem-se á pessoa ou ao objecto que está proximo á pessoa que fala (1.^a pessoa).

Esse e suas variações referem-se á pessoa ou ao objecto que está proximo á pessoa com quem se fala (2.^a pessoa).

Aquelle e suas variações referem-se á pessoa ou objecto que está distante de ambos (3.^a pessoa).

Relativo é o que lembra uma pessoa ou cousa e liga orações. É, por isto, chamado *conjuntivo*.

São *o qual, a qual, os quaes, as quaes; que; quem; cujo, cuja, cujos, cujas; onde*.

Estas palavras devem antes ser incluidas na classe dos pronomes, pois que, com excepção de *cujo*, não trazem substantivo junto, com que concordem.

Quantitativo é o que indica um numero, uma quantidade certa ou incerta.

Quando exprime uma quantidade certa, chama-se **numeral**.

Quando exprime um numero, uma quantidade incerta, indeterminada, chama-se **indefinido**.

Os numeraes se dividem em *cardinaes* e *ordinaes*.

Cardinal é o que exprime simplesmente a ideia numérica: *cinco, cem*.

Ordinal é o que indica numero com ideia de ordem, de collocação: *quinto, centesimo*.

Os adjectivos numeraes ordinaes são os seguintes:

Primeiro	Quadragesimo
Segundo	Quinquagesimo
Terceiro	Sexagesimo
Quarto	Septuagesimo
Quinto	Octogesimo
Sexto	Nonagesimo
Setimo	Centesimo
Oitavo	Ducentesimo
Nono	Tricentesimo
Decimo	Quadrigentesimo
Decimo primeiro ou un-	Quingentesimo
decimo	Sexcentesimo
Decimo segundo ou duo-	Septingentesimo
decimo	Octingentesimo
Decimo terceiro, etc.	Nonagentesimo
Vigesimo	Millesimo
Trigesimo	Millonesimo

Pódem ser incluidos na classe dos numeraes os *multiplicativos*: *simples*, *duplo*, *triplo*, *quadruplo*, *quintuplo*, etc. assim como *corja* que antigamente significava um numero de 20 peças da mesma especie, *ponche*, bebida composta de *cinco* ingredientes, *arroba*, palavra arabe que significa a *quarta* parte, *hecatombe*, que traz ideia de 100.

Da mesma forma as palavras *dizimo*, *grosa* (doze duzias), *par* (dois), *novena*, *vintena*, *quarentena*, os numeraes italianos *duo*, *trio*, etc., e os nomes formados com os termos latinos *deci*, *centi*, *milli*, e com os termos gregos *deca*, *hecto*, *kilo*, *miria*, usadas estas duas classes ultimas em arithmeticá.

Entretanto todas estas palavras são consideradas como substantivos, o mesmo acontecendo a *biennio*, *triennio*, *centenario*, etc. e os formados com o termo *ávos*: *onz'ávos*, *doz'ávos*, etc.

Indefinido é o que indica numero incerto, quantidade não determinada.

Podemos enumerar os seguintes:

Algum, *alguma*, *alguns*, *algumas*, *alguem*; *ambos*, *ambas*; *cada*; *cada um*, *cada qual*; *certo*, *a*, *os*, *as*; *de-*

mais; diverso, a, os, as; mesmo, a, os, as; mais; menos; muito, a, os, as; nada; nenhum, nenhuma, nenhuns, nenhumas, ninguem; outro, a, os, as, outrem; pouco, a, os, as; qual, quae (répetido); qualquer, qualquier (forma arcaica); quaequer; quanto, a, os, as; que (significando qual, quae, quanto, que causa); quem; só, sós; tal, taes; tanto, a, os, as; todo, a, os, as, tudo; um, uma, uns, umas; varios, as.

Entre os *indefinidos* pôdem ser incluidos: *Fulano*, e por analogia — *sicrano*, *beltrano* e o termo — *gente*.

Adjectivo articular ou **artigo** é a palavra que modifica o substantivo de um modo preciso, determinado, particular.

O artigo portuguez é unicamente com suas variações: *o, a, os, as*, antigamente — *lo, la, los, las*.

O artigo contrai-se e combina-se, em geral, com os termos *a, de, em* e *per* da maneira seguinte:

ao — a *o*,

á — a *a*,

aos — a *os*,

ás — a *as*,

do — de *o*,

da — de *a*,

dos — de *os*,

das — de *as*,

no — em *o*,

na — em *a*,

nos — em *os*,

nas — em *as*,

pelo — per *lo*,

pela — per *la*,

pelos — per *los*,

pelas — per *las*.

Além do artigo *o* e suas variações, a Lingua portugueza conserva o artigo *el*, arcaico, usado na forma *el-rei*.

Já vimos que pôdem os adjetivos determinativos ser usados sem substantivo claro, e que tomam, quando exercem esta função, a denominação de pronome.

Alguns grammaticos, porém, só dão a denominação de pronome aos pessoaes.

Pronome pessoal é o que lembra um nome em referência ás pessoas.

As pessoas são tres: aquella que fala, aquella com quem se fala, e aquella de quem se fala.

Os pronomes pessoaes são tres:

1.^ª pessoa: *eu, nós.*

2.^ª pessoa: *tu, vós.*

3.^ª pessoa: *elle, ella, elles, ellas.*

As variações da 1.^ª pessoa são:
me, mim, comigo.

nós, comnosco.

As variações da 2.^ª pessoa são:

te, ti, comtigo.

vós, comvosco.

As variações da 3.^ª pessoa são:

lhe, lhes.

o, a, os, as.

se, si, comsigo (fórmulas reflexas).



IV

Verbo

Verbo é a palavra que exprime um facto.

Os chinezes chamam aos verbos *palavras vivas* em contraposição aos nomes — *palavras mortas*.

Para que um facto se dê, para que uma acção se realize, é necessário um *sujeito* que a pratique e muitas vezes um *objecto* sobre que a acção recaia.

Si se attender ao sujeito que levou a effeito esta acção, o verbo adquire *vozes*.

Vozes são as diversas maneiras de ser do sujeito.

As vozes são duas: *activa* e *passiva*.

Activa é aquella em que o sujeito pratica a acção: *temo*.

Passiva é aquella em que o sujeito recebe a acção: *sou temido*.

Existe tambem uma outra voz chamada *media* ou *reflexa*, em que a acção é feita e recebida ao mesmo tempo pelo sujeito: *tu te queimaste*.

E' preciso, porém, notar que em tal caso o verbo é activo ou passivo e não toma fórmula especial.

Si se attender ao objecto sobre que a acção recai, os verbos se dividem em *transitivos* e *intransitivos*.

Transitivo é o verbo que exprime uma acção empregada directa e immediatamente sobre uma pessoa ou um objecto: *amo meus pais; quero os livros.* ~~20X~~

Intransitivo é o verbo que exprime uma acção empregada indirectamente sobre uma pessoa ou objecto, ou exprime simplesmente uma acção completa: *falei com José; venho do Recife; cairei.*

Os verbos transitivos se pôdem tornar intransitivos e vice-versa.

Quando dizemos: — *lemos romances* — o verbo *lér* está empregado na fórmula transitiva; mas si dissermos — *lemos sempre* — este verbo é considerado como intransitivo.

Quando dizemos: — *dormiste bem* — *dormiste* é um verbo de acção intransitiva; si dissermos — *dormiste um sono reparador* — *dormiste* é um verbo transitivo.

Julio Ribeiro affirma: ... «quasi que não ha um só verbo transitivo em Portuguez que se não possa empregar como intransitivo.»

Os verbos se dividem ainda em:

Pronominal é o verbo cuja acção se transmite ao sujeito sem que elle seja seu objecto: *eu me arrependo*. Os verbos pronominaes são conjugados com dois pronomes da mesma pessoa e pôde ter a fórmula reflexa: *elle se feriu*, ou a fórmula reciproca: *elles se feriram*.

Perifrastico é o verbo formado com os verbos *haver*, *ter*, *estar*, *ir*, *vir*, *andar*, *viver*, *poder*, *dever*, *querer*, *saber* (ter aptidão), etc. *Hei de estudar; tenho de comer; estou lendo; ir caindo; vir a comer; andar saltando; viver escrevendo; posso cantar; devo trabalhar; quero brincar; sei estudar.*

Estes verbos, conforme a ideia que exprimem, ou a significação que têm, apresentam-se sob forma simples ou composta, e se dividem em: *promissivo*, quando indicam uma promessa: *havemos de estudar*; *obrigatorio*, si mostram uma obrigação: *tens de trabalhar*; *frequentativo*, *reiterativo*, *continuativo*, *iterativo*, quando exprime um fenômeno repetido: *vir caindo*, *anda brincando*, *saltitar*, *esbofetejar*, *tornar a lêr*, *revêr*, *recair*; *neoativo*, quando indica o começo do fenômeno: *alvorecer*, *começar a lêr*.

Defectivo é o verbo a que faltam algumas linguagens: *querer*, *jazer*.

A Língua portuguesa poucos verbos defectivos possue, e o uso muito concorre para sua completa extinção.

Unipessoal é o verbo que só se conjuga na 3.ª pessoa: *trovejar*, *chover*, *ocorrer*, *constar*, *acontecer*.

Como exprimem factos que não são referidos a pessoas ou cousas determinadas, os verbos *unipessoas* tambem se denominam de *impessoas*.

Os verbos *impessoas* se podem tornar *pessoas*, em sentido figurado.

Os verbos ainda pôdem ser *substantivo* e *atributivo* ou *adjectivo*.

Verbo substantivo é o que exprime a afirmação de conveniencia ou desconveniencia entre duas idéias.

Ser é o unico verbo substantivo. É tambem denominado *verbo abstracto*.

Ás vezes o verbo *estar* assemelha-se na sua função ao verbo substantivo, mas esse verbo além de exprimir a afirmação, exprime tambem a existencia e posição.

Por sua vez o verbo *ser* se usa em lugar do verbo *estar*, quando indica permanencia, estado ou existencia.

Ao verbo substantivo *ser* não cabe nenhuma das divisões até aqui apontadas; sómente forma a voz passiva no caracter de *auxiliar*.

Ha grande distinção entre os verbos *ser* e *estar*.

Ser exprime um estado permanente, habitual, indica uma qualidade inerente ao sujeito: *Pedro é doente*.

Estar exprime um estado, uma situação passageira, transitória, indica uma qualidade accidental: *Pedro está doente*.

Verbo atributivo ou **adjectivo** é o que exprime afirmação com idéia de modo ou qualidade: *amar*, *partir*.

Também pode o verbo *adjectivo* ser denominado *concreto*, contendo em si o verbo *ser* acompanhado de um atributo: *crer*, *ser crente*; *dever*, *ser devedor*; *estudar*, *ser estudante*.



V

Palavras invariaveis

Ha certo acordo entre as grammaticas em considerarem como palavras invariaveis o *adverbio*, a *preposiçao* e a *conjunção*.

A estas se pôde juntar a *interjeição*, que não é propriamente palavra.

Estas quatro classes têm o nome de *particulas*.

I

Adverbio é a palavra que exprime uma circunstancia.

O papel do adverbio é modificar o sentido do *adjectivo qualificativo*, do *verbo* e de outro adverbio.

As circunstancias expressas pelo adverbio são de:

Tempo: *agora, ainda, hoje, amanhã, antes, cedo, tarde, já, logo, nunca, depois, jamais, sempre, ontem, atrás, então*.

Lugar: *cá, ali, lá, acolá, fóra, dentro, perto, aqui, aquem, além, avante, onde, atrás, longe, eis*. Leoni chama

aos adverbios — *aqui, ali, acolá* — *de pronominaes, porque esse, aquelle.*
correspondem aos pronomes — *este, essa*.

Ordem: *antes, primeiramente, depois, ultimamente.*

Quantidade: *mai, muito, pouco, assás, tam, tanto, mais, menos, quam, quanto, quasi, só, sómente, apenas, unicamente.*

Affirmação: *sim, certamente, verdadeiramente.*

Negação: *não, nunca, jámais.*

Duvida: *talvez, acaso, quiçá, provavelmente.*

Exclusão: *só, sómente, apenas, siquer.*

Modo: *bem, mal, assim, e em geral os adverbios terminados em mente.*

Locução adverbial é um grupo de palavras com função de adverbio: *ás carreiras, donde, até ali, de fóra, em baixo, ante ontem, de repente, sem duvida, em vão, a pouco e pouco, eis aqui, etc.*

II

Preposição: é a palavra que exprime a relação de dependencia que existe entre dois vocabulos.

Locução prepositiva é um grupo de palavras com função de preposição: *em cima de; conforme a; por de sobre.*

As preposições mais communs são: *a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, per ou por, para, sem, sob, sobre.* São chamadas *preposições essenciaes.*

Há, além destas, certos adjectivos derivados de verbos que têm valor de preposição, como: *durante, salvo, excepto,*

consoante, segundo, conforme, mediante, etc. que se denominam *preposições accidentaes*.

As preposições classificam-se pelas relações que exprimem.

A preposição *A* exprime:

— **Medida**: *Vender a metros.*

— **Direcção**: *Ir a Olinda.*

— **Tempo**: *A 10 de Junho.*

— **Modo**: *Andar a cavallo.*

— **Posição**: *Ao longe.*

— **Distancia**: *A duas leguas.*

— **Instrumento**: *Bater-se a espada.*

— **Materia**: *Pintura a óleo.*

— **Lugar onde**: *Estar á janella.*

— **Conformidade**: *A meu juizo.*

— **Fim**: *Trabalhar a bem da patria.*

— **Meio**: *Matou-o a fome.*

— **Preço**: *A 10\$000 o metro.*

A preposição *Ante* exprime:

— **Posição fronteira**: *Apresentou-se ante o tribunal.*

— **Antecedencia**: *Pé ante pé.*

A preposição *Até* exprime:

— **Termo de lugar, de tempo, de quantidade ou de acção**: *Até a cidade, até a tarde, até cem mil réis, até morrer.*

A preposição *Após* exprime:

— **Situação posterior, de lugar ou de tempo**:
Após tantas ruas; após a chuva.

A preposição *Com* exprime:

— **Companhia**: *Vou com meu filho.*

— **Conteúdo**: *Um copo com agua.*

Cent.

Qualidade: Um moço com carácter.

Preço: Pagou tudo com mil réis.

Opposição: Lutou com elle.

Modo: Com bôas maneiras, com lealdade.

Meio: Com zombaria.

Causa: Caiu com o tiro.

Instrumento: Com ferro em braza.

Proximidade, junção: Coser-se com a terra.

A preposição *Contra* exprime:

Opposição: Trabalhou contra elle.

Situação fronteira: Turma contra turma.

Posto imediato: Contra mestre.

A preposição *De* exprime:

Lugar, ponto de partida: Vir de Olinda.

Posse: Livro de João.

Materia: Copo de ouro.

Direcção: Andar de porta em porta.

Tempo: De madrugada.

Extensão: Viagem de 20 leguas.

Idade: Moço de 20 annos.

Separação: Tirar os filhos de casa.

Motivo: Morrer de vergonha.

Meio: Cobrir de areia.

Origem: Descendente de nobres.

Medida: Rua de 50 metros.

Quantidade: Força de 100 cavallos.

Modo: Estar de maré.

Instrumento: Tiro de espingarda.

A preposição *Desde* exprime:

Ponto de partida: Desde Pernambuco.

Tempo: Desde minha infancia.

— A preposição *Em* exprime :

Lugar onde, interior : *No Recife, no bolso.*

— **Tempo** : *Em 1904.*

— **Mudança de estado** ou de forma : *Cair em pobreza; feito em pedaços.*

Destino, fim : *Ir em socorro; ficou em refém.*

Valor : *Estimado em 100\$000; ter-se em conta de gente.*

Divisão : *Comedia em dois actos.*

Modo : *Escrever em verso.*

Assunto : *Cuidar em trabalhar.*

Qualidade : *Ouro em pó; ferro em braza.*

A preposição *Entre* exprime :

Posição média : *Entre Scylla e Carybides.*

Reciprocidade : *Têm relação entre si.*

Lugar interior : *Dizendo entre si.*

A preposição *Para* exprime :

— **Lugar para onde** : *Vou para o Recife.*

— **Fim** : *Estudo para aprender.*

— **Tempo** : *Para a semana proxima.*

Lugar onde : *Móra lá para as bandas de Olinda.*

Proporcionalidade : *Tres está para quatro, como cinco está para seis.*

A preposição *Por* exprime :

Lugar por onde : *Por montes e valles.*

Causa : *Agiu por interesse inconfessável.*

Duração : *Privilegio por 10 annos.*

Modo : *Falar por alto.*

A favor : *Intercedeu por mim.*

Preço : *Comprou por 20\$000.*

Troca : *Deixou o certo pelo duvidoso.*

Suposição : *Tinha a batalha por ganha.*

Falta: Estava o livro por acabar.

Lugar onde: Derramado pelo chão.

Meio: Subiu por intrigas.

Instrumento: Atravessado por um golpe de espada.

Tempo: Chegará por esses dias.

A preposição *Sem* exprime:

Falta: Alcançar fama sem proveito.

A preposição *Sob* exprime:

Posição inferior: Sob o cristalino céu.

Espaço de tempo: Sob os Imperadores romanos

Meio: Sob juramento.

A preposição *Sobre* exprime:

Posição superior: Vive sobre a terra.

Proximidade: Sobre a noite.

Direcção: Foi sobre o inimigo.

Excesso: Bebeu sobre posse.

Assunto: Deu parecer sobre o projecto.

III

Conjunção é a palavra que indica a relação entre dois juízos, entre duas idéias ou entre duas orações.

Locução conjuntiva é um grupo de palavras com função de conjunção: *ainda que, isto é, por exemplo*.

As conjunções se dividem em *coordenativas* e *subordinativas*.

Coordenativa é a conjunção que estabelece relação entre orações independentes, da mesma natureza e que têm a mesma função da frase.

Subordinativa é a conjunção que estabelece relação entre orações dependentes, de natureza diversa, das quais uma completa a outra.

As coordenativas são:

Copulativa: *e, tambem, nem, outrosim.*

Adversativa: *mas, porém, contudo, todavia, entretanto, não obstante.*

Conclusiva: *logo, pois, portanto, por conseguinte.*

Disjuntiva: *nem, ou, já, quer, ora.*

As subordinativas são:

Condicional: *si, não, contanto que, a menos que.*

Concessiva: *quer, embora, posto que, ainda que.*

Temporal: *quando, antes que, enquanto, apenas.*

Causal: *porque, por isso, que, já que, visto como.*

Integrante: *que, si, como.*

Comparativa: *como, assim como, que, quanto.*

Final: *para que, afim de que, de modo que.*

Explicativa: *como, a saber, isto é, por exemplo.*

IV Causal

Interjeição é um som articulado que exprime um sentimento subito: *ah! eh! ui!*

«As interjeições não podem caracterizar o genio de nenhuma lingua porque pertencem geralmente a todas.

«São gritos naturaes, indicativos de dôr ou de alegria, que geralmente se observam nas aves e nos quadrupedes e por este motivo julga-se que taes gritos não devem ser reputados partes da oração.»

As interjeições são gritos que exprimem os sentimentos de uma maneira primitiva e animal.

Gritos naturaes e espontaneos em geral, existem, entretanto, algumas interjeições convencionaes mas que de tam usadas e communs que são, já se empregam insensivelmente, demonstrando um sentimento intimo.

Das interjeições naturaes, ou propriamente ditas, a mais commum, que serve para reforçar o vocativo, é: *ó, oh!*

As interjeições indicam:

Appello: *olá! aqui d'el-rei!*

Dôr: *ai! ui! apre! guai!*

Admiração: *ha! ah! oh!*

Mando ou exortação: *eia! sus!*

Repugnancia ou aversão: *apage! irra! fóra!*

Alegria: *ah! oh! eh!*

Silencio: *chiton! psiu!*

As interjeições convencionaes *coragem! misericordia!*
diabo! safá! adeus! etc., representam fórmas abreviadas.

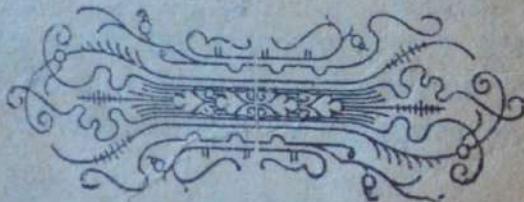
Empregamos tambem muitas interjeições de linguas estrangeiras: *apage! eia! sus! bravo! hip! hurrah! caramba! oxalá!*

Locução interjectiva é um grupo de palavras com função de interjeição: *Ai de mim! Deus nos acuda! Hom'essa! Aqui d'el-rei! Ave Maria!*

Na classe das interjeições se pódem incluir as *onomatopéas*, que são sons imitativos: *bum-bum, glu-glu, cri-cri, tique-taque.*

Por meio das onomatopéas pinta-se o objecto pelo som ou pelo ruido que elle produz.

As *interjeições*, exprimindo os varios estados da alma, são internas, subjetivas; as *onomatopéas*, indicando os sons dos objectos, são externas, objectivas.



Campenomia

Campenomia é a parte da morfologia em que se estudam as flexões das palavras.

Flexões são as variações morfológicas que os vocábulos soffrem em sua terminação.

As flexões se dividem em *nominaes* e *verbaes*.

Flexões nominaes são as modificações que os nomes soffrem: de *genero*, *numero* e *gráu*.

Flexões verbaes são as modificações que os verbas soffrem: de *modo*, *tempo*, *pessôa*, etc.

Ha diversas teorias para explicar a origem destas mudanças de fórmas nas terminações.

A escola moderna provou que estas flexões eram originariamente palavras que tinham significação distinta, eram, por assim dizer, pronomes, participios, etc., que se soldaram á raiz.

Este fenomeno acha-se palpítante nas fórmas do futuro e do condicional das línguas romanicas.

Em Portuguez: *amarei* — *amar-hei*; *amaria* — *amar* — *havia* — *amar-hia*.

O Latim forma os perfeitos por meio de composição, como *amavi* em que *vi* está por *fui*.

O Francez tem as fórmas analíticas *j'ai aimé* e o futuro *aime*, *rai* por *j'ai à aimer*.
O Inglez tem a terminação *d* ou *ed* que é o preterito *did*.

A simples analise de uma palavra nos mostra que existe, tem nella dois elementos: *radical* ou *tema* e *terminação*.

Radical é a parte que indica a idéia principal da palavra e é geralmente invariável.

Terminação é o elemento secundário, menos importante, geralmente variável.

Ao radical se podem juntar os *affixos*, que se dividem em: *prefixos*, *suffixos* e *infixos*.

Prefixos são os elementos que se collocam antes do radical: *HEMI-sferio*.

Suffixos são os elementos que se collocam depois do radical: *fac-ADA*.

Infixos são os elementos que se collocam no meio do vocabulo: *amar-TE-ei*; *animal-z-inho*. X

As palavras são compostas de orgams que têm um sentido; na palavra *padeiros*, distinguimos o radical *pad*, a raiz *pa*, que indicam a idéia principal, o suffixo *eiro* que mostra o factor, e o orgam *s* que indica a pluralidade.

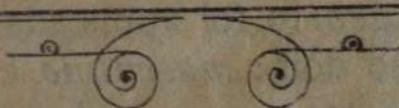
Costuma-se muitas vezes na prática confundir raiz e radical, o que convém distinguir.

Raiz é o elemento mais simples, irreductível, que encerra a idéia originaria, a idéia donde etimologicamente decorre um grupo de palavras; *radical* ou *tema* é o vocabulo sem a desinencia ou terminação. Assim na palavra *desanimar*, temos o prefixo *des*, a terminação *ar*, o radical *desanim* e a raiz *an* que significa *respirar*, *viver*.

Da raiz *mod* ou *mid* (adaptar, conciliar) formamos: *modo*, *modo*, *medico*, *medicina*, *moderador*, *immoderado*, *commodo*, *incommodo*, *acommodar*, *medio*, em que se vê que o radical é *mod*, *medic*, *moder*, *comod*, etc., e a raiz é *mad* ou *mid*.

Com a raiz latina *spec* (vêr) possuimos em Portuguez as palavras: *respeitar, respeito, respeitavel, bispo, respectivo, respeitosamente, respectivamente, despeito, suspeitar, suspeita, circunspecto, inspector, inspecção, aspecto, prospecto, perspicacia, perspectiva, expectativa, auspicio, especular, especulador, espio, especie, especial, específico, espelho, etc.* (Deduzido de Max Muller).

Entretanto, despojando estas palavras de suas terminações, as formas que restam se distinguem fundamentalmente, não se assemelham de maneira alguma.



Substantivo

I

FLEXÃO DE GÊNERO

Genero é a distinção do sexo dos animaes. Por extensão a noção de genero foi applicada aos objectos.

Os generos são dois: *masculino* e *feminino*.

Ha tres processos para se determinar o genero dos substantivos: a *significação*, a *terminação* e a *acepção*.

São **masculinos** pela *significação*: os nomes de animaes machos: *João, cavallo*; os nomes de deuses: *Satanaz, Baccho*; os nomes de officios, profissões e titulos proprios de homem: *lavrador, pintor, bispo, professor, deputado*; os nomes dos pontos cardinais e ventos: *norte, sul, Zefiro*; os nomes de rios, montes, mares: *Beberibe, Alpes, Caspio*; os nomes de mezes: *Janeiro*; as notas de musica e os nomes de numeros: *dó, ré, mi; dez, cem*; as fórmas dos verbos tomadas como substantivo: *o AMAR, um TOMA e dois TE DAREI*.

São **femininos** pela *significação*: os nomes de animaes femeas: *Maria, leôa*; os nomes de deusas e divindades.

des: *Venus, Justiça*; os nomes de profissões, officios, etc., proprios de mulher: *costureira, lavadeira, professora, duqueza*; os nomes das cinco partes do mundo, ilhas, cidades, villas e aldeias: *America, Creta, Roma*; os nomes dos dias da semana, com excepção do *sabbado e domingo*; os nomes de sciencias, artes e letras, com excepção do *desenho*; os substantivos abstractos: *séde, embriaguez*.

São **masculinos** pela terminação:

1.º os terminados em *á*, como: *cajá*; exceptua-se: *pá*;

2.º os terminados em *e*, como: *pente*; exceptuam-se: *arvore, ave, carne, cidade, fonte, ponte, rêde, serie*, etc., e os substantivos abstractos;

3.º os terminados em *é*, como: *café*; exceptuam-se: *chaminé, fé, galé, libré, maré, polé, ralé, ré, sé*;

4.º os terminados em *i*, como: *jaboti*; exceptua-se: *juriti*;

5.º os terminados em *o*, como: *tinteiro*; exceptua-se: *virago*;

6.º os terminados em *ó*, como: *cipó*; exceptuam-se: *avó, eiró, enxó, filhó, ilhó, mó, teiró*;

7.º os terminados em *u*, como: *cajú*; exceptua-se: *tribu*;

8.º os terminados em *ai, au, eu*, como: *pai, pau, chapéu*; exceptua-se: *náu*;

9.º os terminados em *al, el, il, ol, ul*, como: *animal, cordel, funil, anzol, paul*; exceptuam-se: *cal, cathedral, decretal, pastoral, moral, vestal, capital* (cidade principal);

10.º os terminados em *am, an, em, en, im, in, om, on, um*, como: *orgam, iman, homem, himen, serafim, gruin, som, colón, jejum*; exceptuam-se: *adem, nuvem, ordem*, e os terminados em *gem*, como: *imagem, personagem, vertigem, ferrugem*;

11.º os terminados em *ar, er, ir, or, ur*, como: *altar, prazer, porvir, calor, catur*; exceptuam-se: *colher, mulher, côr, dôr, flôr*;

12.º os terminados em *az, paz*; os terminados em *ez*, como: *mez*; exceptuam-se: *tenaz, paz*;

tuam-se: fez (só usado no plural fézes), rez, tez, torquevez; os terminados em *iz*, como: *juiz*; exceptuam-se: *aboverviz*, *cicatriz*, *codorniz*, *matriz*, *perdiz*, *raiz*, *sobrepeliz*, *variz*; os terminados em *oz*, como: *calabroz*; exceptuam-se: *foz*, *noz*, *pioz*, *voz*; os terminados em *uz*, como: *arcabuz*, *exceptuam-se: cruz, luz;*

13.º os terminados em *is* e *us*, como: *oasis*, *pús*; exceptuam-se: *bilis*, *cutis*, *phenis*;

14.º os terminados em *ão*, como: *coração*, e os substantivos: *caixão*, etc., ainda que sejam femininos os portões: *portão*.

Outros, porém, derivados do feminino latino conservam este gênero em Portuguez: *ocasião*, *multidão*. +

São **femininos** pela terminação:

1.º os acabados em *a*, como: *caneta*, *lira*; exceptuam-se: *dia* e em geral os nomes gregos em *a*, como: *planeta*.

2.º os terminados em *ã* e *ê*, como: *irmã*, *lã*, *mercado*. Exceptuam-se: *talismã* e *iman*. Os terminados em *ã* se confundem com os terminados em *an*.

3.º os terminados em *ade*, como: *saudade*; exceptuam-se: *alvaiade*, *alcaide*, *abbade*, *frade*.

Pela accepção temos:

Capital, fundo monetario, é masculino.

Capital, cidade principal, é feminino.

Cabeça, chefe principal, é masculino.

Cabeça, parte do corpo, é feminino.

Cura, sacerdote, é masculino.

Cura, curativo, é feminino.

Lente, professor, é masculino.

Lente, vidro de aumento, é feminino.

Corneta, homem que toca o instrumento, é masculino.

Corneta, instrumento, é feminino.

Champanha, *Madeira*, nomes geograficos, são feminino.

Champanha, *Madeira*, vinhos ahi fabricados, são masculinos.

Há incerteza do gênero de certos substantivos por par-

dos escritores: personagem, trama, fantasma, colera (doença), aneurisma, faringe, laringe, crisma, etc.

Poucas são as regras para a formação do feminino dos substantivos:

1.^a os que acabam em consoante soffrem o aumento da letra *a*: *autor, autora; portuguez, portugueza*;

2.^a os que acabam em vogal soffrem a troca dessa letra para *a*: *filho, filha; infante, infanta*.

3.^a os que acabam em *ão*, mudam estas letras para *ôa*, ou para *ona*, ou para *ã*: *leão, leôa; folgazão, folgazona; irmão, irmã*.

Muitos são os substantivos que formam o feminino irregularmente.

Taes são:

abbade — abbadessa
actor — actriz
alcaide — alcaidessa
autocrata — autocratiz
avô — avó
barão — baroneza
bode — cabra
boi — vaca
cão — cadella
carneiro — ovelha
cavallo — egua
cervo — corça
compadre — comadre
conde — condessa
consul — consuleza
czar — czarina
diacono — diaconiza
dom — dona
duque — duqueza
embaixador — embaixatriz

frade — freira
frei — soror
gallo — gallinha
gamo — corça
genro — nora
herói — heroina
homem — mulher
ilhéu — ilhôa
ladrão — ladra
macho — femea
macho — besta
marido — mulher
monge — monja
mu — mula
padrasto — madrasta
padre — madre
padrinho — madrinha
pai — māi
papa — papiza
paídal — pardoca

perdigão — perdiz
perú — perúia
poeta — poetiza
príncipe — princeza
prior — prioreza
profeta — profetiza
rapaz — rapariga
rei — rainha

réu — ré
sacerdote — sacerdotiza
sandeu — sandia
sultão — sultana
tecelão — tecedeira
tabaréu — tabarôa ou tabaré
veado — cerva
zangão — abelha

Alguns substantivos admittindo flexão de genero indicam aumento de volume ou de capacidade: *jarro, jarra, vallo, valla; tacho, tacha.*

Outros cujo masculino indica unidade ou generalidade e o feminino colleção: *fruto, fruta; ramo, rama; baga, baga; marujo, maruja; lenho, lenha; grito, grita.* O feminino abrange, comprehende o masculino.

Outros, finalmente, cuja flexão feminina dá ao substantivo uma significação completamente diferente da fórmula masculina:

barro — argila
cachaço — pescoço
tino — juizo, instinto

barra — entrada do porto
cachaça — aguardente
tina — vasilha

Ha substantivos que, debaixo de uma só fórmula, designam ambos os sexos: são os **epicenos**.

Para distingui-los juntam-se-lhes os adjectivos *macho* e *femea*.

Assim, por exemplo, quando ha necessidade de diferenciar os sexos dos substantivos epicenos *tigre, sabiá, cegonha*, diz-se: *o tigre macho, o tigre femea*, ou, então, *o macho do tigre, a femea do tigre; a sabiá macho, o macho da sabiá, etc.*

Outros substantivos têm o genero determinado pelo adjectivo que modifica o seu sentido: *o martir, masculino; a martir, feminino; este hipocrita, masculino; esta hipocrita, feminino.*

Estes substantivos são conhecidos pelo nome de **communs a dois**.

Alguns grammaticos dão aos substantivos epicenos e communs a dois o nome de *uniformes*; aos outros chamam *biformes*.

Em Portuguez, como vimos, os generos são dois: *masculino* e *feminino*; entretanto a Lingua latina, donde se originou a nossa, tem mais um que é *neutro*.

E' bom notar que os romanos cedo perderam tambem o sentido do emprego do neutro, genero a que, com muita razão, chamam os grammaticos indianos *kliva*, isto é, *eunuco*.

Apesar de só terem passado para o Portuguez os generos masculino e feminino, acha João de Barros que pôdem ser classificados como neutros: os nomes das letras do alfabeto, os substantivos verbais: *o querer, o amar*, etc., e o artigo *al*.

Soares Barbosa considera neutras as terceiras terminações de alguns dos adjectivos de tres fórmas, a primeira dos adjectivos de duas e ainda a unica dos adjectivos de uma só, quando empregados no discurso ou substantivadamente ou para modificarem ~~funções~~ in-

Temos as fórmas: *este* (masc.), *esta* (fem.), *isto* (neutro); *esse* (masc.), *essa* (fem.), *isso* (neutro); *aquelle* (masc.), *aquella* (fem.), *aquillo* (neutro); *todo* (masc.), *toda* (fem.), *tudo* (neutro); *algum* (masc.), *alguma* (fem.), *algo* (neutro); *elle* (masc.), *ella* (fem.), *ello* — *antigo* — (neutro); *outro* (masc.), *outra* (fem.), *outrem* (neutro).

Como affirma Theophilo Braga em sua *Grammatica*, ha alguns adjectivos de uma só forma para o *masculino* e *feminino* que também affectam esta forma neutra:

<i>Rude</i>	m. e f.	<i>Rudo</i> , neutro
<i>Acre</i>	m. e f.	<i>Agro</i> , neutro
<i>Cem</i>	m. e f.	<i>Cento</i> , neutro
<i>Abundante</i>	m. e f.	<i>Avondo</i> (antigo), neutro

Diez é de parecer que sempre que os adjectivos *aquillo*, *algo*, *outrem*, *isso*, etc., preencherem funções de substantivo e vierem empregados como predicados de um nome neutro ou de uma frase inteira, devem ser considerados como do genero neutro.

Bergmann é de opinião que as fórmas substantivas: *o verdadeiro*, *o bello*, *o bom*, são verdadeiros tipos do neutro.

Além destes, possuimos termos latinos que, por serem do genero neutro nessa Lingua, pôdem ser considerados do mesmo genero em Portuguez onde são empregados: *memorandum*, *ultimatum*, *fas*, *nefas*, *agenda*, *mare magnum*, *Corpus Christi*.

Os nomes neutros em Latim se tornaram masculinos ou femininos em Portuguez. Em Latim mesmo se encontra a confusão dos generos a ponto de serem masculinas palavras que eram do genero neutro. Os nomes neutros no plural em — a — se confundem com os nomes da primeira declinação.

Estudando-se os varios periodos da Lingua Portugueza, verifica-se a mudança do genero de algumas palavras.

Assim: *mar* era feminino, como ainda hoje se vê nas palavras *preia-mar* e *baixa-mar*.

Fantasma e *fenix* eram masculinos e femininos.

Vieira empregou, no feminino: *uma fantasma medonha*.

Tribu era masculino, e assim usou Antonio Vieira: *De TODOS OS dez TRIBUS. OS DOZE TRIBUS DE ISRAEL*.

Cometa, *diadema*, *estratagema*, *theorem*, *mappa*, *problema*, eram femininos.

Linhagem, *origem*, *base*, *piramide*, eram masculinos.

Camões empregou: *A PLANETA APRESSADA*.

Vieira disse: *Si Christo tirára A DIADEMA. Vistes O TORRENTE formado da tempestade. AQUELLE CATASTROFE admiravel*. Christovam Falcão: *Ao pé de UM ARVORE estava..*

João de Barros usou de *A CLIMA*.

Bluteau quer que seja feminino o substantivo *grude* e masculinos *sege*, *tribu*, *anecdotos* (anecdotas).

Foca, feminino em Latim e em Portuguez moderno, era antigamente masculino, como em Felinto: *Mataram UM grande FOCA*; e Camões: *Que só dos FEIOS FOCAS se navega*.

Fim era feminino, como se vê no *Cancioneiro Geral* de Garcia de Rezende: *Por seu nojo e MINHA FIM*: em João de Barros: *Dizem que A FIM do mundo ha de ser per fogo*, e em Gil Vicente: *Os mais têm FINS DESASTRADAS*; no Leal Conselheiro: *Para trazer a DEVIDA FIM qualquer boa e grande obra*.

Garrett diz: O povo, á maneira de nossos antigos escritores, ainda hoje faz *fim* ora masculino ora feminino, mas não indiferentemente, nem a tôa. *Fim*, como alvo, objecto, é sempre masculino; como termo, acabamento de vida, sempre feminino, para elles.

aldeões; de

ou ermitã

lão f

tru

FLEXÃO DE NUMERO

Numero é a propriedade que têm os substantivos de mostrar a unidade e a pluralidade pela mudança de terminação.

Os numeros são dois: *singular* e *plural*, que, existentes em Latim, passaram para Portuguez.

Algumas palavras fazem lembrar o *dual* da lingua grega; taes são: *dois, ambos, nós, vós*, etc.

A regra geral para os substantivos formarem o plural é acrescentar a letra *s* ao singular.

X Esta letra é a terminação do acusativo plural das declinações no Latim, com excepção dos nomes neutros.

Destes nomes neutros, cujo acusativo termina em *a*, possue o Portuguez, indicando idéia de plural, palavras, como *alimaria* (os animaes), *moda* (os modos).

REGRAS PARA A FORMAÇÃO DO PLURAL

Os substantivos que terminam em vogal, oral ou nasal, soffrem o acrescimo da letra *s*, seguindo a regra geral: *livro, livros; maçã, maçãs; orgam, orgams*. Exceptuam-se: *ademan* e *canon* que fazem *ademanes* e *canones*.

Fazem tambem o plural regular os substantivos originados de linguas estrangeiras: *almanach, almanachs; bond, bonds; deficit, deficits*.

Outros, porém, conservam o plural originario: *memorandum, memoranda; erratum, errata; dilettante, dilettanti; confetto, confetti*.

Os que no singular já terminam em *s*, não soffrem alteração passando para o plural: *pires*.

Exceptua-se *Deus* que, significando os deuses ou femininos ou falso, faz *Deuses*; simples (drogas, ingredientes) faz *simplices* e antigamente *ourives* e *alferes* que faziam fusão dos generos com *ourivezes* e *alferezes*.

Garcia de Rezende escreveu: *OURIVEZES* e *escultores*. E assy como os *OURIVEZES*.

O singular era *ourivez* e o plural *ourivezes*.

Camões usou *ALFEREZES* no verso: *Alferezes volteiam as bandeiras.*

A forma *simples* no plural é já bastante antiga.

Garcia d'Orta intitulou um seu famoso e apreciado livro de *Dialogo dos SIMPLES e Drogas da India.*

Todavia Duarte Nunes Leão ainda emprega: *outros infinitos os quaes são SIMPLEZES e não compóstos.*

Os substantivos terminados em *ão* formam o plural de tres modos:

Uns seguem a regra geral, isto é, soffrem o acrescimo da letra *s*: *mão, mãos; ancião, anciãos; cidadão, cidadãos.*

Outros mudam a terminação *ão* para *ões*: *coração, corações.*

Outros mudam a terminação *ão* para *ães*: *capitão capitães*

Geralmente a forma da palavra do Latim determina o plural em Portuguez.

Assim si os substantivos fizerem o acusativo plural em *anos*, em Portuguez o plural é *ãos*: *granos, grãos; germanos, irmãos.*

Si fizerem o acusativo plurál em *ones*, o plural portuguez é *ões*: *leones, leões; actiones, acções.*

Si fizerem o acusativo plural em *anes*, o plural portuguez é *ães*: *panes, pães; canes, cães.*

Outros autores, como Vera e Duarte Nunes Leão, sujeitam estas regras á derivação castelhana:

Si o nome castelhano terminar em *an*, o plural é *ães*: *sacristan, sacristães*; si terminar em *ano*, o plural é *ãos*: *ciudadano, ciudadãos*; se terminar em *on*, o plural é *ões*: *coraçon, corações.*

Os que não tiverem origem latina ou castelhana fórmam o plural em *ões*.

Ha certos nomes terminados em *ão*, cujo plural não está bem determinado: *aldeão* faz *aldeões*, ou *aldeães*, ou

aldeões; *deão* faz *deões*, ou *deães*; *ermitão* faz *ermitões*, ou *ermitães*; *guardião* faz *guardiões*, ou *guardiães*; *lão* faz *villões*, ou *villãos* ou *villães*; *truão* faz *truões* ou *truães*.

Os que terminam em *em*, *im*, *om*, *um*, mudam o *m* em *ns*: *homem*, *homens*; *serafim*, *serafins*; *som*, *sons*; *atum*, *atuns*.

Os que terminam em *al*, *ol*, *ul*, mudam o *l* em *es*: *animal*, *animaes*; *lençol*, *lenções*; *paúl*, *paúes*.

Exceptuam-se: *cal*, *mal*, *real*, *curul*, *consul* e seus compostos que fazem *cales* ou *calces*, *males*, *réis*, *curules* e *consules*.

Os que terminam em *el* mudam o *l* em *is*: *papel*, *papeis*. *Mel* faz *meles* ou *méis*, ou não se usa no plural.

Os que terminam em *il* não acentuado, mudam o *il* em *eis*: *réptil*, *répteis*; *projétil*, *projécteis*.

Os que terminam em *il* acentuado, mudam o *l* em *s*: *barril*, *barris*.

Os que terminam em *r* ou *z* acrescentam *es*: *amor*, *amores*; *juiz*, *juizes*. Note-se que o substantivo *carácter* forma o plural *caractéres*; *sóror* (freira confessa) faz o plural *soróres*, havendo mudança da sillaba acentuada.

Os que terminam em *ex* ou *ix* mudam estas letras para *ice* e acrescentam *s*: *index*, *indices*; *calix*, *calices*. Em Portuguez poucos são os nomes desta terminação e apresentam elles duas fórmas no singular: *index*, *indice*; *calix*, *calice*.

OBSERVAÇÃO. — Os substantivos masculinos terminados em *o*, cujo penultimo *o* fôr fechado ou circunflexo, estão subordinados ás seguintes regras prosódicas que se sujeitam ainda a dúvidas.

1.^a Si no feminino á letra *o* fôr fechada, será tambem fechada no plural: *môço*, *môça*, *môços*, *môças*.

2.^a Si no feminino a letra *o* não fôr fechada, tambem não o será no plural: *porco*, *pórca*, *pórcos*, *pórcas*. Exceptua-se *sogro*, no feminino *sógra* e no plural *sôgros*, *sógras*.

3.^a Si o substantivo não tiver feminino, a letra *o* será aberta no plural: *goso*, *gósos*; *corpo*, *córpors*.

Estas regras são as apresentadas geralmente pelos gramáticos. Parece-nos, porém, que as seguintes, deduzidas de um artigo do Dr. Castro Lopes, resolvem a questão, tendo sómente o defeito de serem muito extensas:

Quando o *o* fechado no singular é seguido das letras *b*, *c*, *ç*, *d*, *f*, *gr*, *j*, *l*, *lh*, *m*, *n*, *p*, *rd*, *rm*, *ro*, *rr*, *rs*, *rt*, *rv*, *st*, *t*, *x*, ou *ch*, com o som de *x*, e *z*, conserva-se no plural fechada a dita vogal, como: *globo*, *globos*; *soco*, *socos*; *almoço*, *almoços*; *lodo*, *lodos*; *sofo*, *sofos*; *sogro*, *sogros*; *nojo*, *nojos*; *bolso*, *bolsos*; *piolho*, *piolhos*; *tomo*, *tomas*; *dono*, *donos*; *escopo*, *escopos*; *acordo*, *acordos*; *mormo*, *mormos*; *choro*, *choros*; *morro*, *morros*; *dorso*, *dorsos*; *conforto*, *confortos*; *sorvo*, *sorvos*; *encosto*, *encostos*; *gafanhoto*, *gafanhotos*; *roxo*, *roxos*; *mocho*, *mochos*; *rapozo*, *rapozos*.

Exceptuam-se: 1.º quando o *c* é seguido de *o* mas precedido de *tr*, abre-se no plural: *troco*, *trócos*; 2.º quando o *o* é seguido de *ç*, mas precedido de *p*, ou *tr*, fica aberto no plural: *poço*, *poços*; *destroço*, *destróços*; 3.º *miolo* e *tijolo* fazem no plural — *miólos* e *tijólos* — porque não têm consoante alguma que preceda imediatamente o *o*. Pela mesma razão: — *olho* faz *ólhos*.

4.º Exceptuam-se também — *córo* e *fóro* que fazem *córos* e *fóros*; *socorro* e *forro* que fazem — *socórros* e *fórros*.

5.º *Porto* — faz no plural — *pórtos*.

6.º *Composto*, *imposto* e *preposto* — fazem: *compóstos*, *impostos* e *prepostos*; — e como estes, todos os formados do verbo *pôr*.

Quando a vogal *o* fechada vem antes de *g*, *rn*, *rp*, *so*, *ss*, *v*, no plural transforma-se em *ó* aberto.

Antes de *g*: — *fogo*, *fógos*; — exceptuam-se: — *desafogo* e *pedagogo*.

Antes de *rn*: — *adorno*, *adórnos*.

Antes de *rp*: — *corpo*, *córpos*.

Antes de *so*: — *goso*, *amoroso*, *gósos*, *amorósos* e todos os terminados em *oso*.

Antes de *ss*: — *osso*, *óssos* — exceptuam-se: — *endosso*, *en-sosso*; porque — *endosso* — é composto do vocabulo — *dorso* (o antecedente de *rs*), e — *ensosso*, — é composto de *in* e *salsus* que mudando a *o*, *l* em *s* produz as sillabas — *sosso* — as quais não vêm do substantivo — *osso*.

Antes de *v*: — *ovo*, *óvos*; *povo*, *póvos*.

✓ Alguns substantivos não são usados no singular: *alvinhos*, *atgemas*, *matinas*, *nupcias*, *trevas*, *cocegas*, *oculos*, etc.

Outros não se usam no plural:

1.º os nomes próprios.

Exceptua-se o caso em que são empregados figuradamente, indicando uma classe, ou se applicando a dois ou mais individuos da mesma familia.

Fr. Luiz de Sousa: *Logo mal escreveram os JERONYMOS, os AMBROSIOS, os AGOSTINHOS.*

Luiz de Camões:

*Dá a terra lusitana SCIPIÕES,
CESARES, ALEXANDRES, dá AUGUSTOS.*

Vieira: *Onde estão os PEDROS, onde estão os ANDRÉS, onde estão os JACOBOS, onde estão os FELIPPES e os BARTHOLOMEUS?*

2.º os nomes de sciencias, artes, virtudes, vicios e ventos empregados abstractamente: *filologia, pintnra, caridade, embriaguez, norte.*

3.º os nomes de metaes e substancias inorganicas: *ouro, hidrogenio.*

4.º os nomes de productos animaes e vegetaes: *leite, azeite, cera, borracha.*

Em geral os substantivos abstractos não são usados no plural.

Muitos desses substantivos que não soffrem flexão de plural, são usados no plural por escritores de nota:

Quanto se deve a homens que padecem FOMES, SÊDES, FRIOS, CALMAS ardentissimas. (Jeronymo Osorio).

Assim como eram dois os calices, assim eram tambem duas as SÊDES. (P. Antonio Vieira).

Tirarão os calices e vasos sagrados e applica-los-ão a suas nefandas EMBRIAGUEZES. (Idem).

Entre as POBREZAS e DESEMPAROS, entre os ASCOS e as MISERIAS. (Idem).

Sendo homem de duas FÉS. (Idem).

E Deus que nunca soffreu ALTIVEZAS. (Idem).

Das FOMES, dos perigos grandes. (Camões).

Ha substantivos que, soffrendo a flexão de plural, mudam de significação: *Bem* (amisade) e *bens* (fortuna); *honra* (qualidade do homem puro) e *honras* (dignidades); *liber-*

dade (qualidade do ser livre) e *liberdades* (atrevimento); *letra* (signal alfabetico) e *letras* (literatura, sciencia); *avô* (pai do pai ou da māi) e *avós* (antepassados).

Alguns ministros de sua majestade não vêm cá buscar nosso BEM, vêm cá buscar nossos BENS. (A. Vieira.)

Deixando as armas e as armaduras, a LIBERDADE e as LIBERDADES da vida, se vestiu de um habito religioso. (Idem).

Os substantivos compósitos — separados na escrita por um traço de união — fórmam o plural de um modo especial, conforme os elementos de composição.

Os compósitos de substantivos, de adjectivos, ou de um substantivo e um adjectivo, ambos tomam a forma do plural: *mestre escola*, *mestres-escolas*; *gentil-homem*, *gentis-homens*; *capitão-mór*, *capitães-móres*; *lusco-fusco*, *luscos-fuscos*. Exceptua-se o caso de já haver desapparecido o traço de união que os liga, porque farão o plural como substantivos simples: *madresilva*, *varapáu*, *aguapé*, *vangloria*, que fazem: *madresilvas*, *varapáus*, *aguapés*, *vanglorias*; ou quando o segundo elemento encerra idéia de finalidade, porque sómente o primeiro termo tomará a flexão de plural: *café concerto*, *cafés-concerto* (para concerto).

Padre-nosso faz *Padre-nossos* ou *Padres-nossos*; *salvo-conducto* faz *salvo conductos* ou *salvos-conductos*.

Nos compósitos de verbo e substantivo ou de palavra invariavel e substantivo ou adjectivo, sómente o ultimo termo toma a forma do plural: *guarda-vestido*, *guarda-vestidos*; *sobre-mesa*, *sobre-mesas*; *mal-dito*, *mal-ditos*; *todo-poderoso*, *todo-poderósos*.

Os compósitos terminados em verbo tomam a flexão de plural como si fossem substantivos simples: *vai-vem*, *vai-vens*; *mal-me-quer*, *mal-me-queres*; *bem-te-vi*, *bem-te-vis*; *sangue suga*, *sangue sugas*.

Os compostos de dois substantivos ligados pela preposição *de*, recebem a flexão no primeiro elemento de composição: *cabo-de-esquadra*, *cabos-de-esquadra*; *pão de ló*, *pães de ló*.

Nos compósitos em que o primeiro termo é uma palavra contracta, esta fica invariavel: *fisico-matematica, fisico-matematicas; anglo-alemão, anglo-alemães.*

III

FLEXÃO DE GRÁU

Os substantivos, além da flexão de genero e de numero, pôdem tambem mudar a sua terminação para exprimir a maior ou menor intensidade na grandeza dos objectos.

Dá-se a essa flexão o nome de *gradativa*.

Gráu é a maior ou menor intensidade que pôde ter a significação das palavras.

A noção de gráu se applica a qualquer classe de palavras, conforme o sentido e a extensão que se derem a essa noção.

Deste modo quem negará que nos sinonimos se observa este fenomeno?

Por acaso não terá uma significação mais intensa a palavra *palacio* do que a palavra *casa*?

O mesmo podemos dizer si observarmos a etimologia de certas preposições como: *in*, comparativo *inter*, superlativo *intimus*; *ex*, comparativo *extra*, superlativo *extremus*; *sub*, *super*, *supremus*, etc.

Nos pronomes as fórmas do gráu comparativo ariano *ter* são indiscutíveis: *nos*, comparativo *noster*; *vos*, comparativo *voster*.

Os verbos, por sua vez, pôdem ser susceptiveis de gráu.

Assim, exprimindo a frequencia ou reiteração de um acto, diremos: *saltitar, palpitar* e *tutucar* originados de *saltar, palpitar* e *tocar*.

Este processo é usado pelos indigenas; *muré, flauta, mire-muré, flauta-grande*.

Muitas vezes encontramos as fórmas do gerundio assumindo flexão diminutiva como para dar mais expressão à frase, o que também acontece no Gallego e Espanhol: Estar *dormindinho*.

Da mesma maneira os adverbios aceitam uma mudança na terminação para tomar fórmula diminutiva: *cedinho, devagarinho, depressinha*.

No estilo familiar é uso repetir a mesma palavra para aumentar a força da expressão: Estou muito muito satisfeito.

Os gráus são dois: *augmentativo* e *diminutivo*.
O estado normal da palavra se chama *positivo*.

Augmentativo é o que exprime o exagero, a maior intensidade da significação do substantivo: *caixão*.

Diminutivo é o que exprime a atenuação, a menor intensidade da significação do substantivo: *caixinha*.

O gráu augmentativo e o diminutivo pódem ser *analítico* e *sintetico*.

Analítico é o representado por duas palavras.

N'este caso as palavras empregadas são: *grande* para o augmentativo, e *pequeno* para o diminutivo: *casa grande*, *casa pequena*.

Sintetico é o formado por meio de suffixos.

E' este o caso mais usual na Lingua.

Para formar o *augmentativo sintetico*, devemos observar:

1.º Os nomes que terminam em vogal, perdem esta vogal e soffrem o accrescimo dos suffixos: *ÃO*, *AÇO*, *AZ*, *AZIO*, *ALHA*, *ASTRO*, *ORIO*: *casaco*, *casacão*; *mestre*, *mestraço*; *ladrão*, *ladraçao*; *copo*, *copazio*; *muro*, *muralha*; *poeta*, *poetastro*; *sabido*, *sabidorio*.

2.º Os que terminam em consoante soffrem, sem mais alteração, o accrescimo do suffixo: *mulher*, *mulherão* ou *mulherça*, etc.

Muitos substantivos fórmam o augmentativo de um modo irregular.

Assim de *amigo* o augmentativo é *amigalhão*; de *boca*, *boqueirão*; de *espada*, *espadagão*; de *cão*, *canzarrão*; de *nariz*, *narigão*; de *tolo*, *toleirão*; de *santo*, *santarrão*; de *homem*, *homemzarrão*.

A Lingua Portugueza possúe certas palavras que exprimem aumento, representadas por palavras no positivo: *cansaço, comilão, dizidor, estirão, fujão*.

Para formar o *diminutivo sintetico* devemos observar:

1.º Si o nome terminar em vogal perde a vogal e sofre o aumento do suffixo diminutivo; ou depois de acrescentar a letra *z*, junta-se, sem alteração alguma, esse suffixo: *filho, filhinho; cão, cãozinho*.

2.º Si terminar por consoante junta-se o suffixo, ou se acrescenta primeiro a letra *z* e junta-se depois o suffixo: *colhér, colherinha, colhérzinha*.

3.º Si o nome estiver no plural, perde a letra — *s* — final antes de acrescentar o suffixo diminutivo: *grão, grãozito, grãos, grãozitos; māi, māizinha, māis, māizinhas; arvore, arvorezinha, arvores, arvorezinhas; cão, cãozinho, cães, cãezinhos*.

Os suffixos diminutivos são:

acho: *rio, riacho; culo:* *animal, animalculo; eco:* *livro, livreco; ejo:* *lugar, lugarejo; el:* *corda, cordel; elha:* *aza, azelha; ela:* *via, viela; ete:* *sabão, sabonete; eto:* *côro, côreto; ica:* *flôr, florica; ico:* *abano, abanico; ilha:* *manta, mantilha; im:* *flauta, flautim; inho:* *bolo, bolinho; isco:* *chuva, chuvisco; ito:* *pé, pezito; ola:* *saco, sacola; olo:* *bolo, bolinholo; ote:* *rapaz, rapazote; ucho:* *papel, papelucho; ulo:* *globo, globulo.*

Os augmentativos são muitas vezes tomados em máu sentido, á má parte, são empregados por ironia, exprimindo desprezo: *sabichão*, indica homem ignorante; *valentão*, homem medroso.

Este gráu tem o nome particular de **pejorativo**.

Alguns diminutivos exprimem, em certos casos, carinho, amor: *paizinho, mulherzinha*.

O diminutivo tambem pôde ser formado pela repetição de uma sillaba do substantivo: *Zézé*, formado de *José*; *Lolota*, de *Carlota*; *Lulú*, de *Luiz*.

Esses diminutivos são chamados *hipocoristicos*.

O suffixo augmentativo — *ão* — exprime ás vezes idéia de diminuição: *cordão*, augmentativo de *corda*, exprime objecto de menores dimensões; o mesmo se observa entre *limão* e *lima*; *calção* não é *calça grande*, mas *calça pequena* que vai até ao joelho. O suffixo — *inho* — é sempre do mesmo genero que seu primitivo: *casa*, *casinha*; *bolo*, *bolinho*; o suffixo — *ão* —, entretanto, é de genero diferente: *casa*, *casarão*; *mulher*, *mulherão*.

São de grande interesse as seguintes observações de João Ribeiro :

1.^a Muitas vezes o feminino de um nome é um diminutivo: do positivo *rapaz*, o feminino é o diminutivo *rapariga*; o positivo *gallo* tem para feminino o diminutivo *gallinha*.

2.^a O genero do augmentativo dos femininos pôde ser masculino: *um mulherão*; *um carão*: mesmo pôde succeder aos diminutivos: *um espadim*, *um flautim*.

3.^a Os diminutivos dos nomes de animaes são muitas vezes representados por expressões diferentes que indicam varias fases da vida do animal: *pinto*, *frango*, *gallo*; *bezerro*, *boi*; *novilha*, *vitella*, *vaca*; *leitão*, *porco*; *borrego*, *ovelha*; *poldro*, *sendeiro*, *cavallo*; *borracho* é diminutivo de ave de ninho; *cachorro* diminutivo de animaes quadrupedes.



III

Adjectivo

I

FLEXÕES DE GENERO E DE NUMERO

As leis geraes que regem a flexão generica e numerica dos substantivos, se applicam, com poucas excepções ou ampliações aos adjectivos.

Os adjectivos não têm genero e sim terminações que se adaptam ao genero dos substantivos.

Os adjectivos que não mudam de terminação, são chamados *uniformes*, em contraposição aos outros que são *biformes*, isto é, têm duas fórmas.

Dentre as regras para a formação generica do adjectivo destacamos:

Os adjectivos que terminam em *o*, mudam-no para *a*: *justo, justa, cujo, cuja*. Os terminados em *ovo* e *oso* abrem o penultimo *o*: *novo, nóva; generoso, generosa*. Só é uniforme. O adjectivo *parvo*, significando *pequeno*, segue a regra geral: *parva*, significando *tolo, palerma, nescio*, faz o feminino *parvoa*. Alguma PARVOA tenção, escreveu Camões. As eloquencias PARVOAS e semsabores, disse Herculano.

Os que terminam em *u* acrescentam *a* quando aquella letra é precedida de consoante: *cru, crua*. Quando faz parte do ditongo *eu* muda-se este ditongo em *ea*: *europeu, europea; plebeu, plebêa; atheu, athéa*. Exceptuam-se: *meu, minha; teu, tua; seu, sua; judeu, judia; sandeu, sandia; ilhéu, ilhôa; tabaréu, tabarôa*.

Os que terminam em *ez, or, ol* e *um* acrescentam *a*: *portuguez, portugueza; conhecedor, conhecedora; espanhol, espanhola; um, uma; algum, alguma*. Exceptuam-se: *cor-tez, montez, pedrez, soez; bicolor, incolor, multicolor, sem-sabor, tricolor, e os comparativos em or: superior, exterior, etc.; reinol; cabrum, commum, ovelhum, vacum, que são uniformes. Commum* antigamente fazia *commua*.

É preciso notar que os nomes terminados em *or*, têm tres fórmas para o feminino: *director, directora; enredador, enredadeira; gerador, geratriz*.

Geralmente são considerados como substantivos.

Os terminados em *ão* mudam esta terminação para *â*, ou para *ona*: *cristão, cristâ, valentão, valentona. Beirão faz beirôa*.

Afastam-se destas regras: *bom, bôa; dois, duas; máu, má*.

São uniformes:

1.º Os acabados em *a* e *e*: *janota, idiota, pobre, prudente*. Exceptuam-se: *este, esta; esse, essa; aquelle, aquella*.

2.º Os acabados em *al*: *leal*; em *el*: *cruel, amavel*; em *il*: *util, subtil*; em *ul*: *azul*; em *ar*: *singular*; em *er*: *esmoler*; em *az*: *capaz*; em *iz*: *feliz*; em *oz*: *veloz*; em *m*:

Antigamente não tinham terminação feminina os adjetivos e substantivos terminados em *or*: *Huma fremosa pastor. Senhor fre-mosa (Canc. de D. Diniz). ARTE IMITADOR da natureza. Princeza, filha de David. DIVINA CAÇADOR. (Arrais) Quanto mais que sou A DEVEDÓR. (Jorge de Albuquerque). MARIA, MORADOR em Lis-*

boa, (Fernão Lopes). NICOSTRATA, madre de Evandro, foi INVÉNTOR de 17 letras do abecedario. VARA de disciplina, DESTRUIDOR dos males, DEFENSOR da pureza. LETRAS CONSERVADORES de todas as boas obras. (João de Barros).

Até o seculo 16.^o, os adjectivos terminados em *ol* eram uniformes: LETRAS HESPAÑHÓES. (Duarte Nunes Leão). O mesmo acontecia com os terminados em *ez* e *iz*: SENHORA, *pois de tão longe vos acolhemos por JUIZ.* (Francisco de Moraes). *Acabou-se o confissionario em LINGUAGEM PORTUGUEZ.* (Garcia de Rezende). MOEDAS FRANCEZES. (Ineditos da historia portugueza). Capitão de GENTE PORTUGUEZ. (Sá de Miranda). *Livro de orações em LINGUAGEM PORTUGUEZ.* (João de Barros). *A nossa PORTUGUEZ casta LINGUAGEM.* (Diniz).

Os adjectivos fórmam o plural da mesma maneira que os substantivos.

Apenas se nota que os adjectivos contraídos, por apócope, como *são*, contraído de *santo*; *grão* ou *gran* contraído de *grande*, não têm fórmula de plural nem de feminino.

A fórmula contraída *são* se emprega antes dos nomes que começam por consoante: *São José*, com excepção de *Santo Deus*, *Santo Tirso*, *Santo Christo*, *Santo Thomaz*. A fórmula completa *Santo* se usa antes dos nomes que começam por vogal: *Santo Antonio*.

Qualquer só tem flexão de numero no seu primeiro termo componente: *quaesquer*.

11

FLEXÃO DE GRÁU

Herdamos do Latim os dois *gráus* de significação a que estão sujeitos os adjectivos qualificativos.

Os gráus são: **comparativo** e **superlativo**.

O **positivo** exprime só e simplesmente a qualidade: *Maria é bella.*

O gráu comparativo exprime uma qualidade em igual, maior ou menor gráu relativamente á qualidade de outro substantivo.

Os comparativos são tres:

De igualdade: O mar é TAM BELLO como o céu.

De superioridade: O mar é MAIS BELLO que o céu.

De inferioridade: O mar é MENOS BELLO que o céu.

O gráu superlativo exprime a qualidade do substantivo no mais alto ou no mais baixo gráu relativamente á qualidade de outro substantivo. É o superlativo relativo: O MAIS RICO dos homens não é o MAIS FELIZ. O orgulhoso é O MENOS FELIZ na sociedade.

O gráu superlativo exprime a qualidade do substantivo no mais alto ou no mais baixo gráu sem comparação, sem relatividade. É o superlativo absoluto: Homem MUITO ALTO, ou ALTISSIMO.

O gráu comparativo se subdivide em comparativo de igualdade, de superioridade e de inferioridade, e o superlativo se subdivide em absoluto e relativo.

✓ Pode-se formar o comparativo de dois modos:

1.º Analiticamente, juntando-se ao positivo os adverbios *tam*, *tanto* (igualdade), *mais* (superioridade), *menos* (inferioridade).

A *tam* e *tanto* correspondem as formas *como* e *quanto*: A luz é TAM PRECIOSA COMO ou QUANTO a agua.

A *mais* e *menos* corresponde *que* ou *do que*: Outra pedra MAIS CLARA QUE ou DO QUE o diamante.

A rosa é MENOS BELLA QUE ou DO QUE a violeta.

2.º Sinteticamente, por meio do suffixo *or*.

Só possuímos em Portuguez os seguintes comparativos sintéticos: *bom*, *comp.*, *melhor*; *máu*, *comp.* *peor*; *grande*,

comp. *maior*; *pequeno*, comp. *menor*; *alto*, comp. *superior*;
baixo, comp. *inferior*.

Junior, *senior*, *major*, *prior*, *exterior*, *posterior*, *anterior*,
embora pela sua origem possam ser incluidos nesta classe, são con-
siderados como substantivos ou adjetivos positivos.

O Portuguez possue tambem fórmas de comparativo sintetico
exprimindo idéia, de superioridade ou inferioridade mas representadas
por adjetivo positivo: *maiusculo* que corresponde no Latim a *gran-*
diusculos e *minusculo*, dos quaes formamos tambem — *maiorzinho*
e *menorzinho* — e o substantivo — *mindinho*.

O superlativo pôde ser *absoluto* e *relativo*.

Si fôr expresso por uma só palavra é *sintetico* : *justissimo* ; si fôr expresso por mais de uma, é *analitico* : *muito justo*.

O superlativo *absoluto sintetico* se forma da seguinte maneira :

1.º Si o adjetivo terminar em consoante, soffre o acres-
cimo da terminação *imo* ou *issimo* : *facil*, *facilimo* ou *facilissimo*.

2.º Si o adjetivo terminar em vogal, perde esta vogal
antes de soffrer o acrescimo da terminação: *excellente*, *ex-
cellentissimo*; *bello*, *bellissimo*.

Alguns adjetivos soffrem modificações antes de acei-
tar esse acrescimo.

Os que terminam em *vel*, mudam esta terminação para
bil, sua antiga terminação: *agradavel*, *agradabilissimo*; *no-
tavel*, *notabilissimo*.

Os que terminam em *ão* ou *m* mudam-na para *n*:
chão, *chanissimo*; *commum*, *communissimo*.

Os que terminam em *z*, mudam-na para *c*: *feroz*, *fe-
rocissimo*.

Os que terminam em *co*, mudam-na para *qu*: *rico*,
riquissimo; ou deixam cair a vogal: *parco*, *parcissimo*.

Os que terminam em *go* mudam esta terminação para *gu*: *vago*, *vaguissimo*.

Possue a Lingua portugueza superlativos absolutos sintéticos formados irregularmente.

Estão em primeiro lugar:

<i>Bom</i> ,	comp.	<i>melhor</i> ,	sup.	<i>optimo</i> .
<i>Máu</i> ,	"	<i>peor</i> ,	"	<i>pessimo</i> .
<i>Grande</i> ,	"	<i>maior</i> ,	"	<i>maximo</i> .
<i>Pequeno</i> ,	"	<i>menor</i> ,	"	<i>minimo</i> .
<i>Alto</i> ,	"	<i>superior</i> ,	"	<i>summo ou supremo</i> .
<i>Baixo</i> ,	"	<i>inferior</i> ,	"	<i>infimo</i> .

Ha, entretanto, algumas formas regulares, usadas pelo povo: *bonissimo*, *malissimo*, *grandessissimo*, *pequenissimo*.

Em segundo lugar:

<i>acre</i>	sup.	<i>acerrimo</i>	<i>livre</i>	sup.	<i>liberrimo</i>
<i>amigo</i>	"	<i>amicissimo</i>	<i>magnifico</i>	"	<i>magnificen-</i>
<i>antigo</i>	"	<i>antiquissimo</i>			<i>tissimo</i>
<i>aspero</i>	"	<i>asperrimo</i>	<i>misero</i>	"	<i>miserrimo</i>
<i>celebre</i>	"	<i>celeberrimo</i>	<i>nobre</i>	"	<i>nobilissimo</i>
<i>christão</i>	"	<i>christianissimo</i>	<i>pobre</i>	"	<i>pauperrimo</i>
<i>cruel</i>	"	<i>crudelissimo</i>	<i>sabio</i>	"	<i>sapientissi-</i>
<i>doce</i>	"	<i>dulcissimo</i>			<i>mo</i>
<i>fiel</i>	"	<i>fidelissimo</i>	<i>sagrado</i>	"	<i>sacratissimo</i>
<i>frio</i>	"	<i>frigidissimo</i>	<i>salubre</i>	"	<i>saluberrimo</i>
<i>geral</i>	"	<i>generalissimo</i>	<i>similhante</i>	"	<i>similimo</i>
<i>humilde</i>	"	<i>humilimo</i>	<i>simples</i>	"	<i>simplissimo</i>
<i>integro</i>	"	<i>integerrimo</i>			

Muitos destes superlativos têm, além desta forma, uma outra regular: *pobrissimo* e *pauperrimo*; *cruelissimo* e *crudelissimo*; *triíssimo* e *frigidissimo*; *integrissimo* e *integer-*

rimo; asperissimo e asperrimo; bonissimo e optimo; pequenissimo e minimo.

Os primeiros são superlativos populares e os segundos eruditos.

Miseravelissimo foi usado por Fr. Luiz de Sousa; *pobrissimo* por M. Bernardes; *grandessissimo* por A. Herculano; *facilissimo* por Amador Arrais; *difficilissimo* por Heitor Pinto.

Ha tambem superlativos cujos positivos não se empregam: *minacissimo*, positivo *minaz*; *belacismo*, positivo *belaz*; *uberrimo*, positivo *ubere*.

O superlativo *absoluto analitico* se forma antepondo-se ao adjectivo positivo os adverbios *mui*, *muito* ou *nada*, ou os adverbios *em mente*, ou os adverbios *assaz* e *demasiado*: *João é MUI, MUITO, ASSAZ, GRANDEMENTE, NADA sabio.*

O superlativo *relativo sintetico* se forma com os comparativos sinteticos precedidos do artigo e seguidos da preposição *de*: *O MELHOR DOS agouros é combater pela patria.*

O superlativo *relativo analitico* se forma antepondo-se as palavras *o mais* ou *o menos* e suas variações ao positivo: *A caridade é A MAIS NOBRE das virtudes. O ar é O MENOS PESADO dos elementos.*

Alguns adjectivos qualificativos não têm gráu: *juvenil*, *longinquo*, *adolescente*, *immortal*, *repentino*, *angular*, *redondo*, *principal*, etc.

Pronomes pessoais

Além das flexões de gênero e de número que têm os pronomes pessoais como qualquer adjetivo, apresentam mais a

DECLINAÇÃO

Singular

	1.ª pessoa	2.ª pessoa	3.ª pessoa	3.ª pessoa (reflexa)
<i>Nominativo</i>	eu	tu	elle, ella	...
<i>Dativo</i>	mim	ti	lhe	si
<i>Acusativo</i>	me	te	o, a	se
<i>Ablativo</i>	comigo	comtigo	...	comsigo

Plural

	nós	vós	elles, ellas	...
<i>Nominativo</i>	nos	vos	lhes	si
<i>Dativo</i>	nos	yos	os, as	se
<i>Ablativo</i>	comnosco	comvosco	...	comsigo

Além destes há as formas de tratamento que representam pronomes de 3.ª pessoa: *vossê*, *vosmessê*, *V. S.*, *V. Excia*, *V. Rev.*, *S. Majestade*, etc. e as formas populares: *fulano*, *sicrano*, *beltrano*, *a gente*, etc.

Síntesis

V

Verbo

O verbo admite variações de pessoa, numero, tempo e modo.

Pessoa e numero do verbo são as fórmas que elle toma para indicar a pessoa e numero do sujeito.

As pessoas são três, representadas pelos pronomes: *eu*, *tu*, *elle* ou *ella* para o numero singular; *nós*, *vós*, *elles* ou *ellas* para o numero plural.

As pessoas pódem tambem ser conhecidas pelas terminações das fórmas verbaes, com exclusão dos pronomes pessoaes.

Tempo é a fórmula que o verbo toma para indicar a epoca do que vai ser enunciado.

Os tempos são tres: **presente**, **preterito** ou **passado e futuro**.

O **presente** indica que a accão é actual: *amo*.

O **preterito** indica indeterminadamente que a accão foi realisada: *amei*.

Este tempo é chamado tambem **aoristo**.

O futuro indica que a acção ainda se vai realizar:
amarei.
Além destes há mais:

O preterito imperfeito que indica a acção passada contemporânea de outra passada: ESTUDAVA quando chegaste.

O preterito perfeito composto ou simplesmente preterito perfeito que indica que acção passada é repetida, ainda continua: *tenho amado.*

O preterito mais que perfeito que indica que a acção é passada relativamente a uma outra já passada: *amára ou tinha amado.*

O futuro anterior que indica que a acção há de realizar-se relativamente a um outro tempo: *terei amado.*

Os tempos podem ser:

Simples, os expressos por um só verbo: *amo.*

Compósitos, os expressos por mais de um verbo: *terei amado.*

Auxiliar é o verbo que com outro formam os tempos compósitos, como: *ser, ter e haver.*

O verbo *ser* forma a voz passiva com o participio passado dos verbos: *sou amado.*

Os verbos *ter* e *haver* fórmam dois tempos: *preterito e futuro.*

O preterito perfeito é formado com estes verbos no tempo presente e o participio passado do verbo auxiliado: *hei amado; tenho amado.*

O preterito mais que perfeito é formado com estes verbos no imperfeito ou no mais que perfeito simples e o participio passado do verbo auxiliado: *tinha ou tivera amado.*

O *futuro* é formado com esses verbos conjugados com o verbo auxiliado no infinitivo impessoal, regido da preposição *de*: *tenho de amar*, *hei de amar*, ou com o futuro simples do auxiliar e o participio passado do verbo auxiliado: *terei amado*, *haverei amado*.

Modo é a fórmula que o verbo toma para ser enunciado.

Os modos são tres: **indicativo**, **imperativo** e **subjuntivo**, chamados *finitivos*.

O **indicativo** enuncia, indica um facto positivo: *anuo*

O **imperativo** enuncia um facto pedido ou ordenado: *amai, estudai*.

O **subjuntivo** enuncia um facto dependente de uma contingencia para que se realize: *amasse*.

O *subjuntivo* toma o nome de *optativo*, quando exprime um desejo, uma permissão: *QUEIRA Deus que tal aconteça*. *A felicidade te ACOMPANHE*. *QUIZESSEM os céus me ajudar!*

Alguns grammaticos acrescentam a estes o **condicional** e o **infinitivo**.

Porém o **condicional** indica apenas um tempo futuro dependente de uma condição. E', como diz Adolpho Coelho, um *imperfeito* formado por derivação impropria ou um *futuro passado*, na expressão de Meyer-Lubke. Há quem o denomine tambem de *futuro relativo*.

O **infinitivo** é um verdadeiro nome substantivo ou adjectivo, é uma simples fórmula nominal. Indica o facto de uma maneira vaga e geral.

O **participio presente** tem o valor de um adjec-

tivo e termina em *te*. Muitos delles têm hoje o valor de substantivos: *levante* (*levar*); *tenente* (*ter*); *poente* (*poer*). Não pertence mais á conjugação. Há alguns verbos que não possuem participios presentes: *vestir*, *dar*, etc.

O **participio passado** é tambem um derivado verbal que equivale a um adjectivo.

Termina, menos no verbo *pôr*, em *do*, serve para formar as linguagens compóstas e exprime a acção terminada, o acto realizado: *amado*.

O **participio do futuro** é simples adjectivo ou substantivo e termina em *ouro*: *casadouro*; em *undo*: *furibundo*; em *endo*: *reverendo*; em *ando*: *doutorando*; *venerando*.

Desapareceu completamente da conjugação portugueza e só existe com as funções de nome.

O **gerundio** termina em *ando*, *endo*, *indo*, *ondo*; *amando*, *lendo*, *vestindo*, *pondo*.

QUADRO DOS TEMPOS

MODO INDICATIVO

Tempos simples

Presente — *Amo*.

Pret. imperf. — *Amava*.

Pret. aoristo — *Amei*.

Pret. mais que perfeito —
Amára.

Futuro — *Amarei*.

Condisional — *Amaria*.

Tempos compóstos

Preterito perfeito — *Tenho amado*.

Pret. mais que perfeito —
Tinha amado.

Futuro — *Terei amado*

Condisional — *Teria amado*.

MODO IMPERATIVO

Presente ou Futuro — *Amá tu*.

MODO SUBJUNTIVO

Tempos simples

Presente — *Ame.*

Pret. imperfeito — *Amasse.*

Futuro — *Amar.*

Tempos compósitos

Pret. perfeito — *Tenha amado.*

Pret. mais que perfeito — *Tivesse amado.*

Futuro — *Tiver amado.*

INFINITIVO

Tempos simples

Pres. impessoal — *Amar.*

Pres. pessoal — *Amar eu.*

Gerundio — *Amando.*

Tempos compósitos

Pret. impes. — *Ter amado.*

Pret. pessoal — *Ter eu amado.*

Gerundio — *Tendo amado.*

Conjugar um verbo é fazer o passar por todas as fórmas que modificam a idéia contida no tema, relativamente á existencia, ao sujeito, á accão, ao tempo. (*Guardia e Wierzeyski*).

Conjugação é o conjunto de todas as flexões do verbo.

As conjugações são quatro e se conhecem pelas terminações do presente impessoal do infinitivo.

A 1.^a conjugação termina em *ar*; a 2.^a em *er*; a 3.^a em *ir*; a 4.^a em *or*.

A 4.^a conjugação é de uso pratico; é forma contracta da 2.^a conjugação. A ella pertence o verbo *pôr* (*voer*) e seus compósitos.

Conforme a conjugação, os verbos se dividem em *regulares* e *irregulares*.

Regular é o verbo que segue a norma da conjugação a que pertence: *amar*.

Irregular é o verbo que se afasta da norma da conjugação a que pertence: *pedir*.

TERMINAÇÕES DOS VERBOS

TEMPOS SIMPLES

1.ª conj. 2.ª conj. 3.ª conj.

Indicativo

Presente

o	o	o
as	es	es
a	e	e
amos	emos	imos
ais	eis	is
am	em	em

Imperfeito

ava	ia	ia
avas	ias	ias
ava	ia	ia
ávamos	iámos	iámos
aveis	ieis	ieis
avam	iam	iam

Aoristo

ei	i	í
aste	este	iste
ou	eu	iu
ámos	emos	imos
astes	estes	istes
aram	eram	iram

<i>Mais que perfeito</i>	ára	éra	ira
	áras	éras	iras
	ára	éra	ira
	áramos	éramos	iramos
	áreis	éreis	ireis
	áram	éram	iram
<i>Futuro (*)</i>	ei	ei	ei
	ás	ás	ás
	á	á	á
	emos	emos	emos
	eis	eis	eis
	ão	ão	ão
<i>Condisional</i>	ia	ia	ia
	ias	ias	ias
	ia	ia	ia
	íamos	íamos	íamos
	ieis	ieis	ieis
	iam	iam	iam

Imperativo

<i>Presente</i>	a	-tra	ve	—	e
	ai	—	ei	—	

Subjuntivo

<i>Presente</i>	e	a	a
	es	as	as
	e	a	a
	emos	âmos	âmos
	eis	ais	ais
	em	am	am
<i>Preterito imperfeito</i>	asse	esse	isse
	asses	esses	isses
	asse	esse	isse
	âssemos	essemos	issemos
	âsseis	esceis	isseis
	assem	essem	issem

(*) O futuro e o condicional formam-se juntando-se estas terminações o infinitivo presente impessoal.

Futuro

<i>ar</i>	<i>er</i>	<i>ir</i>
	<i>eres</i>	
	<i>er</i>	
	<i>ermos</i>	
	<i>erdes</i>	

<i>ares</i>	<i>erem</i>	<i>ires</i>

<i>ar</i>	<i>er</i>	<i>ir</i>

<i>armos</i>	<i>er</i>	<i>irmos</i>

<i>ardes</i>	<i>er</i>	<i>irdes</i>

<i>arem</i>	<i>erem</i>	<i>irem</i>

Infinitivo

<i>Presente im- pessoal</i>	<i>ar</i>
	<i>ar</i>
	<i>ares</i>
	<i>ar</i>
	<i>armos</i>

<i>Presente pes- soal</i>	<i>er</i>
	<i>er</i>
	<i>eres</i>
	<i>er</i>
	<i>ermos</i>

<i>Gerundio</i>	<i>endo</i>
	<i>ado</i>
	<i>endo</i>
	<i>ido</i>
	<i>ido</i>

CONJUGAÇÃO REGULAR

1.º conj.

2.º conj.

3.º conj.

Modo indicativo

Amor

Eu amo
Tu amas
Elle ama
Nós amamos
Vós amais
Elles amam

Presente

Como
Comes
Come
Comemos
Comeis
Comem

Parte

Parto
Partes
Parte
Partimos
Partis
Partem

Preterito imperfeito

Eu amava	Comia	Partia
Tu amavas	Comias	Partias
Elle amava	Comia	Partia
Nós amávamos	Comíamos	Partíamos
Vós amaveis	Comieis	Partieis
Elles amavam	Comiam	Partiam

Preterito aoristo

Eu amei	Comi	Parti
Tu amaste	Comeste	Partiste
Elle amou	Comeu	Partiu
Nós amámos	Comemos	Partimos
Vós amaste	Comestes	Partistes
Elles amaram	Comeram	Partiram

Preterito mais que perfeito

Eu amára	Coméra	Partira
Tu amáras	Coméras	Partiras
Elle amára	Coméra	Partira
Nós amáramos	Coméramos	Partíramos
Vós amáreis	Coméreis	Partíreis
Elles amáram	Coméram	Partíram

Futuro

Eu amarei	Comerei	Partirei
Tu amarás	Comerás	Partirás
Elle amará	Comerá	Partirá
Nós amaremos	Comeremos	Partiremos
Vós amareis	Comereis	Partireis
Elles amarão	Comerão	Partirão

Condicional

Eu amaria	Comeria	Partiria
Tu amarias	Comerias	Partirias
Elle amaria	Comeria	Partiria
Nós amariamos	Comeríamos	Partiriámos
Vós amarieis	Comerieis	Partirieis
Elles amariam	Comeriam	Partiriam

Modo imperativo

Ama tu
Amai vós

Come tu
Comei vós

Parte tu
Parti vós

Modo subjuntivo

Presente

Eu ame
Tu ames
Elle ame
Nós amemos
Vós ameis
Elles amem

Coma
Comas
Coma
Comâmos
Comais
Comam

Parta
Partas
Parta
Partâmos
Partais
Partam

Preterito imperfeito

Eu amasse
Tu amasses
Elle amasse
Nós amassemos
Vós amasseis
Elles amassem

Comesse
Comesses
Comesse
Comessemos
Comesseis
Comessem

Partisse
Partisses
Partisse
Partissemos
Partisseis
Partissem

Futuro

Eu amar
Tu amares
Elle amar
Nós amarmos
Vós amardes
Elles amarem

Comer
Comeres
Comer
Comermos
Comerdes
Comerem

Partir
Partires
Partir
Partirmos
Partirdes
Partirem

Infinitivo

Presente impessoal

Amar

Comer

Partir

Presente pessoal

Amar eu
Amares tu
Amar elle
Amarmos nós
Amardes vós
Amarem elles

Comer
Comeres
Comer
Comermos
Comerdes
Comerem

Partir
Partires
Partir
Partirmos
Partirdes
Partirem

Gerúndio

Amando

Comendo

Partindo

Amado

Comido

Partido

4.ª CONJUGAÇÃO

PÔR

Modo indicativo

Presente

Eu ponho
Tu pões
Elle põe
Nós pomos
Vós pondes
Elles põem.

Preterito imperfeito

Punha
Punhas
Punha
Púnhamos
Punheis
Punham

Aoristo

Puz
Puzeste
Pôz
Pozemos
Pozéstes
Pozéram

Mais que perfeito

Eu puzera
Tu puzeras
Elle puzera
Nós puzeramos
Vós puzereis
Elles puzeram

Futuro

Porei
Porás
Porá
Poremos
Poreis
Porão

Condisional

Poria
Porias
Poria
Poríamo
Porieis
Poriam

Modo imperativo

Põe tu

Ponde vós

Modo subjuntivo

Presente

Eu ponha
Tu ponhas
Elle ponha
Nós ponhâmos
Vós ponhais
Elles ponham

Preterito imperfeito

Puzésse
Puzésses
Puzésse
Puzéssemos
Puzésseis
Puzéssem

Futuro

Puzér
Puzéres
Puzér
Puzérmos
Puzérdes
Puzérem

Infinitivo

Presente pessoal

Pôr eu
Pôres tu
Pôr elle
Pôrmos nós
Pôrdes vós
Pôrem elles

Presente impessoal

Pôr
Pondo
Pôsto

Gerundio

P. passado

CONJUGAÇÃO DOS VERBOS AUXILIARES

TER

HAVER

SER

Modo indicativo

Presente

Eu tenho	Hei	Sou
Tu tens	Has	E's
Elle tem	Há	E'
Nós temos	Havemos	Somos
Vós tendes	Haveis	Sois
Elles têm	Hão	São

Preterito imperfeito

Eu tinha	Havia	Era
Tu tinhas	Havias	Eras
Elle tinha	Havia	Era
Nós tínhamos	Havíamos	Eramos
Vós tinheis	Havieis	Ereis
Elles tinham	Haviam	Eram

Preterito aoristo

Eu tive	Houve	Fui
Tu tiveste	Houveste	Foste
Elle teve	Houve	Foi
Nós tivemos	Houvemos	Fomos
Vós tivestes	Houvestes	Fostes
Elles tiveram	Houveram	Foram

Mais que perfeito

Eu tivera	Houvera	Fôra
Tu tiveras	Houveras	Fôras
Elle tivera	Houvera	Fôra
Nós tivéramos	Houvéramos	Fôramos
Vós tivereis	Houvereis	Fôreis
Elles tiveram	Houveram	Fôram

Futuro

Eu terei	Haverei	Serei
Tu terás	Haverás	Serás
Elle terá	Haverá	Será
Nós teremos	Haveremos	Seremos
Vós tereis	Havereis	Sereis
Elles terão	Haverão	Serão

Condisional

Eu teria	Haveria	Seria
Tu terias	Haverias	Serias
Elle teria	Haveria	Seria
Nós teríamos	Haveríamos	Seríamos
Vós terieis	Haverieis	Serieis
Elles teriam	Haveriam	Seriam

Modo imperativo

Tem tu	Há	Sê
Tende vós	Havei	Sêde

Modo subjuntivo

Presente

Eu tenha	Haja	Seja
Tu tenhas	Hajas	Sejas
Elle tenha	Haja	Seja
Nós tenhâmos	Hajâmos	Sejâmos
Vós tenhais	Hajais	Sejais
Elles tenham	Hajam	Sejam

Preterito imperfeito

Eu tivesse
Tu tivesses
Elle tivesse
Nós tivessemos
Vós tivesseis
Elles tivessem

Houvesse
Houvesses
Houvesse
Houvéssemos
Houvesseis
Houvessem

Fôsse
Fôsses
Fôsse
Fôssemos
Fôsseis
Fôssem

Futuro

Eu tiver
Tu tiveres
Elle tiver
Nós tivermos
Vós tiverdes
Elles tiverem

Houver
Houveres
Houver
Houvermos
Houverdes
Houverem

Fôr
Fôres
Fôr
Fôrmos
Fordes
Fôrem

Infinitivo

Presente impessoal

Ter

Haver

Ser

Presente pessoal

Ter eu
Teres tu
Ter elle
Termos nós
Terdes vós
Terem elles

Haver
Haveres
Haver
Havermos
Haverdes
Haverem

Ser
Seres
Ser
Sermos.
Serdes
Serem.

Gerundio

Tendo

Havendo

Sendo

Participio passado

Tido

Havido

Sido

CONJUGAÇÃO COMPLETA

(AUXILIAR TER)

ESTUDAR

Modo indicativo

Presente

Eu estudo
Tu estudas
Elle estuda
Nós estudamos
Vós estudais
Elles estudam

Preterito imperfeito

Eu estudava
Tu estudavas
Elle estudava
Nós estudavamos
Vós estudaveis
Elles estudavam

Pret. aoristo

Eu estudei
Tu estudaste
Elle estudou
Nós estudámos
Vós estudastes
Elles estudaram

Pret. perfeito

Eu tenho estudado
Tu tens estudado
Elle tem estudado
Nós temos estudado
Vós tendes estudado
Elles têm estudado

Preterito mais que perfeito

Eu estudára
Tu estudáras
Elle estudára
Nós estudáramos
Vós estudáreis
Elles estudáram

Eu tinha ou tivera estudado
Tu tinhas ou tiveras estudado
Elle tinha ou tivera estudado
Nós tínhamos ou tiveramos estudado
Vós tinheis ou tivereis estudado
Elles tinham ou tiveram estudado

Futuro

Eu estudarei
Tu estudarás
Elle estudará
Nós estudaremos
Vós estudareis
Elles estudarão

Eu terei estudado
Tu terás estudado
Elle terá estudado
Nós teremos estudado
Vós tereis estudado
Elles terão estudado

Condicional

Eu estudaria
Tu estudarias
Elle estudaria
Nós estudariamos
Vós estudarieis
Elles estudariam

Eu teria estudado
Tu terias estudado
Elle teria estudado
Nós teríamos estudado
Vós terieis estudado
Elles teriam estudado

Modo imperativo

Estuda tu
Estudai vós

Subjuntivo

Presente

Eu estude
Tu estudes
Elle estude
Nós estudemos
Vós estudeis
Elles estudem

Preterito imperfeito

Eu estudasse
Tu estudasses
Elle estudasse
Nós estudassemos
Vós estudasseis
Elles estudassem

Preterito perfeito

Eu tenha estudado
Tu tenhas estudado
Elle tenha estudado
Nós tenhâmos estudado
Vós tenhais estudado
Elles tenham estudado

Pret. mais que perfeito

Eu tivesse estudado
Tu tivesses estudado
Elle tivesse estudado
Nós tivessemos estudado
Vós tivesseis estudado
Elles tivessem estudado

Futuro

Eu estudar
Tu estudares
Elle estudar
Nós estudarmos
Vós estudardes
Elles estudarem

Eu tiver estudado
Tu tiveres estudado
Elle tiver estudado
Nós tivermos estudado
Vós tiverdes estudado
Elles tiverem estudado

Infinitivo

<i>Pres. impessoal</i>	<i>Pret. impessoal</i>
Estudar	Ter estudado
<i>Pres. pessoal</i>	<i>Pret. pessoal</i>
Estudar eu	Ter eu estudado
Estudares tu	Teres tu estudado
Estudar elle	Ter elle estudado
Estudarmos nós	Termos nós estudado
Estudardes vós	Terdes vós estudado
Estudarem elles	Terem elles estudado
<i>Gerúndio</i>	
Estudando	Tendo estudado
<i>Participio passado</i>	
	Estudado

CONJUGAÇÃO DO VERBO PERIFRÁSTICO IR CORRENDO

TEMPOS SIMPLES

Modo indicativo

<i>Presente</i>		<i>Imperfeito</i>
Eu veo correndo		Eu ia correndo
Tu vais correndo		Tu ias correndo
Elle vai correndo		Elle ia correndo
Nós vamos correndo		Nós iamos correndo
Vós ides correndo		Vós ieis correndo
Elles vão correndo		Elles iam correndo
<i>Pret. aoristo</i>		<i>Mais que perfeito</i>
Eu fui correndo		Eu fôra correndo
Tu foste correndo		Tu fôras correndo
Elle foi correndo		Elle fôra correndo
Nós fomos correndo		Nós fôramos correndo
Vós fostes correndo		Vós fôreis correndo
Elles fôram correndo		Elles fôram correndo

Condisional

Futuro

Eu irei correndo
Tu irás correndo
Elle irá correndo
Nós iremos correndo
Vós ireis correndo
Elles irão correndo

Eu iria correndo
Tu irias correndo
Elle iria correndo
Nós iríamos correndo
Vós irieis correndo
Elles iriam correndo

Modo imperativo

Vai tu correndo
Ide vós correndo

Modo subjuntivo

Presente

Eu vá correndo
Tu vás correndo
Elle vá correndo
Nós vamos correndo
Vós vades correndo
Elles vão correndo

Preterito imperfeito

Eu fosse correndo
Tu fosses correndo
Elle fosse correndo
Nós fossemos correndo
Vós fosseis correndo
Elles fossem correndo

Futuro

Eu fôr correndo
Tu fôres correndo
Elle fôr correndo
Nós fôrmos correndo
Vós fôrdes correndo
Elles fôrem correndo

Infinitivo

Pres. impersonal

Ir correndo

Gerundio

Indo correndo

P. passado

Ido correndo

Pres. pessoal

Ir eu correndo
Ires tu correndo
Ir elle correndo
Irmos nós correndo
Irdes vós correndo
Irem elles correndo

CONJUGAÇÃO (Voz passiva)

SER AMADO

Modo indicativo

Presente

Eu sou	{	amado, a
Tu és		
Elle, ella é		
Nós somos		
Vós sois		
Elles, ellas são		

Pret. imperfeito

Eu era	{	amado, a
Tu eras		
Elle, ella era		
Nós eramos		
Vós ereis		
Elles, ellas eram		

Aoristo

Eu fui	{	amado, a
Tu foste		
Elle, ella foi		
Nós fomos		
Vós fostes		
Elles, ellas foram		

Mais que perfeito

Eu fôra	{	amado, a
Tu fôras		
Elle, ella fôra		
Nós forâmos		
Vós foreis		
Elles, ellas foram		

Futuro

Eu serei	{	amado, a
Tu serás		
Elle, ella será		
Nós seremos		
Vós sereis		
Elles, ellas serão		

Condicional

Eu seria	{	amado, a
Tu serias		
Elle, ella seria		
Nós seríamos		
Vós serieis		
Elles, ellas seriam		

Modo imperativo

Sê tu amado ou amada
Sêde vós amados ou amadas

Modo subjuntivo

Presente

Eu seja	{	amado, a
Tu sejas		
Elle, ella seja		
Nós sejâmos		
Vós sejaís		
Elles, ellas sejam		

Pret. imperfeito

Eu fosse	{	amado, a
Tu fosses		
Elle, ella fosse		
Nós fossemos		
Vós fosseis		
Elles, ellas fossem		

Futuro

Eu fôr	{	amado, a
Tu fôres		
Elle, ella fôr		
Nós fôrmos		
Vós fôrdes		

Elles, ellas fôrem

Infinitivo

Presente impessoal

Ser amado, a

Pres. pessoal

Ser eu	{	amado, a
Seres tu		
Ser elle, ella		
Sermos nós		
Serdes vós		

Serem elles, ellas

Gerundio

Sendo amado, a, os, as
<i>P. passado</i>
Amado
Amados
Amada
Amadas

NOTA. — Os tempos compósitos são formados á similhança do verbo *estudar*: *tenho sido amado*, *terei sido amado*, *tiver sido amado*, etc.

Basta empregar o verbo *ser* em sua conjugação completa juntando-lhe o participípio passado do verbo principal.

CONJUGAÇÃO DO VERBO PRONOMINAL

LEMBRAR-SE

TEMPOS SIMPLES

Modo indicativo

Presente

Eu <i>me</i> lembro
Tu <i>te</i> lembras
Elle <i>se</i> lembra
Nós <i>nos</i> lembramos
Vós <i>vos</i> lembrais
Elles <i>se</i> lembram

P. aoristo

Eu <i>me</i> lembrei
Tu <i>te</i> lembraste
Elle <i>se</i> lembrou
Nós <i>nos</i> lembrámos
Vós <i>vos</i> lembrastes
Elles <i>se</i> lembraram

Imperfeito

Eu *me* lembrava
Tu *te* lembravas
Elle *se* lembrava
Nós *nos* lembrávamos
Vós *vos* lembraveis
Elles *se* lembravam

Mais que perfeito.

Eu *me* lembrára
Tu *te* lembráras
Elle *se* lembrára
Nós *nos* lembráramos
Vós *vos* lembráreis
Elles *se* lembráram

Futuro

Eu *me* lembrarei
Tu *te* lembrarás
Elle *se* lembrará
Nós *nos* lembraremos
Vós *vos* lembrareis
Elles *se* lembrarão

Condisional

Eu *me* lembraria
Tu *te* lembrarias
Elle *se* lembraria
Nós *nos* lembrariamos
Vós *vos* lembrarieis
Elles *se* lembrariam

Modo imperativo

Lembra-te tu
Lembrai-vos vós

Modo subjuntivo

Presente

Eu *me* lembre
Tu *te* lembres
Elle *se* lembre
Nós *nos* lembremos
Vós *vos* lembreis
Elles *se* lembrem

Pret. imperfeito

Eu *me* lembrasse
Tu *te* lembrasses
Elle *se* lembrasse
Nós *nos* lembrassemos
Vós *vos* lembrasseis
Elles *se* lembrassem

Futuro

Eu *me* lembrar
Tu *te* lembrares
Elle *se* lembrar
Nós *nos* lembrarmos
Vós *vos* lembrardes
Elles *se* lembrarem

Infinitivo

Presente pessoal

Lembrar-se

at.

Presente pessoal

Lembrar-me eu
Lembrares-te tu
Lembrar-se elle
Lembrarmos-nos nós
Lembrardes-vos vós
Lembrarem-se elles

Gerundio

Lembrando-se

P. passado

Lembrado

CONJUGAÇÃO DO VERBO IMPESSOAL

(CHOVER)

Modo indicativo

Presente

Mais que perfeito

Chove

Chovêra

Pret. imperfeito

Futuro

Chovia

Choverá

Aoristo

Condisional

Choveu

Choveria

Modo subjuntivo

Presente

Imperfeito

Futuro

Chova

Chovesse

Chover

Infinitivo

Presente

Gerundio

Passado

Chover

Chovendo

Chovido

ÓBSERVAÇÕES

VERBOS REGULARES

Os verbos terminados em:

car — mudam o *c* em *qu* antes de *e*: *calcar, calque*;

çar — perdem a cedilha antes de *e*: *caçar, cacei*;

cer — tomam a cedilha antes de *a, o*; *carecer, careça, careço*;

ear — mudam o *e* em *ei* no presente da indicativo e do subjuntivo, excepto na 1.^a e 2.^a pessoa do plural: *clarear, clareio, clareie*;

Há a intercalação de um — *i* — eufônico, desde que se desloca a acentuação da palavra.

iar — uns mudam o *i* em *ei* eufônico no presente do indicativo e do subjuntivo, excepto na 1.^a e na 2.^a pessoa do plural: *agenciar, agremiar, ansiar, basofiar, cadenciar, commerciar, diligenciar, estanciar, evidenciar, filosofiar, incendiar, indulgenciar, licenciar, mediar, negociar, obsequiar, odiar, premiar, presenciar, providenciar, penitenciar, remediar, reverenciar, sentenciar, vitoriar*.

Outras conservam o *i* sem alteração: *acariciar, adiar, afiar, agoniar, aliar, alumiar, ampliar, apreciar, assobiar, atiar, avaliar, aviар, balbuciar, contrariar, confiar, copiar*,

criar, deliciar, enfiar, esfriar, espiar, fiar, gloriar, injuriar, miar,piar, saciar, tosquiart, radiar, variar.

Nota-se que os verbos dissillabos em — *iar* — não sofrem alteração.

gar — mudam o *g* em *gu* antes de *e*: *pagar, pague.*

O verbo *resfolegar* faz *resfólego*;

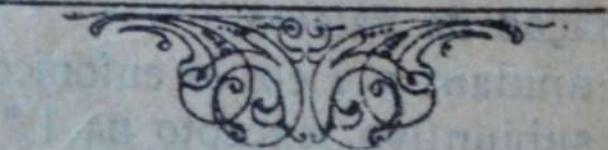
ger, gir — mudam o *g* em *j* antes de *a, o*: *eleger, eleja, elejo; corrigir, corrija, corrijo;*

guer, guir — mudam o *gu* em *g* antes de *a, o*: *erguer, erga, ergo; distinguir, distinga, distingo.* Exceptua-se *arguir*, que faz *argúo, argúam, etc.,* e *redarguir* que faz *redargúo, redargúam, etc.*

oar — mudam o *o* em *ô* no presente do indicativo e do subjuntivo, excepto na 1.^a e na 2.^a pessoa do plural dos mesmos tempos: *coroar, corôo; abençoar, abençôo.*

uzir — perdem o *e* na 3.^a pessoa do singular do indicativo presente: *luzir, luz (luze); reduzir, reduz (reduze); produzir, produz (produze).*

Antigamente se não dava esta apocope.



VERBOS IRREGULARES

1.^a CONJUGAÇÃO

~~Dar~~

Ind. presente: Dou, dás, dá, damos, dais, dão.
aoristo: Dei, déste, deu, demos, déstes, déram.
m. q. perf.: Déra, déras, déra, etc.
Subj. pres.: Dê, dês, dê, dêmos, deis, dêem.
imperf.: Désse, désses, désse, déssemos, etc.
fut.: Dér, déres, dér, dérmos, etc.

O composto — *circundar* — é regular.

Estar

Ind. pres.: Estou, estás está, estamos, etc.
aoristo: Estive, estiveste, esteve, estivemos, etc.
m. q. perf.: Estivéra, estivéras, estivéra, etc.
Subj. pres.: Esteja, estejas, esteja, estejámos, etc.
imperf.: Estivesse, estivesses, estivesse, etc.
fut.: Estiver, estiveres, estiver, etc.

OBSERVAÇÃO — Os compósitos *constar* (impessoal), *obsnar*, *prestar*, *restar* e *sustar* são regulares.

OBSERVAÇÃO — Não será mencionado o *imperativo* porque as pessoas que elle tem (a 2.^a de cada numero) se fórmam das correspondentes do presente do indicativo com a perda da letra s final. Exceptua-se o verbo ser.

As outras pessoas que o imperativo não possue — a 1.^a e a 3.^a — são supridas pelas do subjuntivo; ex.: *Ame eu, ama tu, ame elle, amemos nós, amai vós, amem elles.*

Si a conjugação fôr negativa, as pessoas do imperativo são todas substituidas pelas do subjuntivo; ex.: *Não ame eu, não ames tu, não ame elle, não amemos nós, não ameis vós, não amem elles.*

Assim se diz que em Portuguez não ha propriamente imperativo negativo.

2.^a CONJUGAÇÃO

Caber

Ind. pres.: Caibo, cabes, cabe, cabemos, etc.

aoristo: Coube, coubeste, coube, coubemos, etc.

m. q. perf.: Coubéra, couberás, couberá, couberámos, etc.

Subj. pres.: Caiba, caibas, caiba, caibâmos, etc.

imperf.: Coubesse, coubesses, coubesse, etc.

fut.: Coubér, coubères, coubér, coubérmos, etc.

Crêr

Ind. pres.: Creio, crês, crê, crêmos, crêdes, crêem.

Subj. pres.: Creia, creias, creia, creiâmos, etc.

Da mesma forma se conjuga o verbo *lér*.

Dizer

Ind. pres.: Digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem.

aoristo: Disse, disséste, disse, dissemos, disséstes, etc.

m. q. perf.: Disséra, disséras, disséra, dissérâmos, etc.

fut.: Direi, dirás, dirá, diremos, direis, etc.

cond.: Diria, dirias, diria, diriamos, etc.

Subj. pres.: Diga, digas, diga, digâmos, digais, digam.

imperf.: Dissesse, dissesse, dissesse, disséssemos, etc.

fut.: Dissér, disséres, dissér, dissérmos, dissérdes, etc.

Inf. p. passado: Dito.

Fazer

- Ind.** *pres.* : Faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem.
aoristo : Fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizéram.
— *m. q. perf.* : Fizéra, fizéras, fizéra, fizéramos, etc.
fut. : Farei, farás, fará, faremos, fareis, farão.
cond. : Faria, farias, faria, fariamos, etc.
Subj. *pres.* : Faça, faças, faça, façâmos, façais, etc.
imperf. : Fizesse, fizesses, fizésse, fizéssemos, etc.
fut. : Fizér, fizéres, fizér, fizérmos, etc.
Inf. *p. passado* : Feito.

Perder

- Ind.** *pres.* : Perco, perdes, perde, perdemos, perdeis, perdem.
Subj. *pres.* : Perca, percas, perca, percâmos, percais, etc.

Poder

- Ind.** *pres.* : Posso, pôdes, pôde, podêmos, podeis, pôdem.
aoristo : Pude, pudeste, pôde, pudemos, etc.
Subj. *pres.* : Possa, possas, possa, possâmos, etc.
imperf. : Pudésse, pudésses, pudésse, pudéssemos, etc.
fut. : Pudér, pudéres, pudér, pudérmos, etc.

Não se usa no imperativo. Vieira empregou-o: *Si quereis ser omnipotente PODEI sómente o justo e o lícito.*

Prazer (impessoal)

- Ind.** *pres.* : Praz.
aoristo : Prouve.
m. q. perf. : Prouvéra.
Subj. *pret. imperf.* : Prouvesse.
fut. : Prouvér.

OBSERVAÇÃO. — *Comprazer* é pessoal, tem conjugação completa e só é irregular na 3.^a pessoa do singular do presente do indicativo. E' mais usado pronominalmente: *comprazer-se*.

Querer

- Ind.** *pres.* : Quero, queres, quer, queremos, quereis, etc.
aoristo : Quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, etc.
m. q. perf. : Quiséra, quiséras, quiséra, quiséramos, etc.

Subj. pres. : Queira, queiras, queira, queirâmos, etc.

imperf. : Quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, etc.

fut. : Quisér, quiséres, quisér, quisérmos, etc.

Não se usa no imperativo. Vieira empregou-o : QUEREI só o que podeis. QUEREI-me só pelo que vos quero, não me faleis em dinheiro. (Adagio).

Os literatos portuguezes empregam — *quere* — por — *quer* —, como é de uso no Brazil.

Só usamos — *quere* — quando se seguem as variações pronominaes — *o, as, os, as* : *quere-o*. Entretanto A. Herculano supriu *o-r* — e escreveu : *Os teus vassalos o querem, QUÊ-LO o teu povo.*

Requerer

Ind. pres. : Requeiro, requéres, requér, requeremos, etc.

Subj. pres. : Requeira, requeiras, requeira, requeirâmos, etc.

Antigamente dizia-se na 3.^a pessoa do singular do indicativo presente *requere* : *O Gama lhe requere* (Camões). Ainda hoje quando se lhe seguem os pronomes *o, a, os, as*, assim se emprega : *requere-o, requere-a*.

Saber

Ind. pres. : Sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem.

aoristo : Souve, soubeste, soube, soubemos, etc.

Subj. pres. : Saiba, saibas, saiba, saibâmos, etc.

imperf. : Soubesse, soubesses, soubesse, etc.

fut. : Soubér, soubéres, soubér, etc.

Trazer

Ind. pres. : Trago, trazes, traz, trazemos, etc.

aoristo : Trouxe, trouxeste, trouxe, etc.

m. q. perf. : Trouxera, trouxeras, trouxera, etc.

fut. : Trarei, trarás, trará, traremos, etc.

cond. : Traria, trarias, traria, etc.

Subj. pres. : Traga, tragas, traga, tragâmos, etc.

imperf. : Trouxesse, trouxesses, trouxesse, etc.

fut. : Trouxer, trouxéres, trouxer, etc.

Valer

Ind. pres. : Valho, vales, vale ou val, valemos, etc.
Subj. pres. : Valha, valhas, valha, valhâmos, etc.

Vêr

Ind. pres. : Vejo, vês, vê, vêmos, vêdes, vêem.
aoristo : Vi, viste, viu, vimos, vistes, viram.
m. q. perf. : Vira, viras, vira, viramos, vireis, etc.
Subj. pres. : Veja, vejas, veja, vejâmos, vejais, etc.
imperf. : Visse, visses, visse, vissemos, visseis, etc.
fut. : Vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.
Inf. p. passado : Visto.

O seu derivado **Prover** afasta-se no :

Ind. p. aoristo : Provi, proveste, proveu, provêmos, etc.
m. q. perf. : Provêra, provêras, etc.
Subj. p. imperf. : Provêsse, provêsses, provêsse, etc.
fut. : Provér, provéres, provér, etc.
Inf. p. passado : Provido.

Como — *provêr* — conjuga-se o verbo — *revêr* — quando significa — *transudar*. Não se usa, porém, na 1.^a pessoa do Indicativo presente nem no Subjuntivo presente.

3.^a CONJUGAÇÃO

Aderir

Ind. pres. : Adiro, adéres, adére, aderimos, aderís, adérem.
Subj. pres. : Adira, adiras, adira, adirâmos, etc.

Por este verbo se conjugam: *advertir, aferir, comedir, competir, conseguir, deferir, despir, discernir, digerir, divergir, divertir, enxerir, expelir, ferir, impelir, mentir, preterir, reflectir, repelir, repetir, seguir, sentir, servir, vestir*, etc.

Acudir

Ind. pres.: Acudo, acódes, acóde, acudimos, acudís, acódem.
Subj. pres.: Acuda, acudas, acuda, acudâmos, etc.

Antigamente este verbo era regular: conservava o *u* em toda a conjugação: *ACUDE e corre paí*. (Camões).

O mesmo se observa relativamente a *fugir, instruir e consumir*, empregados pelo mesmo poeta.

Por este verbo se conjugam: *bulir, construir, consumir, cuspir, destruir, engulir, entupir, fugir, sacudir, subir, sumir, tusrir*, etc.

Agredir

Ind. pres.: Agrido, agrides, agride, agredimos, agredís, agredem.
Subj. pres.: Agrida, agridas, agrida, etc.

Por este verbo se conjugam: *prevenir, transgredir*, etc.

Cobrir

Ind. pres.: Cubro, cóbres, cóbre, cobrimos, cobrís, cóbrem.

Subj. pres.: Cubra, cubras, cubra, etc.

Inf. p. pres.: Coberto.

Por este verbo se conjugam: *dormir, ordinar, polir, poir*.

Cortir

Ind. pres.: Curto, curtes, curte, curtimos, curtís, curtem.

Subj. pres.: Curta, curtas, curta, etc.

Por este verbo se conjuga: *sortir*.

Frigir

Ind. pres.: Frijo, fréges, frége, frigimos, frigís, frégem.
Inf. p. pass.: Frito ou Frigido.

Ir

Ind. pres.: Vou, vais, vai, vamos ou imos, ides, vão.
aoristo: Fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.
m. q. perf.: Fôra, fôras, fôra, fôramos, fôreis, fôram.

Subj. pres.: Vá, vás, vá vâmos, vades, vão.
imperf.: Fosse, fosses, fosse, fossemos, fosseis, fossem.
fut.: Fôr, fôres, fôr, fôrmos, fôrdes, fôrem.

Medir

Ind. pres.: Meço, medes, mede, medimos, medis, medem.

Subj. pres.: Meça, meças, meça, meçâmos, etc.

Por este verbo se conjugam: *ouvir, pedir, despedir, impedir, etc.*

NOTA. — Os verbos *despedir* e *impedir* só têm relativamente a *pedir* a similaridade de forma; não têm nem a mesma origem, nem aproximada significação.

A essa similaridade se deve o facto de serem considerados irregulares quando deviam ser conjugados regularmente no indicativo presente e no subjuntivo: *despido, impido, despida, impida*, etc.

Os exemplos nos escritores antigos são sem conta:

Francisco José Freire confirma que alguns escritores não querem fazer irregular este verbo, como hoje diz a maior parte dos modernos.

Duarte Nunes Leão empregou: DESPIDA-me.

Vieira: *Eia, meu príncipe DESPIDA-se V. A. dos livros. Com esta ultima advertencia vos DESPIDO, ou me DESPIDO de vós. Por que lh'o não IMPIDAM.*

Camões: *Não me IMPIDAS o gosto da tornada. Desta súbita vinda os não IMPIDA.*

Castilho: IMPIDAM de seguir.

Bernardes: *E, si não as pôde concordar, DESPIDA-se e diga com S. Gregorio...*

Ruy Barbosa: *O que me magoa o sentimento de equidade e até o de artista, é que este triste vocabulo seja o derradeiro com que se DESPIDA o leitor.*

Rir

Ind. pres.: Rio, ris, ri, rimos, rides, riem.

Subj. pres.: Ria, rias, ria, riâmos, riais, riam.

Vir

Ind. pres.: Venho, vens, vem, vimos, vindes, veem.

imperf.: Vinha, vinhas, vinha, vinhamos, vinheis, etc.

aoristo: Vim, vieste, veiu, viemos viestes, vioram.

m. q. perf. : Viéra, viéras, viéra, viéramos, viéreis, etc.

Subj. pres. : Venha, venhas, venha, venhámos, etc.

imperf. : Viesse, viesses, viesse, viéssemos, etc.

fut. : Viér, viéres, viér, viérmos, etc.

Inf. p. pass. : Vindo.

Por este verbo se conjugam: *avir, desavir, convir.*

Defectivos

Ha alguns verbos que se não conjugam em certas pessoas.

São considerados defectivos aquelles a cujo radical se seguem as letras *a* ou *o*: *brandir, carpir, discernir, explodir, feder, ganir, inherir, latir*; aquelles a cujo radical se seguem as letras *a, o, e*: *abolir,adir, banir, colorir, delinquir, delir, demolir, empedernir, exaurir, extorquir, falir, florir, munir, polir, renhir, retorquir.*

Precaver, rehaver não se usam nas tres pessoas do singular e na 3.^a do plural do indicativo, na 2.^a do singular do imperativo e no subjuntivo presente.

Soer só se usa em *sóe, sóes, sóem, soia.*

O uso de certas fórmas dos verbos defectivos pelos escritores, vai restringindo a lista desses verbos.

Vemos, assim, empregados: *bane, extórque, extórquam, colorem, déle, abóle, demulem, pule* (pulir).

Participio passado

Muitos verbos têm duas fórmas no participio passado: uma forma regular e outra irregular.

A 1.^a é empregada geralmente com os verbos *ter* e *haver*; a 2.^a, simples adjetivo verbal, é mais usada com os verbos, *ser, estar, parecer, ficar*, etc.

Alguns participios passados regulares não são mais usados: *pagado, descrevido, dizido*, etc.

Alguns participios passados irregulares não são tambem mais empregados: *extremo, rejeito, concessso, coito, teudo, manteudo, tolheito, volto*.

Outros perderam sua função de participios: *excepto* é hoje preposição; *conteúdo* é substantivo.

1.^a CONJUGAÇÃO

Part. Pass. Reg.	Part. Pass. Irreg.	Part. Pass. Reg.	Part. Pass. Irreg.
Aceitado	Aceito ou aceite	Excusado	Excuso
Afeiçoado	Affecto	Expressado	Expresso
Agradado	Grato	Expulsado	Expulso
Annexado	Annexo	Faltado	Falto
Apronitado	Pronto	Fartado	Farto
Assentado	Assente	Findado	Findo
Bemquistado	Bemquisto	Fixado	Fixo
Captivado	Captivo	Gastado	Gasto
Cegado	Cégo	Ganhado	Ganho
Circundado	Circunciso	Ignorado	Ignoto
Completado	Completo	Infeccionado	Infecto
Concretado	Concreto	Infestado	Infesto
Confessado	Confesso	Inquietado	Inquieto
Cultivado	Culto	Isentado	Isento
Curvado	Curvo	Juntado	Junto
Densado	Denso	Lesado	Leso
Descalçado	Descalço	Libertado	Liberto
Despertado	Despersto	Limpado	Limpo
Dispersado	Disperso	Livrado	Livre
Entregado	Entregue	Matado	Morto
Enxugado	Enxuto	Manifestado	Manifesto
Estreitado	Estreito	Misturado	Misto
Exceptuado	Excepto	Molestado	Molesto
		Murchado	Murcho

Part. Pass. Reg.	Part. Pass. Irreg.	Part. Pass. Reg.	Part. Pass. Irreg.
Occultado	<i>Occulto</i>	Secado	<i>Sêco</i>
Pagado	<i>Pago</i>	Segurado	<i>Seguro</i>
Pegado	<i>Pêgo</i>	Sepultado	<i>Sepulto</i>
Professado	<i>Professo</i>	Situado	<i>Sito</i>
Quedado	<i>Quedo</i>	Soltado	<i>Solto</i>
Quietado	<i>Quieto</i>	Sujeitado	<i>Sujeito</i>
Quitado	<i>Quite</i>	Suspeitado	<i>Suspeito</i>
Revoltado	<i>Revolto</i>	Vagado	<i>Vago</i>
Salvado	<i>Salvo</i>		

2.ª CONJUGAÇÃO

Absolvido	<i>Absolto</i>	Escurecido	<i>Escuro</i>
Absorvido	<i>Absorto</i>	Extendido	<i>Extenso</i>
Acendido	<i>Aceso</i>	Incorrido	<i>Incurso</i>
Agradecido	<i>Grato</i>	Invertido	<i>Inverso</i>
Attendido	<i>Attento</i>	Morrido	<i>Morto</i>
Bemquerido	<i>Bemquisto</i>	Nascido	<i>Nado, nato</i>
Benzido	<i>Bento</i>	Pervertido	<i>Perverso</i>
Conhecido	<i>Cognito</i>	Prendido	<i>Preso</i>
Convencido	<i>Convicto</i>	Pretendido	<i>Pretenso</i>
Convertido	<i>Converso</i>	Propendido	<i>Propenso</i>
Corrompido	<i>Corrupto</i>	Refrangido	<i>Refracto</i>
Cozido	<i>Coíto</i>	Removido	<i>Remôto</i>
Defendido	<i>Defeso</i>	Resolvido	<i>Resoluto</i>
Desenvolvido	<i>Desenvolto</i>	Revolvido	<i>Revôlto</i>
Devolvido	<i>Devoluto</i>	Rompido	<i>Roto</i>
Dissolvido	<i>Dissoluto</i>	Solvido	<i>Soluto</i>
Elegido	<i>Eleito</i>	Submettido	<i>Submisso</i>
Enchido	<i>Cheio</i>	Surpreendido	<i>Surpreso</i>
Envolvido	<i>Envolto</i>	Suspendido	<i>Suspenso</i>
Escondido	<i>Escuso ou es- conso</i>	Tendido	<i>Tenso</i>
		Torcido	<i>Torto</i>

X

3.^a CONJUGAÇÃO

Part. Pass. Reg.	Part. Pass. Irreg.	Part. Pass. Reg.	Part. Pass. Irreg.
Abstraido	<i>Abstracto</i>	Excluido	<i>Excluso</i>
Adquirido	<i>Acquisto</i>	Expellido	<i>Expulso</i>
Affligido	<i>Afflito</i>	Exprimido	<i>Expresso</i>
Aspergido	<i>Asperso</i>	Extinguido	<i>Extinto</i>
Circumduzido	<i>Circumduto</i>	Frigido	<i>Frito</i>
Coagido	<i>Coacto</i>	Illudido	<i>Illuso</i>
Comprimido	<i>Compresso</i>	Immergido	<i>Immerso</i>
Concluido	<i>Concluso</i>	Imprimido	<i>Impresso</i>
Confundido	<i>Confuso</i>	Incluido	<i>Incluso</i>
Contraido	<i>Contracto</i>	Infundido	<i>Infuso</i>
Contundido	<i>Contuso</i>	Inserido	<i>Inserto</i>
Corrigido	<i>Correcto</i>	Insurgido	<i>Insurto</i>
Difundido	<i>Difuso</i>	Obtundido	<i>Obtuso</i>
Digirido	<i>Digesto</i>	Omittido	<i>Omissio</i>
Dirigido	<i>Directo</i>	Opprimido	<i>Oppresso</i>
Distinguido	<i>Distinto</i>	Possuido	<i>Possesso</i>
Distraido	<i>Distracto</i>	Restringido	<i>Resticto</i>
Dividido	<i>Diviso</i>	Submergido	<i>Submerso</i>
Erigido	<i>Erecto</i>	Suprimido	<i>Suppresso</i>
Espargido	<i>Esparsa</i>	Surgido	<i>Surto</i>
Estendido	<i>Estenso</i>	Tingido	<i>Tinto</i>
Exaurido	<i>Exausto</i>		



126

— 521 —

Etimologia

Etimologia é a parte da morfologia em que se estuda a origem ou a derivação das palavras.

Há que tenha proposto o termo — *lexiogenia* — para substituir com razão, o vocabulo — *etimologia* — que significa propriamente — verdadeiro discurso, verdadeiro tratado, verdadeira sciencia — correspondendo ao Latim — *veriloquium*, que Cicero formou. Aquelle vocabulo, infelizmente, não criou raizes.

As palavras de língua portuguesa se derivam, em sua maior parte, da língua latina, considerada a *lingua-mãe*.

A evolução do Latim, dando nascimento ás línguas *românicas* ou *novo-latinas*, tornou patentes certas leis determinantes da transformação dos sons, que se não realizaram ao mesmo tempo, mas em épocas diferentes, umas leis substituídas por outras.

Estas leis podem ser resumidas nas dez seguintes:

1.º PERSISTENCIA DO ACENTO TONICO: *amare*, *amar*; *hominem*, *homem*.

Este princípio foi o grande factor que determinou a origem latina da Língua portuguesa.

É uma lei que se observa em todas as Línguas romanicas.

Ha algumas excepções produzidas:

a) por analogia: *amávamos* modelado em *amáva*, derivado de *amabámus*.

b) a conjugação latina em *ere* breve originou verbos em *ere* longo: *círrere*, correr.

2.ª QUEDA DA VOZ NÃO ACENTUADA, quer no princípio: *episcopus*, bispo; quer no meio: *malitatem*, maldade; quer no fim: *misturare*, misturar.

Muitas vezes, quando a vogal — *e* — não acentuada não cai, nasaliza-se: *exsuctum*, enxuto.

A par com a tendência da queda da vogal, há o fenômeno opposto do aumento de um — *a* — no começo do vocabulo: *vultur*, abutre.

3.ª CONVERSÃO DAS VOZES ACENTUADAS OU NÃO: *famem*, fome; *catus*, gato.

Segundo diz Meyer-Lübke, as modificações das vogais são devidas em primeiro lugar ao acento. As tonicas, por causa do esforço maior com que são articuladas, alongam-se, redobram-se, ditongam-se; as átonas são sujeitas a se enfraquecer em sons incolores e a desaparecer.

São as seguintes as mais importantes conversões vocais:

a em *e*: *alacrem*, alegre; *Tagum*, Tejo.

a » *i*: *Agnes*, Ignez.

a » *o*: *famem*, fome.

a » *ei*: *basium*, beijo; *primarius*, primeiro.

a » *ou*: *saltum*, soutu; *falcem*, fouce.

e » *a*: *reginam*, rainha; *ebenum*, ebano.

e » *i*: *mecum*, migo; *decima*, dizima.

e » *o*: *per*, por; *serum*, soro.

e » *ei*: *cremare*, queimar.

i » *a*: *bilancem*, balança; *cubitum*, covado.

i » *e*: *trifolium*, trevo; *ingenium*, engenho; *cito*, cedo.

o » *a*: *dominam*, dama.

o » *e*: *obscurum*, escuro; *frontem*, frente.

o » *u*: *totum*, tudo; *complere*, cumprir.

u » *e*: *umbelicum*, embigo.

u » *o*: *urticam*, ortiga; *lupum*, lobo.

u » *oi, ou*: *lavaturum*, lavadouro; *uenturus*, vindouro.

y » *a*: *symponia*, sanfone.

y » *e*: *gypsum*, gesso.

y em o: *byrsum*, bolsa.
y » u: *cryptam*, gruta.
ae (ditongo) em e: *æram*, era.
au » o: *pauper*, pobre; pôde se conservar: *caudam*, cauda; muda-se tambem para ou e oi: *aurum*, ouro e oiro; para a: *augustus*, agosto; *augurium*, agouro, e para o: *auriculam*, orelha.
oe (ditongo) em e: *calum*, céu.

4.^a QUEDA OU PERDA DA CONSOANTE ENTRE VOGAES: *comedere*, comer; *malum*, mau; e perda ou transformação da consoante final ou tornada final pela queda da vogal subsequente: *ad*, a; *sic*, sim.

Exceptuam-se as consoantes — *l*, *r*, *n* (nos monosílabos, e a consoante — *s* — que persistem: *solem*, *sole*, sol; *marem*, *mare*, mar; *in*, em; *magis*, mais).

Sendo as vogaes mais sonoras que as consoantes, estas tendem sempre a cair mais facilmente.

Desde que uma consoante, pela sua posição ou formação, é pouco percebida, não servindo de caracter distintivo ao grupo fónico, é facil desapparecer.

5.^a PERSISTENCIA DA CONSOANTE INICIAL: *casam*, casa.

E' no principio das palavras que as consoantes apresentam maior força de resistencia.

6.^a ABRANDAMENTO, isto é, TROCA DE CONSOANTES QUE TÊM O MESMO ORGAM SONORO: *herbam*, herva; *latus*, lado.

As consoantes fortes se mudam por outras homorganicas doces.

Os principaes casos de mudança de consoantes na passagem do Latim para o Portuguez, são:

b em *f*: *bubalum*, bufalo.

b » *m*: *morbo*, mormo; *cannabis*, canhamo.

b » *v*: *debere*, dever; *amabilis*, amavel.

c » *g*: *caveolan*, gaiola; *focus*, fogo.

c » *ch*: *murcidus*, murcho; *capellum*, chapéu, por influencia do Francez.

c » *q*: *cremare*, queimar.

c » *z*: *crucem*, cruz; *facere*, fazer.

- ás vezes se vocaliza: *octo*, oito; *doctorem*, doutor; ou se nasaliza: *nec*, nem.
- d* em *g*: *delphinum*, golfinho.
- d* » *l*: *judicare*, julgar.
- d* » *r*: *cicadulam*, cigarra (permuta única, diz João Ribeiro).
- f* » *b*: *africum*, abrego.
- f* » *h*: *fetibundus*, hediondo, por influencia do Espanhol.
- f* » *p*: *sufflare*, soprar.
- f* » *v*: *aurifcem*, ourives; *trifolium*, trevo.
- g* » *z*: *spargere*, esparzir.
- g* » *j*: *gesiminum*, jasmim. A's vezes se vocaliza: *integrum*, inteiro.
- l* » *r*: *lilium*, lirio; *pallidum*, pardo. A's vezes se vocaliza: *falcem*, foice; *dulcis*, doce.
- l* » *j*: *tolium*, joio.
- l* » *n*: *libellum*, nível.
- m* » *l*: *memorare*, lembrar.
- m* » *n*: *comitem*, conde.
- n* » *l*: *animam*, alma.
- n* » *m*: *finem*, fim; *bonum*, bom.
- n* » *r*: *sanare*, sarar.
- p* » *b*: *lupum*, lobo; *caput*, cabo.
- p* » *f*: *caput*, chefe, por influencia francesa.
- p* » *v*: *populum*, povo.
- p* » *m*: *calupniam*, calunia.
- q* » *c*: *quinque*, cinco.
- q* » *g*: *aquam*, agua; *aquilam*, aguia.
- r* » *l*: *papyrus*, papel; *parabolam*, palavra.
- s* » *z*: *mensem*, mez.
- t* » *d*: *rotam*, roda; *digitum*, dedo.
- t* » *c*, *z*: *gratiam*, graça; *avaritiam*, avareza.
- v* » *b*: *vultur*, abutre; *vesicam*, bexiga.
- v* » *f*: *paraveredum*, palafrem; *salvuni*, safo.
- v* » *g*: *vastare*, gastar, pela influencia do germanico, pronunciado *gu*: *werra*, guerra; *Wilhelm*, Guilherme; *wisa*, guisa.
- x* » *s* ou *x*: *sex*, seis; *axe*, eixo. Houve tambem a produçao de um *i*. Como *x* tem dois elementos *c*, *s*, em alguns casos *c* não se vocaliza, mas assimila-se ao *s*: *dixi*, disse.
- x* » *c*: *texere*, tecer.
- z* » *g*: *zinziber*, gengibre (attracção).
- z* » *c*: *zelum*, cio (zeloso, cioso).

7.^a REFORÇO, que é uma excepção, um fenomeno opposto ao abrandamento e um facto muito raro: *passionem*, paixão.

8.^a ASSIMILAÇÃO, lei de eufonia, em virtude da qual um som se modifica por influencia de outro som, a este ficando igual, assimilando-se.

A assimilação pôde ser *progressiva* e *regressiva*.

E' *progressiva*, quando o som modificado está depois: *amam-o, amam-no; nostrum, nosso*.

E' *regressiva*, quando o som modificado está antes: *in-mortal, immortal; trazer lo, trazel-lo, traze-lo*. E' o caso mais commum na Lingua Portugueza.

9.^a DISSIMILAÇÃO, isto é, reacção ou repulsão que um som exerce sobre outro para evitar que seja repetido: *lilium, lirio; fratrem, frade*. O sufixo *al* se junta a radical que contenha *r*, e o sufixo *ar* a radical que contenha *l*: *austral, rural* ao lado de *popular, secular*.

A's vezes a dissimilação faz que uma das consoantes caiá: *aratrum, arado*.

Esta lei tambem existe em Latim e foi observada por Leo Meyer e Corssen, que dizem que ha um principio pelo qual essa Lingua se esforça por não repetir o mesmo som na palavra.

Assim, havendo dois sufixos quasi identicos *ali* e *ari*, formam-se em Latim: *austr-alis, rur-alis, reg-alis, mor-alis, mort-alis*, ao lado de *vulg-aris, popul-aris, epul-aris*, isto é, o sufixo *ari* não se junta em regra a um tema ou raiz que contenha já outro *r*, nem o sufixo *ali* a um tema ou raiz que contenha já um *l*.

Pott é da mesma opinião e diz: Si o corpo da palavra encerra um *l*, os romanos preferem a desinencia *aris: secularis, regularis*, com as duas unicas excepções: 1.^a que o *l* era conservado quando havia tambem um *r* no corpo da palavra e o *r* estava mais perto da terminação que o *l: pluralis, lateralis*; 2.^a quando o *l* fazia parte de uma consoante composta, como em *fluvialis, glacialis*.

10.^a CONVERSÃO dos grupos *cl, fl, pl, tl*, em *ch: clavem, chave; flammam, chamma; plorare, chorar; tolutare (t'lutare), choutar*.

CONVERSÃO de *ct* em *ch* ou *ut* ou *it: cactum, cacho; actum, auto; lectum, leito; octum, oito, outo (arcaico)*.

CONVERSÃO de *bl, cl, dl, gl, pl, sl, tl*, em *lh: tribulare, tribl'are, trilhar; articulum, artic'lum, artelho; radu-*

lare, rad'lare, ralhar; tegulam, teg'lam, telha; scopulum, scop'lum, escolho; insulam, ins'lam ilha (único exemplo, diz Julio Ribeiro); *rotulam, rot'lam, rolha.*

CONVERSÃO de *gn* em *nh*: *lignum, lenho; cognatum, cunhado.*

Observe-se que em:

M'r, m'l intercala-se um *b*: *umerum, um'rumb*, ombro; *cumulum, cum'lum*, combro.

Bl, gl perdem, às vezes, a inicial: *blastimare, lastimar; glande, lande.*

Pt, assimila-se: nepta (netta), neta. Às vezes cai: *ptisanam*, tisana, ou vocaliza-se: *acceptum*, aceito.

Ps, rs assimilam-se em *ss*: *ipse, esse; persona, pessoa; persicum, pêssego* (escrito vulgarmente *pêcego*); *ersam, essa* (escrito vulgarmente *eça*).

Sc reduz-se a — *c* — quando seguidas de — *e* — ou de — *i*; em alguns casos permanece inalterado: *cognoscere, conhecer; roscivum, rocio; muscam, mosca*; ou se muda para — *x*: *piscem, peixe.*

São estas as leis mais importantes, reconhecidas por todas as grammaticas, para a transformação dos sons em Portuguez.

Quaes as causas, porém, que produziram estas leis?

Impossivel será determina-las; entretanto, há dois grandes principios, que juntos à influencia do meio, pôdem ser considerados como os de maior importancia.

O primeiro principio é a *lei do menor esforço*, ou *de menor accão*, que Sweet e Palessy chamam *princípio de economia*.

O segundo é o *princípio de enfase*, largamente estudado por Sayce e Sweet.

Tiram-se dai duas leis:

1.^a A linguagem tende constantemente a se desembaraçar do que é superfluo.

2.^a A linguagem tende constantemente a pôr em relevo o que é necessario.

E' da primeira que se deriva a fraca acentuação das sillabas pouco importantes, a assimilação mais ou menos completa de dois sons consecutivos, a abreviação das sillabas longas. Esta lei é observada clara e quotidianamente na linguagem do povo, elemento corruptor de uma lingua.

O inglez, de todas as linguas indo-européas, é a que mais emprega o principio do menor esforço.

A lei do menor esforço, diz Chaignet, não é prova de fraqueza, e sim de bom senso.

E' a lei de economia universal que a natureza e o espirito seguem por toda a parte e sempre, no emprego de suas forças. A riqueza não é mais que a força economizada.

O instinto do bello, o sentimento da harmonia e do ritmo, a necessidade da simplicidade, as necessidades superiores da clareza logica, o espirito, enfim, eis os grandes autores dessas permutas que têm por fim os fins intellectuaes da palavra: supprimir ou diminuir a pouco e pouco nas articulações tudo o que exige um esforço violento e inutil, todos os sons que incomodam aos ouvidos, que fazem abrir desagradavelmente a boca, que fazem inchar as veias da garganta, todos os sons que se aproximam dos berros, dos mugidos, dos sibilos, dos miados e dos uivos dos animaes.

A segunda lei, embora menos conhecida, não deixa, por isto, de ser verdadeira e é, por certo, uma consequencia logica da primeira.

E tanto é assim que, si o principio de economia agisse sózinho, tornar-se-iam as Linguas, depois de um certo tempo, desconhecidas e, por consequencia, seriam impropias para servir de meio de commu-nicação.

E' justamente o que se observa no emprego dos arcaismos e neologismos, cuja luta é um dos factos mais interessantes a estudar na vida literaria de uma Lingua.

II

Formação por meio de composição

As palavras compostas se formam de tres modos, por: Juxtaposição, em que os elementos componentes se acham ligados, conservando a mesma grafia, sem alteração e com as mesmas sillabas tonicas: *beira-mar, ponta-pé, mal-me-quer*.

Aglutinação, em que os elementos componentes se fundem, formando um unico todo, e modificando sua grafia, só tendo uma sillaba tonica: *fidalgo* (filho de algo); *planalto* (plano alto).

Prefixação, em que o primeiro elemento é um prefixo que se junta a uma palavra simples: *infiel, desfazer*.

JUXTAPOSIÇÃO

As palavras juxtapostas se compõem de:

Substantivo e substantivo: *arco-iris, couve-flôr*.

Substantivo e adjectivo: *redea-falsa, amor perfeito*.

Adjectivo e substantivo: *gentil homem, livre-pensador*.

Adjectivo e adjectivo: *surdo-mudo, luso brasileiro*.

Verbo e substantivo: *guarda-vestido, porta voz*.

Particula e substantivo: *entre-casco*.

Particula e adjetivo: *mal-dito*.
Verbo e verbo: *vai-vem, ruge-ruge*.
Palavras diversas: *bem-te-vi, mal-me-quer*.
A formação de palavras compostas dá lugar ao *hibridismo*.

Hibridismo é a formação de palavras com elementos de línguas diversas.

Sociologia: latim e grego.
Monoculo: grego e latim.
Automovel: grego e latim.
Zincografia: alemão e grego.
Linguistica: latim e grego.
Velodromo: latim e grego.
Cipóchumbo: tupi e latim.
Alcoolmetro: árabe e grego.
Burocracia: francês e grego.

O hibridismo é aceitável quando um dos elementos componentes não existe na Língua ou quando o vocabulo está consagrado pelo uso.

Precisamos fazer algumas observações:

1.º Ha casos em que a aglutinação é tam intensa que só uma análise rigorosa chega a conhecer a composição:

Morcego, murem-coecum, rato cégo.
Naufragio, navis-fragium, quebramento da nau.
Marmota, murem-montis, rato montez.
Acabrunhar, caput-pronare, vergar a cabeça.
Kermesse, kerk-misse (hollandez), igreja missa.

2.º Às vezes a junção do prefixo produz um som desagradável. Para evita-lo, suprime-se a letra final: *emigrar*, de *exmigrare*; *intrinseco*, de *intra-secus*; ou, então, a consoante final assimila-se à inicial da palavra seguinte: *acelamar, ad-clamare*, etc.

Estas modificações na opinião de Darmsteter, já eram usuais no Latim e são communs às Línguas novo-latinas.

3.º Muitos compostos latinos, pelo desaparecimento do signal externo da composição, foram considerados palavras simples: *colher, co-ligere*.

As raízes dividem-se em *atributivas*, que exprimem noção de

as e demonstrativas, que designam os seres e suas modificações.

As raízes são sempre monossílabicas e, na impossibilidade de chegar até à sua forma mais simples, Max-Müller apresenta as seguintes modificações:

- 1.^a vogal: *i* — *ir*.
- 2.^a vogal + consoante: *ad* — *comer*.
- 3.^a consoante + vogal: *da* — *dar*.
- 4.^a consoante + vogal + consoante: *cad* — *cahir*.
- 5.^a vogal + grupo de consoantes: *arc* — *ajustar*.
- 6.^a grupo de duas consoantes + vogal: *plu* — *correr*.
- 7.^a grupo de duas cons. + vog. + cons.: *spec* — *vér*.
- 8.^a cons. + vog. + grupo de duas cons.: *vert* — *girar*.
- 9.^a grupo de duas cons. + vog. + grupo de duas consoantes: *sparg* — *espalhar*.

PREFIXOS

Os prefixos em Portuguez são de origem vernacula, latina e grega. *São gregos, prep. ou coloqu.*

Vernaculos são os prefixos que se originam da nossa propria Lingua.

Os mais conhecidos são:

- a* — proximidade — *alinhar*.
- ante* — precedencia — *ante ontem*.
- bem* — bondade — *bemdizer*.
- com* — união — *compôr*. Toma, por assimilação, as formas: *col* — *collaborar*; *cor* — *corresponder*, ou perde o *m*: *cooperar*.
- contra* — oposição — *contradizer*.
- em, en* — lugar — *embarcar, engarrafar*.
- entre* — collocação em meio — *entrelaçar, entreabrir*.
- mal* — mau exito — *malquerer*.
- sem* — exclusão — *semsabor*.
- sob* — inferioridade — *sobpôr*. Toma as formas: *so* — *soerguer, sopapo*; *sota* — *sotapiloto*; *soto* — *sotopôr*.
- sobre* — em cima, excesso — *sobrenome, sobresai*.

Latinos são os prefixos que se originam da Língua latina.

Os mais conhecidos são:

a, ab, abs — separação — *aversão, abnegação, abstenção, ausente (ab sente)*.

a, ad — lugar onde, direcção, tendencia — *abordagem, adjunto*. Toma, por assimilação, as fórmas: *ac* — *acceder*; *af* — *affirmar*; *ag* — *aggravar*; *al* — *allumiar*; *an* — *anunciar*; *ap* — *apparecer*; *ar* — *arrogar*; *as* — *assentar*; *at* — *attender*.

ambi — ambos — *ambidextro*.

bene — bem — *beneficio*.

bis, bi — duas vezes — *bisneto, bipede*.

circum — ao redor — *circunferencia, circuito*.

cis — aquem — *cisalpino, citerior*.

de — principio, origem — *decorrer*.

des — negação, efeito contrario, intensidade — *desventura, desdizer, deshoras*. Na linguagem popular indica especialmente intensidade: *desinfeliz, desinquieto, desabusado*.

dis — negação, aumento — *discordancia, disforme*.

e, es, ex — fóra — *emergir, enorme, emigrar, escorrer, espalmar, extracção*.

extra — além — *extraordinario*.

in — negação (com adjetivos); lugar onde (com verbos) — *infiel, inscrever*. Toma, por assimilação, as fórmas: *il* — *illegal*; *im* — *immortal*; *ir* — *irregular*.

inter — no meio — *interpôr*.

intro — para dentro — *intrometter*.

juxta — junto — *juxtaposição*.

male — mal — *malefício*.

ob — situação fronteira, oposição — *objecto, obstar*.

Toma varias fórmas por assimilação: *oc* — *occasião*; *of* — *offensa*; *op* — *oposição*. Às vezes perde o — *b* —: *omittir*.

pene — quasi — *peninsula*.

per — atravez, por meio de — *pendurar, percorrer, perverter*.

post, pos — depois — *postdata, pospôr.*

pre — antecedencia, superioridade — *prevêr, preferir.*

preter — alem — *peterição.*

pro — antes, a favor — *proclamar, prologo, promoção.*

re — repetição, para trás — *relêr, refugiar.* Este prefixo tem, ás vezes, por excepção, um sentido opposto ao indicado pelo radical: *reprovar, revelar, renunciar, rehabilitar.*

recem — de novo — *recemnascido.*

retro — para trás — *retrogradar, retaguarda.*

satis — bastante — *satisfazer.*

semi — metade, quasi — *semicírculo, semivivo.*

sine — sem — *sinecura, simples.*

sub — inferioridade — *subchefe.* Por assimilação toma varias fórmas: *suc* — *successo*; *suf* — *sufficiente*; *sug* — *suggerir*; *sup* — *suppôr*; *sur* — *surrir*; *sus* — *susceptibilidade*; ou perde o *b*: *sujeitar*.

subter — inferioridade — *subterfugio.*

super — superioridade — *superficie, superfino, superpôr.*

supra — em cima, além de — *supramencionado, supranumerario.*

trans — além — *transmittir, transpôr.* Tem as fórmas: *tras* — *trasladação*; *tres* — *tresnoitar, tresvario*; *tra* — *tradução, tramontano, trajecto.*

tris, tri — tres vezes — *trisavô, triangulo.*

ultra — além — *ultramontano, ultramar.*

un, uni — uma vez — *unanime, unicornio.*

vice — substituição, em lugar de — *vice-rei.* Tem a forma *vis* : *visconde.*

Gregos são os prefixos que se originam da Lingua grega.

Os mais conhecidos são:

a, an — negação, privações — *ateu, acefalo, anonimo, analfabeto.*

O prefixo *a* usa-se antes de consoante; *an* antes de vogal, por eufonia.

amphi — ambos — *anfibio.*

- ana* — reduplicação, elevação, afastamento — *anabaptista, analise, anacronico.*
anti — oposição — *antipatia, antartico.*
apo — longe — *apogett, afelio.*
archi — supremacia — *arcanjo, arquiduque, arcebispo, arcipreste.*
cata — para baixo, ordem — *catastrofe, catalogo.*
dia — lugar intermedio — *diametro.*
dys — mal — *dispepsia.*
em, en — tendencia para dentro — *embrião, encefalo.*
ex — separação — *exodo, eclipse.*
epi — sobre — *epilogo, epitafio.*
eu — bem — *eufonia, evangelho.*
hemi — metade — *hemisterio, hemicirculo.*
hyper — excesso — *iperbole.*
hypo — debaixo — *hipotese, hipogastro.*
meta — mudança — *metatese, metamorfose.*
mega — grande — *megaterio.*
micro — pequeno — *microscopio.*
neo — novo — *neologismo.*
pan, pantos — tudo — *panorama, panteista.*
para — ao lado — *paragrafo.*
peri — ao redor — *perimetro, perifrase.*
pro — anteposição — *protese, programma.*
sym — juntamente — *simpatia, sintaxe, sillogismo, sistema.*

Pódem-se incluir nesta lista os nomes dos numeros gregos: *mono, dis, tri, tetra, penta, hex, hepta, octo, ennea, deca, endeca, icos, kilo, myria, deuto*, etc.

Além destes elementos, ha o prefixo arabe *al* que deu origem a muitas palavras portuguezas: *albergue, açucar, azulejo, etc.*

carlinda

III

Formação por meio de derivação -

As palavras derivadas se formam geralmente por meio de suffixos que se juntam á palavra primitiva, ou ao radical, modificando-lhe a significação.

Pode-se tambem formar a derivação sem auxilio de suffixos, como: *offerta*, de *offertar*; *castigo*, de *castigar*; *resgate*, de *resgatar*. São substantivos que alguns grammaticos chamam *postverbaes*, por serem formados do radical do verbo, com o acrescimo da terminação *a*, *o*, *e*.

SUFFIXOS

Os suffixos da Lingua portugueza são, em grande parte, originados do Latim ou formados no proprio seio da Lingua.

Temos, assim, suffixos que juntos a substantivos formam substantivos; outros que juntos a adjectivos formam substantivos, etc.

Substantivos derivados de substantivos:
— *aça, aço* — quantidade, aumento — *fumaça, vidraça, espinhaço*.

ada — golpe, porção, tempo — *facada, rapazeada, at-*
vorada.

ade — irmandade.

ado, ato — profissão, dignidade — *professorado, duca-*
do, baronato, generalato.

agem — colleção, estado — *folhagem, aprendizagem*.

al — extensão, quantidade — *areal, laranjal*.

alha — extensão — *muralha*. Tem sentido pejorativo:

ame — conjunto — *cordame, correane*.

ama — colleção — *dinheirama*.

ano — origem, seita — *bahiano, republicano*.

aria — colleção, lugar — *livraria, cavallaria, escadaria*.

ario, eiro, eira — profissão, officio, lugar onde, patria
— *boticario, porteiro, costureira, reticario, gallinheiro, bra-*
zileiro. Os dois ultimos suffixos fórmam nomes de arvores
frutiferas: *limoeiro, mangueira*.

astro — poetastro, madrasta, com sentido pejorativo.

cida — matador — *regicida, insecticida*.

cola — o que cultiva ou habita — *vinicola, agricola,*
selvicola.

edo — porção — *passaredo, arvoredo*.

ela — accão, reunião — *corruptela, parentela*, com sen-
tido pejorativo.

ense — indica patria — *braziliense*.

esca — reunião — *soldadesca*.

iça, iço — diminuição ou depreciação — *caliça, caniço*.

ta — emprego, lugar em que elle é exercido — *prela-
zia, mordomia*.

io — conjunto — *mulherio*.

ismo — doutrina, seita — *cristianismo, abolicionismo*.

ista — emprego, agente — *oculista, jornalista, capita-
lista*. E' de grande uso e forma tambem palavras signifi-
cando seita: *monarquista, socialista*.

lento — somnolento.

ol — patria — *espanhol*.

— *orio* — aumento — *foguetorio*, *vivorio*, com sentido pejorativo.

oto — patria — *minhoto*.

ugem — acção, quantidade — *ferrugem*, *pennugem*.

ulho — reunião — *pedregulho*.

voro — comedor — *herbivoro*, *insectivoro*.

Além destes, há os suffixos que indicam aumento, como: *ão*, *az*, etc., e outros que indicam diminuição: *inho*, *elha*, *ela*, etc.

— Substantivos derivados de adjectivos (exprimem qualidade, estado, condição):

aria — *enfermaria*.

eima — *toleima*, *guloseima*.

ença, *encia* — *convalescença*, *corpulencia*.

ena — *novena*.

ez, *eza* — *altivez*, *nobreza*.

ia — *alegria*, *cortezia*.

iça, *icia* — *justiça*, *malicia*.

ice — *tolice*, *velhice*.

idão — *escuridão*, *gratidão*.

idade — *fidelidade*, *salubridade*. Há grande numero de palavras formadas com este suffixo e com a forma *dade*: *maldade*, *igualdade*. Concorre com os substantivos em *ão*: *solidade*, *solidão*; *variedade*, *variação*.

ismo — *radicalismo*, *purismo*.

mento — *atrevimento*.

or — *verdor*, *amargor*.

orio — *finorio*.

tude — *amplitude*, *juventude*.

ura — *brandura*, *alvura*.

— Substantivos derivados de verbos (exprimem acção, feito, resultado, lugar):

aço — *cansaço*.

agem — *lavagem*, *passagem*.

alho — *espantalho*.

ança, ença, ancia, encia — lembrança, crença, ignorância, resistencia.

anda, enda — propaganda, vivenda.

ão — rasgão, comparação.

ela — olhadela, com sentido pejorativo.

ia — correria.

ido — bramido, vestido.

ilho — andarilho.

ivo — curativo, cooperativo.

iz — chamariz, geratriz.

mento — falecimento, testamento. Concorre com os substantivos em ção: fundamento, fundação; fragmento, fracção.

or — caçador, professor.

orio — oratorio, conservatorio.

oura, ouro — mangedoura, matadouro, sumidouro.

ura — pintura, assadura.

— Adjectivos derivados de substantivos:

aco — demoniaco.

aceo — liliaceo, crustaceo.

al, il — imperial, febril.

aneo — contemporaneo.

ano — romano, pernambucano.

ão — comarção.

ar — familiar, ocular.

ario, eiro — imaginario, interesseiro.

atico — lunatico, asiatico.

ejo — sertanejo.

enso — ferrenho.

ente — paciente.

ento — nojento, somnolento.

eo — marmoreo.

esco — fradesco, dantesco.

estre — campestre

este — celeste.

ez — camponez.

fero — frutifero, aurifero.

fico — prolifico.

forme — fusiforme, uniforme.

fugo — centrifugo, vermifugo.

gero — lanigero.

ico — diabolico.

iço, icio — enfermiço, vitalicio.

imo — maritimo.

inho — marinho.

ino — diamantino, leonino.

onho — medonho.

orio — tormentorio.

oso — nervoso, rendoso. Suffixo de grande emprego.

udo — tinguarudo, cabeçudo.

undo — iracundo.

voro — carnívoro, omnívoro.

Adjectivos derivados de adjetivos :

al — maternal, angelical.

ardo — felizardo.

el — cruel, novél.

ento — pardacento.

ete — triguerete.

este — agreste.

onho — tristonho.

orio — finorio, simplorio.

ote — velhote.

oso — verdoso.

Adjectivos derivados de verbos :

ado, ido — amado, temido.

ando, endo — venerando, tremendo.

ante, ente, inte — amante, crente, pedinte.

ão — folgazão.

iço — espantadiço, alagadiço.

io — luzidio, fugidio.

ivo — fugitivo.

or — abridor.

orio — inflammatorio.

osto — posto.

ouro — duradouro, ancoradouro.

undo — moribundo, vagabundo.

vel — amavel, visivel, movel, soluvel. A forma *avel* concorre com *ante* e *oso*: *amavel*, *amante*, *amoroso*. A forma *ivel* concorre com *ivo*: *sensivel*, *sensitivo*. Há a forma *bre*: *nobre*. A forma *vel* tinha no Portuguez antigo a forma *bil*, que ainda hoje se emprega no superlativo absoluto: *amavel*, *amabil*, *amabilissimo*; *invisivel*, *invisibil*, *invisibilisimo*, etc.

Derivaçao de verbos:

ar, er, ir — ajoelhar, emmagrecer, cuspir.

ear — barbear, baratear.

ecer, escer — anoitecer, adormecer, florescer.

ejar — doudejar, forcejar, vojar.

entar — avelhentar, amamentar.

ficar — amplificar, purificar.

icar — fabricar, adocicar.

ilhar — fervilhar.

inhar — escrevinhar, espezinhar.

iscar — lambiscar.

itar — dormitar, saltitar.

izar — arborizar, fertilizar.

A lista dos elementos gregos que formam termos portuguezes, pôde ser aumentada com os elementos — verdadeiras palavras — que ora figuram de prefixos, ora de suffixos e muitas vezes constituem todo o radical.

São principaes os seguintes:

acro, extremidade, sumidade, *acróbata*, *acróstico*.

aer, ar, aeronave.

agogo, guia, *demagogo*.

algia, dôr, *odontalgia*.

anemo, vento, *anemometro*.

antho, flôr, *anthlogia*, *helianto*.

- antropos*, homem, *antroposago*, filantropia.
aristos, melhor, aristocracia.
auto, por si mesmo, autonomia, autobiografia.
archo, governo, monarquia, anarquia.
archaios, antigo, arcaismo.
arithmos, numero, aritmetica.
arthro, articulação, artralgia.
atmas, ar, atmosfera.
baro, peso, barometro.
bato, andar, hiperbato, acróbata.
biblio, livro, bibliografia, biblia.
bio, vida, biografia, anfibio.
bola, bolo, bole, lançar, parabola, discobolo, hiperbole.
brachy, breve, curto, braquicefalo.
caco, máu, cacofonia, cacografia.
calli, bello, calligrafia, caleidoscopio.
cele, tumor, gastrocele, hidrocele.
cephalo, cabeça, cefalgia, microcefalo.
cero, chifre, rinoceronte.
choles, bilis, melancolia.
christo, ungido, christão, antichristo.
chiro, mão, quirografia.
chrono, tempo, cronica, isocrono.
crisia, juizo, hipocrisia.
crasia, constituição, discrasia.
cromo, côr, cromolitografia.
crypho, segredo, ocultação, apocrifo.
crypto, oculto, criptografia.
chryso, ouro, crusalida, Crisostomo.
cosmo, mundo, cosmografia, microcosmo.
cracia, poder, força, autocracia, democrata.
cyano, azul, cianogenio.
cyclo, circulo, cicloptero, bicicleta.
cyno, cão, cinocefalo.
demo, povo, democracia, epidemia.
doto, dado, antidoto.
dromos, carreira, hipódromo, dromedario.
dynamis, força, dinamite.
edro, face, diedro.
electron, electricidade, electrometro.
eidos, forma, caleidoscopio.
endo, dentro, endocarpo, endogeno.
entomo, insecto, entomologia.
ethos, usos, etica, etografia.
ethnos, povo, etnografia.
exo, fóra, exogeno, exoterico.

gameo, casamento, *bigamia*, *poligamo*.
gastro, estomago, *gastronomo*, *epigastro*.
geneo, especie, *homogeneo*.
genio, gerado, *hidrogenio*.
geo, terra, *geografia*, *apogeu*.
glypho, eugravo, *hieróglifo*.
gnose, conhecimento, *geognosia*.
gono, raça, prole, *epigono*.
gono, angulo, *poligono*.
gonia, produçao, geração, *teogonia*, *cosmogonia*.
gramma, letra, *grammatica*, *monogramma*.
grapho, que escreve, *tipografo*, *grafico*, *grafofone*.
gymno, nú, *gimnastica*.
gyn, *gyneco*, mulher, *ginecciu*, *ginecocracia*.
heli, sol, *heliografia*, *afelio*.
hemero, dia, *efemeride*, *Decameron*.
hema, *hemato*, sangue, *hemorragia*, *hematocele*.
hetero, diverso, *heterogeneo*.
hiero, sagrado, *hieroglypho*.
hippos, cavallo, *hipodromo*.
hodos, caminho, *exodo*.
homeo, igual, *homeopatia*.
homo, igual, *homofono*, *homonimo*.
hydro, agua, *hidrobio*, *hidrografia*.
hygro, humido, *higrometro*.
idios, proprio, *idioma*, *idiopatia*.
ichtyo, peixe, *ictiologia*.
icono, imagem, *iconoclasta*.
ismo, sistema, imitação, *dogmatismo*, *christianismo*.
iso, igual, *isosceles*.
ite, inflamação, *hepatite*, *gastrite*.
latria, adoração, *idolatria*.
lexi, palavra, *lexiologia*.
litho, pedra, *litografia*, *aerolito*.
logos, palavra, tratado, *analogia*, *mitologia*, *apologo*.
macro, grande, longo, *macrocosmo*, *macrobio*.
machia, combate, *tauromaquia*.
mancia, adivinhação, *cartomancia*.
mania, loucura, *monomania*, *maniaco*.
mato, o que se move, *automato*.
mega, *megalio*, grande, *megaterio*, *megalomania*.
meso, meio, *mesoearpo*, *mesoclide*.
melo, canto, *melodrama*.
metron, medida, *metrologia*, *perimetro*.
metro, māi, *metropole*.
micro, pequeno, *microcosmo*, *microbio*.

- mis*, odio, *misanthropo*.
mimo, imitador, *pantomima*, *mimologia*.
morpho, forma, *morfologia*, *amorfo*.
mytho, fabula, *mitologia*.
nau, navio, *nauta*, *aeronauta*.
necro, morto, *necrologia*, *necroterio*.
neo, novo, *neologismo*, *neofito*.
neso, ilha, *Polinesia*, *nesografia*.
nevro, nervo, *nevralgia*.
nomo, lei, *astronomia*, *agronomo*.
noso, doença, *nosografia*.
odo, caminho, *periodo*, *exodo*.
onoma, nome, *anonimo*, *onomatopéa*.
odonto, dente, *odontologia*.
oide, forma, *metaloide*, *esferoide*.
onto, ente, *ontologia*.
ophi, serpente, *ofidio*, *ofiofago*.
ophtalmo, olho, *oftalmia*.
orama, vista, *diorama*, *cosmorama*.
ornitho, passaro, *ornitologia*.
ortho, direito, *ortografia*.
osteo, osso, *osteologia*.
oxy, acido, *oxigenio*.
paleo, *paleon*, antigo, *paleografia*, *paleontologia*.
patho, sentimento, paixão, molestia, *simpatia*, *patologia*.
phago, comer, *antropofagia*.
phanos, brilhante, *diafano*.
philo, amigo, *biblio*filo, *filologia*.
phito, planta, *neofito*, *zoofito*.
phlebo, veia, *flebotomia*.
phobo, temor, *hidrofobia*, *xenofobia*.
phone, som, *fonografo*, *eufonia*.
phonos, matança, *taurofóno*, *xenofónio*.
photo, *phos*, luz, *fotografo*, *fosforo*.
phora, *phoro*, que leva, *fosforo*, *metafora*.
pneuma, ar, *pneumatico*.
podos, pé, *antipoda*, *polipo*.
poleo, eu vendo, *monopolio*.
polis, cidade, *metropole*, *Petropolis*.
potamo, rio, *potamografia*, *hipopotamo*.
phisis, natureza, *fisiologia*.
poly, muito, *polissillabo*.
proto, primeiro, *protomedico*.
pseudo, falso, *pseudonimo*.
psycho, alma, *psicologia*, *metempsicose*.
ptero, aza, *aptero*.

pyro, fogo, *pirotecnia*, *pirilampo*.
phren, cerebro, *frenologia*.
rhino, nariz, *rinoceronte*.
scopo, vista, *microscópio*, *horóscopo*.
sophia, sabedoria, *filosofia*.
stata, levantar, *aerostato*.
steno, breve, *estenografia*.
stereo, sólido, *estereometria*.
stoma, boca, *exostoma*.
strate, exercito, *estrategia*.
strophe, volta, *catastrophe*.
sthenia, força, *neurastenia*.
stilo, columna, *peristilo*.
taphos, tumulo, *epitafio*.
teche, arte, *politecnica*, *tecnologia*.
tele, ao longe, *telefônio*, *telescopio*.
theo, Deus, *teologia*, ateu.
thermo, calor, *termômetro*.
these, posição, *prótese*, *antítese*.
therapia, tratamento medico, *hidroterapia*.
thermo, calor, *termômetro*.
tomo, corte, *anatomia*, atomo subentende-se, neste ultimo exemplo, o vocabulo — *meris* — parte.
tono, som, *monotonia*, *tonico*.
topo, lugar, *topografia*.
trophia, nutrição, *atrofia*.
typo, modelo, *tipografia*, *prototípo*.
urgia, trabalho, *metalurgia*.
zoon, animal, *zoologia*, *epizootia*.



IV

Declinação

Na *Sciencia da Linguagem* diz Max Müller sobre *casos*:

Na linguagem filosofica dos estoicos, *ptosis* que os Romanos traduziram por *casus*, significa realmente *queda*, isto é, a relação de uma idéia com outra e o acto pelo qual uma palavra cai e se apoia sobre outra.

Longas e vivas discussões apareceram sobre a questão de se saber si o termo *ptosis* ou *casus* podia applicar-se ao nominativo e todos rejeitaram a expressão de *casus rectus*, porque, segundo os grammaticos stoicos, o sujeito ou nominativo não cai nem sobre causa alguma se apoia, mas sim serve de ponto de apoio ás outras palavras da oração.

Ed. Chaignet explica a razão da denominação de *caso recto*, dizendo:

A palavra em si é sempre o signal de uma acção, porque não percebemos senão movimentos e acções; a substancia immovel que os produz, se oculta e desaparece.

Porém, como não existe ella só para isto, mas é tambem o fundamento necessario de toda a actividade, o principio immovel de todo o movimento, collocamo-la, suppomo-la no discurso como ponto de repouso d'onde parte o movimento, d'onde se desenvolve o predicado.

Dai a forma que toma o sujeito de todo o verbo, este *caso recto* que se chama *nominativo* e que mostra o ser em repouso, existente em si e por si.

Os outros casos não são nomes, como diz Aristoteles, mas derivações, obliquidades, declinações do nome.

O nominativo e os demais casos de que se compõe a declinação latina sofreram sinão completo desapparecimento, pelo menos grande simplificação, simplificação que já se observa na propria Lingua latina.

A diminuição e depois o desapparecimento nas Linguas romanas da declinação, tem causas foneticas e sintaticas. Sem remontar além do Latim classico que nos offerece já uma declinação reduzida, essa declinação foi a principio attingida profundamente pela queda do *m final*.

Na 1.^a declinação ficando confundidos o nominativo e o acusativo, resultou a vinda das preposições para reger o acusativo.

O desapparecimento dos casos trouxe em Portuguez o emprego do sistema preposicional que tambem se encontra no Latim popular, como dissemos.

Por certo foi se operando lentamente nas línguas novo-latínas, e em francez, como diz Brachet, temos a distinção do artigo *li* nominativo, de *le* acusativo.

Hovelacque affirma que a simplificação se encontra em todas as Linguas modernas.

Em Portuguez existem alguns vestigios da declinação latina.

Do **nominativo** temos principalmente os nomes proprios: *Carlos, Luiz, Marcos, Moysés, Deus, Jesus, etc.*; *calix, simples, demo, elle, ladro* (de que prevaleceu o feminino *ladra* em lugar de *ladrona*), *leopardo, serpe, vi-nagre*.

O nominativo parece ter sido, diz Sayce, uma addição posterior à declinação nominal. Tudo parece indicar que o acusativo é a forma primitiva do nome.

Do **genitivo** poucos vestigios se encontram em Portuguez e isto é facil de explicar, porque desde o periodo classico o genitivo começou a ser substituido pelo ablativo com a preposição *de*.

Assim mesmo encontramos: *aqueducto, jurisconsulto, legislação, petroleo, plebiscito, terremoto, agricola*.

Do **dativo**, por causa da confusão do locativo, do genitivo, do ablativo e do instrumental, como diz Schleicher, a flexão era imperfeita. Possuimos os pronomes: *mim, ti, si, lhe; crucifixo, devoto, fideicomisso.*

Foi o **acusativo** um dos poucos casos da declinação latina que na passagem para o Portuguez conservou toda a força sintatica.

E' occasião de, sucintamente, tratarmos da questão de saber qual seja o caso donde etimologicamente derivou o maior numero das palavras portuguezas: do acusativo, ou do ablativo?

Dizem os que sustentam ser o *ablativo* o caso original, que, por exemplo, a palavra *servo* em Portuguez não pôde vir de *servum* (ac.) e sim deve vir de *servo* (abl.).

Este grande argumento cai por terra desde que atendâmos a que o sufixo *m*, resto da forma ariana *ma*, se perdeu, o que já é observado nos antigos documentos da lingua.

Segundo Diez, o *m* final tinha um som surdo particular, e era muitas vezes suppresso, sobretudo nas inscrições.

Nos mais antigos documentos encontram-se: *viro, urbe,* por *virum, urbem.*

Diz Corssen: E' difícil de dizer quando as consoantes *s* e *m*, cujo som na boca do povo desde os tempos mais antigos era surdo e fraco, cessaram de ressoar e desappareceram.

Desde o começo do seculo 4.º a queda completa do *m* e *s* finaes era um facto na linguagem popular.

A queda do *m* é tam natural como a do *s* de grande numero de nominativos.

Vemos, assim, no Latim barbaro: *illo* por *illum*, *Antonio* ou *Antoniu* por *Antonius*.

Para provarmos ainda mais ser o acusativo o caso original, basta se observarem as palavras imparissílabas neutras:

tempo — ac. *tempus*, abl. *tempore.*

corpo — » *corpus*, » *corpore.*

peito — » *pectus*, » *pectore.*

lado — » *latus*, » *latere.*

Donde se vê, a se originarem do ablativo, estas palavras deviam ser em Portuguez: *tempre, corpre, latre*, etc., como sucede com os nomes que não são neutros.

aryore — ac. *arborem*, abl. *arbore*.

lebre — » *leporem*, » *lepore*.

Ainda mais. Como lembra Leite de Vasconcellos, no Latim vulgar o uso dos casos era restrito, e as preposições regiam frequentemente o acusativo.

Cita o doto filologo varios exemplos de acusativos regidos de preposição, quando o caso a empregar era o ablativo: *a census, cum filios suos, ex castra nova*, etc.

Encontram-se vestigios do acusativo nos pronomes: *te, se, nos, vos*, nos termos *o, a (illum, illam*, acusativos de *ille, illa*).

Em alguns vocabulos portuguezes acham-se signaes do acusativo: *marmota, morcego, homem, virgem, quem, leão, serpente, valor*.

O **vocativo**, por ser, em regra, uma repetição do nominativo, sómente deu em Portuguez a palavra: *Ave-Maria*.

Em Portuguez, para empregarmos este caso precedemo-lo de alguma interjeição.

O **ablativo**, segundo Bréal, tornou-se, pela perda do locativo e do instrumental, o representante de um grande numero de relações, vindo, então, em seu auxilio o emprego de varias preposições.

Um fragmento da obra de Cesar *Da Analogia* faz crêr que é talvez a elle a quem se deva o termo *ablativo*.

Este nome não se encontra em escritor algum anterior.

Em Portuguez possuimos algumas palavras que nos indicam vestigios deste caso: *amanuense, agora, cedo, como*, as formas *migo, tigo, sigo*, que passaram aglutinadas com

as preposições para o Portuguez, Italiano e Espanhol, e todos os adverbios em *mente* (ablativo de *mens*, *mentis*).

Na linguagem popular encontramos formas com esta origem, taes como: *cum quibus* (dinheiro), *qui-pro-quo* (engano, descuido), *busillis*, derivado segundo o Dr. Castro Lopes da frase *in diebus illis*.

Terminemos com Michel Bréal: Todos sabem que um dos principaes caractéres que distinguem as Línguas romanas do Latim, é a perda da flexão casual dos adjectivos. Si perguntarmos d'onde vem essa mudança, a observação externa nos revela duas causas: a pronúnciação e o acento tonico.

Corsen demonstrou que para o fim do imperio romano *o*, *u* acabaram de confundir-se; que da mesma maneira os sons *e*, *i* se tinham aproximado tanto que se tornou difícil distingui-los.

Não precisa maior prova para se demonstrar o desapparecimento da declinação em Portuguez.

— ot a Jofina a oitava o Poutinho a espuma
— os qdverplos em avela (spissio de mante mantez)
— a impreseem possivel encocilhame tuncem com esas
— origem, esse como em dantes (zimpe) dnt-o-das (es-
— gos qdverplos qdverplos a D. Caste
— lopes qdverplos m tuncem qdverplos

V

Etimologia do substantivo

Difficil é determinar com precisão a origem dos substantivos. Em quanto se pôde dizer que os determinativos são de origem Latina, que os adverbios tambem o são; pôde-se dizer, entretanto, que todas as línguas estrangeiras deram substantivos á lingua portugueza.

Os substantivos proprios se derivam, não só do Latim, como tambem do Hebraico, Grego e Germanico, ou são formados de palavras vernaculas. *Placido, Flora, Benigno.*

Do Latim: *Mario, Deodato, Cicero, Antonio, Bento.*

Do Hebraico: *David, Moysés, Adão, Simão, Sara.*

Do Grego: *Theocrito, Felippe, Diogenes, Jeronymo.*

Do Germanico: *Carlos, Eduardo, Isabel, Alberto.*

Nos tempos antigos os nomes proprios serviam para caracterizar os individuos por qualquer facto ou circunstancia notavel em sua vida.

Viamos assim que: *Aristides*, era o melhor; *Job*, que gome; *Archimedes*, eminente maquinista ou pensador; *Carlos*, forte, habil; *Leopoldo*, ornado, valente; *Julio*, que tem o primeiro pelo; *Abrahão*, pai da multidão; *Agar*, estranheira.

Este costume se encontra muito vivo nas tribus indigenas do Brazil: *Piragibe*, espinha de peixe; *Poty*, camarão.

E' opinião corrente que todos os nomes proprios de homens são antigos epitetos, isto é, antigos adjetivos.

Em certos nomes proprios encontram-se, ás vezes, os elementos gotico e arabe fundidos, como em *Venegas* (Viégas), formado do arabe *Iben* (filho) e do germanico *Egas*.

Ha diversas soluções para se explicar a formação dos substantivos *patronimicos*, isto é, dos substantivos proprios que indicam filiação.

Theophilo Braga diz: Nas inscrições hispano-latinas o nome da familia prevalece sempre ao da tribu. A fórmula *ez* peculiar dos patronimicos: *Alvarez*, filho de *Alvaro*, *Fernandez*, filho de *Fernando*, *Mendez*, filho de *Mendo*, que subsiste no euskariano *ez*, *iz*, apparece no cantabrico e asturiano na fórmula *ves*, como notou Fernandes Guerra que o liga ao primitivo *ives*, pronomé iberico.

João Ribeiro apresenta a opinião do padre Larramendi que no *El imposible vencido* julga que o suffixo dos patronimicos é originado da posposição do artigo vascuense ou biscainho *ez*: *Perez de Pero, Garcez de Garcia*.

Frederico Diez julga ser originado do genitivo gotico em *is*: *Rodrigues, Roderiguiz*; Gotico *Hrothareikis*; *Fernandes, Ferdinandiz*; Gotico *Ferthanantis*.

Knapps diz: A noção do patronimico exprime a origem. O caso correspondente é o ablativo, originando-se, assim, do Latim: *Paes de Pelagiis*. Sendo a flexão do plural vemos o Italiano em *i*: *Galilei, Galilei*.

Os appellativos são, em geral, derivados do Latim em que o acento tonico denota o caso de origem; os nomes scientificos vêm do grego, e os de tecnologia artistica, em sua maior parte, do italiano, principalmente os que se referem á musica e á pintura, ou são tomados das linguas modernas.

(Este estudo será melhor desenvolvido na parte relativa á formação do lexico portuguez).

Como já vimos no Capitulo relativo á *Declinação latina*, varios são os casos latinos sobre que se formaram os substantivos portuguezes, sendo que o caso mais commum foi o *acusativo*.

A's vezes os dois casos — *nominativo* e *acusativo* — dão origem á mesma palavra, cuja derivação é indicada pelo acento tonico.

<i>drago</i>	nominativo	latim	<i>drago</i>
<i>dragão</i>	acusativo	»	<i>dragão</i>
<i>dó</i>	nom.	»	<i>dolor</i>
<i>dôr</i>	ac.	»	<i>dolorem</i>
<i>erro</i>	nom.	»	<i>erro</i>
<i>error</i>	ac.	»	<i>errorem</i>
<i>ladro</i>	nom.	»	<i>latro</i>
<i>ladrão</i>	ac.	»	<i>latronem</i>
<i>leo</i>	nom.	»	<i>leo</i>
<i>leão</i>	ac.	»	<i>leonem</i>
<i>saibo</i>	nom.	»	<i>sapor</i>
<i>sabor</i>	ac.	»	<i>saporem</i>
<i>tredo</i>	nom.	»	<i>tradito</i>
<i>traidor</i>	ac.	»	<i>traditorem</i>
<i>virgo</i>	nom.	»	<i>virgo</i>
<i>virgem</i>	ac.	»	<i>virginem</i>

O mesmo se encontra em Francez: *Pâtre, pasteur*; *sire, seigneur*; *chantre, chanteur*.

E' o que constitue as formas divergentes.

VI

Adjectivos

Os adjectivos são considerados, por alguns filólogos, como as primeiras palavras que o homem pronunciou ao adquirir a faculdade de falar.

E' assim que o *sol* é o *brilhante*, o *rapido*.

Parece, à primeira vista, que o que mais devia ferir os olhos do observador eram as qualidades exteriores, os atributos.

Sayce, nos *Principes de Philologie Comparée*, com melhores razões, é de opinião que o vocabulo primitivo tinha o sentido de uma frase, e diz que a linguagem pertence à sociedade e não ao homem, devia, pois, começar com a frase e não com a palavra.

Segundo Rousseau, as primeiras palavras de que os homens fizeram uso, tiveram no seu espirito uma significação muito mais lata do que as que são empregadas nas Línguas já constituídas, e que elles ignorando a divisão do discurso em suas partes constitutivas deram, a principio, a cada palavra o sentido de uma proposição inteira.

Esta opinião, na actualidade defendida pelo celebre filólogo Schleicher, se tornou de aceitação geral.

ARTIGO

Artigo, segundo affirma Max-Müller, é a tradução literal do nome grego *arthron*, no latim *artus*, que significa a articulação, ou juntura dos ossos.

Todos os pronomes eram considerados como articulações ou artigos de discurso.

Foi Zenodoto quem primeiro imaginou a distinção entre os pronomes pessoais e os simples artigos, a que se deu então, o nome de *arthra*.

A existencia do artigo data do 6.º seculo e nos mais antigos textos romanos vê-se o pronome *itile* exercendo esta função.

Affirma Diez que exemplos aos centos desse emprego fôram apresentados pelo sabio Raynouard e muitos outros.

Sobre a origem do artigo em Portuguez divergem as opiniões dos linguistas.

Uns são de opinião que o artigo se origina do grego, como Constancio e Alexandre Passos.

Esta theoria não tem base alguma scientifica.

Bem se sabe que o Grego popular nada innovou no Latim, apenas criou grande numero de palavras usadas nas sciencias, as quaes só se fizeram notar depois da constituição da Lingua.

O uso do artigo data do 6.º seculo, e é de verdadeiro emprego popular.

Além disto devemos considerar que, si apesar da grande influencia que os Gregos exerceram na Italia, a ponto de Cicero, Tiberio, Graccho e outros discursarem nessa lingua, o Latim não possue artigo, como poderia aquelle povo introduzir tal palavra na peninsula Iberica, em Portugal, onde a sua influencia foi sómente sobre os usos e costumes?

Além disso o plural do artigo no Grego é muito diferente do nosso: *hoi*, nominativo e *toús*, acusativo.

A segunda opinião, sustentada por Leoni, Julio Ribeiro e outros, é a que dá como origem do artigo no singular o ablativo *hoc*, *hac*, e no plural o acusativo *hos*, *has*, do demonstrativo *hic*, *hæc*, *hoc*.

Diz este ultimo grammatico: «O erudito Plinio o Moço, escriptor do 1.º seculo da era christã, entendia que o pronome *hic*, *hoc* empregado como determinativo deveria ser reconhecido como verdadeiro artigo.

Egger affirma que nas escolas do imperio do Occi-

dente usavam os grammaticos romanos de *hic*, *hæc*, *hoc* para designar os generos dos nomes.»

O que parece robustecer a opiniao de Leoni e Julio Ribeiro é a antiga forma de escrever: *ho*, *ha*.

Devemos notar, porém, em 1.º lugar que o *h* latino já tinha desapparecido do falar do povo nos fins da Republica Romana não ficando vestigios delle nas Linguas derivadas do Latim.

Ainda mais: o *c* de *hoc*, *hac* é uma letra que em caso algum se elimina completamente; pôde abrandar-se: *caveolam*, gaiola; *amicum*, amigo; outras vezes e principalmente nos monossyllabos nasala-se: *nec*, nem; *sic*, sim; *pectinem*, pente, ou dá-se o alargamento da voz anterior: *noctem*, noite.

Para explicar a letra *h* da forma arcaica *ho*, *ha*, basta um simples olhar sobre certas palavras escritas com *h* no seculo 15.º: *hinsidias*, *husofructo*, *he*, *hum*, actualmente *insidias*, *usofruto*, é, *um*.

A terceira opiniao, a nosso vêr a verdadeira, diz que o artigo se origina do acusativo *illum*, *illam* (singular), *illos*, *illas* (plural), por aferese da primeira sillaba.

Os latinos não possuindo artigo, empregavam o demonstrativo *ille*.

Em todas as linguas romanicas o artigo é assim originado do acusativo de *ille*, *illa*, *illud*.

O Espanhol tem *el*, *la*, *los*, *las*; o Francez *el*, *il*, *lo*, *li*, *le*, *la*, *les*; o Valaquio *le*, *a*, *i*; o Provençal *lo*, *la*, *il*, *li*, *las*; o Italiano *il*, *la*, *lo*, *gli*; por que razão só o Portuguez, que tem as fórmas antigas *el*, *lo*, *ho* e as modernas *o*, *a*, *os*, *as*, havia de se afastar desta regra, sem um motivo plausivel?

E' o proprio Julio Ribeiro que diz que se não pôde negar ter havido no Portuguez e no Gallego luta pela existencia entre as fórmas *lo*, *la*, *los*, *las*, e as fórmas *o*, *a*, *os*, *as*, encontrando-se exemplos classicos dumas e doutras.

II

POSSESSIVOS

Os adjectivos possessivos vieram do Latim, sendo que as formas do plural são da propria Lingua portugueza.

Fórmas masculinas:

Meu — *meum* Nosso — *nostrum*

Teu — *tuum* Vosso — *vostrum*

Seu — *suum* Seu — *suum*

As formas *teu* e *seu* parece que se formaram por analogia da forma *meu*.

Fórmas femininas:

Minha — *meam* Nossa — *nostram*

Tua — *tuam* Vossa — *vostram*

Sua — *suam*

Devemos notar o feminino *minha* ao lado de *tua* e *sua*.

A forma primitiva, porém, era *mia*, *miam*, até o século 12.^o; pelo prolongamento da nasal *m*, ficou *minha*. Facto identico se verifica em *mui* pronunciado *muin*, em *muito* (*muinto*) e em *mancha* (lat. *macula*).

Encontra-se a forma *mia* no Cancioneiro Inedito; *Mia morte, com mia mulher* (Díez).

A par de *nosso* havia *nostro*, usado na expressão *nostro senhor*, por influencia da igreja.

Este, esta lat. *iste, ista*
Esse, essa » *ipse, ipsa*
Aquelle, aquella » *ecce ille (ecc'ille), ecce illa*
(*ecc'illa*)

São originados do Latim:

Este, esta lat. *iste, ista*
Esse, essa » *ipse, ipsa*
Aquelle, aquella » *ecce ille (ecc'ille), ecce illa*
(*ecc'illa*)

O mesmo se dá com as fórmas compostas:

Est'outro, est'outra lat. *ist'alterum, a*
Ess'outro, ess'outra » *ips'alterum, a*
Aquell'outro, aquell'ou- tra. » *ecc'illum alterum, a*

Os demonstrativos apresentam vestígios do gênero neutro nas fórmas: *isto* (*istud*); *isso* (*ipsud*); *aquillo* (*ecc'illud*).

A Lingua arcaica possuia mais: *aquesto, aquesse, aquisto, esto, esso, aquelo, elo.*

RELATIVOS

Os relativos têm suas etimologias no Latim:

<i>Que</i>	lat.	<i>qui</i>
<i>Qual</i>	»	<i>qualis</i>
<i>Quem</i>	»	<i>quem</i>
<i>Cujó</i>	»	<i>cujus</i>
<i>Onde</i>	»	<i>unde</i>

Assim, pois, da declinação latina do pronome *qui*, o Portuguez herdou o nominativo *que*, o acusativo *quem*, e o genitivo *cujo*.

A Lingua arcaica possuia mais o pronome — *quejendo* — (*quid genitum*) que se transformou no actual — *quejando*.

V

NUMERAES

Os numeraes portuguezes só se distinguem dos latinos pela fonetica:

Um — <i>unum</i>	Seis — <i>sex</i>
Dois — <i>duos</i>	Sete — <i>septem</i>
Tres — <i>tres</i>	Oito — <i>octo</i>
Quatro — <i>quatuor</i>	Nove — <i>novem</i>
Cinco — <i>quinque</i>	Dez — <i>decem</i>

«De 11 a 15, dizem Pacheco e Lameira, os nossos numeraes indicam uma contracção regular dos typos latinos, sujeitos á acção dissolvente das leis phoneticas, que transformou a desinencia *cim* em *ze*.

«De 16 a 19, abandonando as fórmas syntheticas, seguiu o Portuguez outro modelo a que os Romanos davam preferencia por ser mais claro, segundo refere Prisciano, e em toda a numeração d'elle não mais se apartou.»

Onze — <i>undecim</i>
Doze — <i>duodecim</i>
Treze — <i>tredecim</i>
Quatorze — <i>quatuor-decim</i>
Quinze — <i>quindecim</i>

Dezeses — <i>decem et sex</i>
Dezesete — <i>decem et septem</i>
Dezoito — <i>decem et octo</i>
Dezenove — <i>decem et novem</i>

De 20 a 90 há sómente o atrofiamento do numera latino:

Vinte — <i>viginti</i>	Sessenta — <i>sexaginta</i>
Trinta — <i>triginta</i>	Setenta — <i>septuaginta</i>
Quarenta — <i>quadraginta</i>	Oitenta — <i>octoginta</i>
Cincoenta — <i>quinquaginta</i>	Noventa — <i>nonaginta</i>

Cem vêm de *centum*.

De 200 a 900 dá-se a transformação *genti* em centos.

Duzentos — *ducenti*.

Trezentos — *trecenti*, etc.

Os outros numeraes, como *mil* e seus multiplos, correspondem ás formas latinas, sendo que *milhão*, *bilhão* e seus compóstos são de criação portugueza.

Os ordinaes vêm directamente do Latim:

Primo ou primeiro ou primario — *primum*, *primarium*.

Segundo — *secundum*.

Tercio ou terceiro ou terciario — *tercium*, *tertiarium*.

Quarto — *quartum*, etc.

VI

INDEFINIDOS

Algum — *aliqu'unus*. A forma *alguem* se origina de *aliquem*; algo, de *aliquid*.

Ambos — *ambos*.

Cada — *quisque*, ou melhor da preposição grega *cata*.

O composto *cada um* tem no Latim a forma *quisque ad unum*. *Cada um*, *cada qual* são compóstos vernaculos.

Certo — *certum*. No Latim classico a fórmā é *quidam*, vulgarizada no elemento popular do Brazil, para designar um individuo indeterminado e sem valor social.

Demais — E' de formação portugueza.

Diverso — *diversum*.

Mesmo — *metipsimum*, contraido em *metipsissimum*, *metips'mum*, *medessmo*, *medesmo*, *meesmo*, *mesmo*.

Mais — *magis*.

Menos — *minus*.

Muito — *multum*.

Nada — (res) *nata*.

Nenhum — *nec'unum*; é propriamente de formação portugueza. A fórmā *ninguem* vem de *nequam* ou *nec-hem — nem homem*.

Outro — *alterum*. A fórmā *outrem* é, para muitos, originada de *outro hem — outro homem*, ou por analogia com *alguem, ninguem*.

Pouco — *paucum*.

Qual — *qualem*. E' empregado na fórmā *qualquer*, de origem vernacula, com a fórmā arcaica *qualquier*.

Quanto — *quantum*.

Que — *qui*.

Quem — *quem*.

Só — *solum*.

Tal — *talis*.

Tanto — *tantum*.

Todo — *totus*. Tem a fórmā neutra: tudo — *totum*.

Um — *unum*.

Varios — *varios*.

O indefinido *fulano* se origina do arabe *folano*.

Pensa Julio Ribeiro ser incerta a sua origem. A attracção da rima talvez criasse os termos *beltrano*, *sicrano*, si é que *beltrano* não é o substantivo proprio *Beltrão*, empregado para indicar pessoa que se não quer nomear, do mesmo modo porque se empregam, para fim identico, os substantivos proprios *Sancho* e *Martinho*.

VII

Pronomes pessoaes

Os *pronomes pessoais* apresentam vestígios da declinação latina:

NOMINATIVO

eu — *ego*, latim vulgar *eo*; nós — *nos*.

tu — *tu* : vós — *vos*.

elle — ille.

ella — illa.

ellos, ellas, formados do singular, por analogia com os nomes que fazem o plural em *s*.

DATIVO

mi mihi : nos — nobis.

min — mi, min, nos
ti — tibi: vos — vobis.

the *illi*: *thes* — *illis*.

ACUSATIVO

me — me: nos — nos.

te — te: vos — vos.

o, a — *illum, illam; os, as — illos, illas.*

ABLATIVO

migo — mecum; nosco — nobiscum.
tigo — tecum; vosco — vobiscum.

FÓRMA REFLEXA, 3.^a PESSÔA

Dativo: si — sibi.

Acusativo: se — se.

Ablativo: — sigo — secum.

OBSERVAÇÕES

Eu, teve no seculo 12.^o as fórmas *ei*, *ieu*.

Tu, te, me, se, nós, nos, vós, vos, vieram sem alteração e directamente do Latim.

Elle, ella, elles, ellas, têm as fórmas arcaicas *el, ello, ille*.

Mim, é originado de *mihi*; o *m* final é produzido pelo prolongamento *commum* da nasal, como muito pronunciado *muinto*.

Em Portuguez ha varias palavras duplas, nasaladas ou não: *assi, assim; si, sim*.

Lhe, lhes, têm as fórmas primitivas *lhi, lhis*, e as intermediarias *li, illi, lhi*, plural *les, lhis*.

O, a, os, as, substituem, desde o seculo 16.^o, o pronome *elle* e suas variações; têm as fórmas antigas *lo, la, los, las; amá-lo, quere-las*.

Ti e *si* derivam-se de *tibi* e *sibi* pela queda do *b* e contracção do *i*.

Migo, tigo, sigo, usados em Portuguez sempre com a preposição *com*, vêm das fórmas latinas compóstas *mecum, tecum, secum*, em que os pronomes *me, te, se*, já trazem a preposição *cum*. Dá-se em Portuguez uma repetição: *comigo, cummecum*.

O mesmo se observa a respeito de *nosco* e *vosco* derivados, por meio de contracção, de *nobiscum* e *vobiscum*.

CRITASUDA

261 — 200 ; 300 — 300
200 — 200 ; 91 — 91
200 ; 200 — 20 ; 20 ; 100 ; 100 — 8 ; 8

VIII

Etimologia verbal: Pessoas, Modos. Temas simples

1

E' um facto aceito por grande numero de filologos que as flexões verbaes consistem na soldagem de um pronomem pessoal a um tema adjetivo ou substantivo.

E' esta a parte mais importante e difficil que tem o estudo da Grammatica e neste ponto principal a *Grammatica Comparada das linguas indo-europeas* de Bopp, o sabio guia do illustrado glotologo portuguez Adolpho Coelho, é um manancial inesgotavel, manancial de que este escritor aproveitou as principais idéias sobre a theoria da conjugação latina.

Ha em Portuguez quatro conjugações: *abgo saudar* O.

A 1.^a em *ar* que corresponde à latina em *are*.

A 2.^a em *er* que corresponde às latinas em *ere* (longo) e *ere* (breve).

A 3.ª em *ir* que corresponde a *ire*.
A 4.ª em *conjugação à parte*: pertença até

A 4.^a em *or* que forma uma conjugação a parte: pertencia até ao século 15.^o à segunda e corresponde à latina em *ere* (breve).

O estudo comparativo da conjugação latina com a portuguesa é muito complexo e difficultoso.

é muito complexo e difícil. Em nossa Língua só conhecemos um trabalho perfeito sobre este assunto, que é o daquela distinto glotólogo, sob o título: *Teoria da Conjugação em Latim e Portuguez.*

Será este diverto o nosso farol na presente exposição.

Analizando primeiramente a formação dos verbos, diz que elles exprimem a acção e as relações de tempo, modo e pessoa.

Nas línguas indo-européas compõe-se o verbo da raiz, que é o elemento da significação, e dos elementos da relação precedidos por aquella.

A ordem dos elementos do verbo é: tema temporal mais desinencia pessoal.

Por exemplo: no verbo *noscit*, o *t* indica a 3.^a pessoa do singular, *sci* o presente (no perfeito *no-vi* falta este elemento), *no* indica a raiz, a acção de conhecer.

Os temas temporaes são simples, como em *ama*, raiz *am*, sufixo *a*; e compósitos, como *ama-vi*, tema *ama* e o tema de preterito *vi* — *fui*.

Desinencias pessoais:

A desinencia da *primeira pessoa do singular* é — *m* — do tema pronominal indo-europeu — *ma* — que conserva as seguintes fórmas:

1.^a do imperfeito da raiz itálica *fu*, no latim *bam* por *fuam*: *amabam*.

2.^a do imperfeito da raiz latina *es*: *eram* por *esam*.

3.^a do optativo e do subjuntivo: *siem*, *dicam*.

4.^a do presente do indicativo da raiz *qua* (dizer): *inguam*, e da raiz *es*: *sum* por *esum*.

E' bom se notar que nas demais fórmas da primeira pessoa do presente, assim como nas do preterito, essa desinencia deixou de ser pronunciada e escrita: *feror* de *ferom*; *dico* de *dicom*, etc.

O mesmo se observa no acusativo latino:

E' o fenomeno que se dá em Portuguez: *amava*, *era*, *dizia*, *diga*.

A forma *inguam* não tem correspondente em nossa Língua e a forma *sum* pronuncia-se e escreve-se *sou* (só) do Latim vulgar *so*, pronunciado como *do*, *sto*, portuguez: *dou*, *estou*.

A desinencia da *primeira pessoa do plural* em Latim é *mus* em todos os tempos: *amamus*, *amavimus*.

O Portuguez conserva essa desinencia e antigamente escrevia-se: *amamus* — *amamos*.

No Latim a desinencia da *segunda pessoa do singular* apresenta tres fórmas:

1.^a *ti* do tema pronominal indo-europeu *ta* que se encontra no Latim *tu*, *tibe*, *te*, etc.: no perfeito *dedisti*.

2.^a *si* indo-germanico, forma secundaria de *s* de *si*.

Este *si* é forma assibilada de *ti*, diz Schleicher. O

Conserva-se em Latim: *amas*, *amabas*, excepto no perfeito: *amavisti*, *dedisti*.

O mesmo se dá no Portuguez, mudando-se sómente o *ti* em *te*: *amaste*, *deste*.

3.^a *to*, desinencia enfatica do imperativo, da forma do antigo latim *tad*.

Em Portuguez o imperativo não tem desinencia pessoal: *ama*, *dá*.

A desinencia da *segunda pessoa do plural* em Latim é *tis*, que aparece em todos os tempos: *fertis*, *datis*, *dedistis*, etc.

No imperativo perde o *s* e muda o *i* em *e*: *ferte*, *date*.

Occorre em Latim uma forma enfatica *tote*.

Em Portuguez o *t* da desinencia fica inalterado no preterito por causa do *s* que o precede: *amastes* — *amavistis*.

Fóra deste tempo abrandase em *d*: *amatis*, antigo Portuguez — *amades* — ficando finalmente sincopado o *d* por estar entre vogais, como em *fidelis*, Portuguez — *fiel*.

Em alguns verbos o *d* conserva-se, affirma Diez; porque se apoia sobre o *n*: *pondes*, *tendes*; ou sobre o *r*: *cantardes*, *amardes*.

Possue tambem a forma arcaica *sondes* — *sois*, usada no Archipelago Açoriano: *Sondes menina e moça vos tornareis a casar*. — *Sondes neto de Sant'Anna, filho da Virgem Maria*. — (Canto popular, recolhido por Theophilo Braga.)

Até ao seculo 15.^o as formas verbaes conservam o *d*, dai em diante encontram-se as duas formas e na *Grammatica* de João de Barros (1540) aquella letra desapparece.

A desinencia da *terceira pessoa do singular* é em Latim *t*, forma secundaria de *ti*, abrandada de *ta*.

Esta ultima forma é pronome demonstrativo que só apparece em composição: *is-te*, *is-ta*, *is-tu-d*.

No imperativo *to* vem *tod*, no oseco *tud*, no grego *to*.

Do 4.^o seculo da éra cristã em diante o som do *t* foi sendo pronunciado surda e fracamente na lingua do povo e às vezes suprimido, como diz Corssen.

Nos primeiros *Cancioneiros* portuguezes ainda se encontra a forma *est*, modo de escrever do verbo *ser*, que não é puramente etimologico, só empregado para evitar o hiato quando a palavra seguinte começava por vogal; a forma usual é, porém — é —

A desinencia, portanto, da 3.^a pessoa do singular do Latim não deixou vestigios em Portuguez.

A desinencia da *terceira pessoa do plural* em Latim é *nt* por *nti* que só foi conservada em *trimenti*.

Em Latim ha *sunt*.

No perfeito em *runt* observa-se simplesmente a forma do presente da raiz *es*; *sunt* mudado o *s* em *r*.

O imperativo tem *nto*.

A desinencia da terceira pessoa, depois de reduzida a forma do Latim *nt*, passou por ulteriores modificações.

Em Portuguez o *t* apparece apocopado, o *n* tornado final fica reduzido a uma consonancia nasal ou, melhor, se funde com a vogal que o precede em uma vogal nasalada, representada por til, *ñ* ou *n*.

A desinencia fica, pois, *ñ* ou *ñm* facilmente explicada, ou, então, é *em* que ora provém do *g*, ora do *n* latino.

Desinencias pessoaes

LATIM

PORTUGUEZ

SING.

		LATIM	PORTUGUEZ
1.ª pessoa	<i>m</i>	(desapareceu)
2.ª pessoa	<i>s</i>	<i>te</i>
		<i>ti</i> (perfeito)	(não tem)
		<i>to</i> (imperativo)	(desapareceu)
3.ª pessoa	<i>t</i>	(não tem)
		<i>to</i> (imperativo)	(não tem)

PLURAL

1.ª pessoa	<i>mus</i>	<i>mos</i>
2.ª pessoa	<i>tis</i>	<i>des</i> (ant.) ; <i>es, is</i>
		<i>te</i> (imperativo)	<i>de</i> (ant.) ; <i>e, i</i>
		<i>iote</i> (imperativo)	(não tem)
3.ª pessoa	<i>unt</i> { <i>e</i>	(não tem)
		<i>un, um</i>	<i>um, om, am</i> (ant.), <i>am, âo</i>
		<i>nt, n</i> (lat. vulgar) ..	<i>em, âo</i>

Sobre o titulo de suffixos modais vamos comparar, ajudado pelo filologo A. Coelho, as alterações que a Lingua latina e a portugueza sofreram nos modos de seus verbos.

O *indicativo* não tem sufixo modal. Fórmase pela uniao do tema verbal ás desinencias pessoaes.

O *imperativo* só se distingue do indicativo porque as desinencias pessoaes adquirem força vocativa.

Temos, pois, nas linguas indo-européas, o *optativo* e o *conjuntivo* que no Latim se fundiram no *subjuntivo*.

O lugar dos sufixos modais é entre o tema verbal e a desinencia pessoal.

A fórmula primitiva do sufixo do optativo era *ja*.

No subjuntivo latino descobrem-se algumas fórmulas primitivamente do presente optativo.

Estas fórmulas passaram pelas seguintes modificações :

ja — ie { *i — i*
já — ié { *i — i*

As duas fórmulas primitivas só fôrâm conservadas no ramo asiatico das linguas indo-européas; as outras temos no Latim com a raiz *es*.

siem	sim
sies	sis
siet	sit
siemus (fórmula hipotética)	simus
sietis (» »)	sitis
sient	sint

Com as raízes *vel*, *ed*, *du* (*da*); *velim* por *veliem*; *edimus* por *ediemus*; *duis* ou talvez *dais* por *daies*.

Em Portuguez, como em Latim, a final do tema optativo da primeira conjugação, em *á* (única que conservou a fórmula optativa) é constantemente *e*:

Lat. <i>amem</i>	Port. <i>ame</i>
<i>ames</i>	<i>ames</i>
<i>amet</i>	<i>ame</i>
<i>amemus, etc.</i>	<i>amemos, etc.</i>

As fórmas do subjuntivo em Latim são as dos temas em *a* (3.^a conjugação) e dos verbos em *é* (2.^a conjugação) e *i* (4.^a conjugação).

Dicam, dicas, dicát e posteriormente *dicat, etc.*

Nas fórmas subjuntivas dos verbos em *é* e *i*, o sufixo *aja* que forma o tema verbal dessas conjugações e o sufixo *a* do subjuntivo passaram pelas seguintes modificações:

$$aja + a = aja \left\{ \begin{array}{l} ejá — ea \\ ijá — ia \end{array} \right.$$

por ex.: *moneámus — vestiámus*.

O subjuntivo presente dos verbos primarios, em *a*, foi conservado, e o dos derivados em *e* e *i* latinos são representados em Portuguez pelos em *e* e *i*.

VERBO PRIMITIVO

Lat. *Dicam* Port. *Diga*
Dicas, etc. Port. *Digas*

VERBO DERIVADO EM E

Lat. *Debeam* Port. *Deva*
Debeas, etc. Port. *Devas*

VERBO DERIVADO EM I

Lat. *Vestiam*
Vestias

Port. *Vista*
Vistas

Temas temporaes.

Sobre os temas do presente distinguimos:

1.º *Temas constituidos pela raiz sem suffixos.*

Nesta classe a raiz se apresenta ou na forma simples ou na reforçada.

Raizes com vogal não reforçada, simples.

O Latim offere poucos casos:

a) presente da raiz latina *es* (ser) como: *sum* por *esum* de *es-m* (*u* vogal eufonica ou ligativa); *sumus* por *esumus* de *esmus*.

b) algumas fórmas do presente da raiz latina *vol* (querer): *volumus* por *volmus* (*u* ligativo).

c) terceira singular do presente da raiz latina *ed* (comer): *est* (elle come) por *edt*.

d) terceira singular do presente da raiz latina *fer* (levar): *fert* que talvez provenha de *ferit*.

e) as fórmulas do presente da raiz latina *da* (pôr): *do, dis, dit, dimus, ditis, dunt*, que aparecem nos compósitos *ab-dit, cre-dit*, etc.

Raizes com vogal reforçada.

A esta classe pertence o tema do presente da raiz *i* cujo perfeito é *i-vi* e o supino *i-tum* que antigamente apparecia com as fórmulas: *eitur, eis, eit*, onde o ditongo se contraiu em *i* longo.

Parece pertencerem a esta classe *fló, flás, flát, etc.; for, faris, etc.* (ant. lat.) que ocorre em *fabula, etc.*: *dó, dás, dát* onde a vogal só é reforçada no singular e *nó, ná, nát*.

Em Portuguez o presente da raiz *es* é; *sou, és, é, somos, sois, são*.

Só ha a notar que a 3.ª pessoa do singular seja *é* por *és* que foi usada para distingui-la da 2.ª do singular.

O *s* desta pessoa é signal constante da 2.ª pessoa, enquanto que na 3.ª não tinha significação.

Quanto aos temas *vál, ná, flá, fá*, perderam-se em nossa Língua; os compósitos de *do* seguem analogicamente os temas em *a*; as fórmulas do presente de *dó* e *stó* seguem as latinas e temos: *dou, dás, dá, etc.; estou, está, estamos, etc.*

Quanto aos temas *ed, fer*, pertencem ao caso:

2.º *Temas constituidos pela raiz com o suffixo A.*

No Latim, em virtude da fonologia e diferenciação das formas pessôas, o suffixo toma as formas:

1.º singular.....	<i>o</i>
1.º pl. 2.º sing. e pl. 3.º sing.	<i>i</i>
3.º plural.....	<i>u</i>

As formas paralelas entre essas duas línguas mostram que o *o* da 1.ª pessoa provém de um *á* primitivo.

No plural em que esta letra não é reforçada, temos *ferimus* e não *feromus*.

3.º Temas constituídos pela raiz reduplicada.

O numero destes temas é muito pequeno em Latim.

Quando a raiz termina em consoante junta-se-lhe o suffixo *a*, quando termina em vogal esta é considerada como si fosse aquelle suffixo.

4.º Temas constituídos pela raiz com o suffixo *NA*.

Neste caso ou o tema conserva o valor da letra *n* do suffixo: *linit* raiz *li*; *cernit* raiz *cer*; ou então o *n* é arrastado para o interior da raiz e fica unido aos outros sons: *vincit*, *victum*, *vici*; *fundit*, *fudi*, *fusum*; *frangit*, *fregi*, *fractum*.

5.º Temas constituídos pela raiz com o suffixo *SKA*.

A esta classe pertencem: *gnascor*, raiz *gna*: *gnoscit*, raiz *gno*; *pascit*, raiz *pa*; *gliscit*; *sciscit*; *discit*; *crescit*; e poucos mais.

Este suffixo *ska* constitue formas conhecidas ordinariamente como incoativas.

Elle existe tambem no verbo *miscere*, onde se fundiu intimamente com a raiz de modo que percorre todas as formas do verbo e apparece nos derivados: *miscui*, *mixtus*.

6.º Temas constituídos pela raiz com o suffixo *TA*.

Este suffixo vem sempre depois de raizes terminadas por gutural: *pectit*, *fllectit*.

Em Portuguez as desinencias destes cinco ultimos casos ou se conformam com as dos temas em *e* e soam:

1.ª singular: <i>o</i> : — <i>devo</i>	1.ª plural: <i>é</i> : — <i>devemos</i>
2.ª » <i>e</i> : — <i>deves</i>	2.ª » <i>é</i> : — <i>deveis</i>
3.ª » <i>e</i> : — <i>deve</i>	3.ª » <i>e</i> : — <i>devem</i>

ou se conformam com as dos temas dos verbos derivados em *i e* soam:

1.ª singular: <i>o</i> : — <i>visto</i>	1.ª plural: <i>i</i> : — <i>vestimos</i>
2.ª » <i>é</i> : — <i>vétes</i>	2.ª » <i>i</i> : — <i>vestis</i>
3.ª » <i>e</i> : — <i>veste</i>	3.ª » <i>e</i> : — <i>vestem</i>

Devemos observar que depois do *z* (e lat.) e *r*, cai o/e final da 3.^a pessoa do singular que não é protegido pela desinencia pessoal: — *diz, induz, quer*; entretanto no imperativo, temos: — *dize, induze, etc.*

7.^o Temas constituídos pela raiz com o sufixo *J A.*

A vogal *a* sofre em Latim as mesmas modificações que o sufixo *A* (2.^o caso).

Assim do primitivo *ja* apparece em Latim *io* (*jo*); de *ja* das outras pessoas vem *ji* onde o *j* cai, e *iu* (*ju*); *capio* por *capoim*, de *capjomi*; *capis* por *capjis*, de *capjasi* que fazem *cepi* e *captum*.

Da mesma forma: *fugio, fugi, fugitum; facio, feci, factum.*

Em Portuguez não se encontram vestígios delle na 3.^a pessoa do plural: de *fugiunt* vem — *fogem*; de *faciunt* vem — *fazem*.

Na 1.^a pessoa do singular, ora sincopa o *j* depois de ter elle influído sobre a consoante precedente, ora arrasta a semi-vogal *j*, por metatese, para o interior da raiz. Assim temos, ora — *jazo* — de *jacio*, — *fujo* — de *fugio*, — *faço* — de *facio*, — ora — *caibo* — de *capio*, — *pairo* — de *pario*.

Em — *sei* — de *sapio*, o *i* final representa o *j* do sufixo: de *sapio* veiu — *saibo* — donde, por sincope do *b* — *saio* e *seio*. A queda do *o* deu-se para evitar a homonímia com — *seio* de *sinus*.

Confessa, em todo o caso, com muita razão Adolpho Coelho que não confia nesta explicação. E' possível que a queda do *o* seja puramente mecânica.

Sobre os temas do *perfeito* temos:

Estes temas são simples, ou compósitos.

Simples, como *fui*; compósitos, como *jacui* por *jac — fui*.

A explicação dos primeiros é, talvez, o ponto mais obscuro da theoria da conjugação latina.

Todavia pôdem ser explicados da seguinte maneira:

1.^o Os temas ou têm raiz reduplicada ou não, e neste ultimo caso têm quasi sempre a vogal alongada.

Em Latim *ecclidi, pupugi, momordi*, etc.

Quando o tema é sem reduplicação devemos notar que, ou a vogal que era breve no presente se torna longa no preterito: *lavi* de *lavo*; ou ao *a* do presente corresponde *e*: *feci* de *facio*; ou aparecem temas com vogal radical longa tendo ao lado fórmulas do presente com vogal também longa: *sidi* ao lado de *sido*; ou temas com vogal longa que tem ao lado fórmulas do presente com vogal da raiz seguida de nasal (*a* muda-se em *e*): *fregi* ao lado de *frango*; ou temas com *fidi* ao lado de *fido*; ou finalmente temas em que reaparecem a vogal radical do presente e as consoantes que a seguem sem alteração: *defendi, accendi*, etc.

Entretanto não há ainda uma explicação completa e satisfatória destas fórmulas sem reduplicação.

Julga Schleicher que todas as formas latinas do pretérito provêm da forma reduplicativa; numas houve simples queda da sílaba de reduplicação, noutras, contracção.

A's primeiras pertence *tuli* ao lado de *tetuli*. A's segundas *fregi* ao lado de *frefregi*.

2.º Depois da raiz, um elemento é primitivamente longo em todas as pessoas, ao qual se juntam logo depois as desinências pessoais na 1.ª singular e plural e 3.ª singular.

Em Latim as terminações são: 1. *isti*, *it*, etc.

Uns explicam estas formas dizendo que este é um elemento do quinto aoristo activo Sânscrito.

Outros, que deve ter origem no a breve formativo do perfeito Sânscrito e Grego.

A questão do perfeito latino é irresolúvel com os dados que até hoje se têm.

3.º Um *s* colocado depois do elemento é na 2.ª pessoa singular e plural, e na 3.ª plural mudado em *r*.

Este *s* é resto da raiz *es* (*ser*) que entra em composição nas formas verbais das línguas indo-européas.

Para o Portuguez, os únicos perfeitos simples que passaram do Latim, são:

a) da raiz *da*: — *dei* — de *dedi*; *déste* — de *dedisti*; *deu* — de *dedit*, influenciado pelas formas do perfeito composto dos derivados em *e*, como — *deven*, etc.

b) perfeito da raiz *ven*: — *vim* — de *veni*, etc.

Houve cuidado em evitar a confusão da raiz *ven* com o perfeito da raiz *vid*, pois *devenisti* melhor *vitia* — *viste* — que — *viste*.

c) da raiz *fu*: — *fui* — de *fui*; — *foste* — de *fuisti*, etc.

d) da raiz *vid*: — *vi* — de *vidi*; — *viu* — por analogia dos derivados em *i*, como *vestiu*, etc.

e) da raiz *fac*: — *fiz* — de *feci*, etc.

Nas formas portuguezas é bom notar: 1.º que o e latino na 1.ª pessoa singular é representado por i para distingui-lo da 3.ª pessoa que conserva o e; 2.º que nas sílabas não acentuadas o e muda-se em i por analogia da 1.ª pessoa; 3.º mudança da acentuação na 1.ª pessoa plural por analogia das formas dessa pessoa no perfeito portuguez em que ella é acentuada na penúltima: *comemos*, *partimos*.

Sobre os temas simples do imperfeito, verifica-se que o seu numero é muito limitado.

Em Latim só se encontram dois: o do imperfeito da raiz *es*: *era* por *esa*, e o do imperfeito da raiz *fu*: *ba*, por *fua*, que só é empregado em composição: *moncham*.

Em Portuguez o imperfeito da raiz *es*, é: — *era*, *eras*, *era*, *eramos*, *eréis* (ant. *erades*), *eram*.

Houve mudança do acento no *a* formativo para a raiz, no plural.

Como vimos, a raiz *fu* entra em nossa Língua sómente em composição.

As formas simples do *perfeito* parece provirem de uma época longínqua, o que torna difícil a sua análise e boa explicação.

Dai procurar o Latim um outro processo para formação de novos preceitos.

E como succede no periodo da decadencia das Línguas, o meio posto em prática foi o da composição, de que trataremos em seguida.



IX

Etimologia verbal: Temas compósitos. Voz passiva

I

No domínio da etimologia verbal falta-nos analisar a formação dos temas compósitos em sua origem.

Comecemos pelo *preterito perfeito*, também chamado *aoristo*. Em Latim são dois os temas: em *si* e em *ni* ou *ri*.

A primeira forma *si* é originada da seguinte maneira: da raiz *-es*, pelo processo de formação de temas simples do perfeito, veio naturalmente *es-es-i* donde *s-es-i*; depois, prevalecendo sempre a sílaba reduplicativa, se formou *si* que se juntou às raízes verbais, aparecendo em regra depois de glutural, dental ou labial: *duc-si* raiz *duc*, presente *duco*; *lud-si* de *lud*, presente *ludo*; *serp-si*, de *serp*, presente *serpo*.

Depois de *l*, *si* só aparece em *rul-si*, presente *rullo*; depois de *n* em *man-si*, presente *maneo*.

Quando as formas radicais terminam em *m*, se intermedia um *p* antes de *si* para evitar a ligação *ms*: *sum-p-si*, presente *sumo*, etc.

A conjugação portuguesa só tem um perfeito em *si* que é o da raiz *dic*:

dic-si	disse
dic-sisti	dissiste
dic-si-t	disse

O segundo tema composto do perfeito é *ni* ou *ri*.

Quando precede consoante se usa *ui*, quando vogal, *vi*: *crepuī*, *ama-vi*.

Para demonstrar que esse tema é o perfeito da raiz *fu*, descoberta de Bopp, perderíamos grande espaço de tempo sem resultado, para os estudantes.

Além disto, é o proprio Adolpho Coêlho que, à vista das diversidades de opiniões de Corssen, Schleicher, Schweizer-Sidler e Bopp, diz que si algumas destas questões se acham resolvidas, outras carecem ainda de ser aprofundadas e vistas por todos os lados.

Das innumeras provas que elle acumula para demonstrar que *ui* ou *vi* é o tema do perfeito da raiz *fu*, a mais clara e logica é a que apresenta com o verbo *pos-sum*.

Este verbo é, todos afirmam, composto do verbo *sum* e *pot*, dahi *potes*, *potest*, *potero*, etc., entretanto no perfeito é *pot-ui* em vez de *pot-fui*.

Em Portuguez não ha esta grande variedade de fórmas que tanto difficultam o Latim.

Nossa Lingua modifica foneticamente as fórmas latinas limitando a um só molde os verbos primitivos ou derivados.

Observemos estas modificações:

1.^a Verbos em *a* (1.^a conjugação):

amavi	amei
amavisti	amaste
amavit	amou
amavimus	amámos
amavistis	amastes
amaverunt	amaram

A sincope do *v* é facto que se observa no proprio Latim vulgar, como diz Corssen.

A mudança do *ai* em *ei* (*primairo* — metatese — *de* — *primario* — *deu* — *primeiro* —) é natural em Portuguez, assim como na 2.^a pessoa do plural o desapparecimento do *vi*, *ve*.

Em Portuguez a fórmula *vi*, na 3.^a pessoa do singular se mudou em *u* (*nauta* ao lado de — *navita*; *naufragus* — por *navifragus*) da seguinte maneira: Houve sincope do *i* ficando o *v* entre duas consoantes se mudou em *u*.

O *a* latino em *amavit* se transformou em *o* — *amou*, — o que tambem vemos em *aurus* — *ouro*; — *thesaurus*, — *tesouro*; e finalmente deu-se a queda da desinencia pessoal.

Assim temos no singular:

amavi	amai	amei
amavisti	amaisti	amaste
amavit	amaut	amout, amou.

2.º Verbos em *e* (2.ª conjugação):

debevi	debui	devi
debevisti	debuisti	deveste
debevit	debuit	deveu
debevimus	debulimus	devemos
debevistis	debuitis	devestes
debeverunt	debuerunt	deveram

Analisemos: Na 1.ª e na 2.ª pessoa do singular e do plural sincopou-se o *v* do *vi*, contraindo-se o *ei* em *i* na 1.ª pessoa do singular e em *e* nas outras pessoas. Na 3.ª pessoa do singular se dá o mesmo fenômeno dos verbos da 1.ª conjugação: a forma *vi* é representada por *u*.

Na 3.ª pessoa do plural, houve sincope do *v* e os dois *ei* se contraíram num. Assim:

debevi	debei	debi	devi
debevimus	debeimus	debemus	devemus
debevit	debeut	debeu	deveu
debeverunt	debeerunt	deberunt	deverunt

3.º Verbos em *i* (3.ª conjugação):

vestivi	vesti
vestivisti	vestiste
vestivit	vestiu
vestivimus	vestimos
vestivistis	vestistes
vestiverunt	vestiram

O *v* da forma *vi* cai; é este um fenômeno muito natural no próprio Latim nos verbos em *i*.

Pela queda do *v* os dois *ii* se contraíram: a transformação do *v* em *u* já foi explicada:

vestivi	vesti	vesti
vestivit, etc.	vestiu	vestiu, etc.

Os perfeitos latinos em *ui*, que o Portuguez conservou sómente modificados foneticamente, são:

a) — perf. de *habere*:

— *houve* — por — *haube* — lat. *habui*.

— *houveste* — por — *haubeste* — lat. *habuisti*.

b) — de *capere*:

— *coube* — por — *caube* — lat. *capui*.

c) — de *sapere* :

— *soube* — por — *saube* — lat. *sapui*.

d) — de *posse* :

— *pude* — por — *poude* — lat. *potui*.

— *poude* — ou — *pôde* — lat. *potuit*.

— *pudemos* — por — *poude mos* — lat. *potuimus*.

Sómente com o fim de distinguir a 3.^a da 1.^a pessoa do singular o ditongo *ou* mudou-se em *u*.

e) — de *placere* :

— *prouve* — por — *proue* — lat. *placui*.

Nos antigos escritores encontram-se as formas *plouge* e *plogue* ao mesmo tempo que *prouve*, em Fernão Lopes, por exemplo.

f) — de *jacere* :

— *jouve* (ant.) por — *jogue* — latim *jacui*.

Actualmente a forma é — *jazi*.

g) — de *ponere* :

— *pus* — por — *pous* — lat. *posui*.

— *poseste* — por — *pouseste* — lat. *posuisti*.

— *pôs* — por — *pous* — *posuit*.

h) — de *trahere*.

— *trouxe* — por *trauxe* — lat. vulgar *tracsui*.

— *trouxeste* — por — *trauxiste* — lat. v. *tracsuisti*.

O *x* tem o som de *s* e por isso aparece mudado em *g* na forma antiga — *trouge* — e sincopado em — *trouve*, *trouveste* — onde o *v* foi introduzido para evitar o hiato resultante da queda da consonante medial, como prova — *couve* — de *caue* — do latim *caule*.

A forma em *x* raramente se encontra nos escritores clássicos.

Nas canções populares de Algarve e Beira encontra-se a forma em *v*.

i) — de *tenere* :

— *tive* — por — *teue* — lat. *tenui*.

— *tiveste* — por — *teuisti* — lat. *tenuisti*.

— *teve* — por — *teue* — lat. *tenuit*.

Observam-se as seguintes modificações: A sincope do *u*, a consonantização do *u* para evitar o hiato, a mudança do *e* em *i* para distinguir a 1.^a da 3.^a pessoa no singular e por analogia da 1.^a a mesma mudança na 2.^a do singular e em todo o plural.

O perfeito do verbo — *ter* — formou em Portuguez o perfeito da raiz *sta*: — *es-tive*, *es-tiveste* — e um antigo do verbo — *ser*: *seue*, *severom*, de que se encontram exemplos em D. Diniz, J. Pedro Ribeiro, Azurara, nas *Chronicas de Guiné*, etc.

Analisemos o futuro do indicativo.

Desaparecendo o futuro latino em *bo*, o Latim classico aproveitou o emprego do verbo *habere* soldado aos infinitivos verbaes e formou as linguagens *dicere habeo*, *portare habes*.

Esta construção, conhecida do Grego, é mais familiar á Lingua popular.

As Linguis novo-latinas fórmam por este processo o seu futuro.

O Valaquo constróe por meio do verbo *velle*.

O Romanico obtem o futuro por meio de *venire*.

Em Sardo o auxiliar é colocado antes do infinito.

O Inglez fórm-a-o com *shall* e *will*; o Allemão com *werden*; o Grego com *theto*, etc,

No Portuguez temos: *amarei* — *amar + hei*. Empregando-se a figura tmese disjunta-se aquella e collocam-se os pronomes complementos: *Amar-te-ei*, *amar-te-hei*.

No Francez: *Aimerai* — *aimer + ai* por *j'ai à aimer*.

No Provençal: *Dir-vos-ai*, *donar-lo-us-ai*, que sempre aparecem disjuntadas por artigos ou pronomes.

No Espanhol: *Hacer-lo-he*, fórm-a anterior que *lo hare* correspondendo ao Latim: *Facere id habeo* — port.— *fa-lo-ei*.

No Italiano: *Cantero* — *cantar-ho*, etc.

Julga Max-Müller que quem primeiro explicou a origem do futuro romano foi Caltelvetro na sua *Correttione* (1577); entretanto já em 1492 o espanhol Antonio de Nebrissa tinha reconhecido esta composição.

Observamos que na aglutinação do futuro, os verbos como — *dizer*, *fazer*, *trazer*, e outros perdem o *z*: — *direi*, *farei*, *trarei*.

Exceptua-se deste caso o verbo — *jazer* — que faz — *jazerei* — e não — *jarei*.

O que dissémos sobre o futuro se observa no *condicional* com a diferença de ser este composto com o imperfeito do verbo *haver* na fórm-a contraída: *amar* — *havia*, *amar-hia*, *amaria*.

O *futuro do subjuntivo* do Portuguez não existe no Latim e corresponde ao futuro perfeito.

Assim o futuro — *amar*, *amares* — etc., provém de *amavero*, pela sincope do *v* e desaparecimento da vogal atona substituída pela acentuada. Na 1.^a pessoa do singular o *o* final cai precedido do *r*, provavelmente depois de se ter mudado em *e*.

Do *imperfeito do indicativo* já tratámos quando nos referimos aos temas simples.

Temos que falar agora dos temas compósitos deste tempo.

Fórm-a-se elle acrescentando ao tema do presente o tema *ba*, imperfeito da raiz *fu*; assim do tema *da* fórm-a-se *daba*, de *sta*, *staba*.

O mesmo com os verbos derivados: *ama-ba*, *deve-ba*.

Na passagem para o Portuguez deram-se algumas modificações fónicas.

No imperfeito em *aba*, o *b* mudou-se em *v*: *amava* — latim — *amaba*.

No imperfeito em *eba*, desaparece o *b* e o *e* se muda em *i*: *Devia* — latim — *deveba*.

No imperfeito em *ieba* o *b* é sincopado e o *ie* se contráe em *i*:
Vestia — latim — *vestieba*.

Sobre os imperfeitos — *punha*, *tinha* e *vinha* — Diez supõe que se retraiu o acento para firmar mais o *n* radical que, doutro modo, teria caído como no infinitivo; dizia-se — *pónia*, — para não fazer desaparecer o *n* em — *ponia* — e mudou-se o *o* em *u* e o *e* em *i* para distinguir do presente do subjuntivo.

No Romance de D. Aleixo, versão da Foz, recolhido por Th. Braga, — encontrámos — *convenia* — por — *convinha*.

A terminação *sem* que forma o imperfeito do subjuntivo, é originada de *esem* que devia ter sido o optativo da raiz *es*, *esam*.

Em Portuguez estas fórmas se originam do mais que perfeito do optativo latino:

— *amasse* — Latim — *amavissem*; — *fosse* — Latim — *fuissem*.

Houve no primeiro caso simples sincope de *vi*; as outras alterações são communs.

O mais que perfeito conserva-se em Portuguez sincopando-se o *ve*; por exemplo em *cantaram* — Latim — *cantaverunt*.

Soffre tambem deslocação do acento na 1.^a e na 2.^a pessoa do plural:

— *cantáramos* — Latim — *cantaverámus*.

— *cantáreis* — Latim — *cantaverátis*.

Foi, como se vê, conservado em Portuguez com pequenas alterações foneticas.

Falta-nos traçar as fórmas nominaes do verbo.

Infinitivo presente. O verbo latino se forma pela junção do elemento *re* ao tema do presente: *ama-re*, *mone-re*, *vesti-re*.

E' de notar que o *r* não é um som primitivo nesse elemento formativo, mas sim vem de um *s*, como provam as fórmas *pos-se*, *es-se*.

Em alguns casos houve assimilação: *fer-re* por *fer-se*, *vel-le* por *vel-se*.

Em Portuguez desapareceu o *e* final e reuniram-se numa as fórmas de *ere* breve e *ere* longo, confundindo-se as fórmas dos verbos primitivos com as dos derivados em *e* e *i*.

Foi o Portuguez à unica Lingua romanica que deu flexão pessoal ao Infinitivo.

Participio presente. Este participio é formado por meio do sufixo *ant* que perde a vogal si por ella termina o tema, e que ás vezes se transforma em *ent* e *unt*.

Em Portuguez o participio presente é usado como simples adjetivo ou substantivo.

Encontram-se muitas fórmas participaes em *ant*.

Em Latim ocorrem alguns substantivos que eram primitivamente participios presentes: *infant*, que não fala, de *fant* participio de *fari*.

Em Portuguez ao lado de — *oriente* — (de *orior, nascer*), *occidente* — (de *occido, morrer*), temos — *nascente, poente* — ; de *legente* participio de *lēgo* formamos — *lente* ; — *sargento* do antigo — *sir gente* do Latim *serviente* modificado pelo Francez, e tambem — *sirante, caminhante, mercante*, etc.

Gerundio. Segundo Corssen, o suffixo *ondo, undo, endo, sido*, do gerundio, do participio do futuro passivo, é composto do suffixo *on e do*.

A forma *undo* por *ondo* é arcaica; a forma *endo* substitui-a na linguagem classica; a forma *ndo* se junta aos temas derivados em *a e e*: *ama-ndo, mone-ndo*.

Em Portuguez não ha participio de futuro passivo, embora, appareçam palavras constituidas pelo mesmo processo: — *gembundo, segundo*.

Das formas do gerundio só permaneceu a do ablativo: — *amando, vivendo, vestindo*.

Participio passado. É formado em Latim por meio do suffixo *to* junto a forma radical: *da-to*; ou por meio de uma vogal ligativa: *gen-i-to*; ou pela junção aos temas verbaes derivados: *ama-to*.

Em Portuguez conservou-se a forma dos participios derivados em *a e i (ato, ito)* abrandando-se o *t* em *d*: — *amado* — Latim — *amato; vestido* — Latim — *vestito*, na 1.^a e na 3.^a conjugação.

Na 2.^a conjugação o Portuguez, à similarança das outras Línguas romanicas, adoptou o suffixo *uto*: *tributo, arguto*. O suffixo *udo*, ainda usado no seculo 16, foi substituido pelo participio *ido*: *vencido, comido*, etc.

Do tipo — *udo* — encontramos: *estabeleçudo, perduda, metudo, entendudo, respondudo, tenudo*, etc.

Modernamente, destas formas possuimos: *teúdo e manteúdo* usadas numa fórmula conhecida das Ordenações; — *sanhudo* e o substantivo *conteúdo*.

No seculo 16, apareceram muitas formas contraídas: *despezo, zoito, escorreito, represso, tolheito, volto, comesto, colheito*, etc.

O supino latino desapareceu no Portuguez.

O participio do futuro não existe em nossa Língua com força participial.

Possuimos algumas palavras como: *immorredouro, vindouro, casadouro*, etc., formadas com o suffixo *douro*.

Com o suffixo *turo*, existem: *futuro, ventura, sepultura, prisura*, etc., considerados como substantivos em Latim.

Já sabemos que há em Portuguez duas vozes: a *activa* e a *passiva*.

Precisamos tratar agora da *passiva* que tem tambem o nome de *média passiva* ou *passiva reflexiva*.

O Latim, ao contrario do Sânscrito e Grego, perdeu a primitiva voz média e procurou outro modo de formação.

Então recorreu primitivamente ou ao processo de juntar ás fórmas do activo o pronome reflexivo *se*; ou ao processo de construir o participio medio *nino* com o verbo *esse* que algumas vezes ficava occulto.

Do primeiro caso temos *amo-se*, do segundo *ama-nino-ss-um*. Fundindo-se depois estas duas fórmas, usou-as o Latim promiscuamente, prevalecendo todavia a primeira.

O processo do Portuguez é diferente.

Em quanto o Latim se exprime por desinencias, o Portuguez compõe uma fórmula com o verbo *ser* e o participio passado: *sou amado* — Latim — *amor*.

Nota-se, porém, que este processo já não existia em Latim no tempo de Cicero.

Tambem o Portuguez renóva o modo apassivador latino do *se* reflexivo, processo que se encontra tambem no Slavo, mas que aquella Lingua só usa nas terceiras pessoas.

Possuimos em Portuguez muitos verbos activos cuja origem é um verbo passivo latino:

<i>falar</i>	do lat.	<i>fabulari</i>
<i>morrer</i>	» »	<i>morior</i>
<i>querer</i>	» »	<i>queri</i>

Mesmo em Latim vemos verbos empregados na forma activa e na forma deponente: — *adulor* e *adulo*; — *comperior* e *comperio*; — *imitor* e *imito*.

Em Portuguez os verbos intransitivos não são usados na voz passiva.

Expliquemos ligeiramente a formação da voz passiva em Latim por meio de suffixos que sómente se acrescentam no presente imperfeito e futuro do indicativo, no imperativo e no presente e imperfeito do subjuntivo.

Nos outros tempos emprega-se o verbo *sum*, *es*, *fui*, *esse* e o participio passado em *tus*: *amatus sum*, *amatus fueram*, etc.

Com o primeiro modo a passividade era assim feita:
1.^a *pessoa sing. do pres. do indicativo.*

A' fórmā activa acrescenta-se um *r* que é originado de um pronome reflexivo *se*, que fica entre vogaes, vindo afinal a cair o *e*:

— *amo — amo-se — amo-re — amor.*

2.^a *pessoa do singular.*

Ligaris ou *ligare*. Depois de juntar-se à fórmā activa *ligas* o pronome *se* foi preciso introduzir um *i* ligativo, mudando o *s* em *r*:

— *ligas — ligas-se — ligas-ise — ligar-ise — ligar-is.*

3.^a *pessoa do singular.*

Monetur. Depois de praticado o processo geral, introduziu-se a vogal ligativa *u*.

1.^a *pessoa do plural.*

Com a fórmā activa *amamus* se constituiu a fórmā passiva como as pessoas do singular — *amamus-u-se* — (*u* ligativo) e depois — *amamur-u-r*; — e pelo principio de dissimilação que manda destruir os elementos foneticos iguaes numa palavra, ficou — *amamur*.

Explicam tambem assim: — em — *amamur-u-r* — cai o *u* e aparece — *amamur-r* — e como a lingua não consente dous *rr* na desinencia, ficou — *amamur*.

2.^a *pessoa do plural.*

Emprega o Latim nesta pessoa o segundo processo de que falámos a principio: — *ama-mini* — em vez de, pela regra geral, fazer — *amateris*.

3.^a *pessoa do plural.*

Nada apresenta de novo.

A fórmā — *monentur*, — por exemplo, é resultado do *u* ligativo: — *monent-u-se* — em que o *s* transformado em *r* e o *e* caindo dá — *monentur*.

A mesma explicação se pôde dar a respeito dos outros tempos do indicativo e do subjuntivo.



X

Palavras invariaveis

As categorias de adverbio, preposição e conjunção se desenvolveram das categorias de nome e pronome; é, como diz A. Coelho, clara ainda em Portuguez a origem nominal e pronominal de varios adverbios, preposições e conjunções.

Assim, os adverbios em *mente* são representantes de expressões nominaes do ablativo latiho: *bonamente* — *boamente*.

A conjunção adversativa *mas* saiu do adverbio *mais*, no Latim *magis*, comparativo da raiz *mag* que encontramos em *mag-nus*.

A negativa *non* (*não*) é o acusativo da raiz pronominal *na* que vemos em *na* — *m* — *que*, *nu* — *n* — *quam*.

Como representa o Latim *quo modo*, ablativo de um pronome e de um nome.

O antigo adverbio *car* vem de *qua re*.

I

ADVERBIOS

Os adverbios, como as palavras invariaveis, têm, em geral, sua etimologia na Lingua latina.

Derivam-se:

I.º de adverbios ou locuções adverbiaes da Lingua latina, mais ou menos correspondentes:

Antes — *ante*.

Bem — bene.

Jú — jam.

Agora — hac hora

Hoje — hoc die.

Jamais — jam magis.

2.º de adjectivos empregados invariavelmente na forma masculina :

Caro (comprou caro).

Alto (falei alto).

3.º de adjectivos na forma feminina a que se junta o suffixo *mente* :

Bella + mente.

Clara + mente.

4.º de locuções formadas na propria lingua :

Outr'ora.

Ante-ontem.

ADVERBIOS DE TEMPO

Cedo provem de *cito*.

Ontem » » *ad noctem.*

Sempre » » *semper.*

Logo » » *loco.*

Nunca » » *nunquam.*

Então » » *in tunc.*

De formação vernacula :

D'ora em diante.

Depois de amanhã, etc.

ADVERBIOS DE LUGAR

Além provem de *aliunde*.

Ali provem de *ad illic*.

Aí provem de *ad-hic*. Corresponde ao Francez y e apparece com esta função no Italiano, Provençal, Espanhol e no antigo Portuguez.

Aqui provem de *ecce hic* (*ecc'hic*) ou da fórmā *pleonastica hic hic*.

Acolá provem de *hac illa*.

Eis provem da fórmā *heis* — *haver* — ou do verbo *vér*.

São interessantes as razões que João Ribeiro apresenta para demonstrar a origem deste adverbio:

«*Eis* não deriva de *ecce*, mas é um tempo do verbo *vér*: *eis* (ou *heis* — *vés*) pôde ter complemento *eil-o*. Ha quem veja em *eis* uma fórmā de *heis*, *haveis* de *haver*; creio, porém, que a fórmā *heis* contem a aspirada correspondente a *f* no hespanhol *hacer* — *fazer*, que por vezes passou ao portuguez (*hediondo* — *fetibundus*).

O castelhano antigo tinha a fórmā verbal *afe* por *ahe* em que *hē* — *fē* com identico sentido e uso.

Com quanto mais facilmente occorra derivar *eis* — de *heis* ou *haveis*, julgo que é uma segunda pessoa do singular *eis* — *heis* ou *hēs* — *vés*. Nos escriptores mais antigos encontramos a orthographia *ex* por *es* ou *eis* (por exemplo, no Leal Conselheiro e ainda nos quinhentistas Lucena e outros); e tambem a fórmā *vés* e *veis* por *eis*, como em Sá de Miranda.

Tambem nota Madureira o uso de *vés* — *eis*, na sua *Orthographia*.»

Cá provem de *ecc'hac*.

Dentro » » *de intro*.

Lá » » *illac*.

Longe » » *longe*.

Onde » » *unde*.

ADVERBIOS DE QUANTIDADE

Apenas prôvem de *ad penæ*.

Assaz » » *ad satis*.

Cerca » » *circa*.

Mais » » *magis*.

Quasi » » *quasi*.

Em Latim existe o adverbio *plus*, que actualmente não tem correspondencia em Portuguez, com a fórmā antiga *chus* e que significa o mesmo que *magis* — mais.

Encontra-se esta palavra em documentos do principio do seculo 14.^o

Do meiado deste seculo em diante não sera facil, diz Theophilo Braga, que se encontre uma só vez.

E' tambem raro nos livros de 1300 a 1330.

No *Cancioneiro do Collegio dos Nobres*, segundo Varnhagem, encontra-se a frase: — *Nunca chus algo fazer.*

ADVERBIOS DE AFFIRMAÇÃO

Sim provem de *sic.*

Não » » *non.*

O adverbio *quiçá* é de origem latina — *quid sapit*; *debalde* provem do arabe; *amen*, do hebraico.

ADVERBIOS DE MODO

A grande classe dos adverbios de modo se origina de adjectivos na forma feminina juntos ao suffixo *mente* que representa o ablativo latino de *mens, mentis* (espirito, mente).

Pertencem tambem a esta classe os adjectivos que ficaram invariaveis na forma masculina.

Assim provem de *ad sic.*

Mal » » *male.*

Como » » *quo modo.*

II

PREPOSIÇÕES

As preposições se derivam:

1.^o de preposições latinas: *a* que provem de *ad*; *ante* de *ante*; *com* de *cum*; *contra* de *contra*; *entre* de *inter*; *por* de *pro* e de *per*; *sem* de *sine*; *sobre* de *super*, etc.

2.º de duas preposições latinas reunidas: *após* que provem de *ad post*; *diante* de *de ante*; *depois* de *de post*; *desde* de *de ex de*; *atrás* de *ad trans*; *para* de *per ad*, etc.

3.º de palavras ou grupos de palavras da propria Língua portugueza: *salvo*, *excepto*, *tocante*, *durante* (originadas de participios), *defronte*, *em frente*, etc.

Certas preposições latinas dão origem a palavras em Portuguez conservando a sua fórmula: *EXTRA-ordinario*, *SUPRA-mencionado*; outras soffrem pequenas alterações: *POS-pôr* (*post-pôr*); *TRAN montana* (*trans montana*).

CONJUNÇÕES

As conjunções se derivam:

1.º de conjunções e de outras palavras latinas: *como* provem de *quo modo*; *e* de *et*; *logo* de *loco*; *nem* de *nec*; *ou* de *aut*; *pois* de *post*; *que* de *que*; *si* de *si*; *mas* de *magis*; *porém* de *pro inde*; *porque* de *per quod*, *ora* de *hora*.

2.º de palavras portuguezas, como em geral são as locuções conjuntivas: *ainda que*, *bem que*, *todavia*, *outrossim*, *comtudo*, etc.

IV

INTERJEIÇÕES

As interjeições naturaes *oh!* *ai!* etc., pelo facto de representarem um sentimento subito, não têm etimologia; o que acontece mesmo com as formadas por onomatopéia: *zumzum*, *trás-zás*, etc.

As convencionaes têm sua origem em substantivos,

adjectivos, verbos, etc., e por isso vêm da Lingua donde estes se originaram.

Podemos notar, vindas do:

Latim: *apage, eia, sus.*

Italiano: *bravo, presto.*

inglez: *hip, hurrah.*

Francez: *vlan, bruhaha, chiton.*

Espanhol: *caspita, caramba.*

Arabe: *oxalá.*

A interjeição *aqui d'el rei* é de formação portugueza, representação da frase: *Aqui justiça d'El-rei*, segundo Th. Braga.

Muitos escrevem *ak d'el-rei*, dando-lhe origem celta.



Sintaxe

Sintaxe é a parte da grammatica em que se estudam as palavras e os grupos de palavras na oração.

Divide-se em *lexica* e *logica*.

Lexica é a parte da sintaxe em que se estudam as relações das palavras umas com as outras na oração.

E' a sintaxe das palavras.

Logica é a parte da sintaxe em que se estudam as relações das orações umas com as outras no periodo.

E' a sintaxe das orações.

Oração é o enunciado de um juizo por meio de uma ou mais palavras.

Todas as vezes que formamos conceitos e os exprimimos por palavras, formamos orações.

Em geral, em cada oração ha um facto de que se trata, é o *predicado*; e o individuo a quem se refere o facto, é o *sujeito*.

Na oração: *Os passaros voam*, o predicado é *voam* e o sujeito é *os passaros*.

Em alguns casos o facto é exclusivamente exercido por

um sujeito que fica occulto e a oração consta de um verbo sem sujeito: *chove*. Dá-se isso com os verbos que exprimem fenomenos metereologicos, como: *chover*, *gear*, *orvalhar*, *alvorecer*, *anoitecer*.

Em outros casos quando não se quer, não se sabe, ou não se pôde declarar o sujeito, fica este occulto e o verbo é empregado na 3.^a pessoa do singular ou do plural: *CONSTA que rebentou uma revolução*. *DIZEM que a revolta venceu*. *CUMPRE observar os factos*. *FAZ calor*.

Em qualquer desses dois casos, o verbo apparece sem sujeito, ou se diz que o sujeito é indeterminado.

São orações *impessoaes*.

A's vezes o verbo é acompanhado do pronome — *se* — que representa a indeterminação do sujeito: *VIVE-SE bem no Recife*. *ESTUDA-SE muito neste collegio*.

Ha verbos de predicação incompleta que, para exprimirem o facto de que se trata, têm junto de si um adjectivo ou palavra equivalente. Neste caso o predicado é expresso por um verbo com um *completivo* que tambem se chama *atributo* ou *predicativo*. *O sol É LUMINOSO*. *A lua FICOU DESMAIADA*.

Os verbos que exigem esse completivo, são: *ser*, *estar*, *parecer*, *ficar*, *andar*, *continuar*, etc.

Quando a significação geral de qualquer dos termos se especializa, a elle se junta um *modificativo*, que pôde ser uma palavra, um grupo de palavras ou uma oração: *Os animaes DA AUSTRALIA têm formas extraordinarias*. *Cão QUE LADRA não morde*.

Este modificativo tambem se chama *apposto*, que deve ser da mesma natureza da palavra a que estiver modificando, isto é, o seu fundamental.

Apposto, é todo substantivo ou expressão equivalente que se junta a um nome para determina-lo ou caracteriza-lo com mais precisão ou individuação: *D. Pedro 2.^o*, *EX-IMPERADOR DO BRAZIL*. O nome modificado pelo apposto, chama-se *fundamental*.

O apposto que se coloca depois de outra palavra exprime com esta a mesma pessoa ou cousa.

A's vezes o apposto é representado por uma oração inteira e vem modificando o sentido geral de outra oração: *Pernas delgadas e nervosas*, INDICIO DE GRANDE LIGEIREZA, *movimentos rapidos e bruscos*, SIGNAL DE FORÇA PRODIGIOSA. Rebello da Silva. *As velas tremulavam no mastro*, SIGNAL CLARO DE NOSSA VICTORIA.

Assim a oração consta de dois termos essenciaes: o sujeito e o predicado, unicos ou acompanhados de modificativos.

Além dos elementos essenciaes e modificativos, ha os *elementos connectivos*, que unem as orações e partes das orações e os *elementos absolutos* que, por si sós, valem orações.

São elementos connectivos: as *preposições*, as *conjunções* e os *relativos*.

São elementos absolutos: a *interjeição* e o *vocativo*.

Vocativo é um sujeito de 2.^a pessoa a quem chamamos, invocamos ou exortamos, acompanhado de interjeição clara ou occulta. Representa a pessoa a quem o discurso se dirige.

Sujeito é o termo de que se affirma uma acção, qualidade ou estado. Representa o objecto principal de que se fala e exercita o significado do verbo.

E' expresso:

1.^º por um substantivo: O GATO mia.

2.^º por um pronome: Nós pensamos.

3.^º por qualquer palavra substantivada: O SIM agrada.

TRABALHAR é necessário.

4.^º por uma oração: E' inegavel QUE A TERRA GIRA.

O sujeito pôde ser modificado:

1.^º por um adjectivo: Desfez-se a nuvem ESCURA.

2.^º por um apposto: O Amazonas, RIO CAUDAL, nasce no Perú.

3.º por um substantivo com preposição: *Praças SEM FIM cobrem o solo.*

4.º por uma oração: *Divina guarda QUE OS CÉUS, O MAR E TERRA SENHOREAS.*

Predicado é o termo que exprime acção, qualidade ou estado que se refere ao sujeito.

E' representado:

1.º pelo verbo predicativo simplesmente: *Os animaes VIVEM.*

2.º por um verbo de predicação incompleta com um completivo ou atributo: *Deus É ETERNO. Elle PARECE DOENTE. Eu ESTOU ALEGRE.*

Atributo é um adjetivo ou qualquer palavra ou oração que representa qualidade ou maneira de ser.

Póde ser representado:

1.º por um adjetivo ou locução adjetiva: *O Tejo era SERENO. Sua voz era DO CÉU (celeste). Elle está COM SAÚDE (sadio).*

2.º por um substantivo: *O homem é ANIMAL.*

3.º por um pronome: *Si tu fôras EU.*

4.º por uma oração: *Morrer é PERDER A VIDA.*

O *atributo* ou *predicativo*, tambem se pôde chamar *adjunto predicado* ou *completivo*, e se divide em: *completivo subjectivo*, quando modifica o *sujeito*: *João ficou RICO*; e *completivo objectivo*, quando modifica o *objecto*: *D. Pedro tornou o Brazil NAÇÃO LIVRE. Eu chamei-o HERÓI. Julgo-o PREPARADO.*

Esse *atributo*, *completivo*, ou *predicativo*, se junta a verbos intransitivos, exprimindo effeito da acção ou transformação do sujeito, ou a verbos transitivos na voz *passiva*, como: *ser, continuar, andar, ir, vir, aparecer, estar, ficar, parecer, jazer, nascer, morrer, sair, tornar-se, manter-se, sentir-se, etc.*: *Elle continua BOM; elle anda DOENTE; elle vai ASSUSTADO; elle foi eleito GOVERNADOR; elle foi julgado CAPAZ; elle se tornou NOTAVEL.*

Alguns aparecem regidos de preposição: Nós o *havemos* POR PERDIDOS; elle se *appellidava* de SALVADOR; elle está COM SAÚDE.

O **predicado** pôde ser modificado:

1.º por um substantivo ou pronome directamente regido: *Os homens povoam A TERRA.* O sol nos *aquece*.

2.º por um substantivo ou pronome regido de preposição: *Os corações desfalecem DE SUSTO.* Venha a NÓS o *vosso reino*.

3.º por um adverbio: *Entra ASSIM no reino d'água o Deus do vinho.*

4.º por uma oração: *Disse o mestre rijamente: ALIJA TUDO AO MAR.*

Modificativo é o termo que especializa, completa, ou explica a significação de outro termo.

Tambem se chama *complemento* ou *adjunto*.

O modificativo pôde ser *concordado* ou *regido*.

Concordado é o que se liga ao modificado por identidade de forma.

Pôde ser:

1.º o adjectivo: *Trombetas SONOROSAS* vão tocando.

2.º o apposto: *O Amazonas, RIO CAUDAL.*

3.º o pronome pessoal: *Deu-ME na cabeça* (*minha cabeça*). As lembranças que n'*alma* lhe moravam (*na sua alma*).

Regido é o que se liga ao modificado directamente pelo sentido ou por intermedio da preposição.

No primeiro caso é *directo*; no segundo, *indirecto*.

Pôde ser representado:

1.º pelo substantivo: *O raio de teu genio illumina o HORIZONTE da patria.*

2.º pelo pronome: *Thetis divina canta-lhe as luzas glórias no Oriente.*

3.º pelo adverbio: *O peito heroico generoso perdão JAMÁIS recusa.*

4.º pelo verbo no infinitivo: *O vapor estava preparado PARA SAIR.*

5.º por uma oração: *Nem a gazella timida receia QUE ALGUEM A PAZ LHE QUEBRE.*

Estes modificativos se chamam *atributivos* ou *adverbiaes*.

Atributivos são aquelles que modificam o substantivo.

Adverbiaes são aquelles que modificam o adjectivo, o verbo ou o adverbio. Exprimem uma circunstancia.

O adjunto atributivo toma o nome especial de *complemento determinativo* ou *restrictivo* quando é regido de preposição: *O mouro despresa o poder DOS CRISTÃOS.*

O adjunto adverbial toma os nomes especiaes de *objecto directo* ou *objecto indirecto*.

Objecto directo é o modificativo que representa a pessoa ou o objecto sobre que recai imediatamente a acção indicada pelo verbo: *A bondade de Deus premeia o JUSTO.*

O objecto directo não é geralmente regido de preposição. Casos ha, porém, em que esta preposição se torna necessaria; taes são:

1.º Para evitar confusão no sentido, quando o objecto podér praticar a acção: *A LAVINIA Enéas furtou. Lia Alexandre A HOMERO.*

Costuma-se, ás vezes, neste caso, não empregar a preposição, mas repetir o objecto representando-o por uma variação pronominal correspondente, para maior clareza, principalmente quando o objecto vem antes do verbo: *Em quanto o MAR cortava-o a armada. A NOTICIA não A trouxe o jornal hoje.*

2.º Em casos especiaes de construção vernacula: *P*

cha DO PUNHAL. Arrancam DAS ESPADAS de aço fino. Cum-
pre COM O TEU DEVER. Chamou POR ALGUÉM.

3.º Quando é representado por um verbo no infinitivo precedido de verbos como: acabar, aprender, cessar, começar, ensinar, findar, principiar, etc. Acabei DE ESTUDAR; cessou DE ESCREVER; começaram A FALAR; ensinou A TRABALHAR etc.

4.º Quando é representado pelas variações pronominais, menos *Ihe*, *Ihes*, *comigo*, *comtigo*, *comsigo*, *comnosco*, *comvosco*: *Eu* ME visto. *Elle* TE apresentou á sociedade.

Objecto indirecto é o modificativo que representa a pessoa ou o objecto sobre que recai, por meio de preposição, a acção indicada pelo verbo: *Os nobres corações DE SUSTO desfallecem.*

Qualquer dos termos de uma oração pode ser *simples* ou *composto*.

Termo simples é o formado de um só termo, único na especie: *Deus existe.*

Termo composto é o formado de dois ou mais termos da mesma especie, coordenados: CABEÇAS, BRAÇOS, PERNAS, *pelos ares* vão saltando.

O termo *simples* ou *composto* pode ser *complexo* e *incomplexo*.

Termo complexo é o que tem modificativo: A LUA QUE NOS ILLUMINA é um satellite.

Termo incomplexo é o que não tem modificativo: *Tudo morre.*

Pôde ser tambem: *logico* e *grammatical*.

Termo logico é o termo com seus modificativos.

Termo grammatical é qualquer um dos termos distintos, separados de qualquer outro.

As relações que as palavras têm entre si, são:

1.^a *relação predicativa* que é a que existe entre o sujeito e o predicado.

Os passaros	voam
O homem	é um animal
O Gama e o Catual	falando entravam na sala
Um velho	lhe dava a verde folha

2.^a *relação atributiva* a que modifica o substantivo:

O	livro
Amazonas	rio caudal
Livro	encadernado
Análise	que copiei (copiada)
Grammatica	de Julio Ribeiro.

3.^a *relação adverbial*, a que modifica o adjetivo e o verbo:

Elle fugiu	vergonhosamente
Gosto	de estudar
Comi	como um alarve
Casa feita	a capricho

4.^a *relação objectiva*, que é um caso especial da relação adverbial, modifica tambem o verbo de acção transitiva: *Quero estudar PORTUGUEZ.* *Comi DUAS LARANJAS.*

Período ou oração logica é a expressão do pensamento por meio de uma ou mais orações grammaticaes. As orações se dividem em *simples*, *compóstas* e *complexas*.

Simples é a que contem sómente um termo de cada especie.

E' por sua natureza absoluta e tem o verbo no indicativo ou no imperativo:

*Inda murmuram do Mondego as aguas
Os maviosos ais de Ignez de Castro.*

B. de Paranapiacaba.

As orações simples se subdividem em:

Declarativa (affirmativa ou negativa) é aquella que narra, conta ou assevera um facto:

Não se contenta a gente portugueza.

Camões.

Imperativa é aquella que exprime um facto ordenado ou pedido:

*Foge, Lusitano, da cilada do rei.
Dai-me uma furia grande e sonorosa.*

Camões.

Interrogativa é aquella por meio da qual se pergunta, indaga ou interroga:

*Quem te trouxe a est'outro mundo
Tão longe de tua patria lusitana?*

Camões.

Exclamativa é aquella que indica um sentimento de admiração, de entusiasmo:

*No mar tanta tormenta e tanto damno,
Tantas vezes a morte apercebida!*

Camões.

Optativa é aquella que exprime o desejo que um facto se realize:

*Bons ventos te conduzam ao porto de salvamento.
Deus seja nesta casa.*

Composta é a oração que contem mais de uma proposição com a mesma função.

Estas proposições se dividem em *asindeticas* ou *collateraes* e *sindeticas* ou *coordenadas*. Tambem se pôdem chamar *coordenadas por juxtaposição* e *coordenadas por conjunção*.

Asindeticas ou **collateraes** ou **coordenadas por juxtaposição**, são as proposições que não têm termos que as liguem, não têm connectivos; ligam-se pelo sentido: *O de Luso rompe, corta, desfaz, abola, talha.* (Camões.)

Sindeticas ou **coordenadas por conjunção**, são as proposições que têm termos que as liguem, têm connectivos: *No jogo se perde o amigo e se ganha o inimigo.*

Os connectivos que ligam as proposições sindeticas ou coordenadas, são as conjunções de coordenação:

Copulativas: *O tempo vai a passo E não descansa.*
Os velhos hão de morrer, TAMBEM os moços pôdem morrer.

Adversativas: *O cão pôde correr, MAS não sabe trepar.* *Estudei a lição, ENTRETANTO não soube decora-la.*

Disjuntivas: *O vento ajunta, OU dispersa as nuvens.* *ORA chove, ORA faz sol.*

Conclusivas: *Penso, LOGO existo.* *Estudo, POR TANTO hei de aprender.*

Complexa é a oração que contem duas ou mais proposições com dependencia reciproca.

A que rege as outras tem o nome de *principal*, que deve ter o verbo no indicativo ou no imperativo.

A outra ou outras têm o nome de *subordinadas* ou *clausulas*.

As clausulas se acham ligadas umas ás outras pelo sentido ou pelas conjunções de coordenação.

Dividem-se em *substantivas*, *adjectivas* e *adverbias*.

Substantiva é aquella que equivale a um substantivo. Serve de sujeito ou objecto a uma outra oração e geralmente começa pela conjunção integrante *que*: LOUVAR ESFORÇO ALHEIO é causa desejada. O capitão disse: DAI VELAS AO LARGO VENTO. Sou bem informado DE QUE EM-BAIXADA É FINGIDA. (Camões.)

Adjectiva é aquella que equivale a um adjetivo. Modifica um substantivo e começa geralmente por um pronome relativo:

Ergue a virgem os olhos QUE O SOL NÃO DESLUMBRA.
(Alencar.)

Adverbial é aquella que equivale a um adverbio. Exprime circunstancias e modifica um adjetivo ou um verbo.

Tempo:

*Não eram os traquetes bem tomados,
QUANDO SE DÁ A GRANDE E SUBITA PROCELLA.*

Camões.

Fim:

*Falar ao rei gentio determina
PORQUE COM SEU DESPACHO SE TORNASSE.*

Idem.

As orações pódem ser :

Contracta ou **abreviada** é a oração que se forma de varios termos da mesma especie, subordinados ao mesmo sentido; isto é, pôde ter o mesmo sujeito ou o mesmo predicado, ou o mesmo objecto, etc. :

*De Duarte foi breve o reinado
E curtido de grande afflição, isto é :*

De Duarte foi breve o reinado, e de Duarte foi o reinado curtidio de grande afflição.

As orações contractas são divisiveis em duas ou mais orações.

Não são, assim, contractas, orações como : *Pedro e Paulo são parentes. A casa é branca e amarella. Elle juntou óvos e espetos, alhos e bugalhos.*

Estas orações não pôdem ser desdobradas, separadas ou divididas.

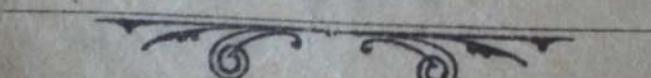
Eliptica é a oração que tem um ou alguns de seus **termos** ocultos, que com facilidade o espirito subentende :

*Honra ao cantor dos lusitanos fastos!
Joelho em terra! A Universal Historia
Leve aos vindouros de Camões o nome
Como eterno padrão da lusa gloria!*

(B. de Paranapiacaba).

Implicita é a oração cujos termos principaes deixaram de ser expressos.

Formam orações implicitas, por exemplo, os vocativos, as interjeições e os adverbios empregados em forma absoluta: *Queres estudar? NÃO. Queres passear? SIM. E!-LO.*



III

Orações impessoaes

Há muitas orações que se constituem de verbos sem sujeito porque indicam um facto completo e delle não precisam.

Casos outros há em que o sujeito tem função indeterminada, sem se referir a um dado ser.

Os casos mais importantes desses verbos que formam *orações impessoaes*, são:

1.º Verbos que exprimem fenomenos naturaes, meteorologicos, como: *chover, gear, orvalhar, nevar, trovejar, anoitecer, escurecer*, etc.

2.º Certos verbos transitivos — *contar, dizer, etc.*, empregados na 3.ª pessoa do plural: *DIZEM que nasceu Jesus. CONTARAM-me que aparecerá o Anti-Christo.*

3.º O verbo — *fazer* — acompanhado de certos substantivos como: *calor, frio, annos* e similhantes. Neste caso há quem lhe dê para sujeito o substantivo — *tempo*.

4.º O verbo — *haver* —: *HÁ traidores em toda parte.* Esta frase admite uma analise que lhe dá para sujeito um substantivo acommodado ao sentido. No exemplo poderia ser — *o mundo* ou equivalente.

5.º Os verbos — *acontecer, succeder, constar* e outros similhantes.

6.^o O verbo — *ser* — em expressões como: ERA ^{ao}
surgir da manhã. ERA a hora em que todos dormiam.
7.^o O verbo — *ir*: VAI em dois dias que partimos.
8.^o O verbo — *passar*: PASSAVA de dois annos quando
parti.

9.^o Os verbos — *dar*, *tocar*, *soar*, *bater* — em frases
que se referem a *tempo*, *hora*, etc.

10.^o Certos verbos em locuções communs, familiares e
já feitas: PESA-me de vos haver offendido. Não se me dá
de esquecer-te.

Palavras há tambem que figurando de sujeito, se não
referem a pessoa alguma determinada.

Entre estas se pôdem citar:

1.^o A *gente*, equivalente ao pronome — *nós* — e de
uso em Portugal e no Brazil: Si faz andar A GENTE com
o coração agastado. (Herculano). A GENTE se está confor-
tando. (Garrett). O encanto dos livros em que A GENTE
põe a sua alma. (O. Martins).

2.^o O substantivo — *pessoa*: Sem PESSÔA perguntar
(Gil Vicente).

3.^o O substantivo — *homem*: Ou por segredos que
HOMEM não conhece. (Camões). Tediosa e impolida causa
é falar HOMEM. (Castilho.)

4.^o Pelo indefinido — *um*: Regra é geral que não deve
UM louvar-se a si proprio. (M. Bernardes.)

5.^o O pronome — *se* — que é um grande representante
da indeterminação do sujeito:

A morte tem duas portas: uma porta de vidro por
onde SE SAI da vida, outra de diamante por onde SE ENTRA
para a eternidade. (Vieira). Por tudo isso SE ADMIRA a
Vieira; a Bernardes ADMIRA-SE e AMA-SE. (Castilho). Quando
SE ERA poeta como Castilho, quando SE ERA fidalgo ou de-
sembargador. (Latino Coelho).

IV

Substantivo

A sintaxe do substantivo se refere especialmente á sua collocação e concordancia na oração, e á mudança de significação que pôde ter pela mudança de genero ou de numero.

Em geral o substantivo se colloca antes do adjectivo. *Mão direita. Deus Padre. Estrella fixa.* Exceptuam-se certos casos consagrados pelo uso.

Em outros casos a mudança de lugar do substantivo altera seu significado:

Altos céus — céus altos; certa manhã — manhã certa; novos homens — homens novos.

Um principe estrangeiro... bem poderá ser nosso rei; mas vai grande diferença de ser NOSSO REI ou ser REI NOSSO. (Vieira.) MEU DEUS quer dizer que Deus me posse a mim; DEUS MEU quer dizer que eu o possuo a elle. (Idem.)

A mesma mudança se dá com a variação do genero e numero:

Madeiro — madeira; bago — baga; honra — honras; letra — letras.

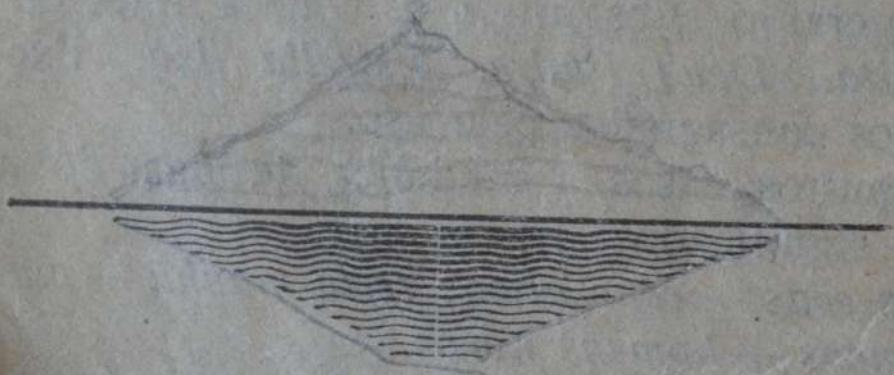
O substantivo usado como apposto deve, sempre que fôr possivel, concordar em genero e numero com o nome a

que estiver apposto, isto é, com o seu fundamental: *As ninfas, filhas do Oceano. Eduardo, rei de Inglaterra.*

O substantivo empregado como apposto é muitas vezes ligado ao seu fundamental pela preposição — *de* —, que figura de simples expletivo: *A cidade DO Recife; Rua DO Barão da Victoria.*

Si o substantivo fizer as vezes de atributo pôde dispensar a concordancia: *As piramides do Egypto são UM ENIGMA para os viajantes. Os barbaros foram o TERROR do universo. O mundo são HOMENS. Aquella ^{criança} é UM BOBO.*

O substantivo empregado epiteticamente em referencia a um substantivo masculino toma, na linguagem popular, ~~o~~ genero deste: *João É UM BANANA, é UM PAMONHA.*



V

Adjectivo

I

COLLOCAÇÃO E CONCORDANCIA

Os adjectivos determinativos geralmente se collocam antes dos substantivos.

Dos qualificativos, o restrictivo se colloca depois, o explicativo pôde ser collocado antes ou depois.

Os adjectivos concordam em genero e numero com os substantivos a que se referem: *Casa BRANCA*; *homens SABIOS*; *ESTE livro*.

A's vezes, o adjectivo na terminação masculina se refere a um substantivo feminino, pois se acha empregado no genero neutro, cuja flexão, ao desapparecer, se confundiu no Portuguez, com o masculino: *E' BOM toda CAUTELLA* (Castilho). *E' NECESSARIO uma DETERMINAÇÃO* (Rebello da Silva). *Tem sido PRECISO MUITA ENERGIA* (C. C. Branco). (*Apud* Mario Barreto).

Esta construção é mais usada com as expressões: — *ser preciso*, *ser necessario* e outras similhantes.

Si o adjectivo fizer as vezes de adverbio, fica invaria-

vel: *Que a NEVE está CONTINO pelos montes* (Camões).
Corria a GENTE RIJO para a praia (João de Barros).

Há exemplos de adjetivos empregados adverbialmente tomando flexão de genero e de numero: *Oh! que CAROS me custaram meus deleites!* (Bernardes). *Vamos a falar SERIOS.* (Camillo).

O adjetivo — *todo* —, apesar de empregado adverbialmente na accepção de *totalmente, completamente*, toma flexão de genero e de numero: *Via-se no quadro a deusa TODA ornada e enriquecida de joias.* (Vieira). *A santa mulher chega ao marido TODA envergonhada.* (Castilho).

O vocabulo *meio* pôde ser empregado como adjetivo e como adverbio.

Quando significar *quasi* é adverbio e, portanto, invariavel; quando significar a *metade* é adjetivo e, portanto, variavel: *Porta MEIO ABERTA*, isto é, *QUASI aberta* (adv.). *Porta MEIO ABERTA*, isto é, *aberta pela METADE* (adj.). *Minha MEIO rural, MEIO urbana parochia* (Herculano). *E assim nascem as chronicas, MEIAS novellas MEIAS historias* (Herculano).

Alguns exemplos que se encontram dos adverbios *meio* e *todo* variaveis, pôdem ser explicados por eufonia ou por atracção: *Edificios MEIOS cobertos de areia.* (João de Barros). *Aquelles ossos MEIOS descarnados.* (Vieira). *Uns caem MEIOS mortos.* (Camões). *Por notarem indecencia em elle e seus filhos irem MEIOS despedidos.* (Fr. A. Brandão). *E, que faz a mesma natureza TODA movida e governada pelo mesmo Deus?* (Vieira). *Duas mulheres TODAS entregues a seus lavores.* (Castilho). *Ella era TODA judaica, TODA arabe.* (Garrett).

Sobre o adjetivo *meio*, empregado como adverbio, são interessantes as considerações de Silva Tullio em seus *Estudinhos da Lingua Patria*.

«Erram muitos escriptores contemporaneos empregando o adjetivo *meio* sem lhe darem construcção adverbial que lhe compete em phrases taes como: — *casa meio feita, pessoa meio morta, porta meio aberta* — *Uma casa pôde estar meia feita e meio feita.*

Na primeira hypothese affirma-se que a *casa* está feita até me-

tade, por exemplo, da altura que deve ficar; na segunda que a feitura da casa está em meio.

Na primeira phrase o vocabulo — *meia* — é rigorosamente adjetivo e como tal concorda com o substantivo em genero e numero; na segunda emprega-se o mesmo adjetivo adverbialmente e então dá-se sempre a terminação masculina.

O seguinte excerpto de Vieira (Sermão 10, 163) tira todas as duvidas, porque nos dá exemplos de ambas as hypotheses: ... *Eram linguas partidas, não só, porque eram muitas linguas, sendo porque eram linguas e meias linguas, como as que elle arremedava. Meias linguas porque eram meio europeas e meio indianas; meias linguas porque eram meio politicas e meio barbaras; meias linguas porque eram meio portuguezas e meio de todas as outras nações que as pronunciavam ou mastigavam a seu modo.*»

E' verdade que se encontram em Fernão Mendes Pinto, Lucena, João de Barros, Camões, Herculano, Castilho e outros, expressões em que *meio* empregado como verdadeiro adverbio toma as fórmas de feminino e plural, mas isto se pôde explicar por uma lei de sintaxe, chamada *atração*.

E' por esta lei que André de Resende diz: *E avendo MUITOS POCOS dias que el-rey era doente* em vez de *MUITO POCOS*.

A regra de concordancia do adjetivo com o substantivo soffre excepções:

1.^a Quando concorrem substantivos do singular, de genero e significação differentes, o adjetivo vai para o masculino plural: *Esforço e árte HUMANOS.*

Há exemplos de classicos fazendo a concordancia com o mais proximo: *De que céu e TERRA é CHEIA.* (Sá de Miranda). *O espirito e CARNE é PRONTA.* (Camões).

A concordancia com o mais proximo se dá principalmente si o adjetivo preceder os substantivos: *Que assim mereça ETERNO NOME e fama.* (Camões). *A autoridade de tantos ministros de todos os maiores tribunaes sobre CUJO CONSELHO e consciencia se costumam descarregar as dos reis* (Vieira). *Escolhestes MÁU LUGAR e hora para renovar a requesta* (Herculano).

2.^a Quando os substantivos são de significação similar, o adjetivo concorda com o mais proximo: *Pesar e DÔR AMARGA. Dôr e PESAR AMARGO.*

3.^a Quando os substantivos são do mesmo genero, o adjectivo vai para o plural: *A boca e a face RETORCIDAS. Tres lapis e um tinteiro ESTRAGADOS.*

4.^a Quando os substantivos estão no plural e de genero differente, o adjectivo concorda com o que está mais proximo: *São muito CONHECIDAS AS PESSÔAS e os animos.* (Vieira).

5.^a Quando os substantivos são de genero e numero differentes, o adjectivo concorda no masculino plural, ou com o mais proximo si este estiver no singular: *Um mez e duas semanas eram passados*, ou: *Era PASSADO um MEZ e duas semanas*, ou: *Era PASSADA uma semana e dois mezes*, etc.

6.^a Quando o substantivo é um collectivo, no singular, ás vezes o adjectivo toma a forma plural: *A causa de el-rei mandar lançar esta GENTE por toda aquella costa VESTIDOS e bem ATAVIADOS.* (J. de Barros).

*Logo todo o RESTANTE se partiu
Da Lusitania POSTOS em fugida.*

(Camões).

7.^a Quando o substantivo é nome de titulo feminino, o adjectivo concorda com a pessoa a quem nos referimos ou com quem falamos: *V. Senhoria é SERVIDO* (sendo homem). *V. Alteza está ADMIRADA* (sendo rainha). *V. Reverendissima parece DESEJOSO* (sendo padre), ou *parece DESEJOSA* (sendo freira).

E' defeituoso o emprego de um substantivo no plural fazendo concordar com elle dois ou mais adjectivos no singular: *O primeiro e segundo VROS; as LINGUAS portugueza e franceza.* Deve-se dizer: *O primeiro e o segundo livro; a lingua portugueza e a franceza.* Entretanto Camões empregou: *O quarto, o quinto AFFONSOS e o terceiro.* Bernardes: *As VIDAS intellectual e espiritual.* Mui versado nas LINGUAS grega, hebraica, siriaca, caldaica. Castilho:

OS MUNDOS velho e novo. Ruy Barbosa: AS CLAUSULAS terceira, quarta e quinta.

Lembra João Ribeiro um caso muito excepcional em que a concordancia se faz com cada elemento de um sujeito composto: *Deus e a sua justiça é O MESMO e A MESMA.* (Vieira).

X
II

GRÁU

Os adjetivos qualificativos têm gráus: comparativo e superlativo. Muitos, porém, apresentam a forma augmentativa e a diminutiva que pertencem aos substantivos: *toleirão, espadaúdo, bonitinho, esfarrapadinho, pobretão*, etc.

Assim também o superlativo, que é gráu que pertence ao adjetivo, se applica, na linguagem familiar ou popular, aos substantivos: *COUSISSIMA nenhuma*.

Escritores de valor usam de formas enfáticas, uso, aliás, não digno de imitação: um adverbio junto ao adjetivo no gráu superlativo para indicar maior intensidade: *tam altissima* (Gil Vicente), *tam grandissimo* (Lucena); *tam pessima* (F. Elysio); *muito reverendissimo, tam minimo* (Vieira); *tam perigosissimas e tão gravissimas* (Bernardes); *tam acerrimo* (Castilho); *mais sacratissima, tam pessima* (Castilho).

Adjectivos há que no gráu superlativo absoluto tomam a forma de superlativo relativo: *de todas a optima, a bellissima* (Castilho); *deste nobilissimo, deste generosissimo de todos* (Garrett).

A Lingua Portugueza possue tambem adjetivos comparativos e superlativos sinteticos que perderam o valor do gráu e são considerados simples adjetivos positivos: *junior, senior, prior, exterior, posterior, anterior, minimo, infimo, intimo*, etc.

E' por isso que estes adjetivos admittem novos comparativos ou superlativos: *muito intimo* (F. Mendes); *mais anterior* (F. Elysio); *tam minimo* (Vieira); *mais superior*, & *mais intima, mais infima* (Garrett); *mais infima* (Castilho).

Os antigos escritores usavam de um modo especial para indicar o superlativo — a repetição de um vocabulo: *mataram delles MUI MUITOS* (Azurara). *Gente de pé MUI MUITA sem conta* (F. Lopes).

*Que dos MUI MUITOS ciúmes
Nasce o MUI MUITO amor.*

Gil Vicente.

Nos *Cancioneiros* ha: *tam muito*.

Não são usuaes as fórmas *mais grande, mais pequena, mais boa*, etc. Casos há, entretanto, em que se não pôde empregar a forma sintetica: *maior, menor, melhor*, etc., e se usam d'aquellas, quer para dar maior força á expressão, quer para indicar uma immediata correlação no modo de apresentar varias qualidades de um mesmo substantivo, empregando sempre o comparativo analitico. *O moço mais garrido, mais amavel, MAIS BOM dar-se ia por ditoso* (Castilho). . . . *V. A. há-de adquirir nome de MAIS ou de MENOS GRANDE principe* (Vieira). *Mas os quarteis passam sem eu receber a MAIS PEQUENA somma* (Garrett). . . . *no concerto das redes e das velas, ou no embalar e guardar o irmãozinho MAIS PEQUENO* (Castilho).

Quando a comparação é feita, não entre dois substantivos, mas entre duas qualidades do mesmo substantivo, duas qualidades do mesmo individuo, não se emprega o comparativo sintetico, porém o analitico: *MAIS BOM do que máu; MAIS MÁU do que bom* e *nunca MELHOR do que máu, PEOR do que bom*. Garcia de Rezende usou: *El-rei D. João era homem de muito bom parecer... porém MAIS GRANDE que pequeno.*

Regras especiaes há sobre o emprego do superlativo

relativo que convem saber para se não imitar, sem necessidade, a construção franceza:

1.^a Si o adjectivo vier posposto ao substantivo já precedido de artigo, é dispensado o artigo que acompanha a fórmula superlativa: *A cousa MAIS FACIL (e não a mais facil) do mundo é dar conselho a outrem* (Vieira). *E' a joia MAIS PRECIOSA (e não a mais vreciosa) que vai ter a corôa du-cal* (Garrett).

2.^a Si o substantivo não vem determinado pelo artigo ou está empregado indeterminadamente, a fórmula superlativa conserva o seu artigo: *O homem, CRIATURA RACIONAL, A MAIS NOBRE, A MAIS VIVA, A MAIS SENSITIVA de todas* (Vieira). *Destas tres conclusões tirarei uma abominação do pecado A MAIS ENTRANHAVEL que puder* (Bernardes).

III

POSSESSIVOS

Os possessivos concordam em genero e numero com os substantivos, e em regra se collocam antes delles. Exceptua-se no verso: *Da terra TUA o clima e região*; ou quando o substantivo é precedido de outro adjectivo: *Formosa filha MINHA não temais*. (Camões); ou por elegancia ou realce: *O pão NOSSO de cada dia*.

O emprego de *Vosso* nos tratamentos não exige os possessivos ou as variações pronominaes correspondentes: *Muito tenho que agradecer a V. M.^{ce} occorrer lhe meu nome ao formar um catalogo dos portuguezes eruditos*. (Alex. de Gusmão). ... que convem mais ao decoro e majestade de V. A. e SEUS gloriosos progenitores (Vieira). Novo genero de chronica offerece a V. M. minha religião por mim neste volume que a SEUS reaes pés ponho (Fr. Luiz de Sousa). Nada estranho LHE direi, de certo v. EX.^a conhece. De

V. EX.^a sei que o anima o amor de SUA patria (Garrett).
Em testemunho de regalada leitura que V. EX.^a me deu com
o SEU Minho, lhe offereço uma das novellas de cá (Camillo).

Emprega-se muitas vezes o pronome pessoal em lugar do possessivo: *Doi-ME a cabeça*, — por — *doi MINHA cabeça*. Em Camões: *Converte se-ME a carne em terra dura* — por — *converte-se MINHA carne em terra dura*. Em Camillo: *Não TE chegam em fidalgaria AOS CALCANHARES* — por — *aos teus calcanhares*.

E' uma construcção que se encontra em bons escritores de todas as epochas e que concorre para a elegancia da frase.

A Língua Portugueza possue o que Pacheco e Lameira chamam *possessivo pleonastico* e *possessivo perifrastico*.

O 1.^o consiste no emprego claro do possuidor: *Os SEUS feitos DELLE*. E' emprego popular e, ás vezes, util para evitar ambiguidade. Vieira escreveu: *A gloria do filho é gloria do pai e mais SUA DO PAI que do mesmo filho*. Garrett: *Não se espera a vingança da bella judia: dá lhe dinheiro SEU DELLA que sua māi lhe deixára*.

O 2.^o é formado com os verbos *ter* e *haver*: Em Camões: *A fama das victorias QUE TIVERAM* — por: — *a fama das SUAS victorias*.

Os possessivos têm, na linguagem familiar, o valor de *indefinidos*: *Elle é bom mas tem os SEUS defeitos*, isto é, *tem ALGUNS defeitos*.

Outras vezes indicam um numero aproximado: *Homem de SEUS 30 annos. Tem os SEUS 20 contos*.

Não se deve empregar o possessivo com referencia a partes do corpo ou do espirito. Assim se deve dizer: *Quebrei a cabeça* — e não — *minha cabeça*; *cortei o dedo* — e não — *cortei meu dedo*; *perdeu o juizo* — e não — *perdeu seu juizo*.

IV

DEMONSTRATIVOS

Os demonstrativos concordam com os substantivos e a elles se antepõem: *ESTE livro*.

Exceptua-se quando a frase é exclamativa: *Que menino ESTE!*

Os demonstrativos simples se empregam para distinguir uma pessoa ou um objecto em diversos lugares. Os demonstrativos compósitos distinguem diversas pessoas ou objectos collocados no mesmo lugar.

Além dos casos mais communs do emprego dos demonstrativos *este*, *esse* e *aquelle*, há alguns especiaes. Assim *este* indica o tempo presente: *esse* ou *aquelle* se emprega nos appóstos; *aquelle* se emprega nas definições.

Falando-se de dois substantivos, *este* se refere ao segundo e *aquelle* ao primeiro: *João e Pedro são primos: ESTE (Pedro) seguiu a carreira das armas, e AQUELLE (João) a das letras.*

Este se refere a uma ideia que se vai enunciar; *esse* se refere a uma ideia já enunciada.

Para se mostrar mais precisamente uma pessoa ou uma cousa, é commum juntar-se ao demonstrativo o indefinido *mesmo*: *ESTE MESMO estudante; AQUELLA MESMA casa.*

Os demonstrativos, quando pronomes, são, ás vezes, substituidos pelos artigos — *o, a, os, as*: *Todos escutavam o que o sublime Gama contaria.*

O pronome demonstrativo — *o* — é empregado invariavel com referencia a um substantivo, a um adjectivo ou uma oração inteira: *Sabeis que a abobada do capitulo desabou hontem á noite? Sabia-o, senhor, antes de o caso suceder.* (Alex. Herculano). *Honrai as viúvas que o são verdadeiramente* (Castilho). *Parece que duvidas que eu seja tua mãe? O coração não te diz que o sou?* (Camillo).

V

RELATIVOS

Dos relativos notamos:

QUAL vem acompanhado dos artigos *o*, *a*, *os*, *as*. Sem artigo tem função de indefinido, principalmente quando é repetido:

QUAL do cavallo vôa que não desce,
QUAL co'o cavallo dando em terra, gême.

Camões.

Sem artigo é tambem correlativo de tal:

QUAES para a cova as próvidas formigas,
TAES andavam as nymphas...

Camões.

As vezes a — *qual* — se segue o substantivo a que elle se refere, repetido por clareza: *Os altos muros de Babylonia...* OS QUAES MUROS tinham um circuito de 60000 passos (Heitor Pinto). Outras respostas similhantes, pelas QUAES RESPOSTAS... (Vieira). A carta que escrevera, era sobrescritada á baroneza, da QUAL CARTA se dá o texto viado. (Camillo). No alto do monte foi posteriormente levantado um arco triumphal de pedraria, ao QUAL ARCO se não chegou a abrir o letreiro (Castilho).

Que se refere á palavra antecedente e é substituido por — *o qual* e suas variações, quando o nome a que se refere, está distante e há necessidade de clareza: *A penna que me déste.* A penna da Livraria Contemporanea A QUAL ohem se perdeu.

Tem função de indefinido quando significa — *qual*,

quanto, que cousa: QUE faz o lavrador na terra cortando-a com o arado? (Vieira). QUE cousa é uma águia grande senão um gigante entre as aves? (Idem). Não sei QUE tempos nem QUE desgraça é esta nossa (Idem).

Empregado como interrogativo, ou exclamativo iniciando uma oração, não admite artigo: QUE seria si se mudassem palavras? (Vieira). QUE tem com isto a moral publica? (Alex. Herculano). QUE havemos de comer, QUE havemos de beber, QUE havemos de vestir? (Castilho).

Ruy Barbosa que sustenta a bôa doutrina, tráz innumeros exemplos que firmam esta regra, citando escritores antigos e modernos, taes como D. Duarte, Gil Vicente, Fernão Lopes, Bernardim, Garcia de Rezende, Camões, João de Barros, Duarte Nunes, Frei Luiz de Souza, Antonio Ferreira, Bernardes, Jacintho Freire, Vieira, F. Elysio, Herculano, Castilho, C. Castello Branco, Julio Ribeiro, Gonçalves Dias, Machado de Assis.

Os exemplos enchem 12 paginas de sua *Replica às defezas da Redação do projecto da Camara dos Deputados sobre o Código Civil Brasileiro*.

Nos raros casos em que se encontra o artigo precedendo a *que*, ha sempre uma oração eliptica, o artigo concorda com um nome occulto.

O pronome *que* não inicia mas continua ou completa a oração.

Quando a sintaxe assim não pôde ser explicada, ha um solecismo que não deve ser imitado.

Si quizérmos, diz Ruy Barbosa, tirar a prova real, é usarmos do mesmo interrogativo, anteposta a elle alguma das preposições *a, em, de, para ou por*.

Como diríamos? AO QUE *vens*? Não: O vernaculo é A QUE *vens*.

Como diríamos? NO QUE *pensas*? Tam pouco. Não se diz senão: EM QUE *pensas*?

Como se dirá: DO QUE *tratas*? Nunca. Dirimos sempre: DE QUE *tratas*?

Poderíamos escrever: COM O QUE *contas*? Não. A construção grammatical é: COM QUE *contas*?

Dirímos acaso: PARA O QUE *foges*? Não. Dirimos, sim: PARA QUE *foges*?

Semelhantemente ninguem diria: PELO QUE *tardas*? PELO QUE *roubas*? PELO QUE *te matas*?

A construção portugueza é: POR QUE *te matas*? POR QUE *roubas*? POR QUE *tardas*?

Não importa, termina elle, que na vasta literatura dos classicos

um ou outro deslise pareça favorecer a regencia. O QUE? Nem sempre alguns exemplos de bôa procedencia bastam para autorizar uma sintaxe.

O pronome QUE era muitas vezes repetido como para indicar maior subordinação que assim ficava mais clara: *As náus QUE pouco havia QUE ancoravam* (Camões).

QUEM se refere a pessoas ou a cousas personificadas.

Nos clássicos, porém, não faltam exemplos deste pronome referindo-se a cousas: *Um TIRO de fogo, contra QUEM não valem forças* (Souza). *Aquellos poderosissimos VASOS a QUEM os estrangeiros* (Vieira). *A soberba EUROPA a QUEM rodeia* (Camões).

Assim tambem disse Garrett: *Era um ramalhete sobre QUEM...* e Castilho: *O DINHEIRO é QUEM vivifica a agricultura.*

QUEM empregado com a preposição *sem* por escritores como Camões: *Esposa SEM QUEM não quiz amôr*, é substituido actualmente por *o qual* e suas variações.

QUEM tem valor de indefinido: *QUEM se afoga nas aguas encurvadas, QUEM bebe o mar e o deita juntamente* (Camões). *QUEM tudo quer, tudo perde* (Adagio).

CUJO concorda com o subsequente que vem sempre claro, e se refere ao antecedente.

Antigamente era empregado como interrogativo, adoptando-se a construção latina.

Diz Julio Ribeiro que o emprego de *cujo* sem antecedente e subsequente immediatos si bem que classico é arcaico: *CUJAS são estas arvores? Eu sei CUJO é o gado.* Garrett empregou: *Que se há de elle atrever contra o bispo CUJO é? E a perguntar CUJO é?*

O emprego de CUJO por *de que* ou *de quem*, embora não sendo de uso *commum*, é autorizado: *CUJAS são Anchieta e Gabriel Soares os principaes representantes.* (S. Roméro). *Dos povos CUJAS filhas são.* (J. Verissimo). *Entrou na reunião da Casa dos Bicos CUJA era o dono.* (R. Ortigão). *Mandou por dois dos nossos visitar e convidar para a festa as amaveis senhoras CUJA é a lapa* (Castilho). CUJO

fôra o anel. (C. C. Branco). *Porque diz o mesmo Satomão*
CUJAS são estas palavras (Vieira). *E porque tudo quadre,*
os monjes de S. Bento CUJA é a casa e convento, são gente
que vive em notavel observancia. (Fr. Luiz de Souza).

Admitte preposição quando o nome com que concorda tem de servir de complemento a outra palavra: *Ali está a hervazinha humilde DE CUJA propriedade necessita a vida do rei para livrar-se.* (Bernardes).

O relativo ONDE se não deve confundir com o adverbio ONDE:

O relativo tem antecedente a que se refere e inicia a clausula adjectiva.

O adverbio não tem antecedente e inicia a clausula adverbial.

VI

NUMERAES

Os adjectivos numeraes precedem os substantivos:
Cem livros. Exceptua-se no verso.

São invariaveis, com excepção de *um, dois, duzentos* e seus compósitos: *Uma, duas, duzentas, novecentas e noventa e nove, tres mil e quinhentos, etc.*

Ligam-se entre si pela conjunção *e*: *Vinte e nove; duzentos e quarenta.*

Entre — *cem* e *duzentos* — os numeros se expressam por — *cento* : *Cento e vinte, cento e noventa e nove; precedendo imediatamente a — mil — se emprega — cem: Cem mil livros.*

Os ordinaes, quando distinguem personagens de alta gerarquia, são empregados depois do nome: *Pedro segundo.*

Nos numeros altos os ordinaes são substituidos pelos cardinaes: *Livro quarenta e dois.*

Quando os cardinaes substituem os ordinaes, sempre

— se collocam depois do substantivo, na forma invariavel: *Página VINTE E UM. Folhas QUARENTA E DOIS.*

— Quando um numero cardinal se encontra com um ordinal pôde-se indiferentemente collocar em primeiro lugar qualquer um delles: *Os dez primeiros livros ou os primeiros dez livros* (Diez).

Na cronologia empregam-se os numeraes cardinaes, com excepção do primeiro dia do mez que é expresso pelo ordinal: *Mil oitocentos e noventa e quatro — Primeiro de Maio.*

Empregando a palavra — *seculo* — o cardinal pospõe-se e o ordinal antepõe-se: *Seculo dezenove. Decimo nono seculo.*

* Alguns numeraes cardinaes se empregam com valor de indefinido, indicando uma quantidade incerta, com a significação de *muitos*: *As lagrimas QUATRO E QUATRO se impelliam umas ás outras.* (Bernardes). *MIL arvores estão ao céu subindo...* (Camões).

* O mesmo se dá com certos substantivos que exprimem numero: *centenas, miriades, milhares, etc.*, similarmente ao que se observa no Latim que, para o mesmo fim, emprega: *sexcenti, mille, millia, tricenti, etc.*

O numeral — *ambos* — que alguns grammaticos chamam *dual*, exige depois de si os artigos: *Comprei AMBOS OS livros.*

Camões empregou sem artigo: *De ambas partes se move a primeira ala.*

Não são dignas de imitar as expressões pleonasticas: *ambos e dois, ambos os dois, ambos de dois*, ainda que tenham escrito: *DE AMBOS DE DOIS a fronte coroada.* (Camões). *AMBOS OS DOIS residiam na prisão.* (Castilho). *O certo é que AMBOS OS DOIS monges caminhavam juntos.* (Herculano).

No Brazil, a não ser no falar popular, estas frases não são empregadas. O povo emprega *ambos e dois, ambos a dois, ambos de dois*.

Ruy Barbosa empregou-a na sua *Replica*:

Ambas as formas são grammaticaes? São-no AMBAS AS DUAS e cito exemplos a favor destas expressões, colhidos em Filinto, A. Herculano, Castilho e Camillo Castello Branco.

Já Manuel de Mello na *Revista Brasileira* apresentará exemplos classicos dessas construções que não têm encontrado seguidores entre os literatos brasileiros.

Julio Moreira nos *Estudos da Lingua Portugueza* faz notar que o *d* que aparece em *ambos de dois* não é propriamente preposição. Representa um caso de fonética sintatica. Foi a influencia do *d* do numeral *dois* que fez aparecer junto da conjunção — *e* — uma articulação igual. É uma especie de *prolepsis fonética*, isto é, a antecipação do fonema seguinte.

VII

INDEFINIDOS

••• Dos indefinidos, ALGUM substitue *um* e tem as fórmas *algo* e *alguem*.

Posposto ao substantivo, *algum*, tem valor negativo e significa *nenhum*: *De MODO ALGUM falarei sobre este assunto*.

Encontram-se, porém, exemplos nos classicos de seu emprego com valor afirmativo: *Desta gente REFRESCO ALGUM tomámos*. (Camões).

ALGUEM — pôde ser substituido pelo substantivo — *homem* — indicando uma indeterminação: *Onde HOMEM nunca chegou* (Diez). *Tediosa e impolida cousa é falar HOMEM* (Castilho). *Por segredos que HOMEM não conhece* (Camões).

Corresponde ao pronome — *on* — dos franceses e ao — *se* — indeterminado dos portuguezes.

MESMO — se usa pleonasticamente junto aos pronomes pessoaes para dar mais força á expressão: *ELLE MESMO esteve aqui*.

NINGUEM — no estilo familiar significa individuo sem importancia: *E' um NINGUEM*; ALGUEM — ao contrario, significa pessoa de valor, de consideração: *Cuida que é ALGUEM*.

NINGUEM, — vindo antes do verbo não admitté outra negação, mas depois delle não a exclue; NINGUEM *pôde dizer* *desta agua não beberei*. NÃO *vejo* NINGUEM (Freire, Grammatica).

Há exemplos de escritores portugueses em que as suas negativas apparecem juntas antes do verbo:

Gil Vicente:

Contra a morte e contra o amor
Que NINGUEM NÃO tem valia.

Castilho:

Que NADA vêr NÃO queria
Nem o céu não lhe acudia.

OUTRO — tem as fórmas *outrem* e *al*, e se emprega pleonasticamente junto dos pronomes *nós* e *vós*: NÓS OUTROS *sem a vista alevantarmos*. (Camões). Si VÓS OUTROS *soubesseis a conta* *deste deus forte*. (F. Pinto).

TAL — serve para designar uma pessoa hipotética, que se não nomeia porque não existe: *Um TAL Gonzaga* (Diez).

Tem valor comparativo e é correlativo de — *qual*: TAES *para a cova...* QUAES *andavam as nymphas*. (Camões).

Tal — tem ás vezes função de adjectivo qualificativo quando posposto ao substantivo, ou empregado em forma de correlação: COUSAS TAES *nevera direi*. TAL *pai* TAL *filho*.

A — TANTO — corresponde — *quanto*, *que* e *como*: TANTAS *cabeças* QUANTAS *sentenças* (Adagio). Dá-me TANTA dôr QUE *ando* *após elle* *pelo que me deve*. (Camões). As lagrimas eram TANTAS QUE *faziam cegar*. (Garrett). Nuno Vaz mostrou TANTA parte de prudencia, COMO tinha de cavalleiro. (J. de Barros).

Quando — *quanto* — é correlativo de — *tanto* — pôde ser substituido por — *que de*.

Exprime, ás vezes, o resto de uma quantidade: Vinte e TANTOS *soldados*; mil e TANTAS *casas*.

TODO — exige, quando no plural, os artigos: TODOS OS *dias*, TODAS AS *classes*; excepto quando se segue adjetivo possessivo: *De sorte que TODOS MEUS pensamentos. Aqui vos mostro TODAS MINHAS chagas. Repousam com TODOS SEUS affectos.* (M. Bernardes).

No singular, seguido de artigo, significa a totalidade, a cousa em sua generalidade: TODA A *casa ardeu*; TODO O *homem era uma chaga*.

Sem artigo significa *qualquer*: TODO *cidadão deve defender sua patria*.

Tem valor de adverbio, significando *totalmente*: TODO é *olhos para conhecer*, TODO *mãos para obrar* (Bernardes).

Apesar de ter função de adverbio, encontra-se empregado variavelmente: *E que faz a mesma natureza TODA movida e governada pelo mesmo Deus?* (Vieira).

UM — contem idéia de pessoa incerta e equivale a *algum*.

Há exemplos de seu emprego com o valor de — *on* — *francez* ou — *se* — *portuguez*: *Regra é geral que não deve UM louvar-se a si proprio.* (Bernardes).

Era empregado pelos antigos escritores com valor pleonástico: *O homem é UM animal*.

UM E OUTRO quando se referem a pessoas ou cousas de genero diferente, conservam a forma masculina: *Assim a ALMA e o CORPO quando unidos vai UM para onde vai O OUTRO* (Bernardes). *Nesta vida ha MORTE, na outra INFERNO, e ainda é peor que UM e OUTRO o esquecimento de ambos.* (Vieira). *Repousavam bem perto UM DO OUTRO, A MATERIA E O ESPIRITO.* (Herculano).

UM (Baccho) *pela infamia que arreceia*
E OUTRO (Venus) *pelas honras que pretende.*

(Camões).

A's vezes a exigencia do sentido da frase requer a flexão de genero ou de numero, dando-se a concordancia com os nomes a que se refere:

*As MULHERES e os FILHOS se queixavam
Que uns têm os pais e OUTRAS os maridos.*

Usa-se de OUTREM, ALGUEM, NINGUEM, com adjectivos na forma masculina ou na feminina, segundo o sexo das pessoas a que elle se refere: OUTREM *mais PRENDADO ou PRENDADA do que eu*. *Aqui não ha ALGUEM tam ISENTO ou ISENTA de vaidade.* *Aqui não ha NINGUEM que não fique SAUDOSO ou SAUDOSA do Sr.*

Devem ser incluidas na classe dos indefinidos as formas: *alguma cousa, um não sei que, seja quem fôr, fosse quem fosse, o que quer que seja* e similhantes, que indicam pessoa ou cousa desconhecida, incerta.

A locução pronominal indefinida — *alguma cousa*, — exige o adjectivo no masculino: *Alguma cousa MIRACULOSO, alguma cousa DIVINO, alguma cousa INFINITO deve de haver.* (Ruy Barbosa).

Tem tambem valor de adverbio: *Elle está ALGUMA COUSA doente.*

O mesmo se pôde afirmar a respeito da expressão — *a gente*, com o valor do pronome *nós*.

Alguns escritores julgam que o emprego da expressão — *a gente* é especial ao Brazil, constitue o que se chama um *brazileirismo*. Isto não é verdade.

Além dos exemplos seguintes, em que se vê *a gente* (indefinido) usado por notaveis escritores portuguezes.

Mas eu não o quereria para meu padre espiritual, si faz andar assim A GENTE com o coração agastado (Herculano). *Que aonde A GENTE põe sua esperança* (Camões). *A GENTE se está confortando* (Garrett). *O pão da GENTE* (Castilho). *Já se a GENTE admira* (C. C. Branco). *Com as malas da GENTE* (R. Ortigão). *A GENTE não mais esquece*, (F. de Almeida). *Vai a GENTE por estas ruas* (J. Leite de Vasconcellos). ... *o encanto dos livros em*

que a GENTE põe a sua alma. (Oliveira Martins), vê-se que a expressão — a gente — é de frequente uso no sul de Portugal, onde o fazem concordar com um verbo na 1.ª pessoa do plural: *a gente vamos* (literariamente diz-se hoje *a gente vai*); e na língua antiga encontra-se *a gente vão*, como no-lo affirma J. Leite de Vasconcellos no seu livro *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*.



Artigo

O artigo emprega-se para determinar a significação de um substantivo, para substantivar qualquer parte da oração ou uma oração inteira: *O homem*. *O chorar das victimas*. *O «faça-se a luz»*. *O «não posso» dos negligentes*.

Tem função de pronome de 3.^a pessoa: *Amei-a*; e de demonstrativo: *Os do Brazil*. *Os que estão presentes*.

Emprega-se nos seguintes casos especiaes:

1.^o Antes dos nomes proprios no plural: *Os Almeidas*. No singular serve para distinguir uma pessoa com mais precisão: *O Camões*; ou no estilo familiar: *O José*.

2.^o Antes dos nomes de cidades, mares, etc., em summa antes dos nomes geograficos.

Muitas são as excepções a esta regra.

Em geral levam artigos os nomes proprios que se usam como appellativos.

3.^o Antes dos nomes de Sr. Sr.^a, de titulos, epitetos e cognomes: *O Sr. Antonio*, *O Visconde do Rio Branco*, *O Leão Coroado*, *Isabel*, *a Catholica*.

Exceptua-se antes das formas *dom*, *dona*, *frei*, *soror*, *são*, *santo*.

4.^o Antes dos pronomes possessivos e, ás vezes, antes dos adjectivos possessivos quando se quer exprimir veemen-

cia, enfase, determinação: *Este é o meu filho e aquelle é o teu. Sim, são meus filhos, mas não é o meu filho.*

5.º Antes dos adjetivos numeraes ordinaes quando estão precedendo o substantivo: *O 1.º Affonso.*

6.º Antes das horas: *Ao meio dia.*

7.º Antes dos antónimos: *A lua e as trevas; a modéstia e o orgulho; os grandes e os pequenos.*

8.º Antes das enumerações gradativas: *O sol, a luz, o calor, como vivificam a terra!*

Não se deve empregar o determinativo articular quando o substantivo já estiver determinado, ou quando o substantivo estiver tomado em sentido indeterminado: *Este livro. Vereis amor da patria não movido.*

E mais nos seguintes casos especiaes:

1.º Antes dos termos principaes de um adagio, tomados em sentido geral: *Ouro é o que ouro val. Falar é prata, silencio é ouro.*

2.º Nas enumerações sem idéa de gradação: *Gloria, honra, ouro, prazer, tudo se esvai no tumulo.*

3.º Antes dos dias da semana e dos nomes de mezes.

4.º Antes dos substantivos que formam com o verbo uma idéa unica: *Ter fome. Falar verdade. Dizer adeus.*

5.º Antes de *Sr., Sr.º*, quando a estes nos dirigimos sem lhes darmos titulo ou outro nome: *Sr. F. como vai?*

6.º Antes do nome que vai ser definido: *Linguistica é a sciencia dos factos da linguagem.*

7.º Nas apostrofes, vocativos ou frases exclamativas: *Avante! Mancebos. Filho, aqui está vosso pai. Oh! pai, esperai por mim!*

8.º Antes do pronome *que* nas frases interrogativas e exclamativas absolutas: *Que quereis? Que me dizes!*

9.º Antes dos sinonimos: *O sol, estrella fixa, astro de primeira grandeza, astro fecundador.*

Além dos artigos — *o, a, os, as* — a Lingua Portugueza possue o artigo — *el* —, antigamente *ello*, comum ao Portuguez e ao Espanhol e usado na expressão — *el-rei*.

Há ainda uma outra fórmula do artigo denominado *partitivo*, muito usada no Portuguez antigo popular: *E deitar do JUNCO nella* (Gil Vicente). *Deixaram os teus passados do GADO e vinhas de renda* (Sá de Miranda). *E lá vão comendo do BACALHAU* (Arte de furtar). . . . *pedir que lhe quizessem dar do ÓLEO que traziam* (Vieira).



VII

Pronomes pessoaes

I

Os pronomes pessoaes exercem na oração as funções de sujeito, atributo e objecto.

EU e TU servem exclusivamente de sujeito ou de atributo: *Si EU fôra TU. Elle é EU e EU sou elle* (Vieira).

Não pôdem, assim, representar o papel de objecto, sendo substituídos neste carácter pelas suas variações *me, mim, te, ti*.

Há exemplos em que estes pronomes conservam a forma nominativa — *eu* e *tu* apesar de regidos de preposição desde que esta não os precede imediatamente: *Que me ufano de ouvir que ENTRE elle e EU existe separação final* (Castilho).

As formas *ti* e *mim* são, porém, mais communs.

Não mudam de forma quando regidos das preposições accidentaes, como: *segundo, conforme, salvo, excepto: segundo EU, conforme TU, etc.*

Ruy Barbosa pensa que se deve dizer *entre mim e elle* como *entre elle e mim*, sustentando que os pronomes devem sempre mudar de forma desde que sejam regidos de preposição. *Como a compa-*

ração não é mais que ENTRE meu Pai e MIM (Vieira). Não queria que el-rei de Inglaterra cuidasse que eu the falleci ou quero falecer no que ENTRE elle e MIM é posto (F. Lopes).

ELLE, ELLA, ELLES, ELLAS, NÓS, VÓS, pôdem servir de sujeito, de atributo ou de objecto com preposição clara.

Nós e vós, apesar de serem pronomes do plural, têm valor de singular, quando se referem a uma só pessoa: Nós, o principe D. Pedro. Vós, poderoso rei.

O pronome — nós — substitue algumas vezes o pronome — eu — por modéstia ou por delicadeza da pessoa que fala, ou quando quem fala o faz em nome de uma associação, de uma collectividade: *Sem nos apartarmos da historia de José, mostrarei...* (Vieira). *Apesar da extrema benevolencia com que fomos acolhido, disseram-me...* (Castilho). Nós é que não sei si o fazemos (Herculano).

Neste caso o verbo vai para o plural, mas o adjetivo em relação atributiva com esse pronome fica no singular: *Antes sejamos BREVE que PROLIXO* (João de Barros). *Apesar da extrema benevolencia com que fomos ACOLHIDO...* (Castilho). *CHEGADO*, porém, á conclusão deste livro, PÔR-LHE-EMOS remate com uma reflexão. (Herculano).

Encontram-se, porém, exemplos com o adjetivo no plural: *Por fim deste anno FOMOS OBRIGADOS a dar conta do que nelle passou* (Souza). *SOMOS CHEGADOS aos escrupulosos da terceira especie* (Vieira). *E' debaixo da impressão destas doutrinas e CONVENCIDOS de sua importancia que VAMOS escrever* (Herculano).

No Brazil empregam-se os pronomes *elle, ella, elles, ellas*, servindo de objecto directo: *Eu vi ELLE*.

Ruy Barbosa em sua memorável *Replica*, confessa ter até bem pouco tempo pensado que só os brazileiros usavam de tal construção. Verificou depois que bastantes casos se deparam nos clássicos antigos:

Que em tal caso houvessem ELLA por sua rainha e senhora (F. Lopes). ... e degradou ELLE e os filhos (Idem). ... dizendo que culpava ELLES (Idem). Mas assim de longe os ordena ELLES a ventura (B. Ribeiro). Elles falou por mim ELLES só ouve (A. Vieira).

Depois de uma comparação se usam dos pronomes nominativos, sujeitos de uma oração elíptica: *Mais bella que TU (és bella); mais instruido que EU (sou instruido).*

MIM, TI, SI, exigem sempre clara a preposição que os rege: *A mim, de ti, para si.*

ME, TE, O, A, OS, AS, NOS, VOS, servem de sujeito ao verbo infinitivo. *Mandou-ME ENSINAR ao artista, isto é, mandou que EU ENSINASSE ao artista. Ovi-O CANTAR, isto é, ouvi ELLE CANTAR. Faço-TE ESTUDAR, isto é, faço que TU ESTUDES.*

Neste caso essas variações têm dupla função: servem de objecto ao verbo finitivo e de sujeito ao verbo infinitivo.

ME, TE, SE, O, A, OS, AS, LHE, LHES, NOS, VOS, servem de objecto sem preposição, e, collocados depois do verbo, a elle se ligam por um traço de união: *Deu-me. Amo-te. Quero-o. Falo lhe. Contou-nos.*

As fórmas *o, a, os, as*, substituem o pronome *elle, ella, elles, ellas*, quando exprimem a pessoa ou objecto sobre que se exerce a acção do verbo, isto é, quando servem de objecto directo.

Têm as fórmas *lo, la, los, las*, empregadas por eufonia quando seguem certas fórmas verbaes terminadas em *r, s, z*: *amá-lo (amar lo), tem-la (tens la), tra-lo (traz lo);* ou depois dos pronomes *nos, vos*: *NO LO disse, VO-LO prometeu;* ou ainda depois do adverbio *eis*: *ei-lo, e da preposição per: pelo.*

Por eufonia tambem se emprega *no* por *lo*, com as fórmas dos verbos terminadas em voz nasal: *Traziam NA os horrificos algozes (Camões).*

O mesmo se dá com o adverbio *não*: *NÃO NO são (Castilho). NÃO NO largava uma pobre velha (J. de Souza). NÃO NA estima (Camões).*

Com o adverbio *bem*: *O porque BEM NO sabem (Castilho).*

Com a preposição *sem*: *SEM NA olhar ou SEM NA entender (Castilho).*

Com o pronome *quem*: *QUEM NA quer?*

Observa-se que se dá essa mudança quando a palavra anterior ao pronome termina em som nasal, que assim se prolonga influindo sobre a voz seguinte.

«Os que dizem que o *l* é simplesmente euphônico, explicam a permuta de *r* — *l* em *amar-o* — *amal-o*. Mas como admittir permutas com *s* em *l*, em *vol-o*, contra todas as leis da phonetica? Houve, pois, quēda da letra precedente *r*, *s*, etc. e conservação do artigo *lo* (JOÃO RIBEIRO — *Grammatica*).»

De acordo com esta opinião, e justamente por ella, ortografamos as fórmas *ama-lo*, *dize-lo* e similhantes, e não *amal-o*, *dizel-o*.

A favor desta opinião damos a palavra a Adolpho Coelho (*Glottologia*) e a Gonçalvez Viana (*Ortografia Nacional*).

Diz o primeiro:

«Nas fórmas verbaes do infinito e da 2.^a pessoa, em certas outras palavras como *todos*, *sober* (sobre) — dava-se a modificação do som final *r* ou *s*, por influencia do *l* do artigo; dizia-se assim: *amal-los homens* por *amar los homens*; *amal-las mulheres* por *amar las mujeres*; *sobo los rios* por *sober los rios*; *todo los dias* por *tcdos los dias*.

Um facto identico se dá ainda hoje com o pronome regimen da 3.^a pessoa: *amá-lo*, *áma-lo*.

Diz o segundo:

«Desde 1850, começou-se a dividir do verbo o seu completo objectivo da 3.^a pessoa, considerando este como tendo as fórmas *o*, *os*, *a*, *as*, únicamente, e essa divisão defeituosa é geralmente adoptada hoje.

E' pois, urgente emendar as fórmas erróneas *matal-o*, *mátl-o*, *tem-n' o* etc., substituindo-lhes corretas: *matá-lo*, *máta-lo*, *tem-no* etc.

Examinemos estas expressões: *lo* é a antiga fórmula do artigo — pronome, que se mantém depois de fórmulas verbais e pronominais em *r*, *z*, *s*, suprimindo-se estes; *no* é o mesmo pronome-artigo, que se modificou, transformando-se o *l* em *n* por assimilação parcial do *l* à vogal ou ditongo nasal que termina certas fórmulas verbais: assim *matá-lo*, (dantes escrito *MATAL-LO*), *máta-lo*, *tem-lo*, *di-lo*, *fá-lo*, estão por *matar-lo*, *matas-lo*, *tens-lo*, *fáz-lo*, *diz-lo*; *tem-no*, *dizem-no* estão por *tem-lo*, *dizem-lo*; *dá-vo-lo* por *dá-vos-lo*.»

O pronome LHE apparece nos classicos com fórmula invariavel:

Entre a bôa doutrina que LHE davam (aos filhos) (Ant. Ferreira). Os padres LHE diziam a elles as cousas da fé; (Lucena).

*Tornaram outra vez ás nossas naus a LHE lançar dentro alguma chuva de settas (João de Barros),
E porque o caso leve se LHE faça.*

Põem uns poucos diante por negaça (Camões).

SE, SI e COMSIGO, empregados como reflexivos, se referem ao sujeito da oração.

Assim são incorrectas frases como as seguintes:

Falei comsigo; falei de si; este livro é para si; significando Sr.; este livro é para Vossê ou para o Sr.

Correctamente se diz:

João falou de SI, isto é falou DE SUA PROPRIA PESSÔA.

Traga o dinheiro COMSIGO, isto é, traga o dinheiro COM VOSSÊ.

Camillo Castello Branco violenta e energicamente bradou contra o tratamento da 2.^a pessoa representada pelo pronome *si*, que tem a seu favor Francisco Manuel de Mello: *Quando Vossa Mercê nos der aquella occasião de alegria que desfaça em SI e em nós os pezares presentes.*

Assim tambem Alex. Herculano: *A carta que me dirige tem um sabor acre, queimei-a. Não é por mim: é por SI. Há dois periodos na sua carta que me affligem, não é por mim mas por SI.*

MIGO, TIGO, SIGO, NOSCO, VOSCO são empregados sempre com a preposição *com*, clara: *comigo, contigo, com nosco, etc.*

Diz-se, entretanto, *com nós, com vós*, quando estes pronomes vêm acompanhados de um indefinido: *com ambos nós, com vós todos*. Camões empregou:

No povo, COM NÓS outros quasi mudo.

Quando concorrem dois pronomes antes do verbo, o que serve de sujeito é colocado em primeiro lugar: *EU TE contarei as minhas máguas.*

Na sintaxe antiga adoptada pelos classicos, o pronome sujeito era colocado depois: *Como SE ELLES chamam (Sá de Miranda).*

Esta sintaxe tem encontrado imitadores na actualidade: *Como se ME ELLE antolhava (Camillo). Que ME ELLES dei-*

xaram (Idem). *Que TE ELLE pague* (Garrett). *Porque LHE ELLE tinha a irmã* (Idem). *Quanto a que LHEs NÓS levamos* (Castilho). *Que ME EU mato* (Ruy Barbosa).

Quando se encontram duas variações pronominaes, a que serve de objecto directo (acusativo) deve ter a forma simples, e a que serve de objecto indirecto (dativo) deve ter a forma composta: *A TI ME ligo, pobre menina...* (Camillo).

E' um meio de evitar a confusão, pois si ambas as formas fossem simples, ambas podiam ser objectos directos e indirectos.

Pódem-se empregar as duas formas simples quando uma delas fôr o pronome — *o, a, os, as* — que se combina com os outros pronomes: *eu T' O prometto, mostrou-M'AS*, etc. E a razão é que — *o, a, os, as* — só podem ser objecto directo e se não dá, portanto, a confusão que se procura evitar.

Muitas vezes, por enfase, se repetem as variações pronominaes em varias formas: *EU admira-ME. EU ME parece. EU parece-ME que não* (Garrett). *Que LHE importa A ELLE a majestade do throno?* (Herculano). *Como O amava A ELLE* (Camillo). *Castiga-ME A MIM* (Idem). . . . *de LH'os dizer A ELLES* (Garrett).

Essa repetição se faz necessaria quando há uma coordenação: *Deu-TE A TI e a teu irmão.* Herculano usou: *Maldiz-SE A SI e á Providencia.*

Outras vezes apparece o pronome referindo-se a um termo claro na oração: *Cada SACERDOTE LHE cumpre estudar* (Gil Vicente). *Ao DOENTE não se LHE há de fazer a vontade* (Sá de Miranda). *Ao AVARENTO não LHE peço nada;* *ao DOUDO não LHE atalho a fúria;* *ao POBRE não LHE devo* (Lobo). *Para que ao PORTUGUEZ se LHE tornasse* (Camões). *A um PRÍNCIPE virtuoso tudo se LHE rende;* *a um PRÍNCIPE vicioso parece que a terra se LHE levanta* (Vieira). *Os SINOS já não há quem os toque* (Herculano). *ORAÇÕES recita-AS a voz da adulção* (L. Coelho).

Nos adagios essa repetição é commum: *AQUELLE a quem Deus quer bem o vento LHE apinha a lenha. QUEM pouco tem, pouco LHE basta.*

As variações pronominaes, sem preposição clara (pronomes atonos), quando collocados depois do verbo, devem ser repetidos junto de cada verbo: *Recebe-o, guarda-o, generoso Amazonas* (Garrett).

Há em Portuguez varias expressões que Diez denominou de *pronomes de reverencia*; taes são: *V. Mercê, V. S., V. Ex.^a, V. Alteza, Vossê*, etc.

A de uso mais commum é *Vossê*, fórmula contracta de *Vossa Mercê*, com as fórmulas intermediarias *Voss'mercê* e *Voss'messê* e que é considerado como um verdadeiro pronome.

E' de emprego popular e substituiu completamente o pronome *vós*, tam usado nos tempos antigos.

Este pronome, apesar de representar um sujeito de 2.^a pessoa, exige o verbo na 3.^a pessoa: *Vossê* (2.^a pessoa) *quer?* (3.^a pessoa).

Esta construção é similar à francesa, em que o criado fala na 3.^a pessoa: *Monsieur, veut-il.*

No Allemão, diz Pott, faz-se tudo para não empregar o pronome de 2.^a pessoa, e quando se tem de faze-lo, recorre-se ao methodo grosseiro de indicar o pronome pessoal por meio de um substantivo.

Na linguagem familiar junta-se commummente uma das variações pronominaes ao verbo como para exprimir que a pessoa a que o pronome se refere tem interesse na accão: *Não ME pratiques esta falta. Não ME saias d'aqui.* E' uma particula expletiva ou de realce.

As variações pronominaes se combinam com as fórmulas *se* e *o, a, os, as*. O pronome — *se* sempre se antepõe: os pronomes — *o, a, os, as*, sempre se pospõem.

Sem que T'O merecesse nem te errasse.

Tornar-SE-LHE amarello de enfiado.

Camões.

As variações — *se* — *e* — *o* — nunca se combinam entre si. E' incorrecto dizer-se: *Quando SE o esperava. Não SE o diz.*

Quando se combinam — *lhe* — e — *o, a, os, as*, — a primeira fórmia nunca tem plural: *conta lh'o* — e não — *conta-lhes-o*.

Com os pronomes *me, te, lhe*, dá-se a figura sinalefa: *m'o, t'o, lh'o*.

Com os pronomes *nos, vos*, empregam se *lo, la, los, las*, em vez de *o, a, os, as*, caindo a letra — *s* — por eufonia: *no-lo, vo-la*.

Póde-se dar a combinação de tres variações pronominaes: *Dê-SE-LH'A*

II

As variações pronominaes, sem preposição clara, não têm acentuação propria; ficam, assim, sujeitas á acentuação de outra palavra junto da qual se acham.

A collocação dessas variações pronominaes (pronomes regimes ou casos obliquos) póde ser feita antes dos verbos: *próclise*; depois dos verbos: *énclise*; no meio das fórmas do verbo: *mesoclise*.

Os pronomes tomam, por isto, as denominações de: *proclíticos, enclíticos, e mesoclíticos*.

A questão sobre a collocação dos pronomes regimes ainda não está resolvida, ou porque, como diz João Ribeiro, o fenomeno não tem sido observado perfeitamente ou porque não é susceptivel de disciplina exacta e positiva.

O grammatico de Salamanca, Nebrija, em 1492, observou em sua *Grammatica* o fenomeno da collocação dos pronomes, sendo seguido pelo grammatico do Funchal, Francisco Ferreira de Andrade Junior, em 1850, na sua *Grammatica das Grammaticas*.

José Feliciano de Castilho nas *Questões do Dia*, J. A. Teixeira de Mello no periodico *Luz*, de Campos, Gama e Castro no *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, nos annos de 1871 a 1874, Arthur Barreiros na *Revista Brazileira* de 1880 e ultimamente Said Ali na mesma *Revista* de 1895, discutiram largamente a materia.

As regras sobre a collocação dos pronomes se chocam entre si, ou não têm apoio nos classicos.

Vejamos:

Diz Teixeira de Mello: Nas orações em que o verbo tem por antecedente uma adversativa os pronomes vêm depois.

Entretanto diz Gama e Castro: Quando a frase começa por uma conjunção os pronomes vêm antes.

Com o imperativo há posposição. Mas Luiz de Camões em pregou: *Agora tu, Caliope, ME ensina.*

Diz Paranhos da Silva: Ha quem pense que só nas orações incidentes se pôdem collocar antes dos verbos os pronomes *me*, *te*, *se*, etc., entretanto, na oração seguinte que não é incidente, o pronome vem antes: *No gesto natural SE converteu.* Camões.

Assértá José de Castilhos: Quando a oração começa pelo verbo ou seu agente o verbo antepõe-se ao pronome; no entanto:

Eu ME arranco d'aqui com magoa e dor. A. Vieira.

Ella LHE prometteu vendo que a amavam... Camões.

Affirma Arthur Barreiros: Depois das palavras *a*, *e*, *mas*, o pronome é enclítico; entretanto: *Fé que aprovou a Deus de o levar para si e LHE sucedeu*, etc.

Em Madrid tambem se recitaram poesias e SE fez a festa,...
P. Chagas.

Diz Teixeira de Mello: Nas fórmulas de gerundio, nunca se deve antepôr.

João Ribeiro: Nas frases de gerundio, ha anteposição.

Diz ainda Teixeira de Mello: No infinito dos verbos manda a regra collocar os pronomes depois; entretanto em Camões:

*..... e começa os olhos bellos
À LHE beijar, as faces e os cabellos.*

Adolpho Coelho dá na *Revista Lusitana* a seguinte regra que reconhece não ser necessária:

Attráem o pronome regime para antes do verbo:

Os pronomes indefinidos

Os pronomes interrogativos

Os pronomes relativos

Os advérbios em geral (excepto os compósitos com *mente*)

As conjunções em geral

As preposições com infinito

precedendo o verbo.

Entretanto Said Ali é de parecer que essa attracção é illusoria. E' evidente, diz elle, que não basta o facto de se achar a palavra *A* ou *B* antes do verbo para produzir a anteposição ou proposição do pronome.

E' preciso indagar quaes as condições, em que a mesma palavra *A* ou *B* se apresenta acompanhada do verbo com o pronome enclítico e quaes as condições, em que ella aparece seguida do verbo com o pronome proclítico.

E' regra absoluta que se não deve começar frases pelas variações, entretanto Castilho disse: *Me melem se eu percebo o tal conluio*, e o Padre Vieira: *Me avisam em muito secreto que a Hespanha tem resoluto romper a guerra com a França*.

Baptista Caetano nos seus *Rascunhos sobre a Grammatica da Lingua Portugueza* assértá:

Uma das regras mais rigorósas da sintaxe é a que exige o pronome anteposto aos verbos em todas as orações de *que* relativo ou conjunção.

Os classicos, entretanto, não obedecem a esta regra; por exemplo, Vieira: *De sorte QUE Christo defendeu-SE do diabo com a escriptura*; e Sá de Miranda: *Ordenam-lhe o que faça antes QUE VÃO-SE*, e Castilho: *Sente-se QUE eu tire-LHE*.

João Ribeiro affirma como obrigatoria a regra da anteposição com a conjunção *porque*.

Mas vemos Alex. Herculano escrever: *PORQUE a decisão da maioria estribava-SE nesta distinção*, e Camillo: *PORQUE o pensamento ROJA-LHE*.

Os adverbios de lugar e tempo, para outros grammaticos, ordenam a anteposição.

Mas Manoel Bernardes disse: *ALI São Pedro teve-SE com Malco*. E Vieira: *AGORA dá-SE quando está immortal e glorioso*. *LÁ come-SE Deus exposto e descoberto*, *AQUI come-SE coberto e encerrado*.

Outro preceito, considerado absoluto, ordena a anteposição nas orações negativas; mas nos *Lusiadas*, Camões disse:

*Não sendo seu soldado experimentado
NEM vendo-se num cerco duro e urgente.*

Da mesma fórmula Vieira: *Viu que NÃO conservando-SE...*

E afinal até a regra aceita por todos os grammaticos de não se pospôrem os pronomes obliquos ao particípio passado, não é observada por Filinto Elycio:

*O veado não chorou. Que tinha a rainha
ENGAANDO-LHE a esposa; o filho...*

Nem por Bernardo de Brito: *Depois de ter sacrificado aos Deuses e DADO-LHE graças pela victoria*. Nem por Bernardes... *porque ainda não tinha encarnado na nossa natureza nem SACRAMENTADO-SE no nosso pão*.

Modernamente Paulino de Brito estabelece o seguinte: Com o futuro e o condicional o pronome deve ser proclítico ou mesoclítico; nos tempos compósitos o pronome nunca deve ser ligado ao participio passado; evite-se a posposição do pronome quando com este acrescimo o acento tonico da palavra venha a ficar antes da antepenúltima sílaba.

Resumâmos, para terminar, com o eminente Ruy Barbosa: «A todas as regras, pois, concorrentes à inserção dos pronomes obliquos haverá sempre meio de contrapor alguns exemplos autorizados de bons escritores.

Nenhum canon existe na sintaxe, inclusive até os mesmos que estabelecem a concordância inevitável do verbo com o sujeito a que não contradigam, na literatura dos mestres da língua, anomalias, mais ou menos raras, mais ou menos frequentes, devidas umas a incorreções de oficina, outras a negligências dos próprios escritores.»

E mais adiante, em sua *Replica*, novamente afirma: «No que respeita à collocação dos pronomes complementos, não ha, talvez, um canon, dentre os mais estrictos que resistia a essa prova: a do consenso unânime e invariável dos bons autores.

80 Resumem-se nas seguintes as regras sobre a collocação dos pronomes obliquos:

191 DEVE-SE COLLOCAR ANTES DO VERBO, isto é, **o pronome é proclítico**:

1.º NAS ORAÇÕES NEGATIVAS:

NÃO LHE *era facil, porém. diagnostica los* (L. Coelho).

NUNCA LHE *ouvi nem disse palavra* (Camillo).

SEM ME *lembra nem me importar mais nada* (Garrett).

Mas não lhe sucedeu como cuidava (Camões).

Nada lhe pode resistir (Vieira).

2.º NAS ORAÇÕES SUBORDINADAS DE QUE (pronome ou conjunção, simples e composta: *porque, para que, ou mesmo oculta*), QUAL, QUEM, CUJO e ONDE.

Os cabellos que os trabalhos do mundo lhe branquearam (Bernardes).

Comparou ás andorinhas as quaes lhe pagaram a hospedagem com lhe tirar a vista (Vieira).

Nós fomos quem no berço o embalamos (Filinto Elysio).

Uma dessas espécies extintas cujo desmarcado tamanho nos assombra (R. Barbosa).

Parece QUE a natureza inteira LHE estava dando uma festa (Camillo).

A pouca distancia do valle ONDE SE viam as ruinas (Herculano).

Ordenou Deus (que) LHE chegassem novas (Vieira).

Temo (que) SE não extinga antes recresça em nós mais forçosa esta maldade (Fr. A. Chagas).

A's vezes quando o vocabulo — que — é conjunção ou faz parte de uma locução conjuntiva, a variação pronominal deixa de ser proclitica e se torna enclitica si o verbo não vem logo após: PORQUE, como disse S. Agostinho, este mundo RI-SE de todos os que se riem delle. (Bernardes). O peor é QUE no meio destes campos onde Troia fôra... a minha querida e bemfazeja tranquitana ABANDONOU-ME (Garrett).

3.º NO GERUNDIO COM A PREPOSIÇÃO *em*, NO PARTICIPIO PASSADO, NO FUTURO E NO CONDICIONAL:

EM OS OUVINDO, tudo vai em uma poeira (D. Francisco Manoel de Mello).

EM SE AVISTANDO sitio tão feliz se descobrem as suas largas muralhas (Vieira).

Tenho-TE AMADO muito.

Oh! Não TE CHAMAREI ingrato: sou filho teu (Garrett).

Tu ME falarias assim si me estimasses.

No futuro e no condicional o pronome pode tambem ser mesoclitico.

Dize-me com quem andas e DIR-TE-EI as manhas que tens (Adagio).

O tempo TER-LHE-IA faltado para a fazer executar (A. Herculano).

Muitos escritores fazem, sem razão, aparecer a letra — *h* — da primitiva terminação — *hei*, *hia* (havia), do futuro e condicional: *amar-te-hei*, *amar-te-hia*.

Fazem-no sem razão, pois já estando consagrada a forma simples — *amarei*, *amaria*, apenas se dá a separação das sillabas — *amar*, *ei*; *amar*, *ia*, sendo intercaladas as variações pronominaes entre as duas partes.

Mais natural seria, como fazem alguns escritores modernos portuguezes, disjuntar completamente a terminação — *hei, hia: amar-te hei, amar-te hia.*

4.^º Em certas orações optativas e imprecativas: *Deus ME livre. A terra LHE seja leve. Diabos TE levem. Bons ventos VOS conduzam ao porto de salvamento.*

DEVE-SE COLLOCAR DEPOIS DO VERBO, isto é, O PRONOME É ENCLITICO:

— NO COMEÇO DOS PERIODOS.

DISSERAM-ME *que ontem chegaste* — e não — ME DISSERAM *que ontem chegaste.*

Raros são os exemplos classicos em contrario a estas regras, e a tendencia moderna é observa-las restritamente.

São dignas tambem de serem adoptadas, pelo uso *commun* que dellas fazem os bons escritores, as regras seguintes:

HA ANTEPOSIÇÃO OU POSPOSIÇÃO;
1.^º QUANDO OS ADVERBIOS, PRINCIPALMENTE OS DE TEMPO E QUANTIDADE, SE ACHAM ANTEPÓSTOS OU POSPÓSTOS.

HOJE LHO dão, AMANHÃ LHO tiram. (F. Manoel).

ASSIM O entendem graves doutores... (Vieira).

MUITO ME conta, Sr. Patrão. (A. Herculano).

QUANTO menos NÓS resta de vida tanto mais devemos procurar seja honesta. (Bernardes).

Leva-me para ONDE TE aprouver. (Herculano).

Expediram-SE EMFIM ordens e instruções ao arcebispo de Funchal. (A. Herculano).

Compraz-SE MUITO com a vida solta que leva. (Vieira).

A benevolencia dos aduladores, dá-LHE LOGO as costas. (Idem).

2.^º QUANDO OS INDEFINIDOS SE ACHAM ANTEPÓSTOS OU POSPÓSTOS.

Na MESMA chaga ME feriste. (M. Bernardes).

A quem não tem bens NINGUEM LHE quer mal. (Vieira).

Embora TODOS TE reneguem eu nunca te renegarei. (Garrett).

A um principe vicioso TUDO se LHE rende. (Vieira).

AMBOS os regimens SE divorciaram da liberdade. (R. Barbosa).

Davam-LHE MUITA (honra) os que sem razão falavam. (Fr. Luiz de Souza).

Nasce e alegra-SE TUDO o hemisferio. (Bernardes).

Contente SE CADA UM de crescer dentro da esfera do talento que Deus lhe deu. (Vieira).

3.º QUANDO O SUJEITO, PRONOME PESSOAL SE ACHA ANTEPÔSTO ou POSPÔSTO.

ELLES NOS ensinaram a dilatar a investigação. (L. Coelho).

EU VOS fiz rei, EU VOS fiz governador, EU VOS fiz pai de meu povo. (Vieira).

Nestes tres casos ha verdadeira attracção destas palavras sobre os pronomes obliquos. E' assim que, si os adverbios e indefinidos se acharem collocados antes dos verbos, os pronomes são *proclíticos*, si se acharem collocados depois, os pronomes são *enclíticos*.

HÁ POSPOSIÇÃO :

NAS FÓRMAS DO IMPERATIVO :

VEDE-O no vosso escudo. (Camões).

NAS FÓRMAS DO INFINITIVO PRESENTE quando figuram em orações interrogativas :

Como RESOLVE-LA? (Herculano).

Como COMPREENDER-SE a sabedoria e a profundeza dos decretos do Altissimo? (Camillo).

Os antigos usavam da *próclise*, afastando mais do verbo as variações pronominaes, isto é, collocavam uma ou algumas palavras entre o pronomé e o verbo :

Pois NOS Deus aqui AJUNTOU. (Heitor Pinto).

... vim aqui com sós as letras de que ME a fortuna não PÓDE roubar. (Sá de Miranda).

... dois vintens que LHE hoje o cura EMPRESTOU. (Gil Vicente).

... como se na Cronica de El Rey dom Affonso quinto CONTEM. (Damião de Góes).

Onde os elle, quando chegaram já ESTAVA ESPERANDO.
(Lucena).

As novas da victoria que me Nosso Senhor DEU contra os capitães de el-rei de Cambaya. (D. João de Castro). Sem que alguém LHE ali AJUDASSE. (Luiz de Camões). Igual construção se encontra em:

Camillo C. Branco: Que ME elles DEIXARAM.

Garrett: Si ella ME não amava, Que LHE ella PARECEU.

Castilho: O que ME ontem ABORRECEU.

L. Coelho: As sciencias do poeta, si AS ali HOUVERA. Esta sintaxe já está sendo usada em linguagem literaria, pelos brasileiros, principalmente para evitar algum som desagradavel: Os motivos QUE ME AGORA appareceram, em lugar de QUE AGORA ME APPARECERAM.

Francisco de Moraes disse: ... logo aventurarria perder esse que VOS AGORA mandei.

Castilho escreveu: Por isso tambem reina por essas duas obras uma não sei que monotonia e peso QUE ME AGORA CANÇA.

III

Pronome — Se

O pronome *se* forma tambem na Lingua Portugueza a voz passiva que é representada pelo verbo *ser* e o particípio passado dos verbos transitivos: *Fazem-se casas*, ou *casas são feitas* ou *estão para ser feitas*.

Em Camões:

... o mar remoto navegamos.

Que só dos feios focas SE NAVEGA, isto é, É NAVEGADO pelos feios focas.

Exercendo o pronome *se* a função apassivadora, exige

o verbo no plural quando o objecto que recebe a acção, estiver no plural.

E' erro dizer: *Vende se casas; elegem se comissões.* A verdadeira construção é: *Vendem-se casas; elegem-se comissões;* isto é, casas são vendidas ou estão para ser vendidas; comissões são elegidas ou estão para ser elegidas.

E' verdade que disse João de Barros:

SE NOTA pelos mareantes OS PERIGOS do mar.

Existe ahi por certo, na opinião geral, erro tipografico: *se nota* por *se notam.*

A este exemplo, citado em geral pelos grammaticos, Ruy Barbosa acrescenta mais alguns outros de D. Diniz, Camões, Vieira, Fr. Luiz de Souza, Couto e Castilho sem que aconselhe tal construção.

Algumas vezes, em que não convem, se não pôde ou se não quer determinar o sujeito que pratica a acção, emprega-se o pronome — *se* — indicando uma indeterminação: *Por tudo isto SE admira a Vieira; a Bernardes admira SE e ama SE.* (A. F. Castilho). *A morte tem duas portas: uma porta de vidro por onde SE SÁI da vida e outra porta de diamante por onde SE ENTRA a eternidade.* (Vieira). *No baluarte de S. João SE RESISTIA á violencia do ferro sem temer a do fogo.* (Jacintho Freire). *A graciosa estancia é retrato de uma camara subterranea, a que SE DESCE por alguns degraus.* (Fr. Luiz de Souza). *Quando SE ERA poeta como Castilho, quando SE ERA fidalgo ou desembargador.* (Latino Coelho).

O verbo adquire o carácter de impessoal.

Em outros casos essa indeterminação se acha incluída no verbo que é empregado na 3.^a pessoa do singular ou do plural: *PARECE que nasceu Jesus. DIZEM que houve um grande incendio.*

Bem affirmava Adolpho Coelho:

«A lingua tem perdido muito a consciencia do carácter de passividade dessas construções; d'ahi vem o emprego do verbo no sin-

gular com o sujeito no plural; *sabe-se notícias, conta-se casos, etc.*, por *sabem-se notícias, contam-se casos*, tão frequentes no falar usual e na linguagem descurada das folhas periodicas.

Nestas phrases incorrectas se adquire *quasi* o valor de indefinido empregado como sujeito da proposição e corresponde apparentemente ao francês *on*.

E' assim, continua elle, que as linguas se alteram e que as monstruosidades (o nome convém à cousa) nascem nellas do esquecimento da função primitiva de seus elementos.»

Alem desta função, o pronome — *se* — tem outros usos importantes, como diz João Ribeiro.

Dá ao verbo um sentido de espontaneidade no agir, vontade propria de collaborar na acção: *Elle se partiu, se gou-o a que se fosse morar na cidade.* (Fr. Luiz de Souza). *E porque elle se parte segunda feira.* (Vieira). *Alegremente se partia.* (Camões). *Tinha-se ido a Roma ao estudo de direito.* (Castilho).

Esta função desempenham tambem os pronomes *me, te, nos, vos.* *Subo ME aos montes* (Camões). *Alma minha gentil que TE partiste.* (Idem). E' um pronome expletivo.

O uso de *se* exprimindo a collaboração e espontaneidade do agente serve para designar fenomenos naturaes: *A agua evapora-se* —, que differe de — *a agua é evaporada* (podendo se-lo nesse caso artificial e propositadamente por outro agente).

Em resumo o pronome — *se* — 1.º representa a indeterminação do sujeito: *Vive-se e morre-se*; 2.º indica a acção reflexa: *Elle se vestiu*; 3.º indica a acção reciproca: *Elles se feriram*; 4.º indica espontaneidade na acção — é um pronome expletivo: *Partiu se; foi-se embora*; 5.º forma a voz passiva: *A casa queimou-se.*

Muda-se a voz activa para a passiva do seguinte modo: O objecto directo da activa passa para sujeito da passiva; o sujeito da activa passa para agente na passiva represen-

tando um objecto indirecto regido de preposição; o verbo na activa é substituído pelo verbo — *ser* — na mesma pessoa, tempo e modo do verbo da activa, acompanhado do participio passado deste: *Deus criou o mundo* — na passiva fica: *O mundo foi criado por Deus.*

VIII

Verbo: concordancia; emprego dos modos, correspondencia dos tempos e dos modos

O verbo concorda com o sujeito da oração em numero e pessoa.

Devemos notar:

1.º Concorrendo sujeitos de 3.^a pessoa no singular, o verbo vai para a 3.^a pessoa do plural: A PALHOÇA, O SOBRADO E O PALACIO ESTÃO habitados.

Muitas vezes, por enfase, fica no singular, ou porque se quer representar os sujeitos formando um todo, ou porque se quer fazer sobressair só um dos sujeitos: E já sómente o CÉU E O MAR SE VIA (Sá de Menezes). A DEVASIDÃO E A CONTUMACIA *em as culpas* CEGOU os judeus e OS ENDURECEU tanto *em seus erros*. (A. Arrais). O VENTO E O CÉU te FAVORECE (Camões). Onde o MEU NINHO E O SOL *no mar se BANHA* (Idem). O SILENCIO, MODESTIA, HUMILDADE, PENITENCIA E PRESENÇA de Deus É sómente para os religiosos ou monges. (Bernardes). O MODO E A RAZÃO É manifesta (Vieira). A LUZ E A SCIENCIA só VEIO *ao mundo em nossos dias* (Herculano). A DESGRAÇA E A OPULENCIA É de todas as gerações e de todos os tempos (Camillo).

Si o verbo fôr enunciado primeiro, pôde ficar no singular, ainda que os sujeitos sejam substantivos proprios: *Até aos brutos animaes CHEGA A DOÇURA E O CONHECIMENTO da musica* (João de Barros). *Não ESPANTA menos A FIRMEZA, NUMERO E GRANDEZA de outras vidraças que dão luz á igreja e cruzeiro* (Fr. Luiz de Souza). *FALTA me o TEMPO E O ALENTO para escrever* (Vieira). *PINTAVA-SE O DESCONTENTAMENTO E A INCERTEZA* (Herculano). *TENTOU PERITHOO E THESEU, de ignorantes o reino de Plutão* (Camões). *O que era necessário e util para a vida e conservação dos homens NOTOU SENECA, DEMOCRITO e ainda mesmo EPICURO* (Vieira). *Onde ESTÁ mettido o SR. VISCONDE E A PIEDADE?* (Camillo).

Mesmo que um dos sujeitos esteja no plural, o verbo pôde concordar com o sujeito mais proximo, no singular: *AS PRAIAS E A NAVEGAÇÃO de toda a costa ESTÁ livre e melhorada com o seu commercio* (Vieira). *Por este signal SABERÁ MINHA MULHER e FILHOS o estado em que vim a parar* (Bernardes). *E' tua MULHER e teus FILHOS* (Camillo). *D'ahi a pedaços DESABOU O TECTO e AS PAREDES da capella e lá ficaram enterrados todos* (Idem). *... CUJAS FUNÇÕES E CUJA EVOLUÇÃO não PÓDE ser comprehendida* (Latino Coelho).

Si o verbo estiver intercalado, fica no singular: *Tamanho O ODIO FOI e A má VONTADE* (Camões). *Que o IBERO VIU e o TEJO amedrontados* (Idem).

2.º Muitos sujeitos estando comprehendidos ou individualizados por uma palavra collectiva ou no singular, como: *tudo, nada, cada um, cada qual, ninguem, isto, etc.*, exigem o verbo na 3.ª pessoa do singular. *A noz, o burro, o siso, o preguiçoso, sem pancada NENHUM FAZ o seu officio.* (Bernardes). *O ouro, os diamantes, as perolas, TUDO É terra e da terra* (Vieira).

3.º Si estes sujeitos fôrem substantivos sinónimos ou exprimirem uma enumeração gradativa, o verbo fica no singular: *O RISO, O PRAZER, A ALEGRIA, FAZIA A mais formosa.*

4.º Si os sujeitos forem representados por orações, o verbo fica no singular: *Serem os homens uma cousa é pa-recerem outros é facil.* (Vieira).

Exceptua-se o caso em que haja oposição ou contradição entre as idéias representadas pelos sujeitos: *O não posso dos negligentes e o não quero dos contumazes VALEM quasi o mesmo.* (Bernardes).

5.º Si concorrem muitos sujeitos de diversas pessoas, o verbo concorda com a que tem prioridade, no plural: a 1.ª tem prioridade sobre a 2.ª, e esta sobre a 3.ª: *EU E JOÃO SOMOS jovens, TU E PÉDRO SOIS ricos.*

Pode, por exceção, o verbo concordar com o mais proximo: *O que me resta da felicidade passada és TU e ELLES.* (Camillo). *Acuso-vos disto EU e TODO O POVO de Santarém* (Garrett). . . que SERÁS TU E OS TEUS que metteis a pique as almas no inferno? (Bernardes).

Muitas vezes a influencia é exercida no plural pelo pronome mais proximo: *Não há sobre a terra um lugar onde CAIBAM ELLE, EU e o meu odio.* (Herculano).

Si um dos sujeitos não for um pronome pessoal e estiver no plural, o verbo sofrerá a influencia deste e com elle concordará: *E assim tu agora sacrificas, para que NÓS e OS DEUSES te HONREM.* (Bernardes). *TU e OUTROS VELHACOS da tua laia ESTORREARAM na cara lixo e terra.* (Herculano).

6.º Quando o sujeito é collectivo seguido de um nome plural regido da preposição *de*, o verbo fica no singular si o collectivo é geral, vai para o plural si o collectivo é partitivo: *O REBANHO DE OVELHAS ERA dirigido por um lobo.* (Fr. Luiz de Souza). *A MAIOR PARTE DAQUELLAS ARVORES REMOÇARAM.* (Castilho).

Devemos, porém, notar que, quando quizermos attender mais á quantidade que significa o collectivo partitivo do que á qualidade do substantivo, o verbo concorda no singular com o collectivo — *Um inverno se ajuntou a maior parte delles em casa de um antigo morador daquelle lugar.* (Rodrigues Lobo).

Tambem com o collectivo geral, si attendermos mais á quali-

dade das pessoas ou coisas expressas pelo substantivo do que à quantidade que significa, o verbo vai para o plural concordando com o substantivo: — *A cavalaria dos mouros que vieram a seu chamado.* (João de Barros). (Apud, Silva Tullio).

Às vezes o collectivo no singular, sem estar acompanhado de preposição e nome no plural, admite o verbo no plural, não se fazendo a concordância lógica: *Logo ao outro dia ao romper da alva se abalou O EXERCITO... e, chegando aos muros, COMEÇARAM em torno da fortaleza a arvorar escadas* (J. Freire). *Simão Mago appellidou um dia todo o POVO para o VEREM subir ao céu* (Vieira). *Sí esta GENTE... não queres que PADEÇAM vittuperio.* (Camões).

*Porque saindo A GENTE descuidada
CAIRÃO facilmente na cilada.*

(Idem).

TOMARAM refeição leve a nobre COMPANHIA

(Garrett).

7.º Quando os sujeitos estão unidos pela preposição *com*, equivalendo a conjunção — *e* —, isto é, quando todos praticam a acção conjuntamente, vai o verbo para o plural:

*Que EU CO'O GRÃO MACEDONIO E CO'O ROMANO
DEMOS lugar ao nome lusitano.*

(Camões.)

Em caso contrário vai o verbo para o singular: *MANUEL DE SOUZA DE SEPULVEDA COM AS da sua companhia FOI SEGUINDO o caminho do rio Manhença* (Diogo do Couto).

8.º Quando os sujeitos estiverem ligados pelas conjunções *ou, nem*; pelas conjunções comparativas *tanto...*

como, não só... mas tambem e similhantes, ou si forem as expressões *um e outro*, *nem um nem outro*, o verbo irá para o plural si a accão se referir á totalidade dos sujeitos. Em caso contrario, ficará no singular: O TEMOR OU O PEJO destas palavras FEZ então aquietar a todos (J. Freire). A RUA OU A PRAÇA SÃO campo estreito para as suas carreiras (Castilho). Em quanto UM OU OUTRO se não CORROMPIAM (Bernardes). Mas nem a sua ARTE NEM a sua FORTUNA o LISONJEOU de maneira que não antepuzesse o conselho a ambas (Vieira). Todavia NEM A NECESSIDADE de attender..., NEM A DOR que o atormentava, PUDEM afasta-lo do intentado proposito (Herculano). TANTO uma COMO outra explicação se PODE admittir. (Herculano). TANTO o pai COMO o filho SÃO intelligentes. (C. de Figueiredo). NÃO SÓ os hebreus hesspanhóes, MAS TAMBEM aquella parte da população portugueza... ou FUGIRÁ ás occultas ou PADECERA perdas irreparaveis (Herculano). NÃO SÓ A NAÇÃO MAS TAMBEM O PRÍNCIPE ESTARIAM pobres (Herculano). UM E OUTRO banquete É para todos. (Vieira), UM E OUTRO SERVIÇO EXIGE maiores cuidados (Castilho). UM E OUTRO LUGAR ERAM mais altos (Vieira). NEM UM NEM OUTRO te AGRADECE o zelo. (Castilho). NEM UM NEM OUTRO SOUBERAM dizer mais (Vieira).

E' bom notar que si os sujeitos forem de varias pessoas ou numeros, o verbo vai para o plural concordando com a pessoa que tem prioridade: OU EU OU TU SEREMOS presidente.

9.º Quando o sujeito fôr a expressão *um de, um dos, uma de, uma das*, seguida do pronome *que*, o verbo vai para o singular ou para o plural, conforme a accão fôr praticada por um um só sujeito ou por todos: *Na Asia foi UM DOS GOVERNADORES QUE mais IMPULSIONOU a queda do imperio indico* (Camillo). *O Vouga é UM DOS RIOS de Portugal QUE ENTRAM no mar* (Leão). *Esta cidade foi UMA DAS QUE mais se CORROMPEU da heresia* (Fr. Luiz de Souza). *UMA DAS QUE mais se CELEBRAVAM então*.

pela cristandade (Idem). Era este Catual UM DOS QUE ESTAVAM corruptos (Luiz de Camões). V. Ex.^o, como UM DOS QUE TIVERAM a direcção do movimento naval (Ruy Barbosa).

A fórmula no plural é considerada mais pura.

10.^o Si o sujeito fôr a expressão mais de um o verbo irá para o singular: MAIS DE UM RÉU OBTEVE a liberdade a troco de peitas (Herculano). Exceptua-se o caso em que haja reciprocidade: MAIS DE UM SOLDADO SE FERIRAM.

11.^o Quando o sujeito é o pronome *que*, o verbo concorda com a palavra a que esse pronome se refere: *Eu sou um estrangeiro QUE Ihe FALA uma linguagem sem significação* (Camillo).

Si o sujeito fôr o pronome *quem*, o verbo concorda na 3.^a pessoa do singular: *Eu, o Silencio e a Solidão eramos QUEM ESTAVA aí* (Herculano). Não sendo só vós QUEM PADECE (Bernardes).

A's vezes os pronomes *que* e *quem* soffrem a attracção do vocabulo anterior, principalmente quando é um pronome pessoal e com elle vai concordar: *Fui EU o primeiro QUE CHAMEI?* (Herculano). *VÓS sois os QUE ESMOLAIS, EU sou o QUE MENDIGO* (Castilho). *Não foram ELLES só QUEM vos MATARAM* (Diogo Bernardes). *E's TU QUEM GANHAS para sustentar a casa* (Coelho). *EU SOU O QUE PAGO a sua prisão* (Fr.^{co} M. de Mello).

12.^s O verbo — *ser* —, como fórmula com o atributo o predicado grammatical, soffre a attracção do atributo e com este concorda e não com o sujeito, principalmente quando o sujeito é: *tudo, isto, isso, aquillo* ou um termo que indica uma idéia de collecção: *Tudo SÃO INSTRUMENTOS necessarios ao meu officio* (Lobo). *Tudo o mais SÃO perpetuas OCCUPAÇÕES e CUIDADOS* (Fr. Luiz de Souza). *Tudo nelle SÃO MUDANÇAS* (Camões). *ERAM tudo MEMORIAS de alegria* (Idem). *Cuja gente ERAM CHRISTÃOS* (Idem). *O mundo SÃO HOMENS* (Bernardes). *Tudo SÃO BOSQUES cerrados* (Vieira). *O que adquiristes FORAM*

as INVEJAS dos amigos. (Idem). Uma nação NÃO SÃO QUATRO LINHAS onduladas traçadas num mappa geografico para a separar de outras nações. (L.º Coelho).

Encontram-se, entretanto, exemplos em contrario, sendo a concordancia feita com o sujeito, segundo a regra geral, principalmente quando o sujeito é um nome de pessoa: *O maior trabalho que tenho* É OS PASTORES com quem trato. (Lobo). *Cada um* É as suas OBRAS (Vieira). ... o que nos falta É EXEMPLOS de bons costumes (Camillo). *A chuva* É CATARATAS. (Castilho). *O homem* já É CINZAS. (Bernardes).

13.º Si o sujeito fôr um verbo no infinitivo seguido de um objecto no plural, o verbo concorda com este infinitivo, e não com o objecto que o precede; *Os dias que foi forçoso gastar* (gastar os dias — sujeito) que (objecto directo com referencia a dias.) *Os conselhos que seria bom aceitar* (aceitar que (os conselhos) seria bom).

14.º O verbo *parecer* umas vezes é empregado pessoalmente e tem por sujeito uma palavra clara, outras vezes é empregado impessoalmente, sem sujeito: *Os MARES PARECIAM RECORDAR-se ainda do rugido harmonioso do estio.* (Herculano). *O mar...* e com tal braveza vinha quebrar-se em terra que PARECIA QUEREREM o mar e o vento soverte-la. (Souza). *PARECIA VIREM* elles mais a folgar que a outra consa. (João de Barros). *Os mouros PARECIA ESPERAREM* firmes o encontro. (Rebelo da Silva).

III

Já sabemos que o modo indicativo mostra que o facto enunciado pelo verbo é certo; e que o subjuntivo mostra que o facto é duvidoso, hipotetico.

Para sabermos qual devâmos empregar, é preciso que atendâmos á oração principal, isto é, aquella que representa

a idéia primordial, mais importante, e ás orações subordinadas que a ella se acham ligadas.

Assim, quando o verbo da oração principal exprime alguma cousa de certo, positivo, o verbo da oração subordinada fica no indicativo; si aquelle exprime alguma cousa de incerto, este fica no subjuntivo.

Si o verbo da oração principal significa *pensar, crêr, saber, parecer, afirmar, dizer*, o verbo da oração subordinada fica no indicativo.

Si o verbo da oração principal significa *receio, admiração, duvida, surpreza, vontade, desejo, ordem, alegria, tristeza*, o verbo da subordinada fica no subjuntivo.

Si o verbo da oração principal é impessoal ou usado impessoalmente, como as expressões: *ser possivel, ser necessário, ser raro, ser justo, ser crivel, ser difficult*, etc., o verbo da oração subordinada irá para o subjuntivo.

Nas frases optativas e imprecativas usa-se o verbo no modo subjuntivo: *QUEIRA Deus que isto aconteça. Diabos te LEVEM. Deus ESTEJA nesta casa.*

As conjunções ou locuções conjuntivas *embora, quer... quer, como si* e em geral as compóstas da conjunção — *que* — exigem o subjuntivo. Algumas compóstas de — *que* — admittem o indicativo: *AINDA QUE a nobreza e o entendimento lhe FAZIAM força.* (Fr. Luiz de Souza). *POSTO QUE não É esta a maior utilidade.* (Vieira). *Vinha do occidente um grande marulho SI BEM QUE o vento SOPRAVA de estio.* (Camillo).

III

A noção de tempo não é bem firmada em nossa Língua.

Em primeiro lugar se diz que não existe presente, porque desde que o facto se dá, comparando-se este momento

com o immediatamente posterior, reduz-se aquelle a *passado*.

Além disto possuimos muitos modos vulgares de falar, onde empregamos constantemente o presente pelo passado ou pelo futuro.

Do 1.º caso temos: *Napoleão Bonaparte diz a seus soldados*. E' o chamado *presente histórico*.

Do 2.º caso: *Vou amanhã*.

O presente do indicativo substitue o futuro do subjuntivo: *Si me ATRAÇOAS, mato-te. Si os olhos VÊEM com amor, o corvo é branco.* (Vieira).

O futuro é empregado pelo imperativo: *HONRARÁS pai e mãe*.

O presente do subjuntivo é usado em lugar do imperativo nas faces negativas: *NÃO FAÇAS a outrem o que não queres que te façam.* (Adagio). *Formosa filha minha NÃO TEMAIS.* (Camões). *O voadores... NÃO QUEIRAIIS voar, pois sois peixe.* (Vieira).

O futuro substitue o presente do subjuntivo: *Não me parece que HAVERÁ nenhum homem tão enganado.* (Vieira).

O infinitivo é empregado pelo imperativo: *DEIXAR falar modernos e modernices.* (Garrett). *Companheiros, DESPEDIR esta noite da montanha e APPARELHAR para amanhã me seguirdes.* (Castilho).

E' muito commum a substituição do condicional pelo imperfeito do indicativo: Castilho, por exemplo, escreveu: *Eu, si fosse a Sr.ª, ATIRAVA paixões para trás das costas.* Bernardes empregou: *Si Damão não tornasse, PERDIA Pythias a vida.*

O mais que perfeito substitue tambem o condicional: *... nesta só palavra digo a V. A. mais do que PODERA em largos discursos.* (Vieira). *Que MOVERAM de um tigre o peito duro.* (Camões).

O presente do indicativo é empregado pelo imperfeito do subjuntivo: *Si eu ADIVINHO.*

O subjuntivo substitue o condicional: *Que para um cavalleiro HOUVESSE cento.* (Camões).

Os *tempos* se correspondem entre si.

Ao *presente* do indicativo correspondem: todos os tempos quer do indicativo, quer do subjuntivo e do infinitivo pessoal.

Ao *imperfeito* do indicativo correspondem: o imperfeito, o mais que perfeito, o condicional do indicativo; o imperfeito e mais que perfeito do subjuntivo e o infinitivo pessoal.

Ao *aoristo* correspondem todo o indicativo; o imperfeito, o mais que perfeito do subjuntivo e o infinitivo pessoal.

Ao *mais que perfeito* do indicativo correspondem: o imperfeito e mais que perfeito do indicativo, o condicional; o imperfeito e mais que perfeito do subjuntivo e o infinitivo pessoal.

Ao *futuro* do indicativo correspondem: todo o indicativo; o presente, o preterito perfeito e o futuro do subjuntivo e o infinitivo pessoal.

Ao *condicional* correspondem: todo o indicativo; o imperfeito e mais que perfeito do subjuntivo, e o infinitivo pessoal.

Ao *imperativo* correspondem: todo o indicativo; o presente, o preterito imperfeito e o futuro do subjuntivo e infinitivo pessoal.

Aos *tempos* do *subjuntivo* correspondem: os do indicativo e do infinitivo e elles proprios.

Dois ou mais verbos não devem ter um complemento *commun* de natureza diferente. Não se emprega, por exemplo: *Ia e voltava da rua, mas ia para a rua e voltava della.*

Desse modo escreveram Vieira: ... A DEIXARAM e se SAIRAM DELLA os deuses; Bernardes: ... excepto o ponto de ENTRAR o homem NA COVA e SAIR DELLA.

Em construções contrarias a esta regra nota-se que a preposição compete ao verbo mais proximo:

*NUM rio que ali sai ao mar aberto
Bateis á vela ENTRAVAM e SAIAM.*

Camões.

Antes se viu naquella uniforme conversão uma singular maravilha ao ENTRAR e ao SAIR DO mesmo theatro. (Vieira).

Não faltam, porém, exemplos em contrario áquella regra, reproduzida pelas Grammaticas. A preposição convém sempre ao mais proximo.

Mario Barreto em seus *Novos Estudos da Lingua Portugueza* apresenta varios: ... *te hospedarei na minha cabana, NA QUAL PÓDES ENTRAR sem temor, dormir sem perigo e SAIR sem saudade (Lobo), ... todas as vezes que ENTRAMOS e SAIMOS DO nosso aposento. (Bernardes).* *Quem viu hoje ENTRAR ou SAIR alguém DA porta aqui defronte? (Garrett).* *CONHECI e TRATEI COM um Paroco. (Cástilho).* *Tenho-o visto ENTRAR e SAIR DO collegio de S. Paulo. (Herculano).* Resta-me acrescentar que ainda me não DECIDO CONTRA nem A FAVOR DOS JESUITAS. (Camillo).



IX

Fórmas nominaes do verbo

As fórmas nominaes do verbo são: o *infinitivo*, os *participios* e o *gerundio*.

O *infinitivo* presente dos verbos em Portuguez tem duas fórmas: uma *pessoal* e outra *impessoal*.

O emprego do infinitivo pessoal constitue um *idiotismo*: o Portuguez é a unica Lingua que o admitte.

No dialecto gallego se encontram fórmas com essa flexão, como se vê em *Spana Sagrada*: *Para sairen* e *entra-ren* (Apud Diez e Julio Ribeiro).

O infinitivo pessoal que tanta clareza traz ao sentido da frase, é de data antiquissima.

De seu uso se encontram exemplos no *Livro das Linhagens*, em varios *Cancioneiros* e em um foral de Lisbôa de 1179.

«Uma das causas e talvez a primeira, diz Silva Tullio, por que nos autores apparecem alguns destes erros, é devido á influencia que a literatura hespanhola exerceu na Lingua Portugueza. Porque não possuindo aquelle idioma este tempo, fez com que alguns autores usassem o castelhanismo de empregar o impessoal quando deviam empregar o pessoal.»

Adolpho Coelho julga da mesma forma que: «as construções do infinito com pronomes, nas orações chamadas de modo infinito, o obscurecimento ha tanto tempo completamente realizado da função verdadeira do infinito, a analogia, explicam-nos perfeitamente este

facto peculiar do Portuguez. As outras linguas romanicas conservam neste ponto mais fielmente a tradição da lingua mãe.»

Diversas são as regras estabelecidas para o emprego do infinito pessoal.

D'entre elles uma, sobre que em geral estão os grammaticos de acordo, é a seguinte:

«Usa-se do infinito pessoal quando tem sujeito proprio.»

Julio Ribeiro em sua *Grammatica* protesta contra esta regra e entre duas indicações diz:

«Para que se ponha o verbo no infinito pessoal ou impessoal é indiferente que elle tenha ou não sujeito proprio.»

Si aquella regra fosse absoluta, Camões, o mestre da lingua, errará quando nos *Luziadas* escreveu: *E folgarás de VERES a polícia.*

O mesmo aconteceria com Alex. Herculano: *As aves PARECIAM nos seus vôos incertos, ora vagarosos ora rápidos, FOLGAREM com os primeiros dias da estação dos amores. SORRIAM ao OUVIREM estas palavras.*

Tambem o Padre Vieira: *E' necessário para se CONSERVAREM nesta nova representação e para GOVERNAREM como DEVEM, que se APAREM de suas próprias raízes.*

E Camillo Castello Branco: bufarinheiros PREGOAM no intuito de FAZEREM sua cúmplice á nobilíssima neta de Platão.

Fr. Luiz de Souza: ... que ao pé de Santa Engracia se QUEIXAVAM os vizinhos de VEREM sahir á meia noute.

E Ad. Coelho: ... trabalhos taes... DEMANDAM longos annos de laboriosas investigações para TEREM um valor científico.

Júlio Ribeiro, de acordo com Diez, dá duas listas de frases, em que ora o infinitivo é empregado pessoalmente, ora impessoalmente.

Sujeito diferente: *E' tempo de PARTIRDES. Viu NASCEREM duas fontes.*

O mesmo sujeito: *Não TENS vergonha de GANHARES a tua vida tam torpemente. Todos ESTÃO alegres por TEREM paz.*

E' preferivel empregar o *infinitivo pessoal*:

Quando o finitivo tiver sujeito proprio, isto é, diferente do sujeito do verbo infinitivo:

VIMOS as Ursas, apesar de Juno,
BANHAREM-se nas aguas de Neptuno.

Camões.

Embora os sujeitos do finitivo e do infinitivo sejam identicos, emprega-se geralmente a forma pessoal, por ne-

cessidade de clareza, quando é preciso determinar o sujeito: *Assombram-se as Nereidas de AVISTAREM o bosque.* (Castilho). *Não te espantes de Baccho no teu reino RECEBERES.* (Camões). *E's nascido para nos ALEGARES.* (Bernardes). E' tambem a clareza que exige o infinitivo pessoal ou flexionado nos casos seguintes:

1.º Quando o infinitivo estiver distante do finitivo: *... DEMANDAM longos annos de laboriosas investigações para TEREM um valor scientifico.* (Adolpho Coelho). *Foram dois amigos a casa de outro afim de PASSAREM as horas de sésta.* (Bernardes). *Elles VINHAM deitar-se mansamente uns ao pé de outros para DORMIREM.* (Herculano).

2.º Quando o infinitivo estiver antes de qualquer outra forma finitiva:

Para se CONSOLAREM, os infelizes DORMIAM tranquilos em seus leitos macios. (Herculano). *E para mais VERIFICARMOS isto FAREMOS uma parabola imitando Aquelle que, para todos, se fez unico exemplar.* (J. de Barros). *Virtude sem TRABALHARES e PADECERES não a VERÁS tu jamais com teus olhos.* (Bernardes).

3.º Quando entre o verbo do modo finitivo e o infinitivo houver alguma palavra que possa ser sujeito deste: *TEMOS PODER para nos CONSERVARMOS inteiro.* *TEMOS AUTORIDADE para nos MANTERMOS em nossos póstos.* (Carneiro Ribeiro).

4.º Quando o infinitivo fôr sujeito do verbo finitivo: *E' triste DEFINHARES com tão pequeno pezar.* (João Ribeiro). *E' consolador PENSARMOS que não podemos ser indiferentes ás pias almas* (Camillo). *E não é justo DEIXARMOS em silêncio.* (L. de Souza).

O infinitivo impersonal é usado:

1.º Quando fôr empregado como substantivo: *AMAR é proprio da humanidade.* *ESTUDAR é util.*

2.º Nas linguagens compostas com os verbos *fazer, mandar, poder, tornar, estar, costumar, começar, deixar, continuar, vir, cessar, etc.* (na enumeração de Said Ali) a não ser que venha o infinitivo distante do verbo auxiliar:

DEVIAM-NO TRAZER todos vocês nas palmas das mãos. (Castilho).

COMEÇARAM tambem a ESPALHAR se vozes em desabono do arcebispo. (Fr. Luiz de Souza).

Muitos... VINHAM a elle e á morte OFFERECER-se. (Camões).

Entretanto:

DEVIAM-no... dar mil graças aos céus e ACABAREM de crér. (Castilho).

Mas a selva já COMEÇA a RAREAR e os gineteis a RES-FOLEGAREM com mais violencia. (Herculano).

Os exercitos allemães PRECISAVAM de PASSAR-lhe por sobre o corpo, afim de CHEGAREM a Paris nas duas sema-
nas aprazadas. (Ruy Barbosa).

3.º Quando servir de objecto a um outro verbo, a não ser quando o realce ou a enfase exigir a forma pessoal: VI-
BRILHAR duas lanternas. (Garreti). SENTIAM RANGER e ES-
TALAR as vigas de um simples (Herculano), VERÃO os ca-
fres asperos e avaros TIRAR á linda dama seus vestidos. (Camões). Não nos DEIXEIS CAIR em tentação. (Oração do-
minical).

Entretanto: VIRAM os castelhanos SAQUEAREM (Hercu-
lano). VIAMOS AGITAREM-se entre as arvores as luzes das
lanternas e MIRAREM-SE as sombras dos bosquezinhos. (Garrett).

O participio presente, simples adjectivo, não admite flexão de gênero, e sim de numero e de gráu: Amante,
amantes, amantissimo.

No antigo Portuguez conservava a força participial:
Cegou ENTRANTE á lida. Os quaes TEMENTES Nossa Se-
nhor. Chama a nós a Santa Escriptura de Deus DIZENTE (Apud. Ad. Coelho). Camões empregou: IMITANTES á côr
da Aurora.

O participio passado, considerado como adjectivo, concorda com o sujeito da oração, quando o verbo é ser, estar, parecer e outros similhantes; e fica invariavel quando o verbo é haver ou ter:

As artes são ESTIMADAS. Os vicios estão DESCOBERTOS. As ondas pareciam AGITADAS. Temos ESTUDADO bastante. Havemos VENCIDO as diffículdades.

Antigamente esta regra era vacillante:

Quebrar as tregos que tinha FEITAS. (D. Nunes). Outras muitas que tinha OUVIDAS. (B. Ribeiro). Que tanto mar e terras tem PASSADAS. (Camões). Entre muitas mercês que Deus me tem FEITAS. (Lucena). Tendo os soldados de Julio Cesar SITIADA a cidade de Dyrrachio. (Vieira).

Alguns participios passados têm significação activa: *arriscado* (que se arrisca), *calado* (que se cala). Outras vezes indicam accção, ora activa ora passiva: *acreditado* (que tem crédito ou recebe crédito de alguém).

Como lembra Pacheco da Silva Junior nas suas *Noções de Semântica*, no Portuguez antigo, o participio concordava com o sujeito do verbo em genero e numero quando vinha construido com os verbos *ter* e *ser*. Tanto se dizia *estamos convencidos* e *convencido*, *somos errados*, *leal nos serviços que lhe tinha feitos* (Fernão Lopes); *votos que tinha feitos*; *quantas culpas tinham cometidos*, (Fern. Mendes).

Desde muito cedo, porém, manifestou-se a tendencia para a invariabilidade do participio passado; *maravilhas que deixou feito* (Caminha); *deixou-lhe queimado a cortina* (P. Per.); *deixando descoberto 350 leguas*. (Barros).

O participio do futuro desapareceu da conjugação portugueza e só é usado como adjectivo ou substantivo: *vindouro, casadeira, matadouro, iracundo, reverendo, imorredouro, doutorando, venerando*.

O gerundio forma as linguagens dos verbos perifrasticos, é invariavel.

Emprega-se com a preposição — *em* — e indica que uma nova accção se vai seguir, ou é um facto que costuma suceder: *Em nascendo já fazem a um clérigo, a outro frade, a outro soldado*. (Souza). *Em se RECOLHENDO foi recebido de todo o povo*. (Idem).

O gerundio regido desta preposição é de uso latino e hoje pouco usado.

Antigamente se usava tambem com outras preposições: SEM HAVENDO esperança de poder fugir. (Ineditos da Hist. Port.). Com toda a deleitação da vontade, SEM RESGUAR- DANDO ser bem feito. (D. Duarte). E estas dansas eram a som dumas longas que então usavam SEM CURANDO dou- tro instrumento. (Fernão Lopes). ENTRE LENDO se verão; SEM SENDO resistidos; DE ACCRESCENDO o desejo ao pedido. (Idem). Si vos parecerem mal, desculpai-me COM CALANDO. (Sá de Miranda).

X

Sintaxe do verbo «haver»

O verbo *haver* pôde ser considerado como verbo *activo* e *auxiliar*; é verbo perfeito, isto é, conjuga-se em todos os tempos e pessoas: *Os inimigos, como o successo da mina lhes HAVIA ABERTO para a victoria uma tão larga porta.* (J. Freire).

Como *impessoal*, com o sentido de *ter, possuir* é verbo *defectivo*, só sendo conjugado na 3.^a pessoa do singular: *Não HAVERÁ missas, nem altares, nem sacerdotes que as digam.* (Vieira).

Tem varios significados como verbo de *acção*: *SENTIR, EXPERIMENTAR: HEI grande medo que o meu fraco batel se alague cedo* (Canções); *ADQUIRIR: Donde HOUVESTE este rugido teu?* (Gonçalves Dias); *TRATAR: HAVIA-O com homem serio; JULGAR, SUPPÔR: Não HAJAS que te agravo.* (F. Alvares); *SER POSSIVEL: Assim foram caminhando para a igreja, mas não HAVIA poder romper pelo grande numero de povo.* (Fr. Luiz de Souza); *PROCEDER, PORTAR-SE: HOUVE-SE em tudo a natureza como māi.* (Vieira).

Em alguns escritores se encontra o pronome — *elle* — representando o sujeito indeterminado do verbo — *haver*: *Não que ELLE tambem ha muita desavergonhada por esse mundo de Christo.* (Camillo).

O verbo impessoal — *haver* — confunde-se actualmente com o verbo — *existir*, na sua significação.

A's vezes, em certas expressões, o verbo — *haver* — no presente do indicativo apparece regido da preposição — *de* —; *A architectura DE HÁ cem annos.* (Camillo). *Ouve pela ultima vez o rir que responde ao teu riso DE HÁ dez annos.* (Herculano). *Sermões DE HÁ sessenta annos.* (Idem).

Alem da preposição — *de* — pôde-se empregar com a mesma função as preposições — *até e desde*.

A construção do verbo — *haver* — impessoal, sempre no singular, se applica a qualquer outro verbo que na qualidade de auxiliar venha a constituir linguagem composta com elle. A linguagem composta com o verbo *haver* no infinitivo só pôde, assim, ser empregada na 3.^a pessoa do singular.

Deve-se dizer sempre: HÁ DE HAVER *festas*; VAI HAVER *progressos*; TERÁ DE HAVER *eleições*; COSTUMA HAVER *exercícios*; etc. Antonio Vieira: *Desenganem se os idólatras do tempo passado que tambem no presente PÓDE HAVER homens tão grandes.* F. R. Lobo: *Não DEIXA DE HAVER muitas (cartas) tão bem escritas.* M. Bernardes: *Nas outras escrituras profanas tambem COSTUMA HAVER acentuações erradas.* Ruy Barbosa: *Leis há e não PODERÁ DEIXAR DE HAVER.*

— * —

Varios têm sido os modos de interpretar a sintaxe do verbo *haver* impessoal.

Uns grammaticos dizem que o verbo *haver* não necessita sujeito claro: sua sintaxe é similar à dos verbos *chover, trovejar, etc.*

Outros dizem que o verbo *haver* é empregado no sentido de *existir*; usa-se na terceira pessoa do singular ainda que o sujeito seja de terceira pessoa do plural.

Explicam a discordancia incluindo essa construção na classe dos *idiotismos*.

Outros sustentam que o verbo impessoal *haver* tem a significação de *existir*, e emprega-se ordinariamente com um sujeito grammatical occulto: *classe, genero, numero, especie, porção, quantidade, numero, espaço*, etc., e um complemento desse sujeito, precedido da preposição *de* também occultá.

Assim nos versos de Camões:

*Dizei-lhe que também dos Portuguezes
Alguns traidores houve algumas vezes.*

a sintaxe regular é:

Dizei-lhe que também dos Portuguezes NUMERO DE TRAIDORES HOUVE algumas vezes.

Finalmente, outros dizem que o verbo *haver* significa *ter, possuir* e tem como sujeito uma palavra occultá que será indicada pelo sentido. É a melhor análise.

Assim na frase: *Haverá lances*, o sujeito será *a vida ou o tempo*, sendo *lances* o objecto directo.

Na frase: *Ha homens*, o sujeito será *a sociedade, ou o mundo e — homens* — o objecto directo.

Diversas são as provas a favor da interpretação que dá ao verbo *haver* o significado de *ter, possuir*.

A etimologia do verbo *haver* indica a forma latina *habere* que significa *ter*.

A análise da frase francesa: *Il y a des hommes* — em Portuguez — *Ha homens* — considera *hommes* como objecto e *il* (indeterminado) como sujeito.

No Portuguez antigo o verbo *haver* era empregado por *ter*.
... *Elle HAVIA nome Antão.* (Apud. João Ribeiro).

Em Gil Vicente:

*Como HAS nome cavalleiro
Eu HEI nome todo o Mundo*

O povo conserva puras as primitivas fórmas das palavras. Vemos que são populares as frases:

Hoje TEM missa — por — Hoje HA missa.

TEM dias que não saio — por — HA dias que não saio.

O substantivo verbal *haveres* é sinônimo de *teres, possuidos (posses)*.

O adverbio *eis* é para o geral dos grammaticos uma fórmula do verbo *haveis, heis, eis*: *EIS aqui mil e quinhentos marcos de prata* (Bernardes) equivale a *Aqui TENDES mil e quinhentos marcos de prata.*

Como ultima prova a que apresenta o Dr. A. Freire da Silva em sua *Grammatica*:

«Na maxima seguinte: *Ha fanfarrões de sciencia como os ha de valor e nobreza*, o Marquez de Maricá não substituiu na segunda proposição o substantivo *fanfarrões* pelo caso recto *elles*, como devia si fosse sujeito, mas sim pelo pronome — *os* — que neste caso tem força de accusativo latino, e é por isso, como o substantivo a que se refere, complemento objectivo do verbo *ha.*»

Ha-os nesta collecção de todas as espécies.

Neste exemplo — *os* — não pôde ser sujeito, é, sim, objecto, estando o verbo *haver* na significação de *ter, possuir.*

Sintaxe analoga á do verbo *haver* no singular com o sujeito occulto e o objecto directo claro, no plural, é a do verbo *fazer* em certas construções: *FAZ 10 dias que te não vejo.*

O sujeito nestas orações vem a ser geralmente o *tempo*.

Não faltam exemplos nos bons escritores:

Oito dias FAZ hoje que Christo o ressuscitou (Vieira). *Quatrocentos e vinte e sete annos FAZ hoje que S. Antonio foi tomar posse do eminentissimo lugar que tem na côte do céu* (Idem). *Tres annos FAZ agora que eu recebi uma carta sua e ainda a não abri.* (Bernardes). *FAZ agora tres annos e um dia* (Herculano). *FAZ agora seis mezes.* (Castilho). *FAZ agora quatro annos que teu nome era como um ferro.* (Garrett). *FAZ hoje quatro annos que Vieira abriu uma sepultura.* (Camillo).

Palavras invariaveis

ADVERBIO

O adverbio pôde ser representado por um adjectivo: *Comprou BARATO. Casa MEIO feita.*

A grande classe dos adverbios em *mente* é formada pela junção deste suffixo á fórmia feminina do adjectivo: *sabiam-mente, humana-mente*. Exceptuam-se *portuguez* e *francez* e outros terminados em —ez—, dantes invariaveis, que conservam a fórmia masculina: *portuguezmente, francezmente*: *Carta escrita em portuguez e PORTUGUEZMENTE*. (Castilho). *Quem come FRANCEZMENTE, cria alma; corpo é que não.* (Camillo).

Até ao seculo 17, a fórmia — *mente* — não tinha adquirido a função de suffixo e era escrita separada do adjectivo. Tinha o valor de substantivo feminino: *De bôa mente; á bôa mente.*

O emprego dos adverbios em *mente* não é arbitrario.

Quando concorrem dois ou mais adverbios desta especie, só o ultimo, em geral, toma esse suffixo: *Santa, justa e correctamente.*

Esta construção não era usada pelos clássicos quando queriam dar mais enfase à frase ou mais força à significação do advérbio: *Vivamos neste mundo SABIAMENTE, PIA-
MENTE e JUSTAMENTE* (Vieira). *V. Exc.^a ... te lo-ia feito DI-
RECTAMENTE, FRANCAMENTE, LEALMENTE* (Herculano). ... se pretende SINCERAMENTE, NOBREMENTE e PATRIOTICAMENTE (Castilho). *Lutava SILENCIOSAMENTE, FRIAMENTE, PACIEN-
TEMENTE* (Garrett).

O mesmo já acontece com alguns escritores modernos.

Convém notar, com Darmesteter, que o velho francês empregava: *humble et dulcement* e não *humblement et dulcement*, como é construção actual.

Mui, tam e quam, fórmulas contractas de *muito, tanto* e *quanto*, só se podem empregar como advérbios, modificando adjetivo ou advérbio. As fórmulas completas *muito, tanto e quanto*, podem-se empregar como advérbios ou adjetivos: *Elle é MUI ou MUITO sabio. Desejo MUITAS horas.* Vieira: ... e com TANTAS e TÃO desiguais batalhas e com TANTAS e TÃO vantajosas victorias defenderam glori-
samente a patria. Castilho: *QUAM bôa vontade, QUANTO zelo, QUANTA prudencia.*

A negação em Português pode ser simples ou reforçada.

Negação simples: *não quero; nunca vi.*

Negação reforçada: *não quero nada; não vi boia.*

Neste género a Língua é rica de palavras que são empregadas como reforço negativo: *boia, nada, pitada, pata-
vina, nem nada, migalha, ceitil, ponta, vintem, gota, dez
réis, passo, pataco, etc.*: *Triste pranto até Belém, nem
PASSO não se esquecia* (Gil Vicente). *A quem não deve
dar nem MIGALHA* (Leal Conselheiro). *Aquelle só será di-
toso, quem sem ti não espera nem crê NADA* (Dr. A. Fer-
reira). *Que VINTEM não me ficasse* (Gil Vicente). *A an-
tiguidade não sabia PATAVINA* (Castilho). *Não se enxerga
PATACA, isto é, não se vê nada* (Dicionário de Fr. Domin-
gos). *Mandou a Luiz da Silveira que, sem dar mais PONTO*

no requerimento, se recolhesse para o reino (Fr. Luiz de Souza). Não valer uma PITADA de tabaco (Dic. Aulete). Finalmente morreu Christo sem ter uma GOTa dagua para matar a sede (Bernardes).

Muitas vezes a negativa — não — é empregada sem força de negação, tendo simples valor enfático: Si tantos deleites há na terra, que NÃO será no céu? Que linda voz que NÃO tinha (Castilho). Que exquisitos e atrozes tormentos NÃO sofreram os martires! (Bernardes). Que poeta que NÃO era de D. Ignez o cantor! (Palmeirim).

Este adverbio com valor expletivo era usado muito acompanhando verbos que exprimem idéia de proibição, como: impedir, estorvar, obstar, deixar:

Para ESTORVAR que a armada NÃO chegasse.
Aonde para sempre se acabasse.

Camões.

Esta construção que herdámos do Latim, é muito usada pelo povo: Não deixe de NÃO vir. Não pôde deixar de NÃO vir.

O emprego da negativa obriga o verbo do modo imperativo a se mudar para o subjuntivo: NÃO FAÇAS a ou trem o que não queres que te façam (Adagio). Oh! meu amado Senhor, não me FALEIS já pelas vossas criaturas... falai-me por vós mesmo. (Bernardes). O' voadores, conten tai-vos com o mar e o nadar e não QUEIRAIIS voar. (Vieira). Formosa filha minha, não TEMAIS (Camões). Não VACIL LEIS, não TREMAIS, não RECUEIS, não CEDAIS (Ruy Barbosa).

A negação também pôde ser expressa:

Pela preposição sem;

SEM ACHAR resistencia nem defeza (Camões).

Por — algum — depois do substantivo:

Em nenhuma flôr pôdem os maiores sabios emendar ~~com~~ ALOUMA. (M. Bernardes).

Por — nuncia jamais:

NUNCA JAMAIS naquelles claustros se experimentou

nem sentiu ar contaminado. (Fr. L. de Souza). NUNCA JAMAISS a segurança das vidas e fazenda dos cidadãos foi menos violada. (Castilho). NUNCA JAMAIS nem uma só vez, recebi ou solicitei uma nota, um nickel, um cobre. (Ruy Barbosa).

Pela locução adverbial — *no mais* — por *nom plus*: NO MAIS que só sessenta de cavallo. (Camões). NO MAIS, *Musa*, NO MAIS .. (Idem).

Ha quem pense haver ahi uma oração elíptica:
NÃO ERAM MAIS do QUE 60 cavalleiros. NÃO POSSO FALAR *no mais*.

Pela expressão — *não... que*, á similaridade da construção italiana e franceza:

As nossas cousas NÃO têm outro mal QUE serem verdadeiras. (Garcia d'Orta). Quando S. Paulo nas suas cartas chama aos fieis santos, NÃO quer dizer outra cousa QUE bons christãos. (Vieira). NÃO faltou QUE uma só pedra. (Castilho). E NÃO sentirá QUE um desejo. (R. Ortigão).

Não se deve empregar a negativa *não* depois de outra palavra de força negativa. São erradas construções como as seguintes: NINGUEM NÃO *me ama*; NUNCA NÃO *viu*. O adverbio *não* deve, nestes casos, preceder sempre a outra negativa: *Não me ama ninguem*; *não vi nunca*, ou então desapparecer: *Ninguem me ama*; *nunca vi*.

Os adverbios terminados em — *mente* — soffrem a flexão de grau como os adjectivos de que são formados: *Escreve MAIS CORRECTAMENTE* ou *MENOS CORRECTAMENTE que Ruy*. *Escreve CORRECTISSIMAMENTE*; *O MAIS CORRECTAMENTE que todos*.

Os adverbios *bem* e *mal* têm os comparativos *melhor* (mais bem) e *peor* (mais mal), que se não devem confundir com os adjectivos *melhor* (mais bom) e *peor* (mais mau).

Os adverbios se pódem usar sinteticamente ou analiticamente: *Estudou MELHOR ou PEOR que o irmão a lição de Portuguez*. *Ella está MAIS BEM empregada ou MAIS MAL empregada que o irmão*.

Os adjectivos só se pôdem usar sinteticamente — *melhor* e *peor* e nunca — *mais bom* e *mais mau*.

As fórmas analíticas — *mais bem* e *mais mal* — são empregadas especialmente antes dos participios passados: *Pôde haver resolução MAIS MAL ENTENDIDA que lançar a pique o navio em que sou embarcado, só para que meu inimigo se afogue?* (Vieira). *Nesta singular abundancia, Lisboa não só a MAIS BEM PROVIDA mas tambem a mais deliciosa terra do mundo.* (Idem). Entretanto Vieira escreveu: *Tambem levou seu premio MELHOR LOGRADO; Castilho: Mal mantido e PEOR ALBERGADO; F.^{co} de Moraes: ... que por ser menos dextro andava PEOR TRATADO.*

Não se devem confundir os adverbios *onde* e *aonde*. + *Onde* se emprega com os verbos que exprimem *quietação*: *Onde estás? Onde moras?*

Aonde se emprega com os verbos que exprimem *movimento*: *Mas AONDE caminha este meu discurso? E AONDE o leva a verdade desta altissima providencia?* (Vieira).

A distinção fica bem clara no seguinte trecho de Alexandre Herculano: *Lá no céu AONDE ella SUBIU e ONDE nosso pai ACOLHEU no seio a sua infeliz filha.*

Entretanto Vieira empregou: *Deus meu, ONDE me MANDAIS.* Camões: *AONDE as náus ESTAVAM temerosas.* Garrett: *ONDE LEVAS tuas aguas, Tejo aurifero?* Castilho: *ONDE te VAIS D. Rodrigo?* Rebello da Silva: *Vol-tou á casa AONDE FICARAM esperando.* *AONDE ESTÁ o inferno?*

II

PREPOSIÇÃO

+ As preposições são, em geral, de origem latina, mas, conforme as relações indicadas, correspondem a esta ou aquella preposição latina, como: *a* — que se originando da

preposição *ad* corresponde, pelas relações expressas, a — *ab* e *apud*.

A preposição *por* tem duas origens: *pro* e *per*.

A pouco e pouco, a forma *pro* substituiu completamente a forma *per* e *pelo*, *pela*, *pelos*, *pelas*, venceram no seculo XVII a *polo*, *pola*, *polos*, *polas*: *Não POLO eu merecer, mas faço todavia POLO não desmerecer.* (Sá de Miranda).

A forma *per* se usa em composição: *pelo*, *percorrer*, *perlucido*, e nas frases *de per si*, *de per meio*.

Per empregava-se indicando lugar por onde, duração, meio, instrumento, espaço: *PER dedos é seu contar.* (O. de Rezende). *Pereceram PER espada e PER fome.* (João de Barros). *PER noites de inverno se ouviam gemidos.* (F. Mendes).

Por, indicando troca, preço, parcialidade, opinião, causa, motivo.

As preposições derivam-se tambem de participios: *salvo*, *excepto*, *tocante*, *durante*, *passante*, *tirante*, *segundo*, *conforme*, *visto*, *obstante*, *salvante*, que se tornam invariaveis.

Algumas, entretanto, se apresentam como adjectivos, variaveis, de que se acham exemplos em autores de nota:

... todos os livros que andam em nome das Sybillas, EXCEPTAS algumas autoridades. (Manoel Bernardes). *Tudo chegou a salvamento, EXCEPTAS as partes liquidas.* (Vieira). *Não OBSTANTES os epigrammas e commentarios.* (Castilho). *Póde a miseria ser tanta que não OBSTANTES todas as diligencias ainda resvalamos.* (Bernardes). *EXCEPTOS os dicionarios de Aulete e Adolpho Coelho.* (Ruy Barbosa).

As expressões *VISTAS as razões*, *SALVOS os motivos* são de uso commum.

As preposições compostas da preposição *de* exigem a repetição desta antes do nome, o que não acontece com as preposições em que não entra esse elemento: *Ante Deus* — *diante de Deus*. *Após a chuva* — *depois da chuva*. Vieira escreveu: *A morte corre APÓS de nós.*

A preposição *de* é, muitas vezes, simples particula de realce, expletiva, empregada por enfase: *E' muito DO meu agrado. Pobre DO menino. Desgraçado DE mim.*

Tem valor de partitivo, como nas expressões: *Dê me DAQUELLE bolo; venda-me DESSA carne.* Camões: *Assás DE mal lhe quero.* Gil Vicente: *Cortai-me DESSA rama.* Sá de Miranda: *Comem trigo e nós D'AVEIA.* Rodrigo Lobo: *Cómerás DO leite, ouvirás DOS contos e partirás quando quizeres.*

A preposição *até* pôde vir ou não acompanhada da preposição *a*: *Vão os annos descendo e já do estio há pouco que passar ATÉ o outono.* (Camões). . . . se formou uma numerosa procissão ATÉ o sepulcro dos outros quatro martires. (Bernardes). . . . que lhes assistem ATÉ AO fim. (Vieira). *A Virgem das virgens serve no templo de Jerusalém desde os 13 ATÉ AOS 14 annos de sua idade.* (Castilho).

Até — é adverbio quando significa — mesmo — e exprime que o que se quer afirmar, abrange pessoa ou facto determinado: *ATÉ a noute o favoreceu no crime.*

As preposições *a* e *para* se distinguem, no seu emprego, quando empregadas com os verbos que exprimem movimento.

A — indica lugar onde, direcção, tendo a pessoa animo de pouca demora.

Para — indica lugar onde, direcção mais remota e definitiva, tendo a pessoa animo de não voltar em breve.

Assim quando digo: *Vou ao Recife* indico o meu desejo de demorar-me pouco, de voltar em breve.

Mas quando digo: *Vou para o Recife* tenho idéia de

ahi fixar residencia, demorar-me por longo tempo.

A preposição — *a* — em certas expressões indica o que se vai fazer: *Vou à aula.*

A preposição — *para* — indica termo de movimento: *Vou PARA a aula.*

Costuma-se repetir as preposições antes das palavras que exprimem idéias diferentes: *Pelo rei, pela lei, pela pa-*

tria. Vieira: COM lagrimas, COM suspiros e COM colloquios amorósos.

A clareza, a enfase, a eufonia melhor determinam a repetição, sendo mais commum repeti-las antes dos pronomes pessoaes monosyllabicos.

Com as locuções prepositivas só se repete o segundo elemento: DEPOIS DE *mim* e DE *ti*.

Certas preposições se combinam e contráem com outras palavras, principalmente com os artigos.

Observa-se: 1.º Até o seculo 17 havia a forma — ó — por *a* + *o*, similarmente a — á — por *a* + *a*: *Pergunto ó mar, ás plantas, ós penedos, como, quando, por quem foram criados.* (Fr. Agostinho da Cruz). . . . se foi offerecer como réu com uma corda ó pescoço. (Fr. Antonio Brandão). *Aqui, grumetes, aqui, vá ó mar esta arca, vá.* (Gil Vicente).

2.º Não se usa a contracção *no, na, nos, nas*, por eufonia, quando a palavra seguinte começa por som nasal: EM A NOUTE seguinte, é forma eufonica, preferivel a — NA NOUTE seguinte. A preposição — *em* — não soffre tambem a contracção si os vocabulos *o, a, os, as* figurarem de variações pronominaes: EM O avistando e não—NO avistando.

3.º Não se faz tambem contracção quando a preposição não reger o vocabulo seguinte: E' tempo DE OS patriotas erguerem-se. (Vieira). Muitas vezes chegam A OS açoitar. (Bernardes). Invoca o tempo DE OS pagar com as sombras. (Castilho). Mal houvera ella bastado A O trazer tão longe. (Idem). Para que não continuem A O ser. (Vieira). Quando os inglezes se rirem DE ELLES terem muito dinheiro. (Herculano). Desaire real seria DE A deixar sem premio. (Garrett).

Exceptua-se desta regra a preposição — *per* — que se contrai apesar de não reger o vocabulo seguinte: Forcejam PELO explicar. (Castilho). Um momento depois PELO não ter ouvido. (Garrett). Levam as crianças ao rio mais POLAS cortir que para as lavar. (Lucena). . . . Davam infinitas graças a Deus PELOS ter escolhidos dentre os seus

condiscipulos. (Vieira). . . . e diz que lhe faz esta POLLO haver bem servido. (Fr. Antonio Brandão).

Entretanto A. Arraes escreveu: *E nestes uma verdade dita acaso ou POR O não entenderem, encobre mil grandes mentiras.*

Duas preposições de natureza diferente não devem reger o mesmo nome. Convém evitar construções como: *Com e sem razão.* A construção mais natural é: *Com razão e sem ella* ou repetir o substantivo. Manuel Bernardes: *Jonathas COM RESGATE e SEM RESGATE sempre havia de perecer.* Castilho: *COM FUNDAMENTO e SEM ELLE achei essa filiação.*

E' defeito dizer-se por exemplo: *antes, durante e depois do facto*; deve ser: *antes do facto, durante o facto e depois delle.* Não se diga: *Contra ou a favor dos franceses*, mas sim: *Contra os franceses ou a favor delles.*

III

CONJUNÇÃO

A conjunção — *e* — em serie de vocabulos se emprega antes do ultimo:

*Mas o de Luso arnez, couraça e malha
Rompe, corta, desfaz, abola e talha.*

Camões.

A repetição da conjunção antes de alguns dos vocabulos ou antes de todos é muito usada no verso; dá-lhe movimento e graça produzindo bello effeito: *E eu que existo e penso e falo e vivo. (Herculano).*

Vieira empregou a repetição: *E andava e comia e bebia e batalhava e vencia e triumphava.*

— No estilo biblico e poetico é frequente o emprego da conjunção — e — no principio sem relação immediata com a oração antecedente.

Pode ser completamente suppressa para tornar a frase mais animada :

*Picam de esporas, largam redeas logo,
Abaixam lanças, fere a terra fogo.*

Camões.

Pode ter o valor de — *inclusive* —, por imitação do Latim :

*Pois pelos doze Pares dar-vos quero
Os doze de Inglaterra E o seu Magriço.*

Camões.

Conserva a fórmula arcaica — a — em — *dez-a seis*.

Alguns grammaticos explicam esse — a — dizendo ser equivalente de *junto a*.

A conjunção — que — é muitas vezes repetida como para indicar maior subordinação :

*Sabia bem QUE si com fé formada
Mandar a um monte surdo que se mova
QUE obedecerá logo á voz amada.*

Camões.

*Eu sou bem informado QUE a embaixada
Que de teu rei me déste QUE é fingida.*

Idem.

Outras vezes desaparece por elegancia: *No fim da carta me manda V. M. (que) diga o meu parecer. (Vieira)*
Temo (que) se não extinga antes recresça em nós mais forçosa esta maldade. (Fr. A das Chagas).

Tem, outrosim, a função da conjunção copulativa — e:
Uma hora cai a casa QUE não cada dia. Dize-me com quem andas QUE eu te direi as manhas que tens. (Proverbios). *Qual do cavallo vôa QUE não desce.* (Camões).

Diz João Ribeiro que a forma *ende* (ainda, inde) permanece na Lingua com a forma *em* nas seguintes expressões: *Em que pese a F. — ende que pese a F. — ainda que pese a F.*

«A conjunção *mas* tomou o sentido de adversativa, porém originariamente era reiterativa. Por isso mesmo nas expressões *não só...*, *mas também* e outras equivale exactamente a *mais* e talvez assim se devesse ortographal-a.»

«Não sendo de todo adversativa, é facil que a deparemos conjunctamente com *porém*, nos escriptores da idade classica:

Mas porém quando as gentes mauritanas. Camões.»

«*E Castilho e quasi todos d'entre os antigos*.» (João Ribeiro — *Gram. Portugueza*).

E' commum encontrar-se a reunião de duas conjunções quando o sentido da frase exigia apenas uma. Essa repetição, que só se dá entre conjunções coordenativas, se encontra em escritores de todas as épocas: *O miolo ficará do tamanho de um grande marmelo E PORÉM de parecer diferente.* (J. de Barros). *MAS COMTUDO foi-se contra sua vontade.* (Bernardim Ribeiro). *MAS PORÉM sempre deixa uma duvida lá na crença.* (Idem). *Senhor, grande; MAS PORÉM si a tal é virtuosa.* (Camões). *MAS COMTUDO não nego que Sampaio...* (Idem). *E COMTUDO os mosquitos já fizeram fugir a cavallaria.* (Bernardes). *E, si, TODAVIA ainda contra isto há que dizer, não está longe o remedio.* (Fr. L. de Souza). *MAS ENTRETANTO não se descuidava da cura.* (Idem). *E TODAVIA o objecto da conversação era assás importante.* (A. Herculano). *E ENTRETANTO vê e tolera-se.* (Castilho). *E MAS é o italiano.* (Idem).

A não ser a locução — *mas porém* — que actualmente repellida, embora de uso popular, as demais são communs se deparam em bons escriptores modernos.

Há algumas conjunções que se pôdem empregar, por elegancia ou enfase, depois de uma ou algumas palavras da oração, taes são: *porém*, *no entanto*, *pois*, *comtudo*, *portanto*, *entretanto*, *todavia*, etc.

Assim, *POIS*, acontece aos soberbos que... andam a buscar o aplauso do mundo. (Bernardes). *Sei, COMTUDO, que deseja muito esse retrato seu natural.* (Vieira) *Foram inventores destes jogos Hercules, Pytho, Theseu e outros heróes...* sendo, *PORÉM*, o principal premio não o dinheiro, sinão a honra e a fama. (Idem). *Fizeram, TODAVIA, os nossos em tal sossobro mui preclaras acções.* (F. Elísio).

São chamadas *conjunções pospositivas*.

XII

Ordem grammatical. Figuras

I

Ordem grammatical é a maneira por que se dispõem as orações no período e as palavras na oração.

A ordem grammatical pode ser *directa* ou *inversa*.

Directa é aquella em que os termos e as orações se acham na ordem natural da successão ou, como diz Julio Ribeiro, quando se segue a ordem logica da concepção do pensamento e da successão dos factos.

A ordem natural e logica exige geralmente em primeiro lugar o sujeito, depois o predicado, vindo os modificativos juntos ás palavras a que modificam, isto é, o sujeito com as seus adjuntos e o predicado com os seus adjuntos.

O objecto directo deve vir antes do indirecto, excepto si este fôr representado por uma variação pronominal, sem preposição clara, caso em que deverá precedê-lo: *Deu UM LIVRO A ANTONIÓ*: *deu* UM LIVRO A TI e OUTRO A MIM. *Deu-ME UM LIVRO*, *deu-TE UM livro*.

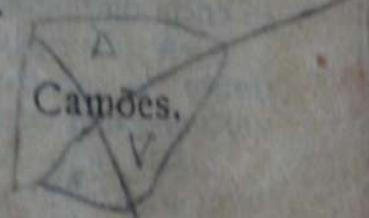
Em ultimo lugar vão os adjuntos adverbiaes do predicado. Si, porém, modificarem algum termo do sujeito ou do objecto, ou qualquer outro, devem vir juntos a elles, quanto possa.

Quanto as orações: As sindéticas e as assindéticas vão umas após outras na ordem do pensamento; as subordinadas junto dos termos a que modificam.

Inversa é aquella em que se acha alterada a ordem natural da precedencia.

Ordem inversa:

*Eram estes antigos mercadores
Ricos em Calecut e conhecidos.*



Ordem directa:

Estes eram antigos mercadores, ricos e conhecidos em Calecut.

Em regra geral o sujeito colloca-se antes do verbo,

Deve, contudo, ser collocado depois:

1.º Nas frases interrogativas, exclamativas, imperativas e optativas:

Pôde VOSSÊ falar-me?

Que prazer sentiu A CRIANÇA!

Alija, PILOTO, tudo ao mar.

Podera EU torna-la feliz e alegre!

— 2.º Quando se referem palavras de outrem ou ha citação de um trecho:

Bradou EL-REI D. HENRIQUE: Olá gente de minha guarda!

O remorso é o bom pensamento dos máus, disse GARRETT.

3.º Quando a frase começa por algum adverbio ou circunstancia:

Melhor mereceis VÓS OUTROS TODOS a morte do que este pobre homem. (Garcia de Rezende).

Quando fazem OS MINISTROS o que fazem. (A. Vieira).

4.º Nas orações em que o verbo está no gerúndio:

CRESCEDO co'os successos bons primeiros
No peito AS OUSADIAS...

Camões.

As regras de collocação relativas aos substantivos, adjetivos, etc., já foram expendidas nos respectivos lugares.

A Lingua portugueza é muito propensa á ordem directa pela influencia da linguagem scientifica.

A principio a Lingua abusava das inversões aproximando-se muito da construção latina; hoje a bem da clareza, a ordem directa vai vencendo terreno.

Isto não quer dizer que o Portuguez moderno rejeite a ordem inversa; casos ha em que ella se torna necessaria; como nas frases emocionaes, imperativas, na poesia, etc.

II

1930

As proposições regulares devem ter tantas palavras quantos são os termos necessarios; não devem ter palavras demasiadas; devem ter os termos na ordem natural da successão e representados por palavras de significação propria.

O contrario se pôde dar quando a necessidade o exige, para clareza, harmonia ou elegancia da frase.

Daí decorre a divisão da sintaxe em: *natural* e *figurada*.

Figuras são as alterações que as frases soffrem.

São modos de dizer apartados das fórmas communs.

As figuras são de *concordancia* e de *construção*.

As de *concordancia* são: *Zeugma* e *sillepse*.

Zeugma é a concordancia de uma palavra não com todas a que modifica, mas com uma só:

*Em vós esperam ver-se RENOVADA
Sua memoria e obras valerosas.*

Camões.

Tem-se, pois, de subentender uma palavra occulta, que, entretanto, já foi expressa, com genero, numero e pessoa differentes.

Alguns grammaticos definem *zeugma* a suppressão do sujeito.

Sillepse é a concordancia de uma palavra não com uma ou algumas palavras a que modifica, mas com o nome generico que as comprehende. A concordancia não se faz com o termo claro, porém com um imaginado.

A sillepse pôde ser de :

Genero : VOSSA REVERENDISSIMA é ILLUSTRADO.

Numero : A GENTE da cidade concorria SAUDOSOS na vista e DESCONTENTES.

Pessoa : João e Pedro SÃO bons estudantes.

As figuras de construção são: *Elipse, pleonasmo, hiperbato, enalage e anacolutia.*

Elipse é a supressão completa de palavras que o sentido entende facilmente :

(Vós) *Vistes que com grandissima ousadia*

(Elles) *Foram já commetter o céu supremo.*

Camões.

Pleonasmó é a repetição de palavras ou o emprego de palavras differentes com o mesmo sentido.

1.º caso :

ABRI, ABRI estas entranhas, VÊDE, VÊDE este coração.

(Vieira).

*Para o céu cristalino alevantando
Com lagrimas os OLHOS piedósos
Os OLHOS, etc.*

Camões.

2.º caso:

VI com estes OLHOS que a terra ha de comer. (Popular).

 **Hiperbato** é a transposição dos termos da proposição.

O hiperbato toma o nome especial de *anastrofe* quando a transposição é ordenada: *Para do mundo a Deus dar parte grande.* (Camões).

Toma o nome de *sinqüese* quando a transposição é desordenada, dando lugar á obscuridade:

*Estas obras de Baccho são por certo,
Disse.*

Camões.

*... que em terreno
Não cabe altivo peito tão pequeno.*

Idem.

Em pesada caiu melancolia.

F. Elisio.

Enallage é o emprego de palavras com significação de outras:

*Tal está morta a pallida donzella,
Seccas do rosto as ROSAS e perdida
A branca e viva côr co'a doce vida.*

Camões.

*Por mais que enfeiteis, um NÃO sempre amarga.
(Vieira).*

Anacolutia é a interrupção da construção já começada, por outra de nexo differente:

*Eu que cair não pude neste engano,
ENCHERAM-ME com grandes abundâncias.
O peito de desejos e esperanças.*

Camões.

Oh! TU, nós outros te AVISAMOS.

Idem.

Vereis ESTE... TREMER DELLE Neptuno

Idem.

Os TRES REIS ORIENTAES que vieram adorar o filho de Deus recemnascido em Belem é tradição da igreja que um era preto. (Vieira). Busca, filho, outros reinos que ESTE de Macedonia, não CABES NELLE. (Bernardes). E o DESGRAÇADO TREMIAM LHE as pernas, suffocando-o a tosse. (Garrett).

Entre as várias figuras — conhecidas pelo nome de *figuras de estilo* — proprias para ornar o pensamento e deleitar o assunto, se pôdem destacar:

Anáfora, é a repetição de uma palavra no começo de orações consecutivas: TUDO passa, TUDO esquece, TUDO morre.

Anadiplóse, é a repetição, no começo de uma oração, de uma palavra com que terminou a oração anterior: Com os olhos lhe acendi no peito O FOGO, O FOGO que sempre ardeu e ainda arde agora. (A. Ferreira).

Asindeto, é a supressão de conjunções entre orações ou partes de orações: A chuva, a neve, o vento, a tempestade. (Durão).

Climax ou *gradação*, é a repetição de termos, fazendo passar a ultima palavra de uma oração para primeira palavra da segunda oração, a ultima da segunda para primeira da terceira e assim por diante: Da perda nasce O CONHECIMENTO; do CONHECIMENTO a ESTIMAÇÃO; da ESTIMAÇÃO a dor. (Vieira). Das intemperanças do comer nascem as CRUEZAS; das CRUEZAS a confusão e a discordia dos HUMORES; dos HUMORES discordantes e descompostos a DOENÇA; das DOENÇAS a morte. (Idem).

Diácope ou *separação* é a repetição de uma palavra, pondo outra ou outras de permeio: *DAI velas, disse, DAI ao largo vento.* (Camões).

Epizeuxe ou *reduplicação*, é a repetição de uma palavra seguidamente: *Mercurio disse: FUGE, FUGE, Lusitano.*

Epistrofe, é a repetição de uma ou algumas palavras no fim de varias orações: *Tudo acaba com a MORTE e tudo se acaba com a MORTE, até mesmo a MORTE.* (Vieira). *Os ministros superiores entram POR SANGUE; os familiares POR SANGUE; os inferiores POR SANGUE e os réus POR SANGUE.* (Idem).

Epanalepse, é a repetição de uma palavra no começo e no fim da mesma frase: *TROVEJA mortes, damnos TROVEJA.*

Epánodo, é o emprego de varias palavras que se retomam passo a passo para desenvolver a idéa contida em cada uma d'ellas: *A prudencia é filha do TEMPO e da RAZÃO; DA RAZÃO pelo discurso, DO TEMPO pela experientia.* (Vieira).

Poliptóto, é a repetição de palavras com fórmula grammatical diferente: *Á LANÇA A LANÇA oppõem, O PEITO AO PEITO.*

Polisindeto, é a repetição de conjunções: *Suspira E chora E cansa E gème E súa.* (A. Ferreira).

Prosopopéia ou *personificação*, é a introdução na oração de pessoas mortas ou ausentes, animaes mudos, seres inanimados. Pôde ser — *prosopopéia* propriamente dita, quando a invocação é feita aos seres inanimados ou animaes mudos; e *idolopéia*, quando é feita a deuses ou mortos.

Simploce, é a repetição de palavras no começo e no fim de orações seguidas: *QUE FAZ o lavrador? BUSCA PÃO. QUE FAZ o soldado? BUSCA PÃO. QUE FAZ o navegante? BUSCA PÃO.* (Vieira).



XIII Alterações grammaticaes e lexeologicas

As alterações que as Linguis soffrem são de duas especies: grammaticaes e lexeologicas.

As grammaticaes subdividem-se em foneticas ou prosodicas, morfologicas e sintacticas.

As alterações foneticas consistem não só na mudança que soffre a pronuncia das palavras pela falta de instrução do povo — erros de pronuncia — como tambem na mudança que soffrem as palavras na passagem do Latim ou de outra qualquer Lingua para o Portuguez.

Do 1.º caso podemos contar:

estauta — *estatua*

blazão — *brazão*

coresma — *quaresma*

barguilha — *bragUILha*

descarrilhar — *descarrilar*

diecese — *diocese*

quarar — *corar*

zanolho — *zarolho*

A acentuação errada de certos vocabulos: *míope*, *ré-Gime*, *oceÁno*.

Do 2.º caso temos a mudança do *e* em *i*: *tecum*, *tigo*;

au em *ou, oi*; *causa*, *cousa, coisa*; suppressão da vogal inicial: *Olisipona*, *Lisbôa*, etc.

As alterações *morfologicas* muitas vezes dependem das alterações fôneticas. Assim, si pronunciarmos: *reptil*, *projectil*, *textil*, como palavras agudas, o plural será: *reptis*, *projectis*, *textis*; mas se forem graves, o plural será: *repteis*, *projécteis*, *téxteis*.

As alterações *morfologicas* são produzidas por *analogia* — tendência que têm as Línguas para reduzir a tipos únicos o maior numero possível de palavras: *jouve* antigo pretérito de — *jazer*, analogo a — *houve, soube*, etc.; *despeço*, *despeça, impeç*, *impeça* — em lugar de *despido, despida, impido, impida* — por analogia com — *peço, peça*.

Por analogia as crianças pronunciam *dizi* — por *disse*, *fazi* por *fiz*, *trazi* por *trouxe*, similares a *comi, bebi*.

Como os substantivos augmentativos em — *ão* — são masculinos, conserva esse gênero, por analogia, o substantivo positivo mesmo feminino: *a faca, o facão, a marqueza, o marquezão*. Entretanto os diminutivos são todos femininos: *faquinha, marquezinha*.

As alterações *sintacticas* dependem das alterações morfológicas.

Chamam-se alterações *sintacticas* as mudanças que sofre a Língua nos vários períodos de sua existência. Altera-se a forma, sem se alterarem as relações entre as palavras.

A perda dos casos do Latim modificou a forma da sintaxe correspondente em Português, trazendo o emprego das preposições.

Nota-se: O emprego do verbo — *começar* — seguido da preposição *a*, da preposição *de*, e mesmo sem preposição: *COMEÇOU a fazer grão pranto*. (F. Lopes). *COMEÇOU DE lhe perguntar*. (J. de Barros). *COMEÇOU GANHAR terras*. (Idem). *COMEÇOU elle ENTENDER nas cousas de sua obrigação e officio*. (Idem).

Hoje é mais comum a preposição *a*.

O emprego da preposição *em* antes do gerúndio, subs-

tituida actualmente por — *logo que, apenas: Em se RECOLHENDO foi recebido de todo o povo.* (Fr. L. de Souza); o emprego da preposição — *sem —* ontes do gerundio que hoje não mais se encontra: *SEM CURANDO doutro instrumento.* (Fernão Lopes); *Ihe por Ihes: Entre a bôa doutrina que LHE (aos filhos) davam.* (A. Ferreira); o uso do partitivo: *semeia DO juncô, emprestai-me DO azeite.* (Gil Vicente); o verbo — *haver* seguido de infinitivo sem preposição: *hei trabalhar, hei morrer de dôr;* as expressões *fazer noute, fazer resposta fazer esmolas,* hoje substituídas por — *anoutecer, responder, esmolar.*

Nas construções com o verbo — *haver* acompanhado de infinitivo, o pronome que os deve seguir ficava intercalado: *Há SE de avaliar o voto pelos merecimentos; hão SE de abrir e manifestar.* (Vieira).

Os escritores antigos empregavam depois de uma comparação o pronome no caso objectivo: *Porque mataste aquelle mouro que era melhor QUE TI?* (Livro de Linhagens). *Si não fosse COMO TI.* (Azurara). *Porque sois maior QUE MIM.* (Camões).

Actual e conjuntamente existem, por exemplo, as fórmulas: *O rebanho de ovelhas foi ou foram; mandou lér e mandou que lesse; mais que e mais do que; saber tudo e saber de tudo; estou certo que e estou certo de que; cumprir com o dever e cumprir o dever; fazer que elle venha e fazer com que elle venha; as povoações parece terem sido habitadas e parecem ter sido habitadas, etc.*

E' o que geralmente se denomina *tipos sintacticos divergentes.*

As alterações *lexeologicas* consistem no arcaismo e no neologismo.

«A luta do arcaismo e do neologismo, a oscilação no uso ou desuso de uma palavra é um dos phenomenos mais interessantes a

estudar na vida literária duma Lingua e que nos faz comprehendêr como esta não pôde considerar-se nunca fixada.» (Ad. Coelho).

As Linguas se alteram no espaço e no tempo tendo de passar pela fase moderna e pela arcaica, sujeitando-se ás variedades dialectaes.

Arcaismo é a palavra ou construção que deixou de ser usada na lingua.

Pôde, assim, ser *lexico* e *sintactico*.

As causas do desapparecimento das palavras são multiplas.

A mais simples e commum é o desapparecimento da palavra pelo desapparecimento da pessoa ou do objecto que ella significava: *adail*, *almotacel*, *alcaide*, *polé*.

Podemos considerar mais como causa dos *arcaismos lexicos* o sentido obsceno ou torpe que, em virtude da corrupção do sentido, adquire uma palavra: *chifre* ou *ponta*, *feder*, *rabo*.

A sinonimia tambem concorre para o arcaismo:

Substantivos e adjectivos: *hereu*, herdeiro; *lidimo*, legitimo; *cuidança*, cuidado; *segre*, seculo; *soffrença*, soffrimento; *avença* (vivo em *desavença*), concordia; *arteirice*, astucia; *incrêu*, incredulo; *abisso*, abismo.

Verbos: *endurentar*, endurecer: *attender*, esperar; *emprir*, encher; *geitar*, (vivo em *rejeitar*, *sujeitar*), lançar; *aprisoar*, prender; *cavidar*, acautelar; *conquerer*, conquistar.

Particulas: *adur*, apenas: *ajuso*, baixo; *entonces*, então: *aramá*, em má hora; *samicas*, por ventura; *car*, por que; *chus*, mais; *cras*, amanhã; *pero que*, ainda que; *ende*, dai; *azinha*, depressa; *acá*, cá.

Entre os *arcaismos de construção ou sintacticas* se pôdem citar: *começou dizer*, uma peça de tempo, fazer uma *demand* (pergunta), etc.

As palavras tornam-se arcaicas da seguinte maneira:

«Uma geração de homens em um momento dado começa a abandonar tal palavra, a idéia que ella significa sendo representada por uma outra palavra, a geração seguinte conhece-la á menos ainda e

um momento virá em que não é mais conhecida senão dos velhos que, por sua vez, a levarão para o tumulo.

E' desta maneira que desapparecem as linguas: assim o *Cornico*, dialecto bretão que florescera em Cornualha, desappareceu com a ultima mulher que o falava, no anno de 1821.» (Darmesteter).

Neologismo é a palavra nova que começa a ser usada numa Lingua, ou a palavra já usada na Lingua mas com sentidos novos.

«Para os descobrimentos modernos das sciencias, para os inventos com que as artes se vão enriquecendo em nossos dias, claro está que não pôde suprir o vocabulario dos nossos avoengos, que não eram prophetas.

Novos factos, novos instrumentos, novos productos, só por termos novos se podem exprimir.» (Castilho).

Ha, pois, duas especies de neologismos: *neologismo de palavra* e *neologismo de significação*; isto é, palavras novas e sentidos novos.

O neologismo pôde ser tirado de elementos proprios da Lingua, pôde ser formado de linguas estrangeiras pelas combinações dessas Linguis e pôde ser finalmente introduzido de outras Linguis modernas. (Ad. Coelho).

São neologismos de palavras:

Do 1.º caso: *carambolar*, *bilontra*, *praieiro*, *setembristas*, *telefonar*, *revolvear*, *abrilada*, *sabinada*, *velivolo*, *sotipismo*.

Do 2.º caso: *barometro*, *telegrafo*, *termometro* (grego), *quermesse* (hollandez), *caroba* (tupi).

A formação d'estas palavras, como já vimos, dá nascimento, ás vezes, ao *hibridismo*.

Do 3.º caso, os neologismos franceses: — *bouquet*, *soirée*, *matinée*, *adresse*, *atelier*, *carnagem*, *debutar*.

Neologismos inglezes: — *clube*, *whist*, *juri*, *rail*, *goat*, *rosbife*.

Italianos: — *soneto*, *allegro*, etc.

O emprego desses neologismos, que ainda não estão consagrados pelo uso, dá lugar ao vicio que, conforme a

origem, tem o nome de *gallicismo*, *hellenismo*, *anglicismo*, etc. de que particularmente trataremos.

Ao Dr. Castro Lopes, devemos muitos neologismos: *convescote* em lugar de *pic nic*; *preconnicio* em lugar de *reclame*; *concião* em lugar de *meeting*; *nasoculos* em lugar de *pincenaz*, etc.

São neologismos de significação, os *tropos*, dos quais são importantes: *metáfora*, *sinédoque* e *metonimia*.

METÁFORA é o tropo em virtude do qual uma palavra perde sua significação para tomar uma outra figurada.

— Aproxima dois objectos materiaes — *serra* (montanha), *serra* (instrumento), *folha* (de papel) e *folha* (de arvore); um facto moral ou intellectual de um facto material a que dá nome: *ceder a alguem* e *uma porta cedeu á pressão*.

Exprime idéas abstractas por nomes de objectos concretos: *saber* (ter conhecimento) e *saber* (gostar); *pesar motivos* e *pesar uma arroba de carne*.

São casos communs da *metáfora*, as frases: *est. general é um leão*; *esta velha é uma jararaca*; *o fogo do amor*; *raio de esperança*, etc.

Quando a *metáfora* é empregada por necessidade, quando a idéia não pôde ser expressa por um termo proprio, toma o nome de *catacrese*: *Pé de mesa*; *andar a cavalo num burro*; *embarcar no trem*; *chumbar um dente a ouro*, etc.

— **SINÉDOQUE** é o tropo em virtude do qual se emprega uma palavra por outra que a abrange ou é abrangida por ella.

Emprega o genero pela especie e vice-versa — *confissão* no sentido de *confissão religiosa*, *homem* no sentido da *humanidade*; o plural pelo singular e vice-versa — *as santas escrituras* — por — *um livro das santas escrituras*; *proteger o orfam* — por — *os orfams*; o todo á parte e vice-versa — *um quadro* — pelo — *assunto* que o *quadro* repre-

senta; uma vela — por — um navio; o nome appellativo pelo proprio — o imperador — por — D. Pedro 2.^o; um ju-
das — por — um traidor.

METONIMIA é o tropo em virtude do qual se emprega uma palavra por outra que com ella tem relação de conexão ou successão.

Emprega a causa pelo effeito e vice-versa — o trabalho — por — a accão de trabalhar; ganhar a vida — por — ganhar os meios de vida; não ter sombra — por — não ter arvore; o continente pelo conteúdo e vice-versa; beber uma chicara de chá — por — beber o chá que está contido na chicara; a escola — por — o edificio em que a escola funciona; o lugar pelo producto — beber Champagne — por — beber o vinho feito em Champagne; o signal pela cousa significada — o throno e o altar — por — a realeza e a religião; o nome abstracto pelo concreto — fazer caridade — por — fazer actos de caridade; o inventor pelo invento e o autor pelas obras — um Victor Meirelles — por — um quadro de Victor Meirelles; ler Camões — por — ler as obras de Camões.

O neologismo, diz Arsène Darmesteter, é uma planta que para viver deve firmar suas raizes no maior numero possivel de espiritos. Uma vez adoptados pelo uso geral, os neologismos têm direito de cidadade; as metaforas se consagram e ninguem as pôde mudar.

E' preciso que a palavera seja necessaria na circunstancia dada e que seja a expressão mais nitida e forte da idéia a representar. Nessas condições merece durar e durará; é por audacias similhantes que os nossos grandes escritores enriqueceram a Lingua.

XIV

Vicios de linguagem

Vicios de linguagem são certos modos de dizer contrarios ás leis da grammatica e que alteram a clareza, a harmonia e a exactidão das construções.

Estes vicios se dão relativamente á construção da frase, e tambem relativamente á bôa harmonia.

São causas destes vicios a ignorância do povo, e o pedantismo e pouco escrupulo dos escritores.

São vicios de construção o *solecismo*, o *barbarismo* e a *anfibologia*.

O *solecismo* é erro, o *barbarismo* e a *anfibologia* são simples vicios que se pôdem tolerar mas que se devem evitar, quanto possível.

Solecismo é o vicio resultante da construção errada e má da frase: HOUVERAM *mortes* — por — HOUVE *mortes*; TU SOIS — por — tu ÉS; PERCA — por — PERDA; HADES — por — HAS DE; não partas sem EU — por — sem MIM; ninguem NÃO fala — por — ninguem fala; muito pessimo, tam-

santissimo; eu me lembra de ter visto — por — eu me tembro de ter visto; púdico — por — pudico; não faze — por — não faças; sastifeito — por — satisfeito; vi elle — por — vi o; proposital — por — propositado; aluga-se casas — por — alugam-se casas; descarilhar — por — descarilar; presal; cotoco de vela — por — coto de vela, etc.

A palavra *solecismo* é derivada de Soles, colonia atheniense na Sicilia, onde os habitantes corromperam tanto a lingua que a expressão: — *falar como um habitante de Soles* — era o mesmo que cometer um erro de grammatica. (Barata).

Barbarismo é o vicio que consiste no emprego desnecessario de palavras ou frases tiradas de outras Línguas.

Os barbarismos tomam o nome de *gallicismos*, *latinismos*, *germanismos*, *hellenismos*, *anglicismos*, etc., conforme têm origem no francez, latim, allemão, grego, inglez, etc.

Destes os mais empregados no Portuguez são os *gallicismos* e os *latinismos*.

Os gallicismos pódem ser *lexicos* e *sintacticos*.

Lexicos, são os que se referem ao emprego desnecessario de palavras francezas: *bouquet* (ramalhete); *comité* (sociedade, junta, commissão); *chefe d'obra* (obra prima); *toilette* (toucador); *bonomia* (sinceridade, ingenuidade, bondade); *complacente* (obsequioso, attento); *deboche* (devassidão); *desabilhado* (desataviado); *étagère* (prateleira, canto-neira); *constatar* (comprovar, documentar); *successo* (triunfo, bom exito); *detalhe* (minudencias, pormenores); *aclimatar* (aclimar); *debutar* (estreiar); *assassinato* (assassinio); *adresse* (endereço); *croquis* (esboço); *supercheria* (velhacaria); *courtismo* (garridice); *nuanças* (cambiantes).

Para substituir alguns gallicismos, o dr. Castro Lopes

apresentou palavras formadas regularmente na propria Língua ou com o fundo latino:

Avalanche — runimol.	Cachenez — focale.
Menu — chardapio.	Enveloppe — sobrecarta.
Abat jour — lucivelo.	— Robe de chambre — rocló.
Charivari — peniludio.	Calembourg — anciverbio.
Carnet — choribel.	— Matinée — festimana.

Sintacticos, são os que se referem ao emprego desnecessario de construções francesas.

Os mais conhecidos são os seguintes:

O abuso dos pronomes pessoaes antes dos verbos:

Si EU conseguir o que EU desejo EU ficarei contente.

O emprego de frases como: *abordar uma questão — por — abeirar-se d'ella, toca-la de leve; não se o diz — em vez de — não o dizemos; a moça a mais bonita da cidade — por — a mais bonita moça da cidade; um livro contendo 20 folhas — por — um livro que contem 20 folhas; vem de publicar-se — em vez de — acaba de publicar-se; é por isso que os moços erram — em vez de — por isso é que os moços erram; respeito pela opinião alheia — em vez de — respeito á opinião alheia; me dizia eu — em lugar de — dizia eu comigo mesmo, dizia eu para mim, dizia eu entre mim.*

Outros há referidos no *Glossario* de D. Francisco de S. Luiz:

O uso da preposição *a* — *por* — *de*: *desprezo ás formalidades legaes — por — desprezo das formalidades legaes; ameaçado a perder a vida — por — ameaçado de perder a vida.*

O uso da preposição *de*: *vér-se obrigado até de implorar a desgraça — por — vér-se obrigado até a implorar; regou de a deixar — por — que a deixassem.*

O uso da preposição *por*: *juramento de fidelidade pelo principe — por — juramento de fidelidade ao principe; inclinação pelas letras — por — inclinação ás letras.*

O uso da preposição *em*: *falar em filósofo* — por — *falar como filósofo*; *disse em mim mesmo* — por — *disse comigo mesmo*; *móvel em castanho, imagem em barro, vestido em seda* — por — *móvel de castanho, imagem de barro, vestido de seda*.

O uso da preposição *sobre*: *tribunal fundado sobre o modelo dos tribunaes do Egypto* — por — *segundo a forma conforme o modelo*; *ganhar terreno sobre o inimigo* — por — *ganhar terreno ao inimigo*.

❖ **Latinismo** é o emprego desnecessário de palavras ou construções latinas.

São, portanto, *lexicos* e *sintaticos*.

Entre os latinismos **LEXICOS** podemos contar:

Gleba — por — *torrão*; *temulento* — por — *embriagado*; *mesmeidade* — por — *identidade*; *incipilado* — por — *calvo*; *Jugular* — por — *degolar*.

Os latinismos **SINTACTICOS** consistem nas inversões pouco compreensíveis das palavras na oração; e mo nos muito conhecidos versos de Mousinho:

Entre todos com o dedo eras notado

Lindos moços de Arzila em galhardia.

Era comum essa inversão no século 16.

Anfibologia é o vício resultante do emprego de construções com duplo sentido, que se tornam por isso obscuras:

Ama o povo o bom rei e é delle amado. (Ferreira).

... que em terreno
Não cabe altivo peito tam pequeno

Camões.

Leonardo...
A quem amor não déra um só desgosto
Mas sempre fôra delle maltratado.

Idem.

Os vicios referentes á bôa harmonia das palavras na frase são:

Cacofato ou **cacofonia** é o vicio resultante do concurso de sillabas que fórmam um termo rude ou obsceno: *Quem ME JÁ déra.* (Castilho). *COMO ELLA TINHA.* (Camillo).

ALMA MINHA gentil que te partiste.

Camões.

Hiato consiste no concurso de vozes iguaes, principalmente abertas: *Mandou o AIO Á AULA.*

Eco consiste no concurso de sons identicos: *De longe VENHO porque TENHO EMPENHO de te vêr.*

Collisão consiste no concurso de sons asperos ou sibilantes, como: *rr, ss, zz:* *De modo que dali SI SÓ SE achára.* (Camões). *Zunindo as azas azues.* *Rebrama o trovão tetrico.* (Castilho).

*Raivoso o rato roía
O rabo do redovalho.
E Rita Rosa Ramalho
Do rato roer se ria.*

(Popular).

A collisão deixa de ser um vicio e antes se torna uma belleza, quando propositadamente se reunem certas palavras para imitar a propria cousa ou o acto por ellas significado. E' o que se chama *onomatopéia*.

Ratifico o visto
O cargo do presidente
E Rua das Esmeraldas
Do Rio de Janeiro

(ponto)

A coligão desse de sete mil vicos e súas se folhas das
páginas, dando blosques de leitura certas bolas
desta imitação a todos os que o vio por este caminho

XV

Idiotismos

I

Idiotismos são factos peculiares a uma Lingua.

Muitas vezes os idiotismos não são susceptiveis de analise pelos preceitos grammaticae. São anomalias sintaticas, construções especiaes, quasi sempre contrarias ás regras da grammatica.

Há fenomenos de linguagem que se conservam fóra do dominio da grammatica. (Sweet).

Podemos enumerar como idiotismos portuguezes:

O uso do infinitivo pessoal; o emprego do artigo antes dos adjectivos possessivos; a locução *eu parece me* em lugar de *quanto a mim parece*, empregada por Garrett: *A's apalpadelas quanto aos periodos EU PARECE-ME.*

E' tambem idiotismo o emprego do plural de certos nomes com significação diferente do singular: *liberdade, liberdades; graça, graças, etc.*

Disse Vieira: *Si quereis a minha GRAÇA e as minhas GRAÇAS ali as tendes assignadas por mim. Si confiardes nos homens achareis em lugar de verdade a mentira, com bandeira de paz, guerra, com capa de ZELO ZELOS.*

Além destes casos há certos modos de falar usados commummente na Lingua que se pôdem classificar de idiotismos.

Em outros casos aparecem palavras que são verdadeiros expletivos:

Não cair por um triz. Está na tua mão minha felicidade. Dada que foi a occasião. Tomar a peito. E' muito do meu agrado. Desgraçado de mim. Eu é que disse. A's escondidas, ás cégas. Ditosa della. Feliz de quem morre. Vós é que fostes. O bom do amigo. Quasi que morria. Era a mim que os soldados procuravam. Desde ontem que vos procuro. Eu é que não estou para isso. Eu cá me arranjo.

II

Provincialismos são certos vícios especiais a uma província, a uma circunscrição territorial.

— No Pará onde a pronuncia é muito acastelhanada, há o vício da troca do ô por u: *Canua, pupa*, etc., por *canôa, pôpa*.

— Os Maranhenses tambem dizem: *murrer, curro, churar*.
— No Ceará as sillabas — *al, el, il, ol, ul* — são pronunciadas valendo — *u — o — l* — final: *sáu* (sal); *papéu* (papel); *aniu* (anil); *lençóu* (lençol); *aziúu* (azul).

— Em Pernambuco — *l* — é trocado por — *r*: *carçada* (calçada).

— Na Bahia: *muler, coler* — por — *mulher, colher*.

No Rio de Janeiro há o vício portuguez de se dizer: *inclinô* por *inquilino*; *imp'rador*, *exc'llencia, imp'rrial*.

Em S. Paulo as sillabas são pronunciadas abertamente; o *lh* não sôa na pronuncia: *teiado, mijo* por *telhado, milho*; *g* — vale — *djê*: *djente* (gente).

No Rio Grande do Sul dizem: *dê noite, dêpressa, dê longe.*

Muitas dessas pronuncias se observam mais nas classes baixas, atrazadas.

Relativamente a Portugal notamos:

Em Lisbôa o s final tem o som de x: *Achaxtex e tu-maxtex extex cuxtumex la por ond'andaxtex*; e pronuuciam: *fichar, ristante, isame, tod'ó dia, menza.* Fazem ditongo em *rio, frio, Rocio.*

No Porto pronuuciam: *cravão, baim, laite, baijo.*

Na Beira dão ao ch o som de tch: *A tchave de tchumbo caiu no tchão.*

Costumam tambem, como diz Soares Barbosa, juntar um i ao o fechado: *coive, oivir* em lugar de *couve, ouvir*, e mudam o b pelo v e vice-versa como os Minhotos.

No Algarve pronuuciam ei como ê: *lête, azête*; trocam o e pelo i: *pidir, pidaço.*

Em Coimbra há a intercalação de um — i — para evitar o hiato: *a-i al ma* (a alma); *a-i agua* (a agua).

Nas provincias do Norte de Portugal o som nasal nas sillabas tonicas é aberto: *óntem, solénne, léme, fóme.*

Nas ilhas dos Açores e da Madeira mudam o — o — tonico em — u —: *bum, flur, amur*, (bom, flôr, amor); o ditongo — eu — é pronunciado — ei: *mei pai.*

Para maior elucidação deste ponto, consulte-se o *Idioma do Ho-dierno Portugal com o do Brasil, por um brasileiro* (Paranhos da Silva) e o recente trabalho *Esquisse d'une dialectologie portugaise*, de J. Leite de Vasconcellos.

Brazileirismos são modos de falar peculiares aos brasileiros. Pôdem se dar não só nas palavras como nas frases. Os 1.^{os}, chamados *lexicos*, se referem aos termos de origem tupi-guarani, africana e proprios do Brazil. Podemos enumerar:

VOCABULOS BRAZILEIROS

Aipim — mandioca
Amolador — massante
Amolar — enfadar
Arrelia — birra
Cogote — cachaço
Calombo — caroço
Cuia — vasilha

Jacá — cesto
Muxoxo — estalo com os labios
Pereba — feridinha
Pinho — viola
Quicé — faca pequena
Temero — temerario

VOCABULOS TUPIS-GUARANIS

Capim — herva
Caipora — ser fantastico
Goiaba — fruta

Jacaré — réptil
Pucuman — fuligem
Taba — aldeia

VOCABULOS AFRICANOS

Batuque — dansa
Carimbo — marca, signal
Malungo — companheiro

Muxinga — açoute
Quijila — antipatia
Senzala — choupana para escravos

Os 2.^{os}, chamados *sintacticos*, se referem ás frases, ás construções especiaes empregadas pelos brasileiros.

Entre as mais notaveis, podemos citar os modos de dizer do povo:

Beber um trago de aguardente.

Levar taboca ou de tábua (não conseguir o que de-seja).

Tomar chá com alguem (zombar).

Bater a bota ou esticar a canella (morrer).

Com poueo (pouco tempo depois).

Crescer para (agredir).

Cigarrar (fumar — em Minas).

Cascar um boi (esfoliar — no Ceará).

Melar (derrubar uma arvore para tirar o mel do cortiço — na Bahia).

Havia um despotismo de gente (quantidade).

Um par de laranjas (quantidade — S. Paulo).

Já estava lá velho (tempo).

Elles estão fala falando (Norte).

O uso da preposição — *em* — quando os Portuguezes empregam — *a*: *Andar no sol* — *Andar ao sol*.

O emprego do gerundio pelo infinitivo empregado em Portugal: *Saiu a correr* — *Saiu correndo*.

Emprestar de alguem — em lugar de — *tomar emprestado* ou *pedir emprestado*, usado em S. Paulo, Minas e Matto Grosso.

A construção: *O homem que estive com elle* — por — *com que*, etc. Gonçalvez Viana cita Camões: *Que como a flôr que a terra lhe nega seu nascimento* — em lugar de — *a que a terra*.

E' construção popular dos Portuguezes. No *Auto da Ave Maria* de Antonio Prestes se encontra o seguinte: *Sempre nestes choupos ha um rato que o queijo é d'elle.* (Revista Lusitana).

O emprego de — *mais* — por *já*: *O doente não fala mais* — por — *o doente já não fala*.

O emprego do pronome — *lhe* — como objecto directo: *Amo lhe* — por — *amo-o* (Norte).

A collocação indevida dos pronomes complementos:

*Me parece; que disseram me; quando viu-se perdido; não
conheço-os.*

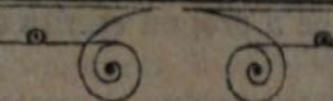
*A regencia para mim, para ti: Para mim ver por para
eu ver (Sul).*

*A preferencia das construções: Estou com fome, estou
com sede, ás fórmas: Tenho fome, tenho sede.*

*O emprego da preposição *em* por *a*: Chegou na ja-
nella por chegou á janella. Vou na loja por vou á loja.*

*São essas as variantes que cada vez mais profunda-
mente vão cavando o sulco que separa a Lingua portugueza
da falada no Brazil, fazendo crêr formar esta um dialecto.*

26/92



XVI

Pontuação

Pontuação é o conjunto de signaes ou simbolas que auxiliam a comprehensão do sentido do texto quando reduzido a escrito.

Determinada principalmente pela respiração de quem lê ou, como quer Cicero, originada pela necessidade de se tomar folego, não pôde a pontuação estar sujeita a regras rigorósas; antes o arbitrio reina muitas vezes como soberano.

«E' a pontuação parte mui capital da ortographia, e corre ainda mais sem regra, que a propria escrita dos vocabulos, affirma o Castilho.

«Quantos os escritores, tantos os systemas de pontuação; não digo tudo: o mesmo escritor, em dias diversos, e até no mesmo dia, na mesma hora, e na mesma pagina, e recopiando o mesmo periodo, pontuará diversamente.»

Os signaes de pontuação, tambem chamados notações sintáticas, são: virgula, ponto e virgula, dois pontos, ponto e alínea que determinam as divisões da parte do discurso; pontos de reticencias, ponto de interrogação e ponto de admiração que exprimem movimentos d'alma; hifen, aspas, parentese que se destinam á clareza dos manuscritos.

Nota. As regras sobre a pontuação foram deduzidas da GRAMMATICA PORTUGUEZA de João Ribeiro que, por sua vez, declara ter seguido para sua desenvolvimento a GRAMMATICA de Delboeuf e Ruyer.

A virgula emprega-se:

1.º Para separar os termos de uma serie, ainda quando ligados por conjunção, excepto — e —: *Deus, a patria, a familia, o amor e a gloria.*

2.º Para separar o sujeito do verbo, quando aquelle é extenso: *O poder que tem o rei de dissolver o parlamento, é poucas vezes applicado.*

Esta regra não é absoluta.

Por motivo identico pôdem ser separados os adjuntos não essenciaes: *O notavel tragico nasceu em Roma, a 20 de Agosto de 1850, em uma terça-feira.*

3.º Nas inversões: *Dos homens de má fé, não quero ocupar-me.*

4.º Quando a preposição é eliptica: *A verdade é clara; a mentira, escura.*

Collocam-se entre duas virgulas:

1.º A apostrofe, a invocação:

Tu, ó CATILINA, conjuraste.

Vinde, SENHOR, soccorrer os pobres

2.º As palavras intercaladas, as conjunções pospositivas e as clausulas adjectivas quando são explicativas: *Napoleão, o PRIMEIRO, venceu a Europa. Deixemos, PORÉM, as narrações para depois. O sol, QUE TUDO ALUMIA, também alumia as choupanas.*

Quando forem restritivas levam apenas uma vírgula: *O homem que é justo, tem a consciencia tranquilla.*

O ponto e vírgula emprega-se:

1.º Para marcar series de series e oposição de idéias: *Amor, indifferença; odio, respeito; veneração e culto; sobriedade, abstinencia e moderação.*

A riqueza que se herda, dura pouco; a riqueza que se adquire, é mais estavel.

2.º Para separar as proposições coordenadas extensas: *O jornal é um producto de civilização moderna; dá as no-*

ticas de todos os pontos do globo; guia e fortalece a opinião publica.

Os dois pontos empregam-se:

Antes de uma enumeração, de uma citação ou desenvolvimento: *As virtudes teologaes são tres: Fé, Esperança e Caridade.*

O ponto emprega-se:

No fim do periodo para indicar o sentido concluido.

A alinea emprega-se:

Para distinguir os diversos grupos de idéias do assunto. Consiste em mudar a escrita para linhas novas quando os factos são distintos:

Trataremos de tres estudos:

1.º *Da psicologia.*

2.º *Da logica.*

3.º *Da moral.*

As reticencias empregam-se:

Quando o pensamento é interrompido em meio da frase:

Mas morra, enfim, nas mãos das brutas gentes

Que pois eu fui... E nisto de mimosa

O rosto banha em lagrimas ardentes.

Camões.

O ponto de interrogação emprega-se:

No fim de uma interrogação, excepto no discurso indirecto:

Queres ir?

Perguntado quem era, respondeu que era um prelado.

O ponto de admiração emprega-se:

No fim de uma exclamação:

O' gloria de mandar, ó vã cubica

Desta vaidade a que chamamos fama!

Camões.

Alguns escritores costumam empregar invertidos, no começo da oração que vai interrogar ou exclamar, os signaes de interrogação ou admiração:

«*Que cousa é a gloria?* i *Como és bella!*»

O **hifen** emprega-se:

1.º Para separar sillabas, vocabulos juxtapostos e quaesquer grupos de palavras:

A-mi-za-de.

Contra-mestre.

Dir-te ei.

A *velhice* — periodo de desengano — tem a sabedoria da experiência.

2.º Com maiores dimensões, para indicar a frase de um interlocutor:

— *Vamos, disse Antonio, tenho pressa de chegar.*

O **parentese** emprega-se:

Para separar uma proposição intercalada que não mantém relações sintáticas com a frase:

*Eu só com meus vassalos e com esta
(E dizendo isto arranca meia espada.)*

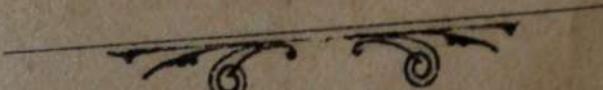
Camões.

As **aspas** empregam-se:

Para indicar um trecho citado, quando é textual, isto é, quando se citam as proprias palavras do autor:

Os *Lusiadas* começam por este verso:

«*As armas e os barões assinalados.*»



CLASSIFICAÇÃO
DAS
LINGUAS

ORIGEM, HISTÓRIA E FORMAÇÃO DA LÍNGUA
PORTUGUEZA

Periodos da Língua Portuguesa

SEMANTICA

Classificação das Linguas

Varias são as classificações a que os sabios têm submettido as Linguas.

As mais communs são: a classificação *geografica*, a *etnologica*, *literaria*, *psicologica* e *morfologica*.

Pela classificação *geografica* imagina-se que cada raça dominasse em um certo e determinado territorio e tivesse uma só Lingua primitiva: attende á sua distribuição geografica: *Linguas da Europa, da America, etc.* E' uma classificação defeituosa porque o dominio de uma Lingua não se limita a um territorio e se pôde estender a varios continentes, como acontece com o *portuguez*, o *arabe*, o *grego*, etc.

A classificação *etnologica* aproxima a Lingua da raça ou, pelo menos, do povo que a fala. Para se vêr a deficiencia dessa classificação basta attender a que as Linguas não coincidem com as raças.

A classificação em *linguas literarias e populares*, *linguas cultas e incultas* não abrange a Lingua em sua estructura intima, mas se funda num facto inteiramente exterior, na existencia ou não de uma literatura.

A classificação *psicologica* em *Linguas formaes e sem forma* firma-se na maneira por que as Linguas exprimem as operações psiquicas.

A classificação hoje mais commum e geralmente aceita é a classificação *morfologica*, proposta por Frédico Schlegel, e que tomou por base a estructura das Linguas.

Assim temos:

Linguas monosyllabicas, em que a frase se compõe de raizes simples, monosyllabicas. A posição da palavra na frase indica as suas variadas funções. As palavras são monosyllabos que se juxtapõem. O tipo dessas Linguas é o *chinez*.

Linguas aglutinantes, em que as raizes perdem a sua independencia, modificam-se e se unem a outra raiz mais importante que fica

inalteravel, intacta e que exprime a idéia fundamental. Os tipos dessas Linguas são: o *basco*, o *turco*, as *dos indigenas da America*.

Linguas de flexão, em que as raizes indicam varias relações e, juntas, ambas se modificam e soffrem alteração, como: as *Linguas indo-européas*, as *indo-asiaticas*.

As *Linguas indo-asiaticas* abrangem: o *hebreu*, o *arameu*, o *caldeu*, o *siriaco*, o *assirio* e o *arabe*.

As *Linguas indo-européas* abrangem: o *sánscrito*, o *zendo*, o *persa*, o *celtico*, o *lituanio*, o *germanico* e o *slavo*, o *grego*, o *latim*.

Ao *latim* se ligam as *Linguas* denominadas: *novo-latinas* ou *românicas*: *italiano*, *provençal*, *francez*, *espanhol*, *laduio* ou *grisão*, *valaquio*, *portuguez*.



Origem da lingua portugueza: o Latim

A lingua portugueza pertence á classe das linguas indo-europeas e ao ramo italico.

A's linguas d'este ramo dá-se o nome de novo-latinas ou românicas e sobre as populações que as constituem, todos estão de acordo que resultaram de uma mistura intima de elementos mais ou menos heterogêneos, e jamais pôdem ser comparadas ás raças germanica, slava, etc., affirma-nos Adolpho Coelho.

Os primeiros habitantes da Espanha foram, segundo opinião geral, os iberos, de origem misteriosa, que se achavam situados numa região á margem do Iberus, hoje Ebro.

Os segundos não se pôde bem determinar, ainda que alguns julguem que foram os persas.

Após, como diz Estrabão, vieram os fenícios, 2000 antes de J. C.

Depois os celtas se espalharam por todo o espaço aquem dos Pirineus, constituindo não centros que podessem ter alguma força, porém tribus fraccionadas e numerosas, segundo os habitos da vida barbara.

Os celtas juntaram-se aos iberos e formaram o povo chamado — celtibero.

Entre 700 e 900 antes de Jesus Christo ocuparam os gregos grande parte da Espanha e mantiveram estreitas relações com a peninsula.

D'ahi vem o alfabeto fenicio comunicado pelos gregos.

No anno 238 antes de Christo a familia cartagineza dos Barcas, oriunda dos fenícios dominou na Espanha para aquem do rio Ebro, não indo mais além a conquista, pelo tratado que os Romanos fizeram com Asdrubal. A quebra do tratado de paz por Annibal levou os romanos á Espanha, sob o commando de Cneu Scipião e Publio Scipião que, após alguns incidentes de guerra, estabeleceram definitivamente a influencia dos romanos na Iberia.

Como diz Leite de Vasconcellos, «os romanos vieram para a Peninsula no seculo III A. C., os mais antigos testemunhos historicos das lutas delles com os Lusitanos datam do anno de 193 A. C.»

Dois seculos de guerra foram necessarios, porém, para que a Espanha soffresse completa sujeição dos romanos.

Exemplos de valente resistencia nos dão Viriato e Sertorio.

Tendo, pois, os romanos tomado e saqueado diversas cidades, degollado e vendido como escravos muitos dos seus habitantes, era natural que tivessem *romanizado* aquella região, porque seus habitantes eram homens simples, sem uma civilização consistente e capaz de lutar com a romana.

Perderam, assim, seus usos e costumes e conseguintemente sua Lingua, o que logo começou a verificar-se, como informa Estrabão, quando diz que «os Turdetanos, mórmente os ribeirinhos do Betis, adoptaram de todo os costumes romanos, e até nem já se lembravam da propria lingua.»

A Lingua latina popular, vulgar, com facilidade se espalhou como já o fizera em outras terras conquistadas.

Quando os godos entraram na Espanha nenhuma diferença havia entre iberos e romanos; antes, adoptados por aquelles, os costumes, a religião e a lingua destes, foram todos considerados romanos nas leis promulgadas pelos novos invasores para reger a Espanha visigotica. (Leoni).

O grande segredo da politica romana residia na perfeição de seu modo de colonização. Quando uma província era conquistada empregavam dois meios para conserva-la: o meio militar consistia em cercar a porção conquistada por meio de legiões collocadas á fronteira; uma vez isolado o paiz conquistado de toda a influencia exterior, instituiaam no interior uma administração energica que esmagava em pouco tempo as resistencias locaes, impunham aos vencidos a Lingua e a religião dos vencedores, exterminavam ás portas fechadas e vendiam os recalcitrantes, que eram substituidos por colonos ou libertos vindos de Roma. (Aug. Brachet).

Roma, sacudindo da peninsula iberica o dominio cartaginez, deu-lhe organização regular e consolidou o seu senhorio pela introdução da propria linguagem; as migrações recresceram á proporção que mais rareavam os indigenas na peleja.

As conquistas por mais sanguinolentas que sejam, permitem sempre o cruzamento, e acresce que celtas, celtiberos e turdetanos se identificaram com os conquistadores na sua nacionalidade, as raças se juxtapozeram gradualmente, coabitaram e se fundiram, o que era tanto mais facil quanto havia certa unidade etnica entre celtas e os povos da Italia Central.

Acham-se em Waitz alguns factos comprobatorios da adopção de uma lingua estrangeira.

Os soldados da Bosnia enviados pelo sultão Selim em 1420

Baixa Nubia perderam sua lingua materna; os negros de Haiti adoptaram o Francez; diversas tribus americanas abandonaram seus idiomas proprios pelo Espanhol e Portuguez; os indigenas de S. Salvador, Nicaragua, Costa Rica, S. Margarida, Baradero, Quilmos, Calchaguy e Chiloé adoptaram o Espanhol; os indios do Rio de Janeiro o Portuguez. (Latham Humboldt e Bonpland, Azara, King e Fitzroy e Von Eschwege. *Apud Sayce*).

O sistema de colonização dos Romanos que consistia em fazer assimilar o povo conquistado aos seus proprios actos, contribuiu de modo inevitável para a latinização da peninsula. E, segundo diz Alexandre Herculano na *Historia de Portugal*, Rénan na *Origine du Langage*, Littré no *Dictionnaire de la langue française*, Fauriel na *Histoire de la poésie provençale*, Diez na *Grammatik*, os romanos tinham como barbaros os idiomas que não fossem o Latim e encaravam com repugnancia todos os idiomas barbaros donde a palavra *barbarismos*, applicada aos erros grammaticaes.

Auto Gellio dá o Latim como a lingua patria de um espanhol. A Espanha foi segunda patria da literatura latina.

Lucano, Marcial, os dois Sénecas, Columella, Porcio Latro e Quintiliano eram todos espanhóes.

Estes e outros factos nos mostram quanto profundamente se arraigára a civilização romana na peninsula e em nenhuma outra parte, depois da Italia, os seus efeitos foram tam intensos.

Ou fosse porque a dominação romana por mais tempo se enraizasse no solo peninsular, ou pela deçura de sua facil pronunciaçao, é certo que a portugueza possue da Lingua romana grande numero de termos. (Barata).

No tempo de D. João I grande era o sabor a Latim que ella mostrava.

Eis um exemplo tirado de João Pedro Ribeiro:

Hæc est notitia de partiçon e de divison que fazemos entre nós dos erdamentos que foram de nosso padre. (Dissert. Chronol. e Crit. Doc. LXI.)

E mais o seguinte epitafio que vem em João Franco Barreto:

Hic jacet Antonius Perez, Vassalus domini Regis, Contra Castellanos misso, Occidit omnes que quiso. (Orthographia da Lingua Portugueza).

E mais o seguinte excerpto dos *Discursos varios políticos de Severim de Faria*.

O' quam gloriosas memorias publico, considerando quanto vales nobilissima lingoa lusitana, cum tua facundia excessivamente nos provocas, excitas e inflamas, quam altas victorias procuras, quam celebres triumphos speras, quam excellentes fabricas fundas, quam perversas furias castigas, quam ferores insolencias rigorosa mente domas, manifestando de prosa, de metro tantas elegancias latinas.

O mesmo se vê da perfeita confusão entre o Latim e o Portuguez em João de Barros, Alvaro Ferreira de Vera e outros.

Finalmente, quando a historia nos não provasse com irrecusáveis documentos haverem os romanos exercido longa dominação na peninsula, attestara-nos seu predominio pacífico e de muitos séculos, o vermos o solo da mesma coberto de monumentos de construção romana, ossadas de sepulturas e lapides miliares, templos e theatros derrocados, fontes, aquedutos, thermas, estatuas, fustes e bases de columnas, cippos, inscrições, etc. (Leoni.)

Os romanos não obrigavam directamente os povos vencidos a aprenderem sua Lingua, nem mesmo faziam oposição a que elles empregassem a sua lingua propria.

«Esperavam até que os povos subjugados lhes pedissem permissão de usar o Latim nos documentos publicos.»

Mas era em Latim que se celebravam as solennidades do altar, era em Latim que os generaes falavam ás legiões, era em Latim que se litigavam as causas forenses no tribunal.

Para falar com elles, para lhes requerer justiça, para obter remissão de imposto, para orar no templo, para tudo que fossem actos publicos, se tornava sempre o Latim a lingua necessaria.

O que prova mais ser a lingua portugueza filha da latina é vermos todas as preposições e conjunções, palavras elementares, provirem imediatamente do Latim.

As particulares são uma especie de palavras cujo sentido só se alcança com o uso e frequencia de falar a Lingua.

Terminamos com Leoni ainda:

«A nossa primitiva organização social é toda romana, o carácter distintivo e essencial das antigas municipalidades, a magistratura duumviral não se perderam, os bailes nas igrejas tam lastimados por Manoel Bernardes, os asylos, a reverencia á meza, o fechar dos olhos e a bocca do defunto, o lavar o cadaver, o uso das pranteadeiras nos vieram das instituições romanas.

As festas do carnaval são as saturnaes de Roma; muitas superstições, como os dias aziagos, os espectros nocturnos, os lemures, os philacterios, ás figas penduradas pelas mães ao pescoço das crianças para livra-las do quebranto, tudo nos veio dos Romanos.»

A Lingua latina tinha em Roma duas formas: a *classica* em que foram escritas as obras literarias dos poetas e dos prosadores romanos, a antiga Lingua do Lacio; e a *vulgar*, falada pelo povo, alterada pela pronuncia e de um vocabulario mais restricto.

Assim, pois, é filha do Latim vulgar trazido pelos romanos para a Lusitania — *sermo quotidianus, proletarius, rusticus, vulgaris* — a Lingua portugueza, a que no dizer de Francisco Rodrigues Lobo tem de todas o melhor: a pronunciaçāo da latina, a familiaridade da castelhana, a brandura da franceza, a elegancia da italiana e finalmente tem mais adagios e sentenças que todas as vulgares.

Mas foi sómente no reinado de D. Diniz que a Lingua portugueza adquiriu os fóros de official, passando a substituir nos documentos publicos o corrompido Latim da época, diz-nos Antenio Ennes: antes disso, porém, já havia sido usada pelos trovadores nacionaes em canções rudes mas graciosas, écos longinquos da lira provençal.

Uma lingua tam dura como as armas, na frase de Filinto Elisio, é, diz Antenio Vieira, *rica e bem dotada, como filha primogenita da latina.*

E' uma lingua de que, bem o affirma o immortal Camões :

«*Com pouca corrupção crê que é latina.*»



Ligeira noticia da formação do lexico portuguez

Lexico ou, vulgarmente, *dicionario*, é o conjunto de todos os vocabulos de que se compõe uma Lingua.

A Lingua portugueza se originou, como está hoje claramente provado, da Lingua latina vulgar e são latinos quasi todos os seus termos.

Póde-se dizer com maior verdade que o Portuguez é a transformação do Latim popular.

Salvo pequenas excepções, relativamente ás fórmas e talvez aos tipos sintacticos, são de filiação latina os demais vocabulos, devendo-se sómente notar que entraram tambem para o dominio de nossa Lingua, depois de ella constituida, no seculo XIII, palavras francesas, italianas, allemas, gregas, inglezas, etc., sendo que, antes de sua constituição, adquirimos muitos termos do arabe e do germanico por causa da dominação destes povos na peninsula espanica.

Sucintamente daremos algumas palavras cuja origem pertença a estas Linguas, servindo-nos de guia neste trabalho a *Glottologia*, de Adolpho Coelho.

Temos palavras originadas de Linguas faladas na peninsula antes do Latim e que se pôdem considerar espanicas: *brisa* (brisa), *cervesia* (cerveja), *gurdus* (gordo), *canthus* (canto), *cuniculus* (coelho).

Do elemento fenicio parece só nos ter ficado a palavra *barca* e alguns nomes de lugares.

De elementos gregos podemos afirmar que em geral nos vieram por intermedio do Latim, ou posteriormente, durante o dominio romano: *anco* (canto, angulo), *bolsa* (pelle preparada), *ermo*, *sumo*, *taleiga* (saco), *calma*, *chata*, *cara*, *caravella* (especie de navio).

Algumas palavras da mesma especie nos vieram passando por outras Linguas romanicas: *colla*, *golfo*, *pagem*, outras por intermedio do arabe: *alcaparra*, *quilate*.

De origem euscara enumeramos: *aba*, *charco*, *esquerdo*, *mandrião*.

Das linguas celtas, cuja análise é muito obscura, há: *Alpes, dolmen, druida, bardo, fenian, bojo, bico, tona*.

Depois do dominio romano temos os mais importantes elementos que concorrem para a formação do nosso lexico.

Destacam-se como principaes: os elementos germanicos e os arabes.

A. Coelho dá uma lista dos primeiros em numero de 288, exceptuadas as palavras da introdução moderna.

Dentre elles citaremos: *albergue, bahú, braza, canivete, doudo, droga, escravo, estribo, fita, forro, ganso, garfo, gaz, jardim, loja, malandro, marechal, nuca, piloto, rato, rima, sala, vaga; termos nauticos e de posições geograficas, como: bote, bordo, canôa, sul, norte, leste, oeste.*

De introdução moderna temos: *bismuto, caparoz, quartz, valsa, zinco.*

A lingua arabica muito enriqueceu nosso lexico, mórmente em termos referentes á vida fisica, aos usos domesticos, ás instituições politicas, civis e militares, á tecnologia de construção, etc.

Temos a notar, porém, que são raros os adjectivos arabes, que nenhum verbo é derivado dessa Lingua e que o artigo arabe *al* se acha prefixado a grande numero de palavras. Enumeram-se: *acepipe, alambique, alcatifa, almocreve, alviçaras, armazem, atande, azeviche, borzeguim, fatia, fulano, jarra, oxala, tarrafa, xadrez, zagal*, etc.

Temos em terceiro lugar palavras de origens diversas, dentre as quaes destacamos as de origem espanhola.

Poucos são esses termos, isso devido ao facto de terem o Portuguez e o Espanhol um vocabulario muito commum entre si.

Podemos contar: *bolero, espadilha, eldourado, fandango, seguidilha, zarzuela.*

Do elemento cigano: *calão, pirar* (andar).

Por intermedio da Lingua franceza que forma uma parte importantissima do nosso lexico, vieram palavras celtas e germanicas.

O elemento francez actualmente é o maior factor da grammatica e do vocabulario. Podemos dizer, em geral, que é por intermedio do Francez que possuimos muitos neologismos inglezes, gregos e até italianos.

Assim, encontra-se em o nosso lexico grande cópia de termos francezes, como: *chapéu, chaminé, chese, espirito* (graça, chiste), *etiqueta, fichu, sangue-frio.*

Os termos mais recentes conservam a ortografia da Lingua: *crayon, bouquet, boudoir, mise-en-scene, soirée.*

Dos elementos italianos possuimos os que se referem á arte, á literatura: *adagio, bagatella, bandido, bussola, cavatina, cupula, dilettante, faiança, girandola, soprano, tenor, violão.*

Do inglez há termos relativos ao commercio, caminhos de ferro,

marinha, cosinha, como: *cheque, clube, crupe, dandi, joquei, juri, panfleto, revolver, tunnel, rosbife, esporte*.

Das linguas escandinavas: *fiod, saga, niquel*.

Do russo: *csar, esteppe, rublo, cosaco*.

Do hungaro: *hussardo, sabre*.

Do polaco: *polca, mazurca, caleça*.

Do turco: *horda, odalisca, turbante, quiosque*.

Das linguas americanas muitos são os termos de historia natural: *ananaç* (tupi), *caipira* (tupi-guarani), *carioca* (idem), *condor* (quichua), *cotia* (tupi), *furacão* (caraiba), *pirão* (tupi), *tapioca* (tupi).

Das linguas africanas encontramos: *banza, batuque, cacimba, macaco, mandinga, marimba, muleque, senzala*.

Das linguas asiaticas: Do persa: *caravana, chacal, divan, pagode, paraíso, magica*.

Do indiano: *tufão, nababo, pária, cachemira*.

Do malaio: *bambú, beliche, orangotango, sagú, manga* (fruto).

Do sânscrito: *carmesim*.

Do hebraico: *alleluia, amen, hossana, pascoa, rabino, sabbado, serafim*.

Do japonez: *bombo, bonzo, catana, chavena*.

Além destas palavras, tem o Portuguez muitos termos formados por composição e derivação, como: *arminho* (da Armenia); *baioneta* (de Bayonna); *bohemio* (da Bohemia); *parati* (aguardente feita em Paraty); *cajurubeba* (de cajú e jurubeba); *cambraia* (de Cambray); *catilinaria, guilhotina, maquiavelismo, verrina*, e os formados modernamente por meio de prefixos, suffixos, etc.

Possue tambem muitos termos de ficção literaria: *Quixote, tartufo, polichinello, harpia, utopia*; de mitologia e crença: *argos, homérico, vulcânico, marcial, amoniaco, hermético, bacanal, automedonte, adonis, labirinto, mausoléu*.

De tudo quanto acabamos de dizer, se conclue que a maior parte do nosso lexico é composta de grande numero dos elementos referidos, acrescendo a estes os termos propriamente brazileiros, sobrepujando a todos o Latim.

Bem diz o illustre filologo Ad. Coelho: Si do vocabulario portuguez tirarmos todos os vocabulos que não provêm de palavras, temas ou raizes que se encontram no Latim, o que fica, comparado com o lexico latino, offerece ainda profundas diferenças apesar das suas origens estarem todas no ultimo.

E a mesma idéa já externada por José Vicente Gomes de Moura: As linguas italiana, franceza, espanhola e portugueza, são irmãs, e fazem uma familia, que descende da latina em tam grande parte, que se lhe tirarmos o fundo que desta receberam, restará muito pouco.

Lexico portuguez; o Latim

O lexico ou dicionario portuguez é um amalgama de termos de origens diversas, adquiridos quer antes do dominio do povo romano, quer no seu dominio, quer depois que o povo da peninsula se constituiu, formando uma nação independente.

Assim, em nosso lexico encontramos elementos provenientes das Linguis faladas na peninsula anteriormente ao Latim: espancas, fenicias, gregas, celtas, euscaras; elementos das Linguis dos conquistadores depois da dominação romana; elementos germanicos, arabs; e elementos de origens diversas: espanhóis, ciganos, franceses, ingleses, italianos, das linguas americanas, das africanas e das asiaticas. (Vide A. Coelho — *Obra citada*).

Mas, apesar de a maioria das palavras serem de origem latina, grande é a diferença (separados os termos de outra origem) entre o lexico desta Lingua e o da portugueza.

Em primeiro lugar muitas palavras provenientes do Latim popular não foram empregadas na literatura.

Assim encontramos muitas vezes uma palavra de radical latino, o que faz dizermos que a sua origem é desta Lingua, entretanto o emprego do suffixo é desconhecido no Latim: o suffixo portuguez *eiro* para formar nomes de arvores: *pinheiro*, *mangueira*, etc.

Em segundo lugar, palavras usadas pelos escritores do periodo ante-classico ou post-classico não usadas na bôa latinidade, e que, entretanto, aparecem no Portuguez: *absconsus* (esconso); *dejectare* (deitar); *jejunare* (jejuar); *vacivus* (vazio).

Em terceiro lugar muitas outras palavras latinas foram substituidas por sinonimos na propria Lingua:

<i>œdes</i> e <i>domus</i>	casa
<i>janua</i>	porta
<i>osculum</i>	basium
<i>fur</i>	latronem
<i>uxor</i>	sponsa

Em quarto lugar houve a diferenciação de uma palavra em duas ou mais fórmas, diferenciação a que os grammaticos dão o nome de fórmas *divergentes* e alguns, impropriamente, de *duplas*. O nome científico é *alótropos*.

Há que distinguir tres casos:

a) Fórmia popular ao lado da fórmia erudita:

Popular	Erudita	Latina
papel	papiro	<i>papyrus</i>
rezar	recitar	<i>recitare</i>
prégar	predicar	<i>predicare</i>
leal	legal	<i>legalis</i>
pégo	pelago	<i>pelagus</i>

b) Duas ou mais fórmias populares com significação diversa:

Popular	Latina
artigo e artelho	<i>articulum</i>
corôa e coronha	<i>coronam</i>
frei, freire e frade	<i>fratrem</i>
ilha e insua	<i>insulam</i>
malha, mancha e magua	<i>maculam</i>
todo e tudo	<i>totus, totum</i>

Neste caso as fórmias provêm de uma anterior que não se conserva em Portuguez como fórmia popular. Ha, porém, casos em que uma das fórmias populares provem de outra ainda existente:

Popular	Latina
cem — de — centum	<i>centum</i>
dom — de — dono	<i>dominus</i>
grão — de — grande	<i>grandis</i>
são — de — santo	<i>sanctus</i>

c) Fórmias latinas alteradas em outras Linguas romanicas ao lado de fórmias propriamente portuguezas:

chefe	fr.	<i>chefe</i>	ao lado de	cabo	lat.	<i>caput</i>
hotel	»	<i>hotel</i>	»	hospital	»	<i>hospital</i>
lhano	esp.	<i>llano</i>	»	chão	»	<i>planus</i>
opera	ital.	<i>opera</i>	»	obra	»	<i>opera</i>
piano	»	<i>piano</i>	»	chão	»	<i>pianus</i>

Em quinto lugar temos a substituição de palavras latinas por outras derivadas do mesmo radical ou das palavras desapparecidas. A primeira das fórmas é morta.

<i>spes</i>	<i>sper-antia</i>	esperança
<i>genu</i>	<i>genu-culum</i>	geolho, joelho
<i>pollex</i>	<i>pollicare</i>	polregar
<i>civis</i>	<i>civitatanus</i>	cidadão
<i>fornax</i>	<i>fornalia</i>	fornalha.

Muitos temas que serviam para designar plantas, receberam o suffixo *ario*, *aria* ficando o tema original para designar partes ou productos destas plantas.

<i>castanea</i>	castanha	<i>castanearia</i>	castanheira
<i>morus</i>	amora	<i>moraria</i>	amoreira
<i>rosa</i>	rosa	<i>rosaria</i>	roseira

Este modo de formação não é propriamente latino e sim romântico.

Em Latim ou não havia distinção entre o nome da planta e o de seu producto: *citrus*, limão e limoeiro; *laurus*, louro e loureiro; ou então a distinção era feita por meio da diferença do genero; geralmente o nome da planta era do genero feminino em *us*, e o producto em *um*, genero neutro: *cerasus*, (cereja), *cerasum*, (cerejeira); *morus*, (amora), *morum*, (amoreira).

Tambem se fazia a distinção por meio de um suffixo secundario (caso muito raro): *cæpa* e *cæpula*; ou então por meio de palavras derivadas de raizes diversas: *ulmus* e *samera*; *corylus* e *avellana*.

Mesmo em Portuguez algumas plantas não se distinguem dos seus productos: *cebola*, *jacinto*, *trigo*, etc.

Porém o uso mais commum é formar-se a distinção por meio do suffixo *ario*, com algumas excepções: *oliva* derivado de *oliveira* foi substituida por *azeitona* do arabe *azzeit*; *lans* cuja forma actual é *lande*, substituida commumente por *bolota*, tambem de origem arabica.

Em sexto lugar temos a considerar que muitas palavras foram substituidas por derivados novos de outros temas ou raizes, isto é, as cousas que significavam tiveram nova denominação sobre outro aspecto. Por exemplo, foram substituidas:

Cervus por veado, de *venatus*, a caça.

Vulpes pelo termo raposa, de *rapus*, o rabo, por ter este animal o rabo comprido.

Porculus (*porcus lacteus*) por leitão, o animal que ainda se alimenta de leite.

Acetum por vinagre, *vinum acre*.

Em setimo lugar muitas palavras latinas desappareceram para evitar homonimia: *cabo* do Latim *caput*, e *cabo* do Latim *capulum*; *cento* antigo participio de *cingir*, do Latim *cintus*, e *cento* do Latim *centum*; *preia* do Latim *plena* (preia-mar), e *preia* do Latim *præda*; *incerto* de *incertus*, e *inserto* de *insertus*.

Neste caso, um dos homônimos costuma desapparecer diante do outro, causando por isto a exclusão ou desapparecimento de muitas palavras latinas: *æquus*, diante de *equus* que devia dar *eguo*, deu sómente o feminino *egua*; *bellum*, guerra, diante de *bellus*, bello; *jacere*, lançar, diante de *jacere*, jazer; *queri*, queixar-se, diante de *quærere*, querer.

Finalmente em oitavo lugar devemos ter em vista que muitas palavras mudaram de significação.

Admorsus, perdeu o sentido de *mordedura* e tomou o sentido de almoço (esp. *almuerzo*).

Affigere, perdeu o sentido de bater contra, quebrar, para conservar o sentido figurado de *atormentar*.

Apotheca, que em Latim designava um lugar onde se guardavam provisões, uma adega, adquiriu o sentido de casa pequena, *botica*, *bodega*.

Ingenium, que significava natureza, modo de ser característico de uma cousa, perdeu quasi o sentido de *genium*, na accepção de inteligencia e astucia, e adquiriu o sentido de máquina, máquinismo.

Rapum, rabo, em Latim, cenoura, significa em Portuguez *cauda*, talvez pela analogia duma cauda de animal com uma cenoura.

Talentum em Latim, barra, peso de 120 libras e em Grego *balança* e *peso*, tomou os sentidos de *inclinação*, *tendencia*, *vocação*, *vontade*.

A seu talante significava no antigo Portuguez á sua vontade. Hoje tem a significação de engenho, genio, talvez, segundo Diez, por influencia da Parabola dos Talentos.

Na linguagem popular no Brazil tem a significação de força muscular.

Insultar não significa mais *pular sobre*, *saltar*, mas *affrontar*, *ultrajar*.

Angustia era espaço apertado, estreito.

Vianda era provisões, mantimentos.

Pecunia era riqueza em gado (pecus).

Considerar era observar os astros (sidus).

Um facto muito notavel que se encontra na constituição do nosso lexico é a permanencia da palavra com um significado que não corresponde aos elementos de sua formação.

Assim temos: *volume*, embora não seja um *rolo*, como antigamente; *papel*, embora não seja composto mais de *papyrus*; *gazeta* mesmo que não custe uma *gazza* (vintem de Veneza); *candidato*, embora não se vista mais de *branco*; *lunatico*, embora não attribuâ-

mos mais a loucura á influencia da *lua*; *planeta*, que não significa mais a estrella que vista da terra parecia errante, porém sim um corpo que gira em redor do sol central; *caderno*, mesmo que não indique idéa de *quatro*; *luneta* (lua pequena) que hoje tem a significação de instrumento visual, etc.; *salario* que não é mais o pagamento feito aos soldados para comprar sal.

Deu-se o nome de *Mercurio*, rapido mensageiro dos Deuses, ao planeta cujos movimentos eram os mais mutaveis e acelerados, e os alquimistas deram esse mesmo nome ao mais movel dos metaes.

Assim collocamos o mercurio, num tubo, e ordenamos, como Jupiter ao deus *Mercurio*, que elle suba ou desça para nos dar novas

A verdadeira significação de *importante* é o que tem dentro de si alguma causa; *trivial* é o que se acha atravessando as ruas; uma *occurrenceia* é uma causa que corre adiante de nós; *desastre*, uma desgraça devida a um astro, mau agouro. (Whitney).

Dialectos. Dialecto Brazileiro. Dialectos Portuguezes

I

Dá-se o nome dialecto á lingua peculiar a uma provincia, cidade ou estado, alterada na pronuncia, acentuação, desinencias, lexico e sintaxe, relativamente ao idioma donde proveio.

Assim as diferentes formas de linguagem consideradas isoladamente têm o nome de Lingua; si, porém, forem consideradas relativamente á Lingua donde se derivaram têm o nome de dialectos.

O Francez, o Portuguez, o Italiano, etc., são dialectos da Lingua commun latina.

Considerados de per si são verdadeiras Linguis.

Segundo Whitney, cada individuo recebe a Lingua e a modifica de modo infinitesimal.

Neste sentido, rigorosamente falando, qualquer sociedade, qualquer familia, qualquer classe social, todos e cada um possuem um dialecto.

E' com muita razão que Leite de Vasconcellos diz que a certas particularidades que distinguem um individuo do outro, no andar, nos olhos, no cabello, na estatura, na intelligencia, na sensibilidade, na vontade, correspondem diferenças na linguagem, na voz, na rapidez com que fala, na predilecção por certos vocabulos.

Temos, assim, dialectos (com subdialectos e variedades) e individualismos.

A multiplicidade das linguas e de seus dialectos é hoje um facto incontestavel e está provado tambem que é ella muito maior que a das raças.

Pelo menos são aquellas mais susceptiveis de modificações que estas.

Dados esses principios, chegamos á conclusão de que uma Lingua dura mil annos, quando as raças existem por milenios.

Influem para a alteração das Linguis o clima, as relações dos povos entre si, o progresso das artes e das sciencias, os factos politicos e literarios, etc.

Ferrière relata um caso interessantissimo comprobatorio da lecção que exerce o progresso da sciencia: «O poeta Hardy dizia com muita elegancia aos olhos de seus contemporaneos: Sua oração comovia o *estomago* duma rocha.» A descoberta da circulação do sangue arruinou esta metafora substituindo-a pela unica exacta, pela unica verdadeira: «o *coração* de uma rocha.»

O mesmo facto notamos nas frases francesas: *Soulager le cœur*, que significa *causar nauseas, embrulhar o estomago; mal au cœur, embrulhamento no estomago.*

Camões disse:

*Assi dizia, e todos juntamente
Uns com outros em pratica fallando
Louvavam muito o ESTOMAGO da gente
Que tantos ceus e mares vai passando.*

C. 2.º ESTR. 85.

*Tal do Rei novo o ESTOMAGO accendido,
Por Deus e pelo povo juntamente.*

C. 3.º ESTR. 48.

A frase portugueza *de cór*, que se traduz em frances por *par cœur*, não significa mais do que *de memoria* e tem origem na palavra latina *cor*, o coração.

Vêem-se por aí as alterações que a Lingua vae soffrendo, os ramos que della se vão desprendendo.

Além disto todos nós temos uma linguagem, um modo de falar quando conversamos familiarmente ou quando discursamos em publico, si estamos num salão ou numa assembléa.

Dizemos, pois, que cada individuo fala *diversos dialectos* segundo as circunstâncias, e até mesmo uma *infinitade* de dialectos dos quaes um não é identico aos dialectos dos outros Individuos. (Passy).

Plinio diz que na Colchida havia mais de 300 dialectos diferentes e que os romanos eram obrigados a empregar 130 interpretes para tratar e commerciar com esses povos.

Mas não é nesta accepção que se emprega a palavra dialecto. Para haver dialecto é preciso que haja uma certa unidade na Lingua, unidade que não é destruida por diferenças individuaes, que por sua vez não impedem a possibilidade da comunicação do pensamento. Quando este ultimo facto se dér, apparece então uma Lingua estranha.

A formação dos dialectos é um fenomeno que obedece ás leis da mesologia glotica. A diferença dialectal mostra um poder, uma vitalidade no organismo da Lingua, não é um fenomeno involuntario.

Influem, como já dissemos, na evolução de um dialecto a cultura literaria e as relações sociaes; é, por isso, que o Francez dialecto do Latim, se acha mais afastado deste do que as outras Linguis novolatinas: o Italiano, o Portuguez, etc.

Do que acabamos de dizer, infere-se que, apesar das grandes modificações por que passou a Lingua Portugueza no Brazil, ainda não podemos chamar á Lingua falada neste paiz um dialecto.

II

Diz José de Alencar, partidario do *dialecto brazileiro*: «Quando povos de uma raça habitam a mesma região, a independencia politica por si forma a sua individualidade. Mas si os povos vivem em continentes distintos, sob climas diferentes, não se rompem unicamente os vínculos politicos, opera-se tambem a separação das idéas nos sentimentos, nos costumes e portanto na Lingua que é a expressão destes factos moraes e sociaes.»

E' o que diz tambem Webster:

«Logo depois que duas raças de homens de estirpe commum se separam e se collocam em regiões distantes, a linguagem de cada um começa a divergir por varios modos.»

E' preciso, porém, attender a que as Linguis são organismos que se desenvolvem e transformam, são rios cujas correntes muitas vezes se bifurcam.

Assim como a Lingua de Portugal não é a mesma de 1500, a nossa tambem se tem transformado, adquirindo termos das linguas dos paizes com que entretemos relações commerciaes e literarias.

O luso-brazileiro não constitue ainda, diz Sylvio Roméro, um dialecto acentuado do portuguez europeu, embora contenha elementos que o hão de tornar cada vez mais distincto deste. O criterium para resolver a enfadonha questão do dialecto brazileiro é a possibilidade ou não da communicacão do pensamento.

A noçao do dialecto pôde, na verdade, ser applicada a qualquer sistema de differenciações parciaes e geograficas da Lingua, como diz João Ribeiro.

Mas o chamado dialecto brazileiro ainda não tem fóros de Lingua literaria e culta nem elle pôde por enquanto rebelar-se contra a Lingua pura e vernacula.

A Lingua falada no Brazil se distingue da de Portugal por diffe-

renças na prosodia, na sintaxe, na significação das palavras e por um vocabulario enorme de palavras africanas e tupis-guaranis.

O Brazil que, pelo seu desenvolvimento material e intellectual e talvez pelo favor da sorte, pôde libertar-se de quem o amesgueza, ha de futuramente ter uma Lingua diferente da portuguesa.

Paiz que se emancipou do jugo portuguez, que abriu amplamente os seus portos aos povos estrangeiros, estabelecendo a grande naturalização e a liberdade de culto, tudo concorrendo para a trans-fusão do sangue e para o aperfeiçoamento da raça, o Brazil tam novo, que espectaculo admiravel nos apresenta em sua Lingua?

Uma Lingua não pôde ficar estacionaria e desde o momento em que o Brazil deixou de ser uma feitoria de Portugal, ha de aumentar e florescer, fazendo crescer cada vez mais, pelo seu progresso e relações commerciaes, o seu vocabulario.

A diferença entre o emprego, significação e pronuncia dos vocabulos é bastante profunda entre a Lingua falada actualmente no Brazil e em Portugal. (Vide Paranhos da Silva *O Idioma do hodierno Portugal comparado com o do Brasil*).

E é este um fenomeno que, de ha muito, temos apreciado.

Assim bem vemos a mesma palavra tendo significados inteiramente diferentes nas duas Linguas: *Canastrra* que em Portugal é *cesta de vime*, no Brazil tem a significação de *caixa não abaulada*; *filhote* em Portugal significa *filho*, no Brazil é um *pombo* nascido e não empennado e só figuradamente tem aquelle sentido; *trem* possue em Portugal a significação de *carruagem*, no Brazil é *bagagem* ou conjunto de carros; *rico* em Portugal é sinonimo de *querido*; *chacara*, significa *romance popular*; *carro* em Portugal só se refere ao *carro de bois*, no Brazil é qualquer veiculo puxado por animaes.

Accresce mais que há em Portugal termos desconhecidos no Brazil, e outros que, apesar de conhecidos, não são empregados: *confeituria* (confeitaria) derivado de *confeitos*; *cambra* (camara); *condeça* (cesta); *lumes proprios* (fosforos); *fontinha* (fonte pequena); *doméstico* (criado); *tratamento* (salario).

Si attendermos á sintaxe verificamos bastantes divergencias entre as duas Linguas.

O emprego do pronome *me* e *te* em lugar do possessivo *meu* e *teu*, originando muitas vezes perfeita confusão.

Usam pouco dos possessivos, e dizem por exemplo: *a mamã*, *o papá*.

Gostam de empregar as variações *sigo* e *si* referindo-se ás pessoas com quem falam, dando lugar á perfeita ambiguidade de sentido. Infelizmente este uso já se vai generalizando no Brazil.

Têm os Portuguezes tambem grande simpatia pelo emprego de preposição *a*; dizem *A' noite*, *A' tarde*.

Quando o Brazileiro diz: *estou estudando*, o Portuguez diz: *estou a estudar*.

Quando este diz: *ja não chove*, aquelle diz: *não chove mais*. Geralmente a preposição *com* em Portugal exprime companhia; entretanto para nós exprime tambem posse: *estou COM o livro*.

Sobre a pronuncia dos vocabulos então a diferença é enorme.

Dizem os Portuguezes, segundo Soares Barbosa: *véstoria, mé-tade, ou entio r'storia, m'tade*; outras vezes substituem essa vogal pelo *a*: *vája, jualho* e, pelo que diz um escritor, para escaparem de *e* fechado conjugam o verbo *fechar* do seguinte modo: *Eu fácho, tu fechas, elle fêcha, nos fíchamos, vos fíchaes, elles fêcham*.

No Brazil o *e* final de uma palavra tem em geral o som de *i*, no entanto os Portuguezes não pronunciam esta terminação ou a collocam no fim das terminações em *ar, er, ir, or*: *ampare, vivere, su-dore*. O povo baixo portuguez substitue *ipor i*: *andari*.

Quando a palavra termina por *r* o nosso povo não pronuncia a desinencia, o de Portugal acrescenta um *i*: *doutô, doitori*.

As palavras que terminam em *al e ale, el e ele, etc.*, pronunciam os Portuguezes de modo especial *pel, mol, e nós pelli, molli*. Si elles dizem *jurnale*, nós *jurnal*.

Bem se vê o profundo sulco diferencial que largô se abre entre a Lingua dos Portuguezes e a dos brazileiros.

Mais alguns annos e o Oceano não separará somente as duas regiões; teremos uma Lingua propria, como já possuimos uma vida social e económica e uma riquissima literatura independentes.

Ainda mais.

A nacionalidade brazileira é o resultado de varios factores físicos e mentais.

As invasões dos franceses no Rio de Janeiro desde 1555, o domínio da Espanha em 1581, os ingleses em 1597, os franceses no Maranhão em 1608, o elemento indígena, o negro e o cigano, quantos factores ali de se volta com raça-portugueza para alterarem a Lingua falada no Brazil?

Quantas modificações em cada uma daquellas províncias onde mais preponderou este ou aquelle povo?

E actualmente?

A grande emigração alemã ao sul da Republica, principalmente no Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catharina onde há municípios cuja população é na sua maioria dessa raça, a proximidade dos ingleses nos Estados fronteitou, o contingente italiano, notadamente em S. Paulo e o nosso sistema governamental estabelecendo a autonomia dos Estados, não alterarão profundamente para o futuro a Lingua herdada de nossos pais?

A resposta não pode ser duvidosa.

Portanto concluimos que, si o característico do dialecto é uma certa cultura e literatura próprias, si a possibilidade da comunicação

do pensamento ainda é facilima entre Portugal e Brazil, por mais profundas que sejam estas alterações na fonética e sintaxe da Lingua falada nestes dois paizes, elles ainda não determinaram a denominação de dialecto à Lingua do Brazil.

III

Os dialectos portuguezes se pôdem classificar em quatro grupos:

- I — *Dialectos continentaes*;
- II — *Dialectos insulares*;
- III — *Dialectos ultramarinos*;
- IV — *Portuguez dos judeus*.

Desses os mais importantes são os primeiros.

(Vide o melhor trabalho no genero: *Esquisse d'une dialectologie portugaise. These apresentada na Universidade de Paris (Faculté de Lettres) por J. Leite de Vasconcellos*).

I — Os caractéres dialectaes do primeiro grupo fazem-no subdividir em:

1.º *Dialecto interamnense*, falado no Alto Minho, Baixo Minho e Baixo Douro.

2.º *Dialecto transmontano*, falado na fronteira, na parte occidental e central e no Alto Douro.

3.º *Dialecto beirão*, falado na Beira-Alta, Beira-Baixa, Beira Occidental (Coimbra e Aveiro).

4.º *Dialecto meridional*, falado nas tres provincias do sul do Mondego: Extremadura, Alemtejo e Algarve.

II — Os dialectos do segundo grupo comprehendem o falar dos Açores e da Madeira.

III — Os dialectos do terceiro grupo comprehendem o portuguez falado nas antigas colonias de Portugal, algumas das quaes já lhe não pertencem.

Neste grupo se incluem o portuguez falado no:

- 1.º Brazil.
- 2.º Indo-portuguez, comprendendo: Diu; Damão; Norte da Índia; Gôa; Mangalor; Cananor; Mahé; Cochim; Coromandel.
- 3.º Ceylão.
- 4.º Macau.
- 5.º Malaio-Portuguez (Java, Malaca, Singapura).
- 6.º Timor.
- 7.º Cabo-Verde.
- 8.º Guiné.
- 9.º Ilha de S. Thomé, Príncipe, Anno Bom.
- 10.º Costas d'Africa (Angola e Moçambique).

IV — Aos dialectos do quarto grupo pertence o portuguez falado em Amsterdam e Hamburgo.

Além destes quatro grupos se pôdem indicar os codialectos, ahi compreendidos: o *galiciano*, falado na Galiza, provincia espanhola, o *riodonorez*, falado em Riodonor, pequena villa do concelho de Bragança, na fronteira; o *guadramilez*, falado em Guadramil, tambem pequena villa do concelho de Bragança, e o *mirandez*, falado em Terra de Miranda (Traz-os-Montes).

Os primitivos monumentos da poesia portugueza foram escritos em galiciano.

Esta Lingua e a portugueza se achavam até ao seculo XII perfeitamente unidas. A 1.^a ficou estacionaria e o Portuguez se tornou culto e literario, devendo-se notar mais que o *galiciano* desapparecerá por fim, repellido pela Lingua espanhola.

O *mirandez*, o *riodonorez*, o *guadramilez*, ocupando todos muito pequenos territorios serão naturalmente absorvidos pela Lingua portugueza.

Os *dialectos continentaes* e os *insulares*, differindo pouco da Lingua literaria, continuarão a viver, soffrendo modificações.

Os *falares creolos*, idiomas provisarios e passageiros, serão substituidos pelas Linguas dos indigenas, ou pelas das nações que dominam em suas proximidades.

São essas as previsões bem fundadas de Leite de Vasconcellos.

A Lingua falada no Brazil tende a se emancipar.

E' constituida pela Lingua portugueza na sua maior parte e por grande numero de vocabulos indigenas (tupis-guaranis, abaenenga, kiriri, etc.) e africanos.

Inumeros são os termos que no vocabulario brazileiro foram introduzidos pelos negros de Angola e Congo (Lingua *Ambundo*, principalmente).



Periodos da Lingua Portugueza

A nacionalidade portugueza se constituiu nos primordios do seculo XII, com a fundação da monarquia de Leão, Castella, Navarra e Aragão, em 1139.

Organizado o Condado Portucalense, compreendido entre o rio Minho e o Douro, tornou-se estado independente do reino de Leão e revoltado mais tarde contra a gerencia de D. Tereza, o Condado é reconhecido monarquia em 1143, sob o governo de D. Affonso Henriques.

A Lingua Portugueza, originada do *Latin popular*, falado, bem distinto do *Baixo Latim*, Lingua escrita, pôde-se dividir literariamente em quatro epochas:

1.^a EPOCA. *Latin barbaro*. Desde a fundação da monarquia até D. Diniz. Nessa Lingua foi redigida a primeira Constituição das Cortes de Lamego em 1143 e della usavam as classes mais elevadas da sociedade. O povo usava, porém, do *Gallego*. Os monumentos literarios mais conhecidos dessa epoca, são: a *Canção de Gonçalo Hermiguez*, o *Traga-Mouros*, lamentando a morte de sua mulher, a moura Oriana, duas *Cartas de Egas Moniz Coelho* á sua dama *Violante*; a *Canção do Figueiral*.

3.^a EPOCA — A Lingua Portugueza entra em luta com a Gallega e se vai tornando independente, sob o influxo de D. Diniz, o fundador da Universidade de Lisbôa, em 1390.

O Latim foi banido de vez.

E' a epoca dos trovadores, dos *Cancioneiros* de que são mais conhecidos, o *Cancioneiro do Collegio dos Nobres* e o de D. Diniz; é a influencia da poesia provençal. D. Duarte escreve o *Leal Conselheiro*; aparecem os cronistas e historiadores Fernão Lopes, Azurara, Ruy de Pina, Garcia de Rezende, autor do celebre *Cancioneiro Geral*.

Portugal tem em 1470 o seu primeiro estabelecimento tipografico, em Leiria, que faz com que as letras se desenvolvam e a Lingua se cultive e cresça.

3.^a EPOCA. *Idade de ouro*. E' a epoca dos *quinhentistas*, influenciados pelo renascimento do Grego e do Latim. Apparecem os grammaticos Fernão de Oliveira, João de Barros, Pedro de Magalhães Gondavo. Jeronymo Cardoso publica um *Diccionario latino-lusitano e lusitano-latino*, em 1570. Surgem os cronistas e historiadores: Damião de Góes, Fernão Lopes, Fr. Amador Arraes, Heitor Pinto, Francisco de Moraes, Duarte Nunes Leão, João de Lucena.

A Lingua adquire grande polidez e a maior pureza.

Atravessam os seculos a *Menina e Moça*, de Bernardim Ribeiro; as *Comedias*, de Gil Vicente e de Sá de Miranda; o *Cioso e Bristo* do Dr. Antonio Ferreira e fulgindo brilhantemente, acima de todos, *Os Lusiadas*, de Luiz de Camões.

Há um periodo de enfraquecimento na literatura portugueza correndo parelhas com a sua decadencia politica. A derrota de D. Sebastião, na Africa, o dominio da Espanha e estabelecimento da Inquisição em Portugal que proibia a publicação de certas obras ou a demorava, tudo isso trouxe quasi a completa decadencia das letras em Portugal. Salvam-no tres nomes: Fr. Luiz de Souza, Padre Antonio Vieira e Padre Manuel Bernardes.

O estudo da Lingua mereceu, entretanto, algum carinho: Amaro Reboreda publica o *Methodo Grammatical*; Alvaro Ferreira de Vera os *Breves Louvores da Lingua Portugueza* e a *Orthographia ou modo de escrever certo na lingua portugueza*; o Padre Bento Ferreira, em 1647, o *Thezouro da lingua portugueza*; e João Franco Barreto, em 1671, a *Orthographia da Lingua Portugueza*.

4.^a EPOCA. E' a epoca das *Academias literarias* e vai até nossos dias. A *Arcadia Lusitana*, a *Academia dos Generosos*, a *Academia Real de Historia Portugueza*, a *Academia Real das Sciencias de Lisboa*, a *Nova Arcadia*, com as idéias de aperfeiçoar a Lingua, organizar um dicionario, modificar a direcção da poesia, estando á frente dessa falange de Academicos Corrêa Garção, Antonio Diniz da Cruz e Silva, Francisco José Freire, Bocage, José Agostinho de Macedo; o grande grupo dos que não quizeram entrar para as academias, o grupo dos conhecidos *Dissidentes*, como Filinto Elysio, Nicolau Tolentino de Almeida, tudo indicava o valor das letras portuguezas.

Surge o romantismo em Portugal e delie são maximos representantes Almeida Garrett, Herculano e Castilho e vêm os ultra-romanticos, á frente, Camillo Castello Branco

Há a dissolução do ultra-romantismo e apparecem Julio Cesar Machado, Pinheiro Chagas, Latino Coelho, João de Deus, Anthero de Quental, Eça de Queirós, Oliveira Martins, Theophilo Braga, Ramalho Ortigão, Guerra Junqueiro e tantos outros.

O Brazil, passado o periodo de formação, inicia a sua literatura, concorrendo para a riqueza da Lingua e desenvolvimento da literatura portugueza.

Já, em 1601 o pernambucano Bento Teixeira Pinto publicará a *Prosopopeia*, que, si na verdade não tem grande mérito poético, deve ser lembrado como primeiro poema brasileiro.

Logo após este figura o verdadeiro fundador da literatura brasileira o bahiano Gregorio de Mattos, de gênio satírico, zombando dos homens e da sociedade de seu tempo; Antonio José, o reformador do teatro português; os poetas da Escola Mineira, os epicos José Basilio da Gama, autor do *Uruguay*, Santa Rita Durão, autor do *Caramurú*, e os líricos Claudio Manoel da Costa, Gonzaga, o poeta da *Marilia de Dirceu*, Alvarenga Peixoto.

Como orador o franciscano Fr. Francisco de Mont'Alverne é inimitável; como historiador J. Francisco Lisbôa, autor da *Vida do Padre Antonio Vieira*; Sotero dos Reis escreve uma *Grammatica Portugueza* e um *Curso de Literatura*; Odorico Mendes traduz várias obras gregas, latinas e francesas; Gonçalves Dias, Domingos de Magalhães, Castro Alves, Casimiro de Abreu, Victoriano Palmares, Tobias Barreto encantam pelos seus versos sendo que este último era também jurista, filósofo e crítico; José de Alencar, Mamedo, Machado de Assis são os romancistas mais notáveis, ao lado de Júlio Ribeiro, Aluizio de Azevedo, Coelho Netto e tantos outros.

E cada vez mais o movimento literário se vai acentuando e tomando aspectos próprios e originais.

E a Lingua se aperfeiçoa, se opulenta e é a representante de uma literatura nova eminentemente brasileira.



Ligeiras noções de Semantica

O vocabulo — *semantica* —, de criação de M. Bréal, filólogo francez, quer dizer o estudo do sentido das palavras e de suas varias mudanças no decorrer dos tempos.

É sciencia nova, em vias de se constituir completamente e já merecera em 1839 a designação de *semasiologia* que não logrou vida longa.

Não sendo possível haver tantas palavras quantas são as nossas idéias de maneira que a cada idéia correspondesse uma palavra, nem podendo mesmo haver intelligencia humana que conservasse tam grande numero de palavras, acontece que cada vocabulo corresponde a mais de uma idéia ou tem mais de um sentido.

Coube á semantica reunir em principios geraes essa multiplicidade de sentidos, essa variedade de significados que os vocabulos adquirem.

Esses principios pódem-se resumir nos seguintes :

Analoga. A idéia de vista penetrante da aguia se estendeu a vista intellectual, à penetração aguda do espirito do homem.

Os verbos — *medir, despedir e impedir* — fazem — *meço, despeço e impeço*, diferentes da forma primitiva, unicas verdadeiras — *mido, despido e impido*, por causa da analogia com o verbo — *pedir* que não tem nem o mesmo etimo, nem significado identico.

Como os substantivos terminados em — *ão* — são masculinos, substantivos há que, apesar de seu positivo ser feminino, o augmentativo é masculino : *marqueza, marquezão; faca, facão*.

Entretanto o diminutivo conserva o genero feminino : *marquezinha, facinha*.

Multiplicidade de sentido. *Raiz* — termo de agricultura se applica á matematica e á linguistica ; *ascensão*, festa religiosa, é a elevação de um aeronave ; *faculdade* é edificio, talento e capacidade ; *nó, laço*, é applicado a certa parte dos vegetaes e ao ponto difficult de um negocio.

Há como que uma irradiação de sentidos. Assim, pela apparen-
cia de forma, *o crescente da lua*, deu origem ao estandarte dos mu-
sulmanos e a diversos instrumentos de arte; a *cabeça*, por ser a
parte superior, criou a *cabeça da ponte*, a *cabeça do alfinete*, a *ca-
beça do dedo*. E' o que se chama *polissemia*.

V *Restrição ou extensão do sentido. Esquartejar*, dividir em
quatro partes, hoje é dividir em pedaços.

Apetite perdeu o sentido geral e se applica restritamente ao de-
sejo de comer.

Rival que tinha relação com os habitantes que se serviam do
mesmo rio, se alargou, tomando o sentido dos que desejam a mesma
cousa, e afinal o *competidor*.

Mariola não é mais o homem de recados; *tratante*, não é o
negociante; *libertino* não é o escravo liberto.

Quem dirá que *candidato* é o pretendente vestido de branco, o
candidato; que *rosto* é o bico da ave; que *esquisito* é apurado, exel-
lente?

Que multiplicidade de sentidos tem o verbo — *dar*? *Dar es-
mola aos pobres*; *dar de comer*; *dar em seco*; *dar ás de Villa-
Diogo*; *dar em pantanas*; *dar pancada*!

L *Caderno*, etimologicamente um grupo de quatro' cousas, alar-
gou seu sentido, e a idéia de numero desappareceu.

Ressurreição de palavras. Ao lado de palavras novas inteira-
mente, ou formadas por derivação ou composição, há palavras com
que se dá um fenomeno interessante. Não são palavras que morre-
ram de todo, mas que voltam á vida activa, muitas vezes com signi-
ficação alterada; são palavras que ressuscitam, que deixaram de ser
arcaicas, como se poderá lêr na lista dos 128 tam conhecidos voca-
bulos, citados por Duarte Nunes Leão e votados á morte.

Quem acreditará que tivessem morrido — *falha*, *estugar*, *lidar*,
passamento, *queixume*?

Aliviar, *assomo*, *despeito*, *embair*, *sandeu*, *andrajo* eram ar-
caicas, tinham desapparecido no seculo 18, segundo affirmativa de
Francisco José Freire.

Com a morte de uma palavra apresenta-se muitas vezes um
facto digno de registo: morre a palavra mas fica vivo o seu derivado.
Por exemplo: *quisto*, participio do verbo — *querer* — só usado em —
bemquisto e *malquisto*; *conteúdo*, cuja forma *teúdo* desappareceu;
geitar vive em *enjeitar*, *regeitar*, *sujeitar*; *nato*, hoje desusado,
apparecendo em *innato*.

I *Abreviação da locução*. Uma *quarta* é a quarta parte de uma
libra; *decima* é o imposto proporcional á decima parte da renda; *ca-
pital* é a cidade capital de um paiz.

V *Sentido pejorativo ou melhorativo. Cinico*, por exemplo, dei-
xou de ser o adepto de certa seita filosofica para significar homem
sem pudor.

Famigerado adquiriu o sentido de *celebre por actos delictuosos*.
Fortuna dispensa o qualificativo de *boa* e significa *bom destino, riqueza*.

Méco, que tinha o significado de devasso, hoje melhorou de sentido e vai adquirindo a accepção de *sagaz, esperto*.

E' facto commum a alteração dos elementos fonicos de ema palavra; não o deverá ser menos a modificação do sentido do vocabulo, quer provenha ella da accão literaria dos grandes escritores oriunda do seu estilo puro e aperfeiçoado, quer provenha da accão do elemento popular que é grande força tambem na vida da Lingua.

EXERCÍCIOS DE REDACÇÃO

- 213 - 215

- 216 - 217

- 217 - 218

- 218 - 219

VL - 220 - 223

- 240 - 244

- 244 - 249

- 251 - 254

- 284 - 289

Cartas

I

João escreve a Luiz dizendo que lhe remette o livro (Grammatica, Geografia, Historia) que lhe fôra emprestado e agradece o favor.

II

Marcos escreve a seu amigo participando que chegou de uma viagem sem ninguem esperar e não pôde fazer uma surpreza com sua visita. Pede desculpa e convida-o para apparecer á noite.

III

José escreve a seu primo pedindo desculpas da grosseria que lhe fizera na aula, levado por conselhos de máus amigos. Pede o esquecimento da offensa.

IV

Francisco escreve a seu collega para não sair á noite, pois precisa falar-lhe para pedir que explique um problema difficult de Arithmetica.

V

Mario communica a seu collega e amigo haver no dia (indicar o dia) uma reunião (dar o motivo da reunião) e convida-o para comparecer. Mostrar a contrariedade que lhe causa o seu não comparecimento.

VI

Pedro escreve a seu pai sentindo estar ausente (no collegio, fóra da cidade, etc.) e felicita-o pelo anno novo promettendo estudar muito e ser bem comportado.

VII

Antonio escreve a sua māi dando noticias da vida do collegio, e dizendo-lhe estar com muitas saudades.

VIII

Bernardo escreve a seu avô participando-lhe que foi aprovado no exame. Contar os factos principaes do exame; o medo; a alegria pelo bom resultado.

Pede uma recompensa de seus estudos, comportamento e obediencia.

IX

Carlos escreve a um amigo participando-lhe que vai passar as férias no engenho do pai. Referir-se ao cannavial, animaes, ar puro, gente do campo, etc.

Convida-o para acompanhá-lo a passar com elle esse tempo.

X

Alfredo escreve a Pedro pedindo desculpas de não lhe ter escrito por estar doente. Narrar o curso da molestia, o medico, e referir que vai recuperar a saúde no campo.

XI

Luiz teve notícia da nomeaçāo de Carlos (indicar a nomeaçāo). Dá-lhe parabens, principalmente pela figura que elle fez no concurso a que se submetteu.

Elogia as qualidades do amigo e promette no dia seguinte dar-lhe pessoalmente os parabens.

XII

José escreve a seu amigo pedindo uma esmola para uma familia cujo chefe morreu. Descrever o estado de miseria da familia, cheia de filhos pequenos; lembrar-lhe que é um acto de caridade e elogiar o coração generoso e as bōas qualidades do amigo.

XIII

João escreve a José dando-lhe os pesames pela morte de seu pai. Envia-lhe palavras de consolo.

XIV

Um amigo escreve a outro pedindo um emprego para sustentar seu pai que, velho, não pôde trabalhar.

XV

Antonio escreve a seu mestre participando que se vai matricular na Faculdade. Agradece o trabalho que lhe dera no collegio e as lições recebidas.

XVI

Alexandre pede conselhos a um amigo para poder-se dirigir bem num negocio que vai empreender.

XVII

Um amigo escreve a outro pedindo que lhe compre uns livros que não encontrou na cidade, onde mora. Indicar os livros, dizendo não remetter a importancia por não saber o valor delles, mas pede que a importancia não exceda de certa quantia.

XVIII

José escreve a seu irmão mal comportado, dando-lhe conselhos. Soube que elle gazeava as aulas, procedia incorrectamente. Não querendo dar desgosto a seus pais occultava delles o que sabia do irmão.

NOTA. — *A todas estas cartas serão dadas as respostas: agradecendo o favor, satisfazendo ou não o pedido, aceitando ou não o convite, etc.*

Compete ao professor desenvolve-las, conforme o adiantamento do estudante.

Enumerações

I

Material da escola. Dizer os objectos que se acham na sala da escola, para que servem elles e de que são feitos. Falar dos livros cadernos, canetas, bolsas, etc.

II

O homem. Mencionar a divisão do corpo humano: cabeça, tronco, membros; onde se acham situados, qual a função dos orgãos.

III

O vestuário. Classificar as peças mais conhecidas do vestuário: calças, palitot, camisa, collete, gravata, meias, etc. Dizer de que são feitos e para que servem; a qualidade da fazenda e que partes do corpo cobrem.

IV

A nossa bebida. Que é bebida; a agua, diversas qualidades de agua. Indicar as outras bebidas: leite, vinho, cerveja, donde provêm, como se produzem e como se usam. Vantagens e desvantagens de cada uma dellas.

V

O quarto de dormir. Dizer que é quarto de dormir; indicar os móveis que nello se acham. Onde está a cama, de que é feita, si tem ou não cortinado. Como é alumiado.

VI

Uma mesa de jantar. Indicar os objectos mais communs de uma mesa de jantar. A toalha muito branca nos convida á refeição. Flores, jarras, talheres limpos; no centro um bello jarro com palmeira. Tudo em ordem, denota o cuidado da dona da casa.

VII

Uma estante. Dizer o que é uma estante. Enumerar os livros que possue. Escolher um delles e dizer o numero de folhas, o assunto, suas divisões principaes, sua utilidade, etc.



Descrições

UMA PAIZAGEM CAMPESTRE

Da janella de minha casa descortino uma bella vista: uma imensa planicie como se fosse um largo e verde mar.

O sol se põe. Divulgo ao longe bois que voltam do trabalho, guiados por dois vaqueiros, etc. A pouco e pouco se vai a paizagem escurecendo e mal distingo as arvores que se confundem na escuridão da noute.

INCENDIO

Ouvem-se apitos; o povo corre; labaredas saem de uma casa; a Companhia de Bombeiros começa o serviço; uma mulher numa janella péde socorro, e é salva; a casa fica reduzida a cinzas.

NAUFRAGIO

Dia escuro; nuvens carregadas; vento rijo; o navio parece uma casca de noz no meio do mar; estoura a maquina; o navio está quase perdido. Procedimento do capitão e dos marinheiros; choros, gritos; um vapor salva alguns passageiros que sabiam nadar.

NATAL

Alegria em toda a parte; a festa no campo; o que comemora a festa; reuniões dansantes; como se diverte o povo.

NASCER DO SOL

Terminou o reinado das trevas; amanhece; pequena claridade; o horizonte vermelho; aumenta a claridade; aparece a pouco e pouco o sol. Os passaros cantam; os animaes saem do curral; o lavrador sai para o campo; tudo se agita e trabalha.

TEMPESTADE

Nuvens carregadas; ar abafado; arvores vergadas pelo vento que sopra com violencia; folhas caem no chão e voam. Os animaes procuram abrigo; os barcos navegam em direccão ao porto. Há tristeza e medo em tudo. Prejuizos causados pela tempestade.

O BOM MENINO

Conducta na rua, procedimento de um menino bem educado. Deveres para com seus pais e seus mestres: amor, carinho, dedicação, principalmente quando estão doentes.

O MAR

As ondas se movem brandamente e vêm beijar a praia. Mas o vento se enfurece e luta com o mar que eleva suas vagas parecendo montanhas liquidas. Os barcos, jangadas e grandes navios brincam à flor d'agua e levam a riqueza e a vida a varios pontos do globo.

UM JOGO ESCOLAR

Dizer as peripecias de um jogo, como: a cabra-cega, os quatro cantos, o *foot-ball* ou qualquer outro conhecido. Em que consiste, quantas pessoas brincam, o resultado do jogo, etc.

UMA CAPELLINHA

Alva e muito limpa; com uma só porta e uma pequena torre ao lado; um pequeno sino que chama os fieis á oração. O crucifixo brilha no alto do altar-mór, em outro altar a imagem de N. Senhora enfeitada de flores artificiaes. Uma mulher, ajoelhada, reza. E' mais bella a capellinha singela qne as maiores catedraes.

A VIDA NO CAMPO.

Frutas em abundancia; ar puro; o horisonte largo a se perder de vista. A vida é calma, o sonno é tranquillo. Acordar cedo e cedo se deitar. O gado, os camponezes no trabalho. O perfume das flores, das ervas embriaga. A natureza se expande em toda a pujalça de vida.

UMA CASA

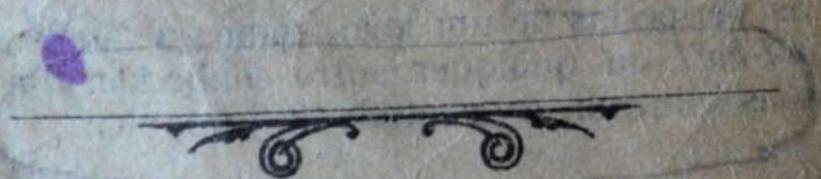
Começar falando sobre o terreno, os alicerces, as paredes, a cumieira, etc. A caiação e a pintura. Referir-se aos pedreiros e mas artistas que estão empregados. Descrever a casa depois de concluida, habitada; o seu aspecto, divisão, andares, cosinha, etc.

O CÉU

A noute é clara. O céu brilha apesar de a lua não ter ainda apparecido, mas as estrellas luzem e não há nuvens escuras. Cada estrella é um mundo novo que o homem não pôde compreender.

UMA INUNDAÇÃO

Cairam grandes chuvas durante o dia e á noute. O rio ficou cheio e transbordou. Os campos mais proximos ficaram submersos. O rio corre com grande violencia e invade a aldeia. Os animaes fogem amedrontados e as pequenas arvores cäem. Objectos flutuam, arrastados pela corrente que afoga os velhos e as crianças que não pôdem fugir. São as victimas do desastre.



Narrações

À CIGARRA E À FORMIGA

A cigarra canta todo o verão e não trabalha: no inverno fica sem comida; pede uma esmola à formiga que lh'a nega. (Analise o procedimento de uma e de outra).

A NÓZ

Dois amigos brigavam por causa de uma nôz, que tinham encontrado.

Um outro passando resolveu a dúvida; partiu a nôz, deu metade da casca a um, metade ao outro, e comeu o miolo. (Explique a inconveniencia da falta de harmonia e mostre os prejuizos da desunião).

UM BURRO

Um burro, carregado, caiu no rio e salvou-se porque o sal se dissolveu. De outra vez, vindo carregado de esponjas deixou-se cair de propósito e morreu porque as esponjas ficaram mais pesadas. (Mostrar os prejuizos que pôde trazer a ignorância).

MENINO DESOBEDIENTE

Trepou um menino numa árvore contra a vontade do pai; desgracou-se; quebrou-se um galho; elle caiu e quebrou uma perna. (Resultado da audacia e da desobediencia).

O VELHO E OS FILHOS

Um velho estava para morrer; chamou os filhos; mandou que elles partissem um grosso feixe de varas; nenhum pôde; o velho então, foi quebrando as varas uma a uma para mostrar que si os filhos fossem juntos e unidos seriam sempre fortes. (Explicar o preceito: A união faz a força).

UM MENINO DISTRAIDO

O menino não presta attenção ás recommendações de sua mãe e se distrae de suas obrigações. Uma vez ficou olhando, distraido para uma loja de brinquedos, foi atropelado por um homem que passava apressado, caiu, feriu-se na testa e perdeu uns remedios que trazia para seu irmãozinho doente.

UM MENINO GULOZO

Nada satisfaz o menino. Tinha jantado bem e mais não tinha comido porque seu pai não deixara. Acontece que passa um homem com um taboleiro de bolos e o menino compra grande quantidade. Come tudo e tem uma formidavel indigestão que o põe de cama, uma semana.

UM BOM CORAÇÃO

O rapaz encontra na rua um cão faminto e magro; leva-o para casa e trata-o bem. Infelizmente annos depois céga e o cão que lhe era muito afeiçoadão, vem a lhe servir de guia.

O MENTIROSO

O menino gosta de pregar mentiras e todas as vezes que ia tomar banho no río, gritava, fingindo que se afogava. Um dia em que estava morrendo afogado, ninguem foi em seu soccorro, julgando ser mentira, e o menino morreu abandonado.

ACÇÃO HEROICA

Na guerra a bandeira nacional tinha ficado em mãos do inimigo. Um soldado se offerece para ir retoma-la. Contar as peripecias da

viagem para chegar até junto do batalhão inimigo. Apodera-se da bandeira, mas é alvejado pelas balas e morre, mal podendo entregar-a a seus companheiros.

FIDELIDADE DE UM CÃO

Tratado e mesmo animado pelo seu dono, segue-o por toda a parte, deita-se aos seus pés, junto da cama em que elle dorme. Seu amo morreu e o cão vai-se deitar sobre sua cataumba e nada há que o possa fazer afastar dali, onde morre de fome e sede.

UM NINHO

O rapaz gostava de caçar passarinhos. Um dia fazia pontaria para um passaro, quando descobre um ninho e vê dentro delle duas avezitas que de bico aberto esperavam a comida. O menino fica contemplando aquella scena. O passaro vôa para o ninho e começa a alimentar os filhos. O menino commove-se e promette não mais caçar.

Narrar, por escrito, após a explicação do professor, a historia de:

— OVO DE COLOMBO

— O PEQUENO POLLEGAR

— CARAMURÚ

— O BARBA-AZUL

Inventar uma historia para explicar qualquer um proverbio como:

Palavra é prata, silêncio é ouro.
Em boca fechada não entra mosca.
Mais vale um passaro na mão que dois voando.
A justiça deve começar por casa.
De grão em grão a gallinha enche o papo.
Roma não se fez num dia, etc., etc., etc.

INDICE

PAG.

Noções geraes	5
Letras vogaes e consoantes; acentos	11
Grupos vocaes e grupos consonantaes	19
Algumas regras ortograficas	22
Sistemas ortograficos	24
Syllabas — Acentuação	28
Alteração de sons; figuras de dição	31
Morfologia — Taxinomia	37
Substantivo	41
Adjectivo	44
Verbo	51
Palavras invariaveis	55
Camponomia	63
Substantivo — Flexão de genero	66
Substantivo — Flexão de numero	73
Substantivo — Flexão de grau	79
Adjectivo — Flexões de genero e numero	81
Adjectivo — Flexão de grau	85
Pronomes pessoaes	90
Verbo	91
Terminações dos verbos	96
Conjugação regular	98
Verbos auxiliares	102
Conjugação completa	105
Conjugação perifrastica	107
Conjugação — Voz passiva	109
Conjugação — Verbo pronominal	110

	PAG.
Conjugação — Verbo impessoal	112
Observações — Verbos regulares	113
Verbos irregulares	115
Verbos defectivos	122
Principais — passado	122
Etimologia	122
Formação por meio de composição — Juxtaposição	126
Formação por meio de composição — Prefixos	133
Formação por meio de derivação — Suffixos	135
Declinação	139
Etimologia do substantivo	140
Adjectivos	149
Pronomes pessoaes	154
Etimologia verbal — Pessoas, Modos, Temas	157
Etimologia verbal — Temas compósitos, Voz passiva	157
Palavras invariaveis	179
Sintaxe	186
Substantivo	195
Adjectivo	209
Artigo	211
Pronomes pessoaes	230
Verbo — Concordancia — Correspondencia dos tempos e modos	251
Fórmas nominaes do verbo	262
Sintaxe do verbo «haver»	268
Palavras invariaveis	272
Ordem grammatical — Figuras	284
Alterações grammaticaes e lexologicas	291
Vicios de linguagem	298
Idiotismos	304
Pontuação	310
Classificação das Linguis	317
Origem da Lingua portugueia: o Latim	319
Ligeira noticia da formação do lexico portuguez	324
Lexico portuguez: o Latim	327
Dialectos, Dialecto Brazileiro, Dialectos Portuguezes	332
Periodos da Lingua Portugieza	339
Semantica	340
Exercicios de redacção — Cartas	352
Enumerações	352
Descrições	354
Narracões	354